

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
CÂMPUS DE ASSIS-SP**

INGRID THIBES MASSAMBONE

A PRESENÇA DE MULHERES NO JORNAL CUBANO *REVOLUCIÓN* (1959-1961)

Assis

2024

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

INGRID THIBES MASSAMBONE

A PRESENÇA DE MULHERES NO JORNAL CUBANO *REVOLUCIÓN* (1959-1961)

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis (FCL-Assis), para a obtenção do título de Mestra em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tania Regina de Luca

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Sílvia Cezar Miskulin

Bolsista: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, Processo nº 88887.704440/2022-00) Código de Financiamento 001.

Assis

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

Massambone, Ingrid Thibes
M414a A presença de mulheres no jornal cubano *Revolución*
(1959-1961) / Ingrid Thibes Massambone. — Assis, 2024
162 p. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Profa. Dra. Tania Regina de Luca
Coorientadora: Profa. Dra. Sílvia Cezar Miskulin

1. Cuba - História - Revolução, 1959. 2. Jornal
Revolución, 1956. 3. Imprensa cubana. 4. Mulheres na
imprensa. 5. Mulheres e jornalismo. I. Título.

CDD 070.48347



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE INGRID THIBES MASSAMBONE, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 14 dias do mês de maio do ano de 2024, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de INGRID THIBES MASSAMBONE, intitulada **A presença de mulheres no jornal cubano *Revolución* (1959-1961)**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. SILVIA CEZAR MISKULIN (Co-orientador(a) - Participação Virtual) do(a) USP - São Paulo/SP, Profa. Dra. MARIANA MARTINS VILLAÇA (Participação Virtual) do(a) UNIFESP - São Paulo/SP, Profa. Dra. EDMEIA APARECIDA RIBEIRO (Participação Virtual) do(a) Departamento de História / UEL - Londrina/PR. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: Aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. SILVIA CEZAR MISKULIN

Silvia Cezar Miskulin

Documento assinado digitalmente
gov.br
SILVIA CEZAR MISKULIN
Data: 17/05/2024 às 16:10:30
Verifique em <https://val.dar.br.gov.br>

*Aos meus pais, que sonharam comigo
e fizeram acontecer.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha gratidão à Prof.^a Tania Regina de Luca, pela oportunidade de ser sua aluna e orientanda. Sua dedicação à pesquisa histórica é tão admirável quanto seu comprometimento como professora, que se destaca por sua acessibilidade, exigência e respeito. Também agradeço à Prof.^a Sílvia Cezar Miskulin, que me coorientou durante a pesquisa, dedicando-se não apenas em encontrar novas bibliografias, mas também em discutir questões teóricas e metodológicas em cada etapa da dissertação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, que financiou esta pesquisa ao longo de quase dois anos, possibilitando a minha dedicação exclusiva ao mestrado.

Às professoras Edmeia Ribeiro e Mariana Villaça, que compuseram a banca de qualificação em novembro de 2023 e trouxeram questões primordiais para o desenvolvimento dos outros capítulos. Edmeia foi minha orientadora durante a graduação na UEL no trabalho de conclusão de curso, uma lembrança que guardo com carinho.

Aos meus pais, Mareli e Luis Carlos, por serem meus maiores motivadores e proporcionarem a estrutura necessária, tanto financeira quanto emocional, para que eu pudesse concluir a pesquisa. Essa conquista é nossa. Também estimo pelo nascimento do meu sobrinho, Leonardo, que há poucos meses restaurou a esperança da família, cativando-nos diariamente com suas descobertas.

Da UNESP-Assis, agradeço aos funcionários do CEDAP, que disponibilizaram a cópia do jornal *Revolución* em 2022, devido ao contexto pandêmico da COVID-19. Essa providência permitiu a continuidade da pesquisa sem mais restrições, além das que já enfrentadas, como a falta de acesso a Universidade e as aulas presenciais. Também estimo as reuniões do grupo de estudos da professora Tania, no qual compartilhamos nossos textos para discussão, além de discutirmos nossas perspectivas de futuro.

À minha família, aos meus amigos de infância, da graduação e aos colegas que fiz durante a pós-graduação. A esses que permanecem ao meu lado no cotidiano da vida, compartilhando histórias, angústias e questionamentos sobre a nossa realidade.

MASSAMBONE, Ingrid Thibes. A presença de mulheres no jornal cubano *Revolución* (1959-1961). 2024. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis-SP, 2024.

RESUMO

O jornal *Revolución* foi fundado em 1956, na Sierra Maestra, pelo *Movimiento Revolucionario 26 de Julio* (M-26/7), grupo responsável por liderar o combate armado que destituiu o ditador Fulgêncio Batista do governo cubano em 1º de janeiro de 1959. Durante a etapa insurrecional, o jornal era veiculado de forma clandestina e, logo após a vitória revolucionária, passou a ser editado em liberdade, tornando-se incentivador do novo governo vigente, vinculado ao movimento que o originou. A análise sistemática do jornal compreendeu o período de 1959 a 1961, que em dimensões quantitativas somam aproximadamente 16.500 a 17.000 páginas. Para uma avaliação minuciosa da fonte, a verificação foi realizada página a página. Desse modo, os resultados foram divididos em capítulos: no primeiro, conforme organizou-se a análise sistemática da fonte, identificou-se dezenas de colaborações de mulheres em diversos gêneros textuais jornalísticos. O segundo capítulo investigou as colunas dedicadas ao público feminino, destacando “Metiendo la Cuchara”, assinado por Rosa Hilda Zell; “Puntadas”, a cargo de Mirta Rodríguez Calderón; e “FMC”, dirigido pela *Federación de Mujeres Cubanas*. Já no terceiro capítulo, o objetivo foi compreender como as presenças de quatro revolucionárias do M-26/7 foram repercutidas no *Revolución* e no seu suplemento cultural, *Lunes de Revolución* (1959-1961), sendo elas: Violeta Casals, Haydée Santamaría, Celia Sánchez e Vilma Espín.

Palavras-chave: Revolução Cubana; *Revolución*; Imprensa Cubana; História das Mulheres.

MASSAMBONE, Ingrid Thibes. The presence of women in the Cuban newspaper *Revolución* (1959-1961). 2024. 162 pages. Dissertation (Master's in History) – São Paulo State University (UNESP), Faculty of Sciences and Letters, Assis-SP, 2024.

ABSTRACT

The newspaper *Revolución* was founded in 1956 in the Sierra Maestra by the 26th of July Movement (M-26/7), the group responsible for leading the armed struggle that ousted dictator Fulgencio Batista from the Cuban government on January 1, 1959. During the insurrectional stage, the newspaper was circulated clandestinely, and shortly after the revolutionary victory, it began to be edited freely, becoming a supporter of the new government, linked to the movement that originated it. The systematic analysis of the newspaper covered the period from 1959 to 1961, which in quantitative terms amounted to approximately 16,500 to 17,000 pages. For a thorough evaluation of the source, verification was carried out page by page. Thus, the results were divided into chapters: in the first one, according to the systematic analysis of the source, dozens of contributions by women in various journalistic genres were identified. The second chapter investigated the columns dedicated to the female audience, highlighting "Metiendo la Cuchara," signed by Rosa Hilda Zell; "Puntadas," by Mirta Rodríguez Calderón; and "FMC," directed by the Federation of Cuban Women. In the third chapter, the aim was to understand how the presence of four M-26/7 female revolutionaries was reflected in *Revolución* and its cultural supplement, *Lunes de Revolución* (1959-1961), namely: Violeta Casals, Haydée Santamaría, Celia Sánchez, and Vilma Espín.

Keywords: Cuban Revolution; *Revolución*; Cuban Press; Women's History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Montagem da capa do jornal <i>Revolución</i> e sua ampliação.....	36
Figura 2 – Representação da mulher revolucionária no conto “ <i>Histórias de la Revolución</i> ”.....	54
Figura 3 – Entrevista de Lourdes Regato Fano com Inês Goicoechea de la Flor.....	67
Figura 4 – Inauguração da coluna “ <i>Metiendo la Cuchara</i> ” sob direção de Rosa Hilda Zell...	74
Figura 5 – Campanha “ <i>Un millón de firmas en apoyo de la Ley de Reforma Agrária</i> ” promovida pela Seção Feminina do Movimento 26 de Julho.....	88
Figura 6 – Manchete sobre a fundação da Federação de Mulheres Cubanas.....	91
Figura 7 – Fotografias de Violeta Casals.....	100
Figura 8 – Propaganda com a fotografia de Violeta Casals.....	101
Figuras 9 e 10 – Haydée Santamaría fotografada em desfile em homenagem ao nascimento de José Martí.....	108
Figuras 11 e 12 – Fotografia com as presenças de Celia Sánchez e Haydée Santamaría.....	120
Figura 13 – General Lázaro Cárdenas e Vilma Espín na <i>Conferencia Latino Americana por la Soberanía Nacional, la Emancipación, Económica y la Paz</i> (1961).....	137

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação de páginas e valores do jornal <i>Revolución</i> ao longo do triênio de 1959-1961.....	33
Quadro 2 – Comparativo entre valores do jornais <i>Revolución</i> , <i>Diario de la Marina</i> e <i>Hoy</i> ...	34
Quadro 3 – Mulheres que assinaram publicações no jornal <i>Revolución</i>	42
Quadro 4 – Homens que assinaram publicações sobre mulheres e suas organizações no <i>Revolución</i>	51
Quadro 5 – Gêneros textuais produzido por homens no <i>Revolución</i>	52
Quadro 6 – Gêneros textuais produzido pela redação do <i>Revolución</i>	56
Quadro 7 – Matérias sobre Vilma Espín, Haydée Santamaría, Celia Sánchez e Violeta Casals (1959-1961).....	141

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Temas abordados pelas colaboradoras no jornal <i>Revolución</i>	44
Gráfico 2 – Principais temas sobre mulheres na coluna “Metiendo La Cuchara”	77
Gráfico 3 – Principais temas sobre mulheres na coluna “Puntadas”	82
Gráfico 4 – Principais temas sobre mulheres na coluna Federação de Mulheres Cubanas (FMC).....	84

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DR	Directorio Revolucionario 13 de Marzo
FDIM	Federación Democrática Internacional de Mujeres
FEU	Federación Estudiantil Universitaria
FMC	Federación de Mujeres Cubanas
ICAIC	Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos
INAV	Instituto Nacional de Ahorro y Viviendas
INRA	Instituto Nacional de Reforma Agraria
M-26/7	Movimiento Revolucionario 26 de Julio
PCC	Partido Comunista de Cuba
PSP	Partido Socialista Popular
SFM-26/7	Sección Femenina del Movimiento 26 de Julio
UFR	Unidad Femenina Revolucionaria

Sumário

LISTA DE QUADROS	11
LISTA DE GRÁFICOS.....	12
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	13
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1 - O jornal <i>Revolución</i> e sua materialidade.....	26
1.1. A trajetória do jornal <i>Revolución</i>	27
1.2. Mulheres e suas organizações políticas no <i>Revolución</i>	42
1.3. Publicações institucionais sobre as mulheres e seus movimentos.	50
1.4. Textos assinados por homens sobre as mulheres e suas organizações.	51
1.5. Textos publicados pela redação sobre as mulheres e suas organizações.	55
CAPÍTULO 2 - Análise das colaborações assinadas por mulheres.....	58
2.1. As mulheres e o processo revolucionário.	59
2.2. As temáticas das colunas femininas.....	73
2.2.1. “Metiendo La Cuchara” (junho a outubro de 1959).....	73
2.2.2. “Puntadas” (maio de 1960 a abril de 1961)	80
2.2.3. “FMC (outubro a dezembro de 1961)	83
2.3. A unificação das organizações de mulheres em prol da criação da Federação de Mulheres Cubanas.....	86
CAPÍTULO 3 - O envolvimento político das integrantes do M-26/7 no governo revolucionário (1959-1961)	96
3.1. Violeta Casals.	97
3.2. Haydée Santamaría.	103
3.3. Celia Sánchez.....	115
3.4. Vilma Espín.	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	143

ANEXOS	158
Anexo A – Poema de Pablo Neruda, “ <i>Mujeres</i> ”	159
Anexo B – “Celia Sánchez Silveira”, da Asociación de Antiguos Alumnos del Seminario Martiano, publicado em 16 de janeiro de 1959.....	160

Introdução

O jornal *Revolución* foi fundado na Sierra Maestra, em 1956, idealizado e dirigido por Carlos Franqui (1921-2010), integrante do Movimento 26 de Julho (M-26/7), com o objetivo de torná-lo o porta-voz da guerrilha.¹ Mesmo com as censuras impostas pelo governo ditatorial de Fulgencio Batista Zaldívar durante o período, foram produzidas 22 edições clandestinas do jornal até a vitória em 1º de janeiro de 1959. Em liberdade, o *Revolución* destacava-se por ser o meio de comunicação do movimento que liderou a luta insurrecional e, nessa posição, dispunha de maior autonomia em comparação com outros impressos, como o jornal do Partido Socialista Popular (PSP), o *Noticias de Hoy* (1938-1965, La Habana),² o *Diario de la Marina* (1832-1960, La Habana)³ e a revista *Bohemia* (1908, La Habana),⁴ que circularam no mesmo período.

No Brasil, o *Revolución* e o suplemento cultural *Lunes de Revolución*, pode ser consultado em cópias digitalizadas em três universidades públicas: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual Paulista (Unesp-Assis) e Universidade Estadual de Londrina (UEL), acesso que incentivou diversas pesquisas brasileiras sobre o periódico. O Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Histórica (CEDAP) da Unesp de Assis possui em sua coleção as imagens do jornal referente ao período de 2 de janeiro de 1959 e 30 de dezembro de 1961, volume estimado entre 16.500 e 17.000 páginas, organizado previamente em meses

¹ De acordo com Patricia Calvo González, o contexto de seu surgimento remonta à chegada do *Granma*: “*Revolución fue el nombre que tomó el órgano del M26J a partir del desembarco de Fidel y sus hombres en diciembre de 1956. ‘En esos días se reunió la dirección del Movimiento y acordó que como había comenzado la Revolución el periódico debía llamarse Revolución’*”. VÁZQUEZ, A. et. al. *Apuntes de la prensa clandestina y guerrillera 1952-1958*. UPEC, La Habana, 1970, p. 26 apud CALVO GONZÁLEZ, Patricia. *La Sierra Maestra en las rotativas: El papel de la dimensión pública en la etapa insurreccional cubana (1953-1958)*. (Doctorado en Historia) – Universidad de Santiago de Compostela, 2014, p. 179.

² O *Noticias de Hoy*, também conhecido pela abreviação *Hoy*, que adotaremos daqui em diante nesta dissertação, pertencia ao PSP, nomenclatura do Partido Comunista cubano. Vale ressaltar que durante a ditadura de Batista o jornal foi fechado, no entanto, o partido editou outro jornal clandestino nesse período, o *Carta semanal*, conforme destacado por Sílvia C. Miskulin. Após a Revolução, o *Hoy* voltou a circular a partir de 6 de janeiro, sob direção de Anibal Escalante, embora com menos destaque que o *Revolución*, devido à ausência de atuação do PSP no processo revolucionário cubano na maior parte do tempo, especialmente na luta armada. Vf.: MISKULIN, Sílvia C. *Cultura ilhada: imprensa e Revolução Cubana (1959- 1961)*. São Paulo: Xamã/Fapesp 2003, p. 32.

³ Sob direção de José Ignacio Rivero, o *Diario de la Marina* era um jornal com editorial conservador, de orientação católica que apoiava a ditadura de Batista. CALVO GONZÁLEZ, Patricia. *Visiones desde dentro: La insurrección cubana a través del Diario de la Marina y Bohemia (1956-1958)*. *História*, Franca, v. 33, n. 2, 2014, p. 355.

⁴ Cumpre ressaltar a nota de González sobre a revista *Bohemia*: “*La revista Bohemia fue fundada en 1908 y en los años cuarenta y cincuenta su circulación era muy amplia, llegando a los trescientos mil ejemplares. Se vendía en toda la isla, extendiendo su distribución al mercado extranjero. Nacida como publicación cultural y de crónica social, a partir de 1940 se convierte en defensora de la democracia representativa recién instalada con la Constitución firmada en esa fecha, transformándose en un semanario con información general. Así pasa a centrarse en los asuntos nacionales y se dirige a un público cada vez más variado*”. CALVO GONZÁLEZ, Patricia. *Op. cit.*, 2014, p. 379.

do ano.⁵ Embora um curto recorte temporal, o jornal revelou-se uma vantajosa fonte histórica, pois nele está registrado, de acordo com Maria Helena Capelato “...a vida cotidiana de uma sociedade em seus múltiplos aspectos, o que permite ao historiador compreender como viveram os indivíduos de outras épocas, não só os ‘ilustres’, mas também os sujeitos anônimos...”⁶, especialmente sobre o primeiro triênio do governo revolucionário, marcado por grandes transformações em todos os setores.

O recorte temporal é marcado pelo contexto do primeiro triênio do governo revolucionário, durante o qual se investigou a presença das mulheres no *Revolución*, seja enquanto colaboradoras ou, no caso específico das principais revolucionárias, Vilma Espín, Haydée Santamaría, Célia Sánchez e Violeta Casals, a representação ou omissão de suas trajetórias nas páginas do jornal. O questionamento acerca de suas participações políticas teve como objetivo verificar a cobertura dedicada pelo jornal às suas atividades após a Revolução, as quais sabemos terem sido ativas, contrastando-as com fontes secundárias e obras historiográficas.

Cumprе ressaltar que a investigação se norteia no campo da História das Mulheres que, entre outros pressupostos, aponta para o problema da disparidade entre as produções historiográficas feitas por mulheres e aquelas sobre mulheres, dilema também enfrentado na bibliografia sobre as revolucionárias cubanas.

Segundo Michelle Perrot, enquanto os registros escritos produzidos por homens consistiam predominantemente em documentos oficiais, políticos e governamentais, refletindo sua presença nos domínios públicos, as mulheres, por sua vez, estavam confinadas às responsabilidades domésticas e aos cuidados familiares. Como resultado, ao longo dos séculos, a memória das mulheres foi em grande parte invisibilizada, devido à sua escassa presença nos espaços públicos e à pouca preservação de registros históricos em ambientes públicos:

As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta

⁵ Importa ressaltar que a cópia digital do periódico cedida à USP foi realizada por Miskulin durante sua pesquisa sobre o *Lunes de Revolución* (1959-1961), portanto, a periodização corresponde a disponibilização cedida. A partir de 2015, a digitalização foi novamente copiada e cedida para a Unesp, no Campus de Assis, para compor o acervo do CEDAP, e para a UEL, no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH).

⁶ CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte e objeto para o estudo do historiador. In: VILLAÇA, Mariana M.; PRADO, Maria Lígia. (org.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas/CAPES, 2015, p. 115.

muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas. Um silêncio consubstancial à noção de honra.⁷

Em outra passagem,

Em compensação existe uma abundância, e mesmo um excesso, de discursos sobre as mulheres; avalanche de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas as viam ou sentiam. Das mulheres, muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são ou o que elas deveriam fazer.⁸

O que se tinha, até então, eram as produções textuais de autobiografias, diários, receitas e cartas. A finalidade desses materiais era o consumo imediato, cotidianamente descartável e raramente preservado. Ao longo dos séculos, o que se soube sobre as mulheres foram representações do que os homens pensavam sobre elas. Cabe ressaltar a mudança epistemológica que possibilitou a inserção desse campo na História, herança da renovação promovida pela chamada Escola dos Annales, que na década de 20 do século passado passou a considerar novas metodologias e a ampliação das fontes, sob análise de teorias econômicas e sociais, predominadas até então pelo político.⁹ As reflexões de Perrot evidenciam a dificuldade de encontrar fontes materiais escritas por mulheres,

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios.¹⁰

A necessidade de folhear o jornal *Revolución*, página por página, para encontrar as contribuições de mulheres cujos nomes eram desconhecidos corrobora o esforço referido pela historiadora francesa em localizar os registros das mulheres, nesse caso, mesmo que em um espaço público de comunicação. O surgimento da categoria analítica de gênero, a partir dos anos oitenta, possibilitou a ampliação da análise social das diferenças entre homens e mulheres, deslocando os papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres por um determinismo biológico para as construções sociais e culturais previamente estabelecidas.¹¹ Essas questões são intrínsecas no debate dos comportamentos de gênero quando analisamos as atuações das mulheres cubanas na década de cinquenta.

⁷ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 17.

⁸ *Ibidem*, p. 22.

⁹ *Ibidem*, p. 19, 21-22.; PEDRO, Joana Maria. *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*. *História*, São Paulo, v. 24, nº 1, 2005, p. 83-85.

¹⁰ PERROT, Michelle. *Op. cit.*, 2007, p. 19-21.

¹¹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 51.; PEDRO, Joana Maria. *Op. cit.*, 2005, p. 79.

Outra questão que merece destaque na história das mulheres cubanas é a herança independentista, centrada nas figuras de heróis nacionais, como José Martí (1853-1895),¹² Mariana Grajales (1815-1893)¹³ e Ana Betancourt (1833-1901).¹⁴ Suas experiências influenciaram ideologicamente e taticamente os comportamentos de gênero desempenhados por homens e mulheres revolucionárias da década de cinquenta, por exemplo, a valorização de características atribuídas ao feminino que caricaturavam as mulheres ideais enquanto “modestas, dedicadas, altruístas, generosas e abnegadas”,¹⁵ além de funções sociais como mãe, esposa, filha, estabelecendo a mulher na posição servil de auxiliar os homens na conquista do poder. Rafael Saddi e Érica Isabel Mello investigaram como se deu a participação das mulheres na guerrilha, com base nos depoimentos de Aleida March, Celia Sánchez e no livro de Che Guevara, aferindo suas experiências da guerra a partir das relações de gênero.¹⁶ Conforme constatou-se, a estima à virilidade norteava a ética revolucionária, o que contrapunha diretamente a noção de feminilidade, característica essa atribuída a mulheres e homens afeminados.¹⁷ Para as mulheres, cabia a reprodução das funções domésticas:

Outro aspecto relevante de se notar é que as funções destinadas às mulheres por Che são extensões de suas funções domésticas, aquelas que se remetem aos cuidados com a família. Ou seja, as mesmas divisões de gênero que definem os espaços públicos e privados também são perceptíveis nas funções de guerra. Em tempos normais, de não guerra, o homem, imerso no mundo do trabalho como mundo central, volta para casa, cansado de sua dura jornada, e recebe comida e ternura da mulher que o espera. Da mesma forma, o guerrilheiro volta do combate cansado de sua dura batalha e recebe da mulher o mesmo tratamento.¹⁸

¹² José Julián Martí Pérez, mártir da luta pela independência cubana, tornou-se, um século após sua morte, o maior ideólogo da Revolução Cubana. Além de seu papel fundamental na busca pela independência de Cuba, Martí tinha uma visão ampla que abarcava a emancipação de todos os países da América Latina. Ele defendia a solidariedade entre os povos latino-americanos como meio de alcançar essa emancipação.

¹³ Mariana Grajales Coello foi uma independentista relevante na história cubana, nascida em 12 de junho de 1815. Proveniente de família negra liberta, ela dedicou-se juntamente com a família às guerras contra a coroa espanhola, os seus filhos Antonio Maceo, Major do Exército Libertador, e José Maceo, militar do mesmo exército, se tornaram importantes lideranças do período. Além de sua atuação pessoal, os ideais que moldaram os valores de sua família foram reverberados como fonte de inspiração, tornando-se heróis nacionais.

¹⁴ Ana María de la Soledad Betancourt foi uma líder independentista cubana, nascida em 14 de janeiro de 1833, em Puerto Príncipe, na região de Camaguey. As condições de vida de sua família lhe permitiram ter acesso à formação educacional. Com o surgimento das resistências independentistas, integrou as batalhas junto ao seu marido, Ignacio Mora de la Pera. Após ser presa e torturada, conseguiu fugir e se exilar no México, em 1871, e posteriormente mudou-se diversas vezes, em países como os Estados Unidos, El Salvador e Espanha, onde faleceu, em 7 de fevereiro de 1889. V.f.: RODRÍGUEZ, Laritza Perez. Ana Betancourt: a história de uma cubana irreverente. *Capire*, 24 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://capiremov.org/experiencias/ana-betancourt-a-historia-de-uma-cubana-irreverente/>. Acesso em: 28 fev. 2024.

¹⁵ PRADO, Maria Lígia Coelho. Em busca da participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 12, n. 23-24, set. 1991/ ago. 1992, p. 87-89.

¹⁶ SADDI, Rafael; MELO, Érica Isabel. Gênero e Revolução Cubana: reflexões sobre as relações de gênero no Exército Rebelde. *Diálogos*, Maringá, v. 16, nº 3, set./dez. 2012, p. 1270.

¹⁷ *Ibidem*, p. 1274.

¹⁸ SADDI, Rafael; MELO, Érica Isabel. *Op. cit.*, p. 1274.

Retomando mais uma vez o paradigma do passado, ao contextualizar os acontecimentos posteriores à conquista do poder independentista, Maria Ligia Prado destacou mulheres que demonstraram o seu valor perante a pátria recusando as honrarias públicas e recompensas materiais.¹⁹ O espaço das mulheres era o privado, suas tarefas deveriam se restringir aos bastidores das conquistas políticas e sociais, sendo valorizado o ato de rejeitar seu reconhecimento público, sua função central seria o serviço. Essas circunstâncias me fizeram questionar como as mulheres revolucionárias que ocuparam cargos políticos foram vistas e defenderam suas posições.

A Revolução Cubana, desde seu acontecimento, tornou-se um dos eventos políticos mais especulada na história mundial contemporânea. O plano audacioso de derrubar Batista por meio da luta armada, em um país situado a poucos quilômetros dos Estados Unidos, teve repercussões globais significativas e permanece como um tema central de investigação nos estudos da América Latina. Entre as obras fundamentais da historiografia em questão, pode-se citar Florestan Fernandes,²⁰ Fernando Ayerbe²¹ e Richard Gott,²² que investigaram os principais eventos e, portanto, contribuíram para a compreensão contextual política, sobretudo a história do M-26/7. Também importa destacar a obra de Mary-Alice Waters dedicada à atuação das mulheres (questão lacunar nas obras já mencionadas), reunindo entrevistas de Vilma Espín, Asela de los Santos (1929-2020) e da periodista Yolanda Ferrer.²³

A respeito da trajetória do *Revolución*, as pesquisas de Sílvia Miskulin sobre o *Lunes de Revolución*, a editora *El Puente* (1961-1965, La Habana) e o suplemento literário *El Caimán Barburdo* (1966, La Habana) tornaram-se bibliografias fundamentais.²⁴ Miskulin empreendeu novas investigações sobre o período ao retomar os conflitos que permeavam o campo cultural e intelectual cubano e investigou a trajetória de seus participantes, especialmente as tensões envolvendo os redatores e diretores do *Revolución* e do *Lunes de Revolución* e os intelectuais do PSP, assim como de seu jornal *Hoy*. Outro tema de investigação foi os desafios das publicações de uma editora independente, que não dispunha de financiamento estatal, como *El Puente*, e a trajetória de *El Caimán Barburdo*, que assim como o *Lunes de Revolución* acabaram censurados. É inegável a contribuição de Miskulin ao

¹⁹ PRADO, Maria Ligia Coelho. *Op. cit.*, p. 87.

²⁰ FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

²¹ AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

²² GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

²³ WATERS, Mary-Alice. *Las mujeres en Cuba: Haciendo una revolución dentro de la revolución*. Canadá: Pathfinder Press, 2012.

²⁴ MISKULIN, Sílvia C. *Op. cit.*, 2003.; MISKULIN, Sílvia C. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução*. São Paulo: Alameda/ Fapesp, 2009.

contrapor a concepção falaciosa de um destino inescapável da predominância do Partido Comunista no cenário político, evidenciando os conflitos que permeavam o período.

Do mesmo modo, importa ressaltar o trabalho desenvolvido por Mariana Villaça sobre a política cultural na trajetória do Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC)²⁵, que teve em sua direção Alfredo Guevara (1925-2013), membro atuante do PSP e importante intelectual no cenário nacional. Essa instituição foi fundada logo após o triunfo revolucionário, em 24 de março de 1959, em conjunto com outras entidades culturais do novo governo, como a *Casa de las Américas*, que ficou a cargo de Haydée Santamaría (1922-1980), guerrilheira do M-26/7. As pesquisas de Miskulin e Villaça evidenciaram as autobiografias de Carlos Franqui²⁶ e Guillermo Cabrera Infante²⁷, publicadas quando já estavam exilados de Cuba.

Franqui dedicou-se ao *Revolución* até o ano de 1963 e Cabrera Infante foi o diretor do *Lunes de Revolución* durante todo seu período de veiculação. Barthón S. Favatto Junior investigou suas trajetórias, amigos de longa data, tiveram conflitos com outros intelectuais comunistas do PSP por discordâncias severas com o andamento político adotado pelo governo cubano, centralizado em Fidel Castro (1926-2016) e a aproximação com a União Soviética.²⁸ Como consequência dessa personificação, dissolveu-se a potência política do Diretório Revolucionário e, posteriormente, do M-26/7.

Ainda sobre o *Revolución*, cumpre mencionar a dissertação de Edinaldo Lima sobre o suplemento *Campo de Revolución*, que teve como objeto de investigação o trabalho de fotojornalistas cubanos, contribuindo também com um mapeamento sistemático, organizado em quadros e tabelas.²⁹ Do mesmo modo, Heloisa Camargos analisou notícias sobre as leis de Reforma Agrária, esclarecendo este ponto central na história do periódico.³⁰ Também escrevi a monografia sobre o *Revolución*, na época, interessei-me em investigar a cobertura do jornal

²⁵ VILLAÇA, Mariana Martins. *Cinema Cubano: Revolução e Política Cultural*. São Paulo: Alameda, 2010.

²⁶ FRANQUI, Carlos. *Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?* Memorias de un fantasma socialista. Barcelona: Península, 2006.; FRANQUI, Carlos. *Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro*. Barcelona: Planeta, 1988.; FRANQUI, Carlos. *Retrato de familia con Fidel: Fidel Castro visto por un ex-íntimo*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

²⁷ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Mea Cuba*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

²⁸ FAVATTO JÚNIOR, Barthón. *Entre o doce e o amargo: cultura e revolução em Cuba nas memórias literárias de dois intelectuais exilados, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante (1951-1968)*. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2012.

²⁹ LIMA, Edinaldo Aparecido Santos de. *PREPARAR, APONTAR, FOTO! A construção da imagem fotográfica dos camponeses cubanos nos periódicos Revolución e Campo de Revolución (1959-1961)*. 2018. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Assis, 2018.

³⁰ CAMARGOS, Heloisa Pereira. *Reforma agrária e Imprensa: a questão agrária cubana no jornal Revolución (1959-1961)*. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

e do *Lunes de Revolución* sobre a passagem da filósofa Simone de Beauvoir por Cuba, entre fevereiro e março de 1960 e compreender suas elucidações sobre a Revolução e as mulheres cubanas.³¹ Com uma periodização mais ampla, cumpre destacar a pesquisa de Hélio Alves, que em sua dissertação analisou a construção da imagem pública de Fidel Castro entre os anos de 1952 e 1959 e, para cumprir o objetivo, investigou a revista *Bohemia* e o *Revolución*, além de fontes encontradas em bibliotecas dos Estados Unidos e Cuba.³²

Outras teses sobre imprensa cubana foram imprescindíveis para o debate historiográfico empenhado nesta pesquisa por suas abordagens inéditas, defendidas por Sarah Beaulieu³³ e Patrícia Calvo González. Beaulieu pesquisou o período de 1956 a 2013, dedicando-se aos principais assuntos de cada década, abrangendo também dezenas de periódicos e seus corpos editoriais. Já González centralizou sua pesquisa no período insurrecional, nos periódicos produzidos pelo M-26/7, entre 1953 e 1958, incluindo também o *Diario de la Marina* e a revista *Bohemia*.³⁴

Também merece destaque as pesquisas produzidas sobre as mulheres revolucionárias, especialmente a monografia e dissertação de Carolina Muller,³⁵ que abordou a trajetória de Haydée Santamaría, e os artigos e dissertação de Giselle dos Santos³⁶ que

³¹ Simone de Beauvoir foi convidada junto a seu companheiro, o intelectual Jean-Paul Sartre, pelo governo revolucionário, que se ocupou por suas hospedagens e itinerários, com empenho para que o casal conhecesse a experiência revolucionária. Além disso, foi investigada a impressão de Beauvoir em artigos de opinião, bem como suas elocuições a respeito das mulheres cubanas. Vê: MASSAMBONE, Ingrid Thibes. *Simone de Beauvoir visita Cuba: análise da abordagem adotada pelo jornal Revolución sobre a presença e elocuições da filósofa em suas páginas* (1960). Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

³² ALVES, Hélio Augusto de Souza. *Entre a insurreição e o poder: a construção da imagem pública de Fidel Castro Ruz (1952-1959)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2021.

³³ BEAULIEU, Sarah. *Política Cultural y Periodismo en Cuba: Trayectorias Cruzadas de la Prensa Oficial y de los Medios Independientes (1956-2013)*. Tesis (Doctorado en Literatura Española) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Granada, Granada, 2013.

³⁴ CALVO GONZÁLEZ, Patricia. *La Sierra Maestra en las rotativas: El papel de la dimensión pública en la etapa insurreccional cubana (1953-1958)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela 2014.

³⁵ MÜLLER, Carolina de Azevedo. *Haydée Santamaría e a mitificação de uma “Heroína da Revolução Cubana”*. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018.; MÜLLER, Carolina de Azevedo. *Desconstruindo o documentário Nuestra Haydée (Esther Barroso, 2015): a representação da atuação política de uma “heroína da Revolução Cubana”*. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos-SP, 2022.

³⁶ SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. *Mulher e Revolução em Cuba*. In: IV SIMPÓSIO LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA: IMPERIALISMO, NACIONALISMO E MILITARISMO NO SÉCULO XXI, Londrina, 2010. *Anais [...]*, Londrina, 2010.; SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. *A revolução cubana e as representações de gênero*. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 14, jan./jun. 2013, p. 265-286.; SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos; LINA, Maria Brandão de Aras. *Gênero e Revolução: o novo homem e a nova mulher na Revolução Cubana*. In: III SEMINÁRIO NACIONAL: GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAS: OLHARES DIVERSOS SOBRE A DIFERENÇA, João Pessoa- PB, 2011. *Anais [...]*, João Pessoa-PB, 2011.

abordaram a vivência das mulheres e revolucionárias cubanas pelo recorte de gênero, raça e da interseccionalidade.

Carla Bassanezi, no final do século passado, investigou as revistas femininas brasileiras, como *Jornal das Moças* (Rio de Janeiro, 1914-1965), *Claudia* (São Paulo, 1961-), *Querida* (Rio de Janeiro, 1954-1968), *O Cruzeiro* (Rio de Janeiro, 1928-1975), no período compreendido de 1945 e 1964, e identificou a repetição dos mesmos temas, que insistiam em predominar no imaginário das mulheres.³⁷ Ao contextualizá-las, Bassanezi mapeou matérias e propagandas em torno do ambiente doméstico e familiar, além de sugestões e dicas de comportamento presentes no conteúdo. Ainda que as revistas brasileiras e o jornal cubano estejam geograficamente distantes, compartilham a temporalidade e comportamentos socialmente esperado que fossem desempenhados pelas mulheres. Nas revistas eram reafirmados os papéis tradicionalmente destinados às mulheres, como o cuidado do lar, do esposo e dos filhos, englobando sempre essas múltiplas funções, não remuneradas. Todas essas, concentradas dentro de um único conceito, o de feminilidade, ou, feminino.³⁸

Todavia, cabe ressaltar que o contexto cubano é particularmente marcado pelo aspecto político. A Revolução era a pauta do dia e os eventos em seu entorno eram assuntos prioritários nas manchetes, inseridos em toda a parte do jornal, inclusive nas colunas destinadas às mulheres. Além disso, é importante ressaltar que o *Revolución* endossava as ações do governo e de seus representantes, atuando como porta-voz do M-26/7.

Em meio às discussões sobre a formação educacional e profissional, assim como a inserção das mulheres no mercado de trabalho, Bassanezi exemplificou as controvérsias que permeavam as colunas das revistas brasileiras, mas que podem ser estendidas ao caso cubano. Entre as décadas de cinquenta e sessenta, algumas colaborações, por um lado, consideravam que a inclusão no trabalho formal era positiva, “proporciona à mulher uma certa independência econômica, segurança e status mais elevado na família...diminuindo assim distâncias de gênero”,³⁹ por outro lado, no imaginário de setores mais conservadores, o descontentavam-se com o enfraquecimento da dominância masculina sobre as mulheres, especialmente fora do âmbito do trabalho doméstico, justificando uma desestabilização.⁴⁰ Uma terceira via de pensamento ainda considerava a incorporação das mulheres no mercado que, todavia, deveria ser feita de modo secundário, com suas conquistas civis relativizadas. A

³⁷ BASSANEZI, Carla B. *Virando as páginas, Revendo as mulheres: Revista femininas e relações homem-mulher (1945-1964)*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1996, p. 18.

³⁸ *Ibidem*.

³⁹ BASSANEZI, *Op. cit.*, p. 2008.; SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos; LINA, Maria Brandão de Aras. *Op. cit.*, p. 3.

⁴⁰ *Ibidem*.

justificativa era a obrigatoriedade de as mulheres cumprirem, em primeiro lugar, suas funções biológicas determinadas, como mãe, esposa e dona de casa. Esses pensamentos, para Bassanezi, “contribuem para a desvalorização social do trabalho feminino”.⁴¹ Cabe ressaltar que esses pensamentos não são desconexos e, como veremos, podem ser identificados na análise do *Revolución*. Desse modo, quando é sugerido um protagonismo das mulheres na luta insurrecional, tal fato não apaga assimetrias de gênero, justificadas na época pelas diferenças biológicas entre os homens e mulheres. É interessante resgatar um trecho da introdução de Michelle Perrot, ao referir-se sobre revoluções, descreveu: “As mulheres não estão no primeiro plano da revolução. De início, elas aparecem na sombra, auxiliares habituais”.⁴²

Em diálogo com a historiografia apresentada, a pesquisa foi organizada em três capítulos. O primeiro consiste na apresentação do mapeamento das colaborações no *Revolución* e *Lunes de Revolución*, tanto das mulheres e dos gêneros textuais jornalísticos por elas abordados, quanto dos homens e instituições que destacaram o gênero feminino como temática, no período de 2 de janeiro de 1959 e 31 de dezembro de 1961. Além disso, esse capítulo também contextualiza a história do jornal no processo revolucionário, que compreende o período de 1953 a 1958.

No segundo capítulo, serão analisadas as três colunas do *Revolución* destinadas ao público feminino, todas publicadas em diferentes momentos ao longo do triênio. A primeira, “Metiendo la Cuchara”, foi assinada por Rosa Hilda Zell (1910-1971) e publicada entre 25 de junho a 29 de outubro de 1959. A segunda, “Puntadas”, a cargo de Mirta Rodríguez Calderón, foi veiculada entre maio de 1960 a abril de 1961. A terceira, da *Federación de Mujeres Cubanas*, a “FMC”,⁴³ era assinada pela instituição. Nosso objetivo foi mapear e analisar os principais assuntos discutidos nessas colunas, as quais se centravam em temas relacionados aos conteúdos femininos. Dessa forma, cumpre questionar o que seriam esses *conteúdos femininos*, algo que não foi novidade do *Revolución*, nem menos da imprensa cubana.

Por fim, no terceiro capítulo, exploraremos a repercussão das presenças de quatro mulheres: Violeta Casals, Celia Sánchez, Haydée Santamaría e Vilma Espín. Casals foi uma atriz que abandonou a carreira para aderir à guerrilha na Sierra Maestra em 1958 e tornar-se locutora da *Rádio Rebelde*. Após a Revolução, desempenhou diversas funções políticas,

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² PERROT, Michelle. Revolução, minha irmã? *As mulheres ou silêncios da história*. EDUSC, Bauru-SP, 2005, p. 315.

⁴³ Fundada em 23 de agosto de 1960, a organização tinha por objetivo estruturar as demandas e reinvenções das mulheres, além de integrá-las à nova realidade social, que demandava um aumento laboral. A FMC possui desde sua fundação uma revista, *Mujeres*, com veiculação até os dias atuais. Vilma Espín esteve no comando da Federação até seu falecimento, em 2007.

especialmente diplomática. Embora sua trajetória não seja tão conhecida quanto a das outras três outras revolucionárias, investigamos como o uso de sua imagem foi propagandeada no *Revolución* para angariar fundos. Quanto a Sánchez, Santamaría e Espín, revolucionárias com trajetórias destacadas na historiografia, explorou-se as questões de gênero que permeavam a cobertura do *Revolución* e do *Lunes de Revolución* de suas participações em eventos políticos.

CAPÍTULO 1 -

O jornal *Revolución* e sua materialidade

O objetivo deste capítulo é apresentar a análise sistemática da fonte, no que diz respeito à participação de mulheres no jornal *Revolución*, tanto no que se refere às suas representações sob a perspectiva do outro gênero quanto às suas atribuições textuais. Frente à grande quantidade de material, o desafio foi o de selecionar notícias e reportagens escritas por mulheres e identificar os principais temas por elas abordados. Além desses textos, também foi dada atenção às notícias sobre as guerrilheiras do M-26/7, a fim de verificar de que maneira elas foram apresentadas aos leitores no período de consolidação do governo revolucionário. Foram selecionados 871 textos, o que exigiu a organização de quadros, apresentados no decorrer da análise.

1.1. A trajetória do jornal *Revolución*.

Após o esgotamento de tentativas institucionais de destituir Fulgencio Batista do poder, militar que promoveu o golpe em 1952, um grupo liderado por Fidel Castro⁴⁴ e composto por seu irmão, Raul Castro, os irmãos Haydée e Abel Santamaría (1927-1953), Melba Hernández (1921-2014), Boris Luis Santa Coloma (1928-1953), além de outras dezenas de insurgentes, planejou um assalto aos quartéis militares Moncada e Céspedes com o objetivo de apoderar-se das armas, instaurar um governo provisório e retomar as eleições democráticas do país.⁴⁵ A data foi definida estrategicamente devido às comemorações do Carnaval, em 26 de julho de 1953. Estima-se que mais de cem pessoas tenham participado da tentativa dos assaltos e mais de noventa acabaram mortos, seja em combate ou após a captura.⁴⁶ Entre os presos estavam os irmãos Castros, os irmãos Santamaría, Boris Luis Santa Coloma e Melba Hernández. Boris, noivo de Haydée Santamaría, e Abel, foram submetidos a torturas pelos soldados, resultando em mutilação em seus corpos, que foram exibidos a Santamaría como forma de intimidação para que entregasse informações sobre os demais participantes. Mesmo diante de forte pressão emocional, após o assassinato de seus entes

⁴⁴ Fidel Castro formou-se em direito na Universidade de Havana em 1950, período em que se envolveu em mobilizações políticas, tendo disputado, na campanha eleitoral de 1952, o cargo de deputado pelo Partido Ortodoxo.

⁴⁵ AYERBE, Luis Fernando. *Op. cit.*, 2004, p. 29.

⁴⁶ A quantidade de pessoas que atuaram no assalto diverge nas bibliografias. Para Emir Sader, participaram 168 pessoas do ocorrido, enquanto Barthón S. Favatto Junior, por sua vez, relatou a quantidade de 165. Já a revolucionária Asela de los Santos, atribuiu a presença de 160 homens e 2 mulheres. *Vf.*: SADER, Emir. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Moderna, 1985, p. 19.; FAVATTO JUNIOR, Barthón S. *Op. cit.*, p. 4-35.; SANTOS, Asela de los. De Santiago de Cuba al Segundo Frente del Ejército Rebelde. *In*: WATERS, Mary-Alice. *Op. cit.*, p. 47.

queridos, ela recusou a cooperar e,⁴⁷ e após sete meses, foi liberta juntamente com Melba Hernández.⁴⁸

Após cumprirem suas sentenças, Santamaría e Hernández, que haviam atuado como enfermeiras durante o assalto, foram encarregadas de reunir os sobreviventes do assalto e propagandear a autodefesa escrita por Fidel Castro, que ainda estava preso, “A história me absolverá”, para a população.⁴⁹ Em 1954, após uma intensa campanha nacional pela anistia dos prisioneiros, Batista aproveitou a situação para indultá-los e convocar novas eleições, na qual ele foi o único candidato e portanto, acabou reeleito.⁵⁰ Meses após deixarem a prisão, os irmãos Castro e parte dos membros do grupo recém fundado, o *Movimiento Revolucionario 26 de Julio*, em homenagem ao marco inicial da resistência, partiram em direção ao México com o objetivo de reestruturar sua estratégia armada e formar uma guerrilha.⁵¹

Cabe mencionar que, durante este período, homens foram recrutados para compor a guerrilha, enquanto as mulheres desempenhavam papéis secundários, seja na realização de tarefas domésticas, incluindo a costura, transporte de armas, auxiliar de enfermagem, mensageiras ou na angariação de recursos. De acordo com a análise de documentos feita por Rafael Saddi, a possibilidade de exílio com o retorno por meio do *Granma* foi vetada para as mulheres pois sua presença seria um motivo a mais de preocupação para os rebeldes.⁵² No entanto, é intrigante destacar a alternativa historiográfica criada *a posteriori* que tem sido utilizada para pontuarem suas participações nesse episódio, ao atribuir a elas a responsabilidade por recebê-los. Dessa forma, encontrou-se um modo de inseri-las na narrativa histórica, mesmo que o fato, apesar de planejado, não tenha ocorrido.⁵³

Durante o exílio dos principais dirigentes, Frank País, de Santiago de Cuba, assumiu funções de liderança provincial, já envolvido na luta revolucionária ao lado de Vilma Espín e

⁴⁷ Esse episódio foi relatado por Fidel Castro em *A História me Absolverá*. Vf.: CASTRO, Fidel. *A História me Absolverá*. 3a. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011, p. 65.

⁴⁸ Cabe destacar que na cronologia realizada por Waters, o período de prisão de Santamaría e Hernández foi de sete meses. WATERS, Mary-Alice. Cronología. *Op. cit.*, p. 303.; MÜLLER, Carolina de Azevedo. *Op. cit.*, 2022, p. 24.; MÜLLER, Carolina de Azevedo. *Op. cit.*, 2018, p. 15.

⁴⁹ MÜLLER, Carolina de Azevedo. *Op. cit.*, 2018, 32-34.

⁵⁰ AYERBE, Luís Fernando. *Op. cit.*, p. 30.

⁵¹ Cumpre ressaltar a organização simultânea do DR, destacado por Eugenia Meyer: “Casi en forma simultánea se creó otro movimiento opositor, el del Directorio Revolucionario (DR), constituido por jóvenes de la Federación de Estudiantes Universitarios (FEU), quienes se unieron a la insurrección a partir del 4 de diciembre de 1955”; MEYER, Eugenia. *El futuro era nuestro: Ocho cubanas narran sus historias de vida*. Ciudad de México: Fondo de cultura economía, Universidad Nacional Autónoma de México, 2007, p. 28.

⁵² SADDI, Rafael T. *O ascetismo revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952-1958)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009, p. 163.

⁵³ SCOTT, Joan. *Op. cit.*, 2019, p. 69.

Asela de los Santos.⁵⁴ Celia Sánchez também desempenhou papéis de liderança nacional nesse período, enquanto Haydée Santamaría, com menos destaque, atuava clandestinamente.⁵⁵ O retorno a Cuba estava previsto para o final de novembro de 1956, mas o iate Granma, que tinha a capacidade máxima para 25 pessoas, transportou 82 homens na ocasião e, assim, fez com que a chegada atrasasse para o dia 5 de dezembro. Os soldados de Batista já estavam à espera e o desembarque foi realizado sob ataque aos viajantes, que se encontravam em desvantagem em número de armamento e combatentes. Os sobreviventes fugiram em direção à Sierra Maestra, onde já estava planejado para se reencontrarem e aos poucos conseguiram reestruturar a luta armada, com o apoio dos militantes urbanos e dos camponeses.

A morte de Frank País em julho de 1957 também resultou em uma reestruturação do M-26/7. País, detentor de muita popularidade, foi lembrado após seu assassinato por meio de uma greve geral entre os moradores de Santiago de Cuba, que durou vários dias, conforme relembrou Asela de los Santos. Após o acontecimento, as mulheres foram reorganizadas nas funções, com Haydée assumindo a responsabilidade de obter recursos e armamentos. Ela mudou-se para Miami, onde também estabeleceu relações diplomáticas e desempenhou a função de articuladora política. Celia Sánchez tornou-se a principal intermediária entre a organização com os guerrilheiros da Sierra Maestra, enquanto Vilma Espín assumiu cargo de liderança provincial, no lugar de País.⁵⁶

A Sierra Maestra, localizada geograficamente no extremo oposto à capital Havana, demandou a criação de órgãos de comunicação, permitindo que os guerrilheiros se comunicassem com os militantes urbanos, os *llanos*,⁵⁷ e com a população, nesse período foram fundados o jornal *Revolución*, em 1956, e a *Rádio Rebelde*, em 1958. O objetivo era disseminar informações para a população sobre a atual situação social e política vigente, em

⁵⁴ Asela de los Santos Tamayo, nasceu em 1929, em Santiago de Cuba. Filha do casal José de los Santos e Parmenia Tamayo, seu pai era tenente e sua mãe dona de casa. Seu pai aposentou ainda jovem do exército, em 1935, o que possibilitou manter a qualidade de vida de uma classe média para a família, que possuía mais duas filhas. A amizade entre eles começou quando se conheceram na Universidad de Oriente, em Santiago de Cuba, onde Espín graduava engenharia química, enquanto Asela de los Santos e Frank País cursavam pedagogia, embora País não tenha chegado a concluir o curso. Tanto nas memórias de Santos quanto nas de Espín, a universidade foi um ambiente de resistência política para os estudantes e docentes. Através do contato entre os alunos, além dos professores, muitos dos quais eram estrangeiros, tomaram conhecimento da situação do país e se incorporaram em movimentos políticos. É importante destacar que a província do oriente, onde fica Santiago de Cuba, foi palco de grandes lutas insurrecionais durante o período colonial, o que contribuiu para a consciência política dos habitantes conforme observado por Santos. SANTOS, Asela de los. Nos dio un sentido de valor. In: WATERS, Mary-Alice. *Op. cit.*, p. 59, 76-77.

⁵⁵ De acordo com Caroline Muller, as principais funções clandestinas executadas por Haydée Santamaría foram: angariar recursos, em nível nacional e internacional, transportar armas, acompanhar jornalistas na Sierra Maestra e recrutar novos integrantes ao M-26/7. Vê: MÜLLER, Carolina de Azevedo. *Op. cit.*, 2022, p. 16.

⁵⁶ SANTOS, Asela de los. *Op. cit.*, 2012, p. 72.; MÜLLER, Carolina de Azevedo. *Op. cit.*, 2022, p. 18.

⁵⁷ *Llanos* era o modo como os guerrilheiros da Sierra Maestra se referiam aos integrantes do Movimento 26 de Julho que atuavam nas cidades.

contraste com a imprensa apoiadora da ditadura, além de propagar os ideais da organização.⁵⁸ Para ressaltar a importância das informações veiculadas pelo jornal *Revolución* e pela *Rádio Rebelde* para a tomada do poder, Favatto Júnior comparou sua relevância à luta armada,

[...]Desprovido desses dois veículos, dificilmente seria possível ao M-26/7 estabelecer uma eficiente ponte de comunicação entre os rebeldes e os militantes das cidades, entre o próprio *Movimiento* e o povo de Cuba e, enfim, mesmo que de maneira indireta, entre a Revolução Cubana e o Mundo. Na mesmíssima proporção, a inexistência desses órgãos informativos, porquanto, também formativos da opinião pública cubana, conservaria precários os meios de mobilização dos atores históricos, em especial, a conquista de homens e mulheres, jovens e adultos, dispostos a engrossarem as fileiras de combatentes do M-26/7 e, conseqüentemente, entregarem suas vidas à empreitada revolucionária[...]⁵⁹

A atuação intelectual de Franqui se destacou, além disso, ele cumpriu funções, a saber: atos de sabotagem e angariador financeiro para o movimento enquanto esteve exilado, entre os anos de 1957 e 1958, quando viajou pela Costa Rica, México e Estados Unidos⁶⁰. Em sua autobiografia, revelou que a condição para ingressar no movimento se deu por meio da fundação e direção do jornal *Revolución*. De origem camponesa, Franqui nasceu em Clavellinas, na província de Pinar del Río, e quando jovem trabalhou na granja da família. Ainda na juventude, iniciou seu envolvimento político filiando-se ao PSP, e devido à sua expertise em arte e literatura, destacou-se dentro do partido, colaborando no jornal *Hoy*, em 1945.

Após um ano, deixou o PSP, devido a discordâncias com os dirigentes do PSP, especialmente durante o período comandado por Aníbal Escalante; de acordo com Sarah Beaulieu, Franqui “...se dio cuenta de que éste y varios miembros del periódico eran corruptos y demasiado sectarios a su juicio”.⁶¹ Pouco tempo depois, em Habana Vieja, conheceu a família de Guillermo Cabrera Infante e, desde então, estabeleceram uma amizade duradoura. Infante, nascido em Gibara, na província do oriente, também se interessava pelas artes e, junto a Franqui, integraram o grupo de redatores da revista *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo*,⁶² que viria a ser parte do editorial do suplemento cultural do jornal *Revolución*, o

⁵⁸ Hélio Augusto de Souza Alves, em sua dissertação, analisou os materiais do *Revolución* e do M-26/7 que precedem a vitória revolucionária, acessados na biblioteca nacional cubana “José Martí”. Para mais detalhes, verificar: ALVES, Hélio Augusto de Souza. *Op. cit.*, 2021.

⁵⁹ FAVATTO JÚNIOR, Barthon. *Op. cit.*, 2012, p. 58.

⁶⁰ *Ibidem*, 2014, p. 56-58.

⁶¹ BEAULIEU, Sarah. *Op. cit.*, p. 165-166.

⁶² A *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo* (1951-1960) foi uma entidade ligada ao PSP. Suas publicações refletiam o interesse em comum de seus integrantes, a arte e a literatura, além de se preocuparem também com a discussão da conjuntura política nacional. Para mais informações, verificar: VILLAÇA, Mariana Martins. *Op. cit.*, 2010, p. 19.

Lunes de Revolución, no início de 1959.⁶³ Cabe ressaltar que, assim como o pai, que compunha no editorial do *Hoy*, Infante também se destacava antes da Revolução pelas suas publicações nas revistas *Ciclón* e *Carteles* e como redator da *Bohemia*, como crítico cinematográfico.

Sobre a divisão entre os guerrilheiros da Sierra Maestra e os *llanos*, cabe ressaltar que as atribuições táticas ultrapassaram a dualidade de guerrilheiros e clandestinos urbanos, e não se limitavam apenas à geografia. Enquanto o primeiro grupo era composto majoritariamente por camponeses afastados das áreas urbanas, sob comando de Fidel Castro, com treinos físicos e hierarquias semelhantes às militares; os *llanos* consistiam em um grupo principalmente de intelectuais, jornalistas, artistas e estudantes nas cidades. No entanto, os militantes urbanos foram parte da resistência e sofreram diretamente a censura da ditadura. Esses integrantes eram responsáveis pelo fornecimento de suprimentos básicos, financiamento e transporte de armamento. Outra função dos *llanos* foi desenvolver táticas para apoiar os guerrilheiros na *Sierra Maestra* e, embora ambos compartilhassem o mesmo objetivo, a preferência pelos combatentes, tanto na história e na historiografia ao longo de décadas, foi apontada por Favatto Junior.⁶⁴

Nesse sentido, cabe ressaltar a atuação das militantes do M-26/7 ao desempenhar um papel significativo na luta contra a ditadura de Batista, como foi o caso do Pelotão Mariana Grajales, formado em setembro de 1958 e integrado por 13 jovens mulheres que se uniram para lutar na insurreição na Sierra Maestra. O nome do pelotão foi escolhido como forma de homenagear a cubana Mariana Grajales, que dedicou sua vida à independência da nação e participou ativamente dos confrontos em busca desse objetivo.

Após a vitória revolucionária em 1º de janeiro de 1959, a nova governança instaurada dedicou-se à consolidação de seus projetos políticos e, para conduzir esse processo, designou membros da luta armada para assumir cargos oficiais de destaque. Entre eles, encontravam-se os integrantes do M-26/7 responsáveis por liderar as outras organizações insurgentes na tomada do poder. Embora Manuel Urrutias Lleó (1908-1981) tenha sido instituído como presidente provisório,⁶⁵ conforme estabelecido anteriormente no Pacto de Caracas, foi Fidel

⁶³ BEAULIEU, Sarah. *Op. cit.*, 2013, p. 166-167.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 58.

⁶⁵ De acordo com informações verificadas no livro “*Diario de la Revolución Cubana*”, em que Carlos Franqui reúne um compilado de depoimentos do período do processo revolucionário, Manuel Urrutias Lleó foi o juiz responsável por defender que a expedição do *Granma* estava justificava na Constituição de 1940, uma vez que a ação foi uma medida contra a ditadura. A ação de Urrutia o popularizou entre os revolucionários, com ênfase dada por Franqui, a Fidel Castro. Vf.: FRANQUI, Carlos. Santiago en revolución: Muerte de Frank País. *Diario de la Revolución*. Barcelona: Ediciones R. Torres, 1976. p. 253.

Castro quem desempenhou um papel de liderança política fundamental desde aquele momento como Primeiro Ministro.

A primeira edição do jornal *Revolución* publicada após a Revolução foi no dia 2 de janeiro e seu número de circulação era o 23, edição que levava em conta os exemplares lançados durante a clandestinidade. A principal manchete do dia convocou os trabalhadores para a greve geral, com o objetivo de legitimar o governo provisório revolucionário, que havia instituído Manuel Urrutia como presidente, conforme proclamado por Fidel Castro em discurso proferido em Santiago de Cuba.⁶⁶ Para Carlos Franqui, o periódico foi, nesse primeiro momento:

[...]uma agradável surpresa para todos. Começou a informar, engajar-se em polêmicas, instigar o pensamento e criticar. A Cuba oficial se manteve em silêncio. Che e Camilo nos visitaram uma ou duas vezes, mas Fidel manteve distância. Os antigos grupos clandestinos haviam encontrado seu lugar. As revistas oficiais e os órgãos dos partidos eram estéreis, não eram lidos. **E se o *Revolución* não era oficial nem o porta-voz de nenhuma ideologia, era e se tornou o jornal da revolução.** Isso constituía um desafio.⁶⁷

Os primeiros dias de janeiro foram marcados por uma avalanche de acontecimentos, e o jornal, com um número limitado de páginas e com as matérias pouco organizadas em sua estrutura, noticiava os principais eventos políticos. Cabe ressaltar, de acordo com a análise de Capelato sobre a expressão da verdade, que uma vez corpo editorial do jornal tinham seus próprios interesses, o que era publicado para os leitores tinha a intencionalidade opinativa, e muitas vezes, ocorria de modo velado. Esses interesses, segundo Capelato, são as “...As relações hierárquicas que sustentam a empresa jornalística, os conflitos gerados por relações de poder e os interesses contraditórios que se manifestam no interior e para fora desse microcosmo ficam ocultos nas páginas do jornal”.⁶⁸

O conceito destacado pode ser entendido, nesse caso, como o apoio incondicional do jornal às medidas mais expressivas para o avanço da consolidação estrutural da Revolução. Entre elas, destacada por Emir Sader, a extinção da polícia do governo de Batista e a instituição do Exército Rebelde enquanto forças armadas nacionais, comandadas por Fidel Castro.⁶⁹ Além disso, também respaldavam a efetivação da justiça revolucionária como resposta à população que buscava sentenciar os militares criminosos que atuaram na ditadura. Inicialmente, o plano de governo baseou-se no programa “A História me Absolverá”, escrito

⁶⁶ FRENTE Obrero Nacional Unido (FONU). HUELGA GENERAL. *Revolución*, La Habana, año II, nº 23, 2 de enero de 1959, p. 1 e 4.

⁶⁷ FRANQUI, Carlos. *Op. cit.*, 1981, p. 35. (*Grifo nosso*).

⁶⁸ CAPELATO, Maria Helena. *Op. cit.*, 2015, p. 126.

⁶⁹ SADER, Emir. *Op. cit.*, p. 42.

por Fidel Castro durante sua prisão após o assalto ao Quartel Moncada, sendo as mesmas diretrizes do jornal *Revolución*.

No programa, além de expor as motivações por trás dessa ação drástica, Castro destacou a desigualdade enfrentada pela população. O programa defendia a melhoria das condições de vida social por meio de reajustes salariais e a participação nos lucros das empresas e indústrias. No setor agrícola, a Reforma Agrária foi uma das prioridades nas medidas implementadas pelo governo, sendo sua primeira lei promulgada em 17 de maio de 1959.⁷⁰ Considerando as circunstâncias vivenciadas, o editorial focou em informar sobre os avanços da reforma estrutural que estava sendo consolidada pelo governo revolucionário, além de abordar as reivindicações populares e garantir a aceitação dos novos dirigentes no exterior.

O jornal era distribuído durante o período da manhã, com preços que variavam de 5 a 10 centavos conforme estabelecido do cabeçalho. No Quadro 1 constam os valores da primeira publicação do jornal de cada mês ao longo do triênio. No entanto, algumas edições especiais foram lançadas com valores diferenciados, entre 10 e 20 centavos, tal como ocorreu, por exemplo, em 30 de dezembro de 1959 e no dia 1º de janeiro de 1960, quando foram publicados o mesmo anuário celebrando as comemorações do primeiro ano do governo revolucionário. Cabe considerar também que, em janeiro, abril e dezembro de 1961, o preço estampado era de 5 centavos, no entanto, na parte superior da folha, vê-se carimbado a quantia de 20 centavos, o que também se observa em outubro do mesmo ano, quando o preço no cabeçalho era de 10 centavos e o valor alterado era de 25 centavos.

Quadro 1 - Relações de páginas e valores do jornal *Revolución* ao longo do triênio de 1959-1961

	1959		1960		1961	
	Páginas	Valor	Páginas	Valor	Páginas	Valor
Janeiro	4	5 c.	88	20 c.	15	5 c.
Fevereiro	16	10 c.	24+20	10 c.	18	5 c.
Março	24+16	10 c.	14	5 c.	16	5 c.
Abril	16	5 c.	18	5 c.	12	5 c.
Maio	20	5 c.	29	10 c.	16	5 c.

⁷⁰ SADER, Emir. *Op. cit.*, p. 43-45.; AYERBE, Luis Fernando. *Op. cit.*, p. 60-61.

Junho	32+16	10 c.	16	5 c.	16	5 c.
Julho	24	5 c.	16	5 c.	12	5 c.
Agosto	20	5 c.	22	10 c.	16	5 c.
Setembro	20	5 c.	20	5c.	14	5 c.
Outubro	20	5 c.	17	5 c.	14+32	10 c.
Novembro	34	10 c.	14	5 c.	20	5 c.
Dezembro	20	5 c.	13	5 c.	11	5 c.

Fonte: *Revolución*, 1959-1961. Elaborado pela autora.⁷¹

Em comparação com os outros jornais e revista que circulavam no mesmo período, cabe comparar os exemplares dos jornais *Hoy*⁷² e do *Diario de la Marina*⁷³ com o *Revolución*, referente à primeira publicação em janeiro de 1959, todos mantiveram o valor de 5 centavos, apesar disso, importa ressaltar as diferenças de páginas publicadas pelos periódicos, como observado no Quadro 1. Em 1959, o *Hoy* voltava a ser veiculado após anos de censura imposta pela ditadura. Na primeira edição, em 6 de janeiro, contabilizava 4 páginas, assim como a primeira edição do *Revolución* em 2 de janeiro, contrastando com o *Diario de la Marina*, fundando em 1832, consolidou-se como um periódico tradicional e continuou a ser publicado, com 32 páginas.⁷⁴

Quadro 2 – Comparativo entre valores do jornais *Revolución*, *Diario de la Marina* e *Hoy*

	1959	Valor	1960	Valor	1961	Valor
<i>Hoy</i>	4 pg.	5 c.	8 pg.	15 c.	10 pg.	10 c.
<i>Diario de la Marina</i>	32 pg.	5 c.	32 pg.	5 c.	15 pg.	15 c.
<i>Revolución</i>	4 pg.	5 c.	88 pg.	20 c.	5 pg.	5 c.

Fonte: *Revolución*, *Diario de la Marina* e *Hoy*, 1959-1961. Elaborado pela autora.

⁷¹ Os dias selecionados foram: (1959): 2 de jan., fev. e mar., 1º de abr., 2 de mai., 1º de jun., jul., aug., set. e out., 2 de nov., 1º de dez.; (1960): 1º dia de todos os meses.; (1961): 2 de jan., 1º de fev., mar. e abr., 2 de mai., 1º de jun., jul., ago. e set., 2 de out., 1º de nov. e dez. Nos dias referentes a 2 de mar. e 1º de jun. de 1959; 1º de fev. de 1960 e 2 de out. de 1961, foram somados com o suplemento *Lunes de Revolución*, que correspondem consecutivamente: 40, 48, 44 e 46 páginas.

⁷² *Noticias de Hoy*. La Habana, año XXI, época 3ª, nº 1, 6 de enero de 1959, p. 1.

⁷³ *Diario de la Marina*. La Habana, año CXXVI, nº 1, 1 de enero de 1959, p. 1.

⁷⁴ Verificar na Biblioteca Digital do Caribe: <https://www.dloc.com/es/>. Acesso em: 27 set. 2023.

Já em 1960, na semana em que se comemorava o primeiro aniversário da vitória Revolucionária, o *Hoy*⁷⁵ teve aumento para 15 centavos e o *Diario de la Marina*⁷⁶ manteve em 5 centavos, entretanto, o primeiro elevou o número de suas páginas para 8 páginas e o segundo continuou a publicar 32 páginas. Devemo-nos atentar também para as edições seguintes, de janeiro de 1961, quando o *Diario de la Marina*⁷⁷ passou a ser editado em Miami, na Flórida, anunciando seu exílio da ilha. Nesse exemplar, o jornal diminuiu suas páginas em 20 e elevou o preço para 15 centavos. O *Hoy* também aumentou o valor, para 10 centavos, apesar disso, ao contrário das páginas do anterior, expandiu suas páginas para 24, enquanto o *Revolución* manteve o preço de 5 centavos e 15 páginas.

Apesar de não ter sido possível encontrar registros contábeis que indicassem a organização administrativa e financeira do jornal, durante a análise sistemática das notícias há solicitação de doações e indicação de recebimento, ao que se soma os valores provenientes das vendas avulsas e assinaturas anuais. Outra característica analisada no interior do jornal foi o espaço utilizado em anúncios de publicidades,⁷⁸ que contavam com uma ampla variedade de propagandas de grandes empresas privadas, como Avon, Coca-Cola e Shell, além da divulgação de grandes campanhas estatais e pequenos comércios locais.

Os desgastes físicos do material revelam as marcas do tempo, mesmo com o acesso digital é possível observar sinais de dobradura ao meio e nas pontas das folhas, rasuras nas extremidades do papel e até mesmo rabiscos à caneta, que, em alguns casos, comprometem significativamente a legibilidade do texto, como pode ser observado na Figura 1. Também importar destacar uma expressiva quantidade de fotografias publicada, que não foram objeto de análise, mas cabe mencionar que eram recortes enquadrando os líderes políticos, como o exemplo a seguir, em que é possível identificar os guerrilheiros e do presidente provisório Urrutia, Fidel Castro, Che Guevara e Raul Castro.

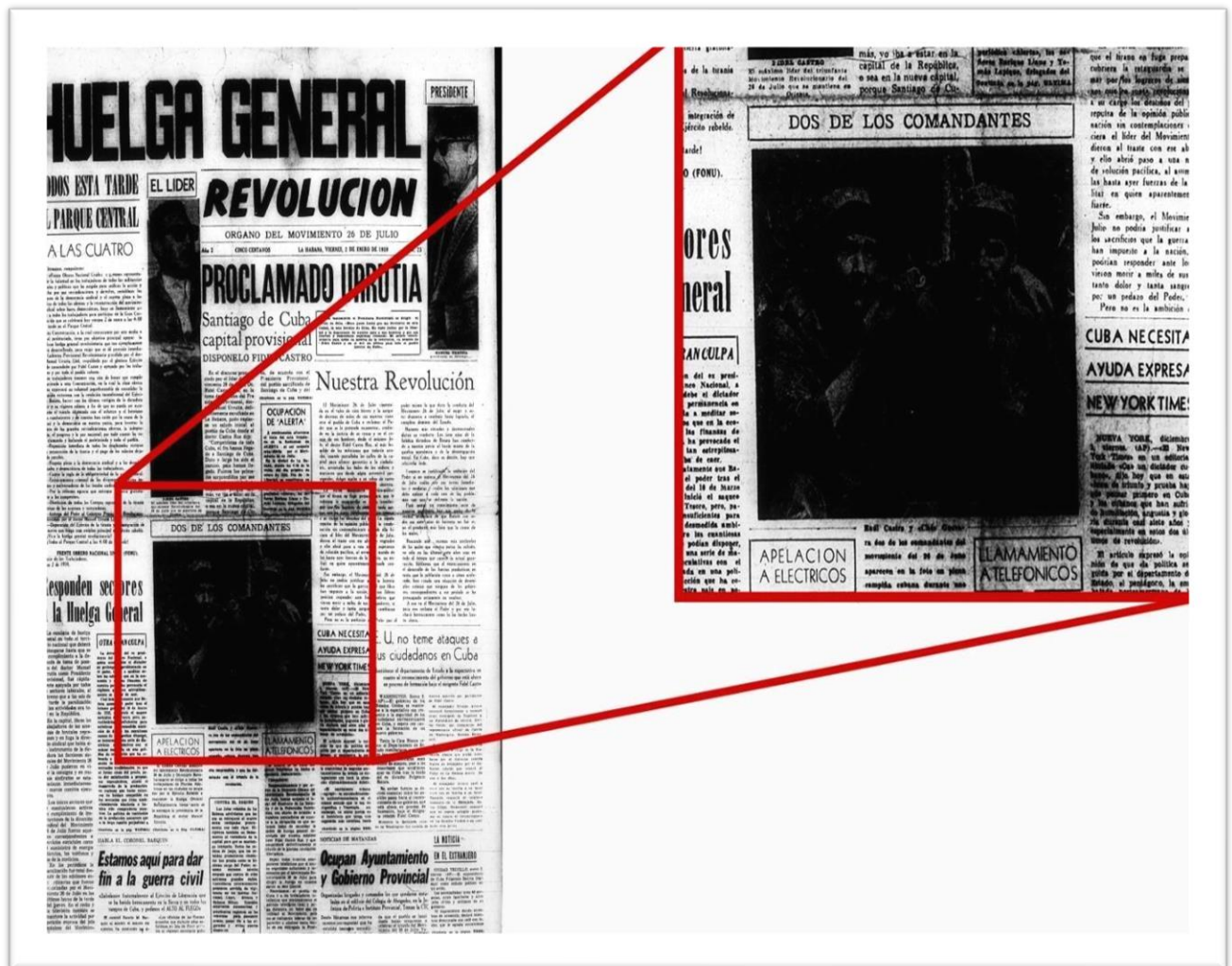
⁷⁵ *Noticias de Hoy*. La Habana, año XXI, época 3ª, nº 305, 1 de enero de 1960, p.1.

⁷⁶ *Diario de la Marina*. La Habana, año CXXIX, nº 1, 2 de enero de 1960, p.1.

⁷⁷ *Ibid.* Miami Beach (no exílio), año CXXIX, nº 1, 7 de enero de 1961, p.1.

⁷⁸ CAPELATO, Maria Helena. *Op. cit.*, 2015, p. 132.

Figura 1- Montagem da capa do jornal *Revolución* e sua ampliação



Fonte: *Revolución*. La Habana, año II, nº 23, 2 jan. 1959, p. 1.

Embora as primeiras edições publicadas apresentassem aspectos improvisados, como a variação de páginas e seções, nos meses seguintes o jornal expandiu sua circulação significativamente, atingindo a marca de 130 mil exemplares, número expressivo, tendo em vista que, no seu auge, chegou a imprimir 200 mil exemplares.⁷⁹ Entretanto, não foi possível estabelecer um padrão das seções e colunas ao longo do triênio, assim como não foram encontradas informações precisas sobre a quantidade de páginas utilizadas por edição, já que não seguiam um padrão fixo, considerando que o jornal *Revolución* pertencia ao movimento que liderou o processo revolucionário, a hipótese que se apresenta é que ele tinha acesso privilegiado a recursos materiais para a impressão.

⁷⁹ BEAULIEU, Sarah. *Op. cit.*, 2013, p. 167.

Com base nos dados mapeados para a elaboração do Quadro 1, selecionando uma edição de cada mês do triênio, foi possível estimar a quantidade de páginas publicadas em cada número e o resultado médio foi de 19 páginas. Embora algumas exceções se destacaram, como nos dias que em que o suplemento *Lunes de Revolución*, onde foram as comemorações revolucionárias do final de ano, chegando a atingir nesse exemplar, 88 páginas.⁸⁰ As primeiras páginas do jornal *Revolución* apresentavam manchetes atrativas, com títulos em fontes impactantes e de tamanho grande e suas cores, preta e vermelha, estavam em sintonia com as usadas pelo M-26/7, organização à qual pertencia. Além disso, em sua maioria eram acompanhadas por fotografias, como mencionado por Franqui em sua autobiografia, ao descrever o jornal, quando ressaltou ainda que,

[...]Comecei a pensar em um tipo diferente de jornal. Uma página frontal com grandes fotos e títulos - manchetes. Seria chamativo, causaria impacto e seria cubano. Eu queria combinar o cartaz moderno e os grandes cartazes que as pessoas carregavam em nossos feriados. Nossas cores seriam as libertárias vermelha e preta do Movimento 26 de Julho, o que era lógico, pois o *Revolución* era a publicação oficial do movimento[...]⁸¹

Importa mencionar a ausência de endereço no cabeçalho nas primeiras edições, que se limitava a identificar a cidade de Havana, o que bem demonstra que ainda se seguiam as preocupações adotadas durante a guerrilha com a intenção de evitar o rastreamento por seus opositores.⁸² No entanto, sabe-se que no dia da vitória os insurgentes ocuparam o prédio da revista *Alerta* (1935-1959, La Habana), endereçado na rua Carlos III, número 615, na região de Habana Vieja, tornando as instalações do local a nova sede do *Revolución*, contratando parte dos antigos funcionários.⁸³

Até o dia 4 de janeiro, o jornal não mencionava a diretoria no cabeçalho. Fato que passou a ser identificado no dia seguinte, com os nomes de Ricardo Cardet,⁸⁴ ocupando a função de diretor, e Thelvia Marín (1922-2016), como administradora, na portada, embora logo no dia seguinte tenham desaparecido. Em 6 de janeiro, Carlos Franqui figurou como diretor e, embora não tenha sido possível encontrar justificativas para sua ausência a partir do nº 23, em sua autobiografia relatou que, quando a Revolução se consolidou, estava na Sierra Maestra e, posteriormente, foi para Santiago de Cuba, distante de Havana.

⁸⁰ Trata-se da publicação do dia 30/12/1959, que continha o anuário e as comemorações do primeiro ano do governo revolucionário.

⁸¹ FRANQUI, Carlos. *Op. cit.*, 1981, p. 34.

⁸² ALVES, Hélio Augusto de Souza. *Op. cit.*, p. 163-164. Hélio Alves teve acesso à fonte original durante pesquisa na biblioteca cubana “José Martí” e relatou o formato tabloide das novas edições.

⁸³ OCUPACIÓN DE ALERTA. *Revolución*, La Habana, año II, nº 23, 2 jan. 1959, p. 1 e 4.; FRANQUI, Carlos. *Op. cit.*, p. 30; 34-35.

⁸⁴ Cardet foi responsável pela seção da Reforma Agrária.

A partir de 4 de abril de 1959 foi divulgado o corpo editorial: diretor, Carlos Franqui; subdiretor, Euclides Vazquez Candela; administrador, Vicente Baez; diretor artístico, Ithiel Leon; conselho de direção, Emílio Guedes, Orestes Martínez, Carlos Irigoyen e Oscar Pino Santos; diretor do *Lunes de Revolución*, Guillermo Cabrera Infante.⁸⁵ O jornal também destacou outras informações, como o endereço da redação e da administração, era à Rua Carlos III, nº 615, na cidade de Havana, e o telefone. Todavia, em junho de 1960, ocorreu a mudança de endereço para o edifício do censurado jornal *Prensa Libre*, nas imediações da *Plaza Cívica*, na rua General Suárez. Posteriormente foi divulgado também correspondentes estrangeiros nos Estados Unidos, nas cidades de Nova Iorque e Miami, assim como em Porto Rico e em Caracas, na Venezuela. Beaulieu destacou os redatores de maior renome no periódico, a saber: Ernesto Vera, Faustino Miranda, Gregório Ortega, Ricardo Cardet, Raúl Corrales e Euclides Vázquez.⁸⁶ Todavia, cabe citar a participação de algumas mulheres, cujas contribuições serão investigadas ao longo do capítulo, que também possuíam reconhecimento profissional, como Thelvia Marín, Mirta Rodríguez Calderón, Rosa Hilda Zell e Edith Depestre (Sorel), que atuou como correspondente estrangeira da França.

O *Revolución* respaldava diariamente as decisões de Fidel Castro, conforme analisado por Hélio Alves, que destacou como o jornal foi fundamental para a construção da sua imagem pública. No mesmo sentido, cabe ressaltar a análise de Beaulieu, que o “...*Revolución era el diario más radical del momento: se hacía eco todas las decisiones y reformas del nuevo régimen y se convirtió en uno de los principales vehículos de la propaganda castrista*”.⁸⁷ Décadas depois, o apoio incondicional foi motivo de arrependimento por parte de Franqui, especialmente sobre o *paredón*, tema amplamente abordado pelo periódico na época das execuções.⁸⁸ Além disso, cumpre mencionar que o jornal passou por diversas mudanças em suas seções ao longo dos anos, incluindo alterações no tipo gráfico do próprio nome, além de formatos e ampliação de temas. A frente de notícias internacionais foi inicialmente segmentada em “Pagina de la America Latina” e “Prensa Norte

⁸⁵ Cumpre destacar a expansão do *Lunes de Revolución* para outros meios de comunicação, detalhado por Miskulin” Rapidamente Lunes conquistou um grande espaço, conseguindo criar uma editora, Ediciones R, dirigida por Cabrera Infante e posteriormente por Virgilio Piñera de 1960 a 1964. Sua primeira publicação em 1960 foi uma compilação de poesias de José Baragaño intitulada Poesía, revolución del ser. Na época era a única editora independente que restava em Cuba, já que as outras haviam sido nacionalizadas pela editora estatal Imprenta Nacional, sob a direção do escritor Alejo Carpentier. A televisão também abriu um espaço em horário nobre, onde realizaram o programa “Lunes en TV” e uma gravadora, Sonido R, foi fundada pelo grupo. Revolución também ampliou seu espaço fundando um estúdio de televisão”. MISKULIN, Sílvia Cezar. Cultura e política na Revolução Cubana: a importância de Lunes de Revolución. In: *Anais III Encontro da ANPHLAC*, São Paulo, 1998, p. 4.

⁸⁶ BEAULIEU, Sarah. *Op. cit.*, p. 168.

⁸⁷ *Ibidem*.

⁸⁸ *Ibidem*, p.168-170.; FRANQUI, Carlos. *Op. cit.*, 1981, p. 35-36.

Americana”, mas no semestre seguinte foi expandida para “Revolución Internacional”, em que eram divulgadas informações sobre eventos mundiais, além das relações de Cuba com outros países. Em 1960, por exemplo, observou-se que a seção foi publicada com outras temáticas, como “10 noticias mundiales” e “Algo de este mundo”.

Os editores dedicaram-se a oferecer uma cobertura abrangente dos eventos culturais e de entretenimento e, justamente por isso, divulgaram detalhes sobre os filmes em exibição, as peças de teatro e espetáculos, as programações de rádio e televisão. No ano de 1960, foram adicionadas recomendações de eventos e atividades, em “Revolución Recomendada”. Importa mencionar outras seções que compuseram o periódico, como a esportiva, em “Deportes de Revolución”, a “Economica” e a da Reforma Agrária, a “Revolución Agrária”, editada entre maio e dezembro de 1959, sob direção de Cardet.

Ao longo dos anos estudados foram publicados dois suplementos, o *Lunes de Revolución* e *Campo de Revolución*.⁸⁹ O primeiro, dedicado aos assuntos culturais e intelectuais, cujos temas variavam entre as edições com conteúdo monográficos, ou seja, todos sobre o mesmo assunto, como a visita de Sartre, a Reforma Agrária e Pablo Picasso. No entanto, havia edições diversificadas, que continham as seções “Cartas de Lunes”, “Punto de mira”, “Libros” e “A partir de cero”.⁹⁰ Já *Campo de Revolución*, apesar da duração, entre 3 de outubro e 14 de novembro de 1959, foi um importante suplemento dedicado aos camponeses. De acordo com Lima, os editores focaram nos temas “...relacionados à política de redistribuição de terras, à orientação revolucionária, à higiene pessoal e à difusão cultural própria à população camponesa”.⁹¹ Cabe destacar a contribuição de importantes nomes, como o fotógrafo Alberto Korda, o poeta Samuel Feijóo e Ricardo Cardet, todavia, a única mulher a assinar publicações foi Cira Sánchez de González, que divulgava o curso de “Corte e Costura”.⁹²

Esse triênio também foi marcado pelo esforço do jornal em alinhar-se às ações governamentais e endossar suas propostas, além de desempenhar a função de estreitamento de laços entre os líderes políticos, os heróis nacionais, e a população. No entanto, o que Franqui apontou como desafio, ao mencionar “...E se o *Revolución* não era oficial nem o porta-voz de nenhuma ideologia, era e se tornou o jornal da revolução. Isso constituía um desafio”,⁹³

⁸⁹ Sobre o suplemento *Campo de Revolución*, verificar: LIMA, Edinaldo Aparecido Santos de. *Op. cit.*

⁹⁰ “Punto de Mira” foi uma seção em que se publicavam resenha de livros e destacavam eventos culturais. Já “A partir de cero”, esteve a cargo de Virgilio Piñera, que divulgava a produção de jovens escritores e, muita dessas produções, eram inéditas. MISKULIN, Sílvia C. *Op. cit.*, 2003, p. 53, 132.

⁹¹ LIMA, Edinaldo Aparecido Santos de. *Op. cit.*, p. 84.

⁹² *Ibidem*, p. 89.

⁹³ FRANQUI, Carlos. *Op. cit.*, 1981, p. 35.

sugere o seu descontentamento com as divergências entre os grupos que se uniram para alcançar o poder e o que a disputa ideológica (de esquerda) expressava. Para o intelectual, a escolha ideológica dos dirigentes após a Revolução tendia a uma personificação política e à centralização de comando com os comunistas, contrariando os ideais do M-26/7.⁹⁴ Desse modo, os acirramentos entre os intelectuais do *Revolución* e militantes do PSP, em especial de seu jornal *Hoy*, se intensificaram com a conquista do poder. Com a deposição de Batista, os conflitos que haviam cessado naquele momento, voltaram-se para a disputa ideológica no interior do governo.

Apesar disso, o *Revolución* manteve-se alinhado às diretrizes do M-26/7 e, com o aumento de sua popularidade, passou a circular diariamente, com exceção dos domingos. Em março do primeiro ano, inaugurou o suplemento cultural *Lunes de Revolución*, sob direção de Guillermo Cabrera Infante, distribuído às segundas-feiras com variável quantidade de páginas, de 16 até 50 páginas.⁹⁵ Os redatores do suplemento abordaram temas diversos, incluindo “...obras ficcionais, ensaios, análises históricas, registros de eventos contemporâneos, de Cuba e do mundo...”, conforme destacou Miskulin.⁹⁶ Assim como o M-26/7 e o jornal *Revolución*, o suplemento *Lunes de Revolución* não se limitou a uma ideologia política específica, no entanto, seus editores buscaram inspiração no existencialismo de Jean-Paul Sartre e na psicanálise. Contudo, ao lançarem o editorial “*Una posición. Haciendo lo que es necesario hacer*”, ressaltaram que não se rotulavam como comunistas nem como anticomunistas, apesar de se posicionarem críticos à União Soviética.

O propósito do suplemento era popularizar a cultura universal e elaborar uma nova identidade cultural, desconsiderando a construída até a Revolução.⁹⁷ Além de incentivar os escritores e artistas cubanos a publicarem em suas páginas, os editores se preocupavam com os acontecimentos históricos no plano internacional, sendo assim, em conjunto com o jornal *Revolución*, convidaram intelectuais prestigiados internacionalmente para visitarem Cuba, como foi o caso de Pablo Neruda, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir.⁹⁸ Os colaboradores mais frequentes foram o próprio diretor, Cabrera Infante, bem como o vice-diretor, seguidos por Pablo Armando Fernández, Virgilio Piñera, Antón Arrufat, José Alvarez Baragáño, Rine Leal, Oscar Hurtado, Heberto Padilla, Calvert Casey e Humberto Arenal. Intelectuais

⁹⁴ O M-26/7 não possuía ideologias definidas, a atuação do movimento tinha como o objetivo principal libertar Cuba do imperialismo norte-americano, enquanto seus integrantes acreditavam nos ideais nacionalistas e valorizavam a liberdade de pensamento dentro do movimento.

⁹⁵ MISKULIN, Sílvia C. *Op. cit.*, 2003, p. 54.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 38.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 38-41.

⁹⁸ Sobre a visita de Sartre e Beauvoir, consultar: MASSAMBONE, Ingrid Thibes. *Op. cit.*, 2018.

estrangeiros também foram convidados a publicar no suplemento, como Ernest Hemingway, Jorge Luis Borges, Miguel Ángel Asturias, Pablo Picasso e André Breton.⁹⁹

A polêmica que resultou no fechamento do suplemento aconteceu após a proibição, em maio de 1961, do documentário *P.M.*, abreviatura da expressão *Post-meridien*, filmado por Sabá Cabrera Infante, irmão de Guillermo Cabrera Infante, e Jiménez-Leal, com financiamento do *Lunes de Revolución*. O filme retratava o cotidiano noturno da região portuária de Havana, incluindo restaurantes e bares, bem como seus frequentadores. Alfredo Guevara, diretor do ICAIC, proibiu a exibição do documentário, pois, segundo afirmou Miskulin, tratava-se do “...pior dos mundos: a prostituição, o alcoolismo e o tráfico de drogas, o que era inadmissível e incompatível com a sua visão de cinema cubano...”.¹⁰⁰

A exibição do documentário *P.M.* na Biblioteca Nacional gerou debates e os intelectuais do PSP e dos dirigentes do *Hoy*, defensores do realismo socialista,¹⁰¹ que acreditavam que as produções artísticas e cinematográficas deveriam servir como propaganda ideológica, razão pela qual consideravam a produção contrarrevolucionária. Já em sua defesa estavam os intelectuais do *Revolución* e do *Lunes de Revolución*, além da destacada presença de Haydée Santamaría e seu marido, o Ministro da Educação, Armando Hart Dávalos, que se posicionaram contra a medida de censura imposta.¹⁰² A censura ao documentário e o fechamento do suplemento ocorreram no mesmo ano, assim como o discurso de Fidel Castro, “*Palabra a los Intelectuales*”, em junho de 1961, que encerrou a série de debates realizados na Biblioteca Nacional sobre o documentário, onde enfatizou que “Dentro da Revolução, tudo; Contra a Revolução, nada”. Esse discurso de Fidel foi um marco para o estabelecimento dos limites da liberdade de expressão em Cuba. O *Lunes de Revolución*, sob o pretexto de falta de papel de impressáveis, deixou de circular em novembro de 1961.

Em poucos anos, em 1965, Guillermo Cabrera Infante decidiu se exilar e publicou obras autobiográficas, como o *Mea Cuba*,¹⁰³ sobre suas experiências durante o processo revolucionário, incluindo sua relação com outros guerrilheiros do alto escalão e as razões que

⁹⁹ MISKULIN, Sílvia Cezar. *Op. cit.*, 2003, p. 44.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 166-167.

¹⁰¹ Cabe ressaltar que mesmo contra o documentário *P.M.*, Alfredo Guevara, diretor do ICAIC, não era Realista Socialista, política cultural fundada na União Soviética entre as décadas de 30 e 40, com rígidas regras para a arte e propaganda revolucionária. *Vf.*: MISKULIN, Sílvia C. *Op. cit.*, 2003, p. 147.

¹⁰² MISKULIN, Sílvia Cezar. *Op. cit.*, 2003, p. 168. O episódio também foi relatado por Carlos Franqui, que dedicou um capítulo para narrá-lo em sua autobiografia. *Vf.*: FRANQUI, Carlos. *Op. cit.*, 1981, p. 134-136.

¹⁰³ De Cabrera Infante, destacam-se as obras “*Mea Cuba*” (1993) e “*Cuerpos Divinos*” (2010). De Franqui, “*Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad?*” (2006) e “*Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro*” (1998).

o levaram a sair do país.¹⁰⁴ Franqui saiu da direção do *Revolución*, que continuou a ser publicado até 1965. Nesse mesmo ano, fundiram-se o *Hoy* e o *Revolución*, o que deu origem ao *Granma*, que permanece em circulação. Durante os anos analisados, a indicação no cabeçalho do *Revolución* como “*Órgano del Movimiento 26 de Julio*” permaneceu constante, evidenciando que não era oficialmente reconhecido como veículo estatal até 1965, com a fusão do M-26/7, do PSP e do Diretório Estudantil para formar o Partido Comunista Cubano.

1.2. Mulheres e suas organizações políticas no *Revolución*

A fim de averiguar a presença das mulheres e suas representações, seja como colaboradoras ou como tema do jornal, em suas atuações políticas individuais ou coletivas, a estratégia metodológica escolhida foi a de estabelecer alguns critérios de busca, a saber: 1. as mulheres que publicaram no periódico e a identificação dos temas que abordaram e, ainda, 2. menções, não necessariamente feitas por colaboradoras, acerca das revolucionárias Vilma Espín, Haydée Santamaría e Violeta Casals, que participaram da luta armada como integrantes do M-26/7, que serão exploradas nos próximos capítulos, consecutivamente. Para evidenciar as análises, foram desenvolvidos quadros que sintetizaram as atribuições das publicações, assinadas por mulheres, homens, redação e instituições, tais como a Federação de Mulheres Cubanas (FMC), a Seção Feminina do Movimento 26 de Julho (SFM-26/7), ministérios governamentais, como o Ministério de *Bienestar Social*, e órgãos de imprensa, como a *Prensa Latina*¹⁰⁵ e a revista do Instituto Nacional de Reforma Agrária, o INRA (1960-1962, La Habana).

Quadro 3 – Mulheres que assinaram publicações no jornal *Revolución*

Nome	Número de contribuições
Rosa Hilda Zell (Adriana Loredó; A. L.)	125
Mirta Rodríguez Calderón (Mirta)	102
Alicia G. Gonzalez	60
Thelvia Marín	19
Edith Depestre (Edith Sorel)	17
Luisa Mariana Arteaga	14
Haydée Santamaría	9
Pastorita Núñez	6

¹⁰⁴ FAVATTO JÚNIOR, Barthón. *Op. cit.*, 2012.

¹⁰⁵ Fundada em 16 de junho de 1959, a sede ficava em Havana e utilizavam as siglas PL em suas publicações.

Graziella Pogolotti; Ana R. de Cruz	5
Lourdes Regato Fano; Simone de Beauvoir	4
Vilma Espín; Loló de la Torriente; Olga Espigul; Vicentina Antuña; Nivaria Tejera	3
Violeta Casals; Josefina Castro Ruay; Mirta Aguirre; Maria Elana Llana; Raquel Perez; Evangelina Chió; Myriam Acevedo; Fornaria Fornaris; Michele Manceaux; Maria Teresa Freyre de Andrade; Henriqueta Comas de Marrero; Cira Sánchez de González.	2
Georgina Herrera; Simone Weil; Elvira Lopes; Carlota Miró; Nancy Delbert; Lydia Cabrera; Nydia Sarabia; Ondina Alvarez; Josedina Jacobs; Raquel Bara Farfán; Angela E. Díaz Vallina; Leslie Rodriguez Aguilera; Elena Mederos; María Teresa Cano; Marta Frayde Barraqué; Catherine Valogne; Annie Brierre; Susana Alvarado; Fabíola Corvo; Raquel Correa; Elba Acosta Méndez; Maria A. Martínez Guayanes; Julieta Campos; Laura de Albizu; Gilma Riera; Ada Ardo; Juana Zuñiga; Ana Maria Simon; Sarah Teresa Escobar; Sarah Guasch; Clara Niggeman; Gladys Zaldivar; Eva Vastari; Ilya Ehrenburg; Isolina Triay; Aida dell Valle; Ana Louise Strong; Carmen Lovelle; Jarmila Houfov; Deba Wieland; Jirina Klimentova; Jirina Klimentova; Olga Andreu; Margot Torres; Elizabeth Flynn; Maria Trasancos; Iris Dávila de Lage; Nidia Alonso; Aurora Fernández	1

Fonte: *Revolución*, La Habana, 1959-1961. Elaborado pela autora.

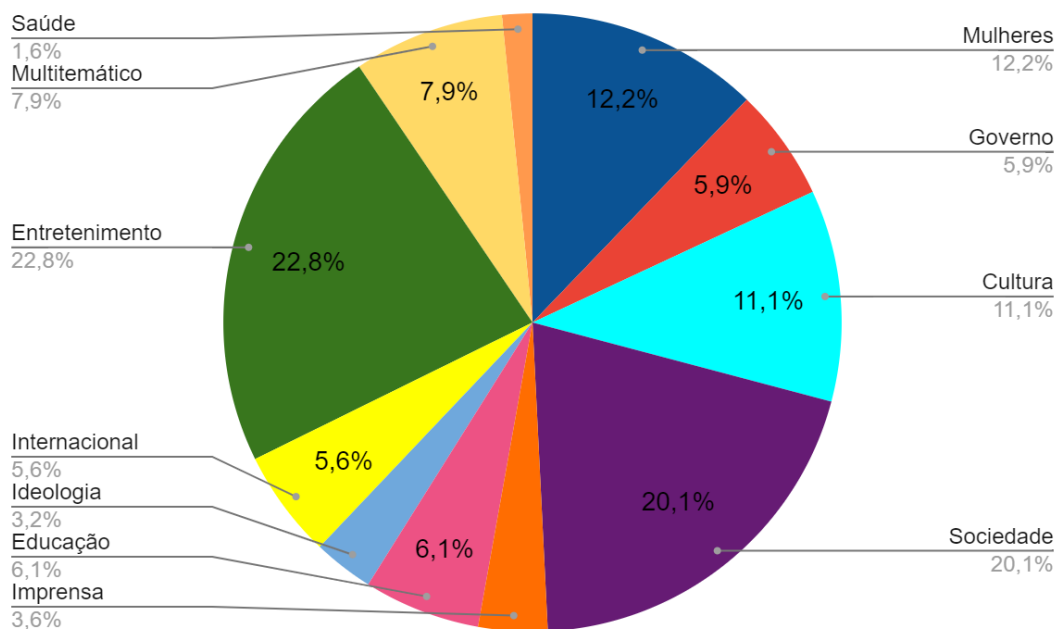
Conforme observado na Quadro 3, foram identificadas dezenas de matérias, indicando uma vasta colaboração das mulheres no jornal *Revolución*. Estima-se que, em média, 78 mulheres tenham produzido cerca de 445 matérias ao longo do triênio.¹⁰⁶ E, para identificar a diversidade de suas contribuições, foram destacados oito gêneros textuais e jornalísticos, contando também com diversos gêneros literários, reunidos em um único grupo. Em questão quantitativa, foram localizados: 175 artigos de opinião; 81 notícias; 62 receitas culinárias; 34 reportagens; 28 obras literárias incluindo cartas, crônicas, contos, poemas e poesias; 7 cartas; 4 respostas; 27 textos institucionais; 2 trechos de livros filosóficos; 2 discursos transcritos; e, por fim, 1 depoimento.

Além disso, outra possibilidade de análise que foi explorada foi a identificação das principais temáticas das colaboradoras, divididas em: mulheres, que abordam notícias do seu

¹⁰⁶ Considerando que o mapeamento foi realizado visualmente, página a página, com o objetivo de selecionar todas as matérias que envolvem a temática, não ausenta a possibilidade de que alguma possa ter sido extraviada.

próprio gênero; governo,¹⁰⁷ cultura, sociedade, imprensa, educação, ideologia,¹⁰⁸ internacional, entretenimento, conteúdos multitemáticos e saúde. Dessa forma, foi possível selecionar as matérias que tem como temática as mulheres, conforme observamos no Gráfico 1, percebe-se que a reflexão sobre as suas próprias condições social representou apenas 12,3% das matérias publicadas.

Gráfico 1 – Temas abordados pelas colaboradoras no jornal *Revolución*



Fonte: *Revolución*, La Habana, 1 de enero de 1959 a 31 de diciembre de 1961.

A fim de relacionar as informações entre os gêneros textuais e as temáticas, foram determinadas para a descrição as colaboradoras mais frequentes do periódico até as que publicaram uma única vez. A primeira colaboradora a ser destacada é Rosa Hilda Zell,¹⁰⁹ com pelo menos 121 publicações, seja com seu nome ou com seu pseudônimo A. L. ou Adriana Loredó. A jornalista assinava a coluna “Metiendo la Cuchara”, dedicada ao público feminino,

¹⁰⁷ Projetos revolucionários (Assistência Social; Educação; Alfabetização; Reconstrução e Desenvolvimento Nacional; Habitação; Reforma Agrária; Treinamento de Brigadas Universitárias; Área Rural; Criação de Comitê de Defesa da Revolução "Félix Elmuza"); Ministério da Fazenda; Lei de Reforma Agrária; Eventos Cívicos; Campanha de Hospedagem; Feriado de 26 de julho; Turismo; Ministério de Bienestar Social e Recuperação de Bienes Malversados; Decreto de Distribuição de Alimentos; Comemoração de Aniversário da FMC.

¹⁰⁸ Desenvolvimento Nacional; Elevação do Bem Estar Social (Pós-revolução); Defesa da Revolução Cubana; O processo revolucionário cubano; Resenha de obras de José Martí e Liberdade Social (Comparação Antes e Pós-Revolução).

¹⁰⁹ Rosa Hilda Zell também escrevia sobre culinária e cuidados domésticos para a revista *Bohemia*, utilizando o pseudônimo de Adriana Loredó, ou A. L. A hipótese investigativa é que utilizava desse pseudônimo durante a ditadura para fugir da censura e da repressão e, posteriormente, adotou como parte de sua assinatura jornalística.

inaugurada em 25 de junho de 1959, nas páginas 7 ou 9. Em seus artigos, Zell instigava reflexões em suas leitoras sobre as demandas sociais das mulheres e sobre as resoluções adotadas pelo governo revolucionário.

Na sequência temporal do periódico, publicou-se a subcoluna “Hágalo Así”, assinado por A. L., iniciais correspondentes às de Adriana Loredo, a quem se atribui a autoria. Nessa seção, A. L. compartilhava com as leitoras suas receitas e orientações culinárias. Também foi adicionada posteriormente a página da coluna “A media voz”, cuja autoria não era identificada, e que oferecia orientações de beleza, moda e cosméticos. Já como Adriana Loredo, eram publicadas crônicas sobre a sociedade cubana, especialmente temas envolvendo a infância. Durante um período de quatro meses, a seção foi veiculada em 26 oportunidades, sendo a última delas em 29 de outubro de 1959. No entanto, Zell continuou a contribuir com outros artigos para o periódico, em especial sobre a participação das mulheres no processo revolucionário.

Outra colunista que teve grande destaque no *Revolución* foi Mirta Rodríguez Calderón, que assinava a coluna “Puntadas” como Mirta, e ao todo publicou aproximadamente 103 matérias. Posteriormente, “Puntadas” ganhou espaço na seção especial da semana, como “Carrousel de Femeidades”. Calderón também foi a responsável por noticiar sobre a SFM-26/7, organização de mulheres a qual era presidente, dessa formava, assinava os textos institucionais em formato de informes no jornal. A sua coluna “Carrousel de Femeidades” contabilizou 39 publicações e a “Puntadas”, 71, entre 17 de maio e 12 setembro de 1960, localizadas nas páginas 7 ou 13 das edições, indicando um lugar previamente fixo na disposição geral. As temáticas abrangiam o cenário internacional de movimentos femininos, noticiando o Congresso de Mulheres Latino-americanas e a Federação Democrática Internacional de Mulheres,¹¹⁰ e os movimentos nacionais, tais como a Asociación Femenina Médico Revolucionaria, o Congresso de Mulheres Cubanas e a Unidade Feminina Revolucionária, que culminou na criação da FMC.¹¹¹ Além dos artigos de opinião

¹¹⁰ Fundada no fim de 1945, em Paris, a Federação era integrada por membros do Partido Comunistas ao redor do mundo, que se aliavam a União Soviética.

¹¹¹ A FMC tinha por objetivo, o “...aperfeiçoamento social e cultural, representando a ponte entre o Estado e as mulheres, ao atuar junto a outras organizações de massas...”. A estrutura da FMC está presente a nível nacional, provincial, municipal e de base, atuando junto com alguns ministérios e organismos do governo, para garantir a inclusão da mulher no mercado de trabalho, como também para garantir a igualdade das mulheres em todos os âmbitos e aspectos sociais. As principais ações da FMC são: “(1) Estudio y promoción de la legislación sobre mujer y familia, (2) divulgación jurídica de los derechos de las mujeres y las vías de demandarlos, (3) Casas de Orientación de la Mujer y la Familia, (4) Investigación sobre los principales problemas que enfrenta la mujer, sus intereses y opiniones, (5) Publicación de la Revista Mujeres, destinada a promover una imagen no sexista de la Mujer, (6) Centro de Información y Documentación sobre la mujer”. Vf.: https://www.ecured.cu/Federaci%C3%B3n_de_Mujeres_Cubanas.

publicados em sua coluna, Calderón também foi responsável por assinar reportagens, notícias e entrevistas no *Revolución*.

Em seguida, cabe destacar a colunista Alicia G. González, que assinava a coluna “OTV Informa”, representando a *Organización de Trabajadores Voluntarios*, do M-26/7, entre o período de 11 de novembro de 1959 e 7 de julho de 1960, que variava entre as páginas 5 e 7, próximo às demais notícias nacionais, que contabilizou aproximadamente 61 notícias. O objetivo da coluna era centralizar as demandas de trabalhos voluntários na cidade de Havana, em sua maioria realizado nos finais de semana, voltados ao reflorestamento urbano em parques e a aplicação de censos escolares.

Outra colaboradora com maior participação foi Thelvia Marín, no entanto, realizada somente no ano de 1959. Suas principais contribuições foram na seção de Reforma Agrária, coluna em evidência no *Revolución*, além de realizar entrevistas, em destaque com a mexicana Gabriela Ortiz, que auxiliou os exilados durante o período em que estiveram reunidos no país.¹¹² Marín também publicou artigos em defesa da Revolução em contribuições esporádicas.

Em seguida, importa ressaltar seis mulheres que publicaram casualmente, como Luisa Mariana Arteaga Marín, Edith Depestre,¹¹³ Graziella Pogolotti, Ana R. de la Cruz e Simone de Beauvoir. Luisa Marín foi correspondente da região de Camagüey e assinava como editora da seção de sua região, “Revolución en la región de Camaguey”, contabilizando 13 artigos no jornal no período de 14 de agosto de 1959 a 27 de outubro de 1961. Apesar da pouca presença no jornal, a periodização foi prolongada por quase dois anos de duração. Edith Depestre publicou seu primeiro artigo em 26 de fevereiro de 1960, sobre a visita de Simone de Beauvoir a Cuba, e em 21 de março o *Lunes de Revolución* publicou a entrevista que fez com a filósofa. Verificou-se que sua participação se estendeu até junho de 1960.

Importa destacar o artigo de Edith Depestre sobre Beauvoir foi o responsável por introduzir os pensamentos da filósofa na ilha, na oportunidade recordou as frequentes visitas do casal ao Café de Flore no período pós segunda guerra, em meados de 1946, quando o existencialismo tomou a atenção da imprensa internacional. No entanto, ao destacar a obra *O Segundo Sexo*, justificou em uma breve menção que a recepção da obra foi controversa entre os leitores,

¹¹² MARIN, Thelvia. Con cuatro personas como Ud. Yo gano la revolución. *Revolución*, La Habana, año II, nº 44, 26 de enero de 1959, p. 21.

¹¹³ Edith Depestre foi casada com o intelectual Rene Depestre, no entanto, ao se divorciarem no ano de 1961, a colaboradora mudou-se para França e adotou o sobrenome Sorel. Em Paris, tornou-se correspondente estrangeira do jornal *Revolución*. Seguindo a ordem dos acontecimentos e em busca de facilitar a leitura, mencionaremos os sobrenomes Depestre e Sorel, conforme a própria assinatura da autora.

[...] **Se puede no estar** de acuerdo con algunas de las conclusiones de 'Segundo Sexo', de una singular audacia, **pero es difícil permanecer indiferente** a las profundidades de los análisis psicológicos y sociológicos que iluminan de principio al fin estos dos volúmenes[...] ¹¹⁴

O trecho evidencia o incômodo com o pensamento de Beauvoir a respeito da condição da mulher na sociedade, que não deixa de fazê-lo durante as viagens. Apesar de ser sua obra mais proeminente e, por consequência, a mais polêmica, o periódico abordou de modo sutil, não identificando especificamente quem discordou, ainda que parcialmente, de algumas de suas conclusões. Por esse motivo, o artigo de Depestre foi significativo para o desenvolvimento das questões que envolvem a temática. Em 1961, Edith Sorel adotou o nome sobrenome após o divórcio com René Depestre. Após se mudar para Paris, tornou-se correspondente estrangeira do *Revolución*. Devido à disponibilização da fonte, não foi possível averiguar se Sorel contribuiu em outras oportunidades. Além da série de artigos “PARIS; HABANA”, a correspondente também noticiou sobre a repercussão da Revolução Cubana na França, os desdobramentos da guerra na Argélia, a atuação política dos intelectuais Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre em defesa da Revolução, além de entrevistar Jacques Duclós, que na época exercia o cargo de secretário do Partido Comunista francês.

Sobre Graziella Pogolotti, averiguou-se que a sua colaboração se restringiu ao ano de 1960, a hipótese considerada para essa pouca duração deve-se pelo fato de que Pogolotti integrava o PSP e, por este motivo, suas colaborações chegaram ao fim quando se intensificaram os conflitos entre os intelectuais do *Hoy* (PSP) e os do *Revolución* (M-26/7). Em sequência, Ana R. de la Cruz assinava como correspondente regional da Provincia do Oriente, com artigos e reportagens sobre notícias do espaço rural e de seus moradores, no período de 8 de março de 1959 a 4 de setembro de 1961.

Já a filósofa Simone de Beauvoir publicou no *Revolución* durante a sua primeira passagem na ilha, especialmente sobre a sua experiência com os líderes políticos, como Fidel Castro, e sobre a importância da experiência revolucionária para o povo cubano.¹¹⁵ Posteriormente a sua visita, foi publicada a transcrição traduzida da entrevista que cedeu a Claude Julien, em 15 de abril de 1960, que ocupou três páginas do jornal.¹¹⁶

Ainda assinaram textos de opinião nomes com duas ou uma única colaboração, que juntos representam uma quantidade expressiva da presença feminina no jornal. A saber,

¹¹⁴ DEPESTRE, Edith. *Simone de Beauvoir, un testigo de nuestro tiempo*. *Revolución*, La Habana, 2ª ed., año III, nº 377, 26 de febrero de 1960, p. 2. *Destaque nosso*.

¹¹⁵ BEAUVOIR, Simone de. Fidel Castro. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 395, 18 de marzo de 1961, p. 17-18.

¹¹⁶ JULIEN, Claude. La Revolución Cubana vista por la Simone de Beauvoir. *Revolución*, La Habana, año III, nº 419, 2ª ed., 15 de abril de 1960, p. 2 e 16.

Michele Mandeaux e Haydée Santamaría, com dois textos cada; e 23 assinam colaboração única: Fornarina Fornaris, Ilya Ehrenburg, Isolina Triay, Jarmila Houfova (Prensa Latina), Margot Torres, Julieta Campos, Laura de Albizu, Sarah Teresa Escobar, Maria A. Martínez Guayanes, Mirta Aguirre, Evangelina Chió, Josefina Cabrera, Vilma Espín, Nidia Alonso, Elba Acosta Méndez, Annie Brierre, Catherine Valogne, Dra. María Teresa Cano, Nivaria Tejera, Maria Elana Llana (redatora), Lolo de La Torriente, Violeta Casal e Nydia Sarabia. Importa também ressaltar a ausência de publicação textual de Célia Sánchez, sendo a única entre as revolucionárias com cargos relevantes dentro do espectro político a não dialogar com o jornal.

Em relação às reportagens, 11 mulheres foram selecionadas, sendo Mirta Rodríguez Calderón com maior expressividade, contabilizando 13 publicações, dentre elas, fotografias de fotojornalistas renomados, como Marino Bueno, Korda, Mayito, Raul Corrales, Fonseca e Soroa. Posteriormente, com apenas uma reportagem cada: Evangelina Chió, com fotografia de José A. Trutié; Rosa Hilda Zell; a correspondente da *Prensa Latina*, Raquel Correa, na seção “Internacional”; a atriz Myriam Acevedo; Luisa Mariana Arteaga Marín; Carmen Lovelle; Ana Rodríguez, com fotografia de Mayito; Jirina Klimentova; Edith Sorel e Aida Del Valle, com fotografia de Mario Ferrer.

O critério de seleção para textos institucionais foi o de subscrições das mulheres que ocuparam os cargos de liderança. Em primeiro lugar, Pastorita Núñez¹¹⁷ assinou duas declarações públicas e cinco convocações nacionais representando o Instituto Nacional de Ahorro y Viviendas (INAV); seguida por Haydée Santamaría, diretora da *Casa de las Américas*, com um anúncio, uma divulgação de concurso e quatro convocações. Ainda com maiores contribuições, foram veiculadas três convocações nacionais da diretora geral da cultura, Dr^a. Vicentina Antuña, e Vilma Espín teve duas convocações nacionais e um informativo do Congresso de Mulheres Cubanas e da FMC.¹¹⁸ Com uma publicação cada: informe da presidente do *Comité da Unidad Femenina Revolucionaria*, Carlota Miró; informe de Leslie Rodríguez Aguillera, do Decano Nacional; informe da ministra de Bienestar Social, Elena Mederos; convocação de Mirta Rodríguez Calderón da SFM-26/7; convocação de Maria Teresa Freye de Andrade da Biblioteca Nacional “José Martí”; informativo de Edith Depestre também sobre a mesma biblioteca; anúncio público da ministra Raquel Perez de

¹¹⁷ Pastorita Núñez González (1921-2010) foi uma importante militante de oposição às ditaduras sofridas por Cuba, desde Gerardo Machado. Integrou o Partido Ortodoxo e posteriormente o M-26/7, sendo, do mesmo modo, uma das fundadoras da Frente Cívico de Mulheres Martianas (1952-1959).

¹¹⁸ A Federação de Mulheres Cubanas foi criada em 23 de agosto de 1960, em Havana, a partir de uma assembléia dirigida por Fidel Castro nas instalações da *Confederación de Trabajadores de Cuba* (CTC), que instituiu como presidente Vilma Espín, que ocupou o cargo até seu falecimento, em 2007.

Miret, na pasta do Bienestar Social; por fim, de Gilma Riera, informativo do Congresso de Mulheres Cubanas.

Mirta (Mirta Rodríguez Calderón) foi a maior produtora de notícias, ao todo somam-se 13. Em sua maioria o tema foi o Congresso de Mulheres Cubanas (12), no entanto, Calderón acompanhou o processo de unificação das organizações de mulheres e publicou sobre a Unidad Femenina Revolucionaria (UFR), Vilma Espín (que ocupava o cargo de vice-presidente da UFR) e a FMC. As demais são colaborações únicas encontradas de Elvira Lopes, a redatora Olga Espigul, Angela E. Diaz Vallina e Ana R. de la Cruz.

A respeito dos textos literários veiculados pelo suplemento cultural *Lunes de Revolución*, conhecido por incentivar escritores amadores a divulgarem seus trabalhos, muitas vezes inéditos, destacou-se a riqueza literária em suas edições, contando com crônicas, contos, poesias e poemas. As mulheres que publicaram foram: Lydia Cabrera, Ondina Alvarez, Josedina Jacobs, Nivaria Tejera, Ada Ardo, Zuana Zuñiga, Ana María Simo (com ilustração de Antonia Eiriz), Fornaria Fonaris, Sarah Guasch, Clara Niggeman, Gladys Zaldivar, Eva Vastari, Ana Louise Strong, Evora Tamayo e Olga Andreu. Além disso, foram publicadas obras de autoras estrangeiras pelo editorial, como das intelectuais francesas Simone Weil (1909-1943)¹¹⁹ e Simone de Beauvoir, outra participação internacional foram os contos da mexicana Raquel Barda Farfán.¹²⁰

Além das entrevistas já citadas, cabe também mencionar outra colaboradora menos frequente, Lourdes Regato Fano, redatora do periódico. Fano assinou a série de entrevistas “*Luchadoras en la clandestinidad*”, com cinco mulheres que participaram do processo revolucionário, todas essas publicadas ainda no primeiro semestre de 1959. Entre elas, destaca-se a participação de Blanca Niubó, Inés Goicoechea de la Flor e Liliam Mes Diaz, que serão analisadas no segundo capítulo. Outra entrevista prestigiada foi dirigida por Violeta Casals com Glória Gaytán, em 24 de abril de 1959, durante sua passagem em Cuba, noticiada na primeira página da edição.¹²¹ Casals foi uma renomada atriz, cantora e militante do M-26/7, que desempenhou a função de locutora na *Rádio Rebelde* durante o processo revolucionário no ano de 1959 e, apesar de ter apenas um artigo de sua autoria no periódico, foi uma das revolucionárias que mais repercutiu nas matérias do *Revolución*. Com menos expressividade de publicações, importa mencionar o direito de resposta cedido a Haydée

¹¹⁹ WEIL, Simone. La condición obrera. *Revolución*, La Habana, Lunes de Revolución, año II, nº 125, 31 de abril de 1959, p. 11 e 12.

¹²⁰ Não foram identificadas as datas de nascimento ou falecimento de Raquel Barda Farfán.

¹²¹ Filha de um dos líderes políticos mais expoentes da esquerda na América Latina, Glória teve seu pai, Jorge Gaytán, assassinado em 1948, e sua morte gerou uma das maiores revoltas populares da história do país, conhecida como *El Bogotazo*.

Santamaría na revista *Coronet* (EUA, 1936-1971), em 18 de março de 1959, que questionava a sua atuação no processo revolucionário.¹²² Além das transcrições dos discursos de Aida Pelayo, a cargo da coordenação da Frente Cívico de Mujeres Marianas, em 7 de janeiro de 1959, e de Pastorita Núñez, em 18 de novembro de 1960.

1.3. Publicações institucionais sobre as mulheres e seus movimentos

Essa categoria soma 118 textos, sendo respectivamente identificado por anos a quantidade de 48, 9 e 61. Entre as instituições de público feminino que se destacaram, em ordem de aparecimento, foram a SFM-26/7, com 41 publicações, entre 16 de junho e 11 de dezembro de 1959, seguida pela FMC, com 78, no período de 9 de novembro de 1960 até o final do mapeamento, entretanto, não foi possível identificar o tempo exato de suas colaborações. Os principais temas que envolveram as publicações da SMF-26/7 foram os censos de mulheres e crianças, campanhas de assistência social e convocações para novas integrantes.¹²³ Já a FMC emitiu informes das plenárias realizadas em níveis regional, provincial e nacional, bem como a divulgação das atualizações dos *Círculos Infantiles*¹²⁴ e a Campanha de Alfabetização. Diferentemente da SMF-26/67, a FMC assinou uma coluna no período, ao todo contabilizou 53 colaborações, nas quais divulgava temas cotidianos com pequenas ilustrações, conquistas da federação, como a integração das mulheres em diversos trabalhos e cursos profissionalizantes, tal como, por exemplo, o curso de Corte e Costura.

As demais, a saber: as correspondências internacionais da *Prensa Latina* (4); divulgações e convocatórias do Congresso de Mulheres Cubanas (2); e com apenas uma publicação cada, as mulheres foram convocadas pelo Comitê Revolucionário. Em outro momento ocorreu a divulgação da participação de Violeta Casals na *Radio Emisora CMZ*, que pertencia ao Ministério da Educação; reportagem sobre as mulheres do campo pela revista do INRA¹²⁵; além da campanha do Comité Nacional Pro Ayuda a Chile e Sección Femenina de

¹²² SANTAMARÍA, Haydée. Refuta a 'Coronet' Haydée Santamaría. *Revolución*, La Habana, año II, nº 87, 18 de marzo de 1959, p. 1 e 2.

¹²³ Para exemplificar, uma das campanhas foi divulgada a partir de 1 de outubro de 1959, arrecadando doações de brinquedos para as crianças camponesas, entregues no Natal. *Vf.*: Sección Femenina del Movimiento 26 de Julio. Ni una niña sin juguetes. *Revolución*, La Habana, ano II, nº 254, 1 de octubre de 1959, p. 3.; Ni una niña sin muñeca en la navidad. *Revolución*, La Habana, ano II, nº 255, 2 de octubre de 1959, p. 18.; Ni una niña sin muñeca en la navidad de la libertad. *Revolución*, La Habana, ano II, nº 258, 6 de octubre de 1959, p. 3.

¹²⁴ Refere-se às creches criadas para atender a demanda das mulheres trabalhadoras, tema que será investigado no próximo capítulo.

¹²⁵ Instituto Nacional de Reforma Agraria (INRA). Mujeres matanceras ayudan a construir 117 casas de campo. *Revolución*, La Habana, año II, nº 263, 10 de octubre de 1959, p. 4.

la Asociación de Jóvenes Rebeldes; por fim, homenagem às revolucionárias realizadas pelo Comitê de Mulheres Soviéticas.

1.4. Textos assinados por homens sobre as mulheres e suas organizações

Já em relação aos textos assinados por homens, foram selecionadas 63 matérias de 42 autores, inseridos na Quadro 4, a seguir. Por maior quantidade de contribuições, destacou-se o correspondente regional de Santiago de Cuba, César Marín, com 10 publicações, seguido por autores que publicaram em apenas 3 oportunidades: Aldo Isidró del Valle; Santiago Cardosa Arias; Raul Lluís Espinel e Salvador Escalona. Com duas publicações foram Lisandro Otero; Mariel; Júlio César Martínez e Manolo García. Já com apenas uma publicação sobre as mulheres, grupo que compõe a maior parte dos autores, são estes: Manolo Alvarez; Jose Vazquez; Néstor Duarte; Rafael Balbuena; Fausto Canel; Mario Sarraf; o correspondente regional Júlio Luis Sánchez; Severo Otero; Anibal Barrera; Jaime Saruski; Ramon Camaraza; o jornalista francês, Claude Julien; Rene Depestre; Elpio C. Guerra; Roger Caillois; o poeta chileno, Pablo Neruda; José Lorenzo Fuentes; o colunista Jacobino; Luis Baez; Ricardo Cardet; Oscar F. Rego; Rolando Ramirez; Aquiles Heel; Angel Cuiñas Fernández; Abelardo Garcia-Berry; Ernesto Vera; Tony Isla; Benjamin de la Vega; Phoncio Glemaud, presidente do Comitê Revolucionário do Partido União Nacional Progressista do Haiti; Pedro Meluzá; Jesús González Llera e Oscar II. Masdeu.

Quadro 4- Homens que assinaram publicações sobre mulheres e suas organizações no *Revolución*

Nome	Número de contribuições
César Marín	10
Aldo Isidró del Valle; Raul Lluís Espinel; Salvador Escalona	3
Lisandro Otero; Mariel; Júlio César Martínez; Manolo García	2
Manolo Alvarez; Jose Vazquez; Néstor Duarte; Rafael Balbuena; Fausto Canel; Mario Sarraf; Júlio Luis Sánchez; Severo Otero; Anibal Barrera; Jaime Saruski; Ramon Camaraza; Claude Julien; Rene Depestre; Elpio C. Guerra; Roger Caillois; Pablo Neruda; José Lorenzo Fuentes; Jacobino; Luis Baez; Ricardo Cardet; Oscar F. Rego; Rolando Ramirez; Aquiles Heel; Angel Cuiñas Fernández; Abelardo	1

Garcia-Berry; Ernesto Vera; Tony Isla; Benjamin de la Vega; Phoncio Glemaud; Pedro Meluzá; Oscar II. Masdeu.	
--	--

Fonte: *Revolución*, La Habana, 1959-1961. Elaborado pela autora.

Foram identificados pelo menos oito tipos de textos jornalísticos produzidos por homens. Essa seleção partiu do critério de verificação dos nomes das mulheres e suas organizações (a temática da pesquisa) como parte importante do conteúdo. Sendo assim, a partir deste tópico, também será avaliada a relevância da temática no texto, pois averiguou-se que em pelo menos 50 matérias as mulheres e suas organizações foram o assunto principal, em contrapartida, 13 matérias em que sua presença foi assunto coadjuvante do conteúdo. Desse modo, quando identificadas apenas menções diretas no texto, sem o desenvolvimento no conteúdo, desconsiderou-se.

As notícias foram assinadas por 11 autores, sendo três correspondentes regionais do *Revolución*: César Marin, da região de Matanzas, com sete publicações; seguido por Raul Lluís, de Pinar del Río, com uma; e Rafael Balbuena, da Central Antonio Guiteras, com também uma notícia. Com duas publicações foram identificados Salvador Escalona e Manolo García, seguidos por subscrições de uma colaboração: Santiago Cardosa Arias; Jesús González Llera; Júlio Luis Sánchez; Mariel; Mario Sarraf e Aldo Isidró. Os principais assuntos abordados foram a atuação individual política de Vilma Espín, em oito oportunidades, seguidas por uma de Celia Sánchez e uma de Mirta Rodríguez Calderón. Já sobre as organizações, foram 13 notícias sobre a FMC e quatro sobre a SFM-26/7, o que corresponde respectivamente às atuações de Espín e Calderón, que ocupavam o cargo de liderança.

Quadro 5 - Gêneros textuais produzido por homens no *Revolución*

Natureza da colaboração	Quantidade
Notícia	21
Artigo de Opinião	14
Reportagem	14
Entrevista	9
Coluna	2
Carta	1
Poema	1

Fonte: *Revolución*, La Habana, 1959-1961. Elaborado pela autora.

Já em relação aos artigos de opinião, foram escritos por 13 autores, sendo dois de autoria de Aldo Isidró del Valle, seguido por contribuições únicas de Ernesto Vera; Salvador Escalona; Roger Caillois; Severo Otero; Mariel; Fausto Canel; Lisandro Otero; Néstor Duarte; Manolo Alvarez e César Marín. Entre os artigos, em sete as mulheres tiveram sua atuação individual destacada, sendo estas: Celia Sánchez, Haydée Santamaría, Pastorita Núñez (atribuição governamental) e Vilma Espín; também cabe destacar que em duas matérias foram o principal tema e em cinco foram coadjuvantes. A atuação das organizações sobressaiu em seis oportunidades como assunto da notícia, sendo essas o Pelotão “Mariana Grajales”, a SFM-26/7 e a FMC. Em uma notícia Vilma Espín e a FMC foram a temática.

A respeito das reportagens, 14 autores destacaram mulheres e organizações em pelo menos dez oportunidades e em quatro elas foram apenas mencionadas. Com duas publicações, assinaram os autores Raul Lluís e Anibal Barrera, e com uma publicação foram: Angel Cuiñas Fernández, Rolando Ramirez; Oscar F. Rego; José Lorenzo Fuentes; Elpio C. Guerra; Lisandro Otero; Ramon Camaraza; Jaime Saruski; Anibal Barrera; Cesar Marín e Raul Lluís Espinel. As atuações coletivas das mulheres foram identificadas em sete textos, sendo seis o assunto principal e uma de abordagem secundária, são elas: FMC, “mulheres cubanas”¹²⁶ e UFR. Faz-se necessário um novo critério de análise ao dividir a atuação individual em política e governamental. As mulheres com liderança governamental particularmente ressaltada foram Pastorita Núñez, em três publicações; Vilma Espín, que neste caso representava a FMC, em duas; e Raquel Perez de Miret, em uma. Já em relação à atuação política, importa mencionar que são menções e não o tema principal, foram: Celia Sánchez, em três; Haydée Santamaría, em duas.

Sobre a divisão das entrevistas, importa destacar que uma única foi cedida por homem, Raul Castro, realizada por Abelardo Garcia-Berry. Importa destacá-la pois um dos temas abordados relacionava-se ao seu casamento com Vilma Espín.¹²⁷ As demais são mulheres entrevistadas por homens, sendo: Júlio César Martínez com a revolucionária Olga Guevara; Pedro Meuzá com Violeta Casals,¹²⁸ Oscar II. Masdeu com Mirta Rodríguez Calderón;

¹²⁶ Até a criação da FMC, em algumas menções utilizava-se “mulheres cubanas” para se referir às mulheres que participavam do processo revolucionário, não especificando suas atribuições.

¹²⁷ GARCIA BERRY, Abelardo. Vale la pena morir por pueblos como el nuestro. *Revolución*, La Habana, año II, nº 146, 28 de mayo de 1959, p. 1.

¹²⁸ MELUZÁ, Pedro. Radio Tv. *Revolución*, La Habana, año II, nº 34, 13 de enero de 1959, p. 11.

Benjamin de la Vega com Maria Transancos; Tony Isla com a ministra Elena Mederos; Rene Depestre com Simone de Beauvoir,¹²⁹ e Claude Julien, também com Beauvoir.

Figura 2 – Representação da mulher revolucionária no conto “*Histórias de la Revolución*”



Fonte: *Revolución*, La Habana, año III, nº 149, 1 de julio de 1959, p. 15.

Jacobino, que escrevia a coluna “Al Pan, Pan y al Vino, Vino”, destacou a atuação política de Celia Sánchez.¹³⁰ Além dele, Aquiles Heel, da coluna “Radio y Tv”, publicou uma

¹²⁹ DEPESTRE, Edith. 13 preguntas a Simone de Beauvoir. *Revolución*, La Habana, año III, nº 398, 21 de marzo de 1960, p. 34-35.

¹³⁰ JACOBINO. Al Pan, Pan, Al Vino, Vino. *Revolución*, La Habana, año II, nº 240, 15 de septiembre de 1959, p. 3.

ilustração de *Panoramica*, referente à propaganda de contos sobre a “História da Revolução”, que representava a participação das guerrilheiras no processo revolucionário.

Por fim, a carta enviada por Phocion Glemaud, que ocupava o cargo de presidente do Comitê Revolucionário do Partido União Nacional Progressista do Haiti, em 5 de janeiro de 1959, para saudar a vitória revolucionária. Glemaud mencionou a participação das mulheres cubanas e as saudou, em especial, a Celia Sánchez¹³¹. Também cabe destacar o poema enviado para o *Lunes de Revolución*, de autoria de Pablo Neruda, pela *Prensa Latina*, em homenagem ao Congresso Latino-Americano de Mulheres, que ocorreu no Chile, em novembro de 1959.¹³²

1.5. Textos publicados pela redação sobre as mulheres e suas organizações

Neste grupo reuniram-se as publicações sem identificações autorais e para detalhá-las foram categorizadas nos cinco gêneros textuais distintos identificados. Das 93 notícias encontradas, as mulheres e as organizações compostas por elas foram assuntos centrais em 54 publicações, em quase equivalência, em pelo menos 50 foram mencionadas ou abordadas como temas secundários. Em relação à análise de atuação, foram selecionadas 43 notícias sobre as organizações das mulheres, sendo, por ordem cronológica de aparecimento: seis sobre as mulheres cubanas; uma das falecidas durante o processo revolucionário; uma da Frente Cívico de Mujeres Martianas; uma da UFR; 28 da SFM-26/7; cinco do Congresso de Mulheres Latino-Americanas; cinco do Congresso de Mulheres Cubanas; e, por fim, uma da *Asociación de Jóvenes Rebeldes*.

Também cabe mencionar as 19 notícias sobre as atuações governamentais, oito de Pastorita Núñez; seis de Raquel Perez de Miret; três de Vilma Espín e uma de Haydée Santamaría. Em relação às atuações individuais, foram identificadas 31 participações, sendo 12 de Vilma Espín; seis de Haydée Santamaría; quatro de Aleida March; quatro de Celia Sánchez; duas de Mirta Rodríguez Calderón e uma de Melba Hernández. Cumpre ressaltar que, assim como Vilma Espín e Mirta Rodríguez Calderón, outras mulheres tiveram atuações governamentais, mas, apesar disso, foram lideranças políticas e, sendo assim, sua presença no periódico pode ser analisada com os dois critérios.

¹³¹ GLEMAUD, Phocion. Adhesión del pueblo haitiano a nuestra Revolución. *Revolución*, La Habana, año II, nº 26, 5 de enero de 1959, p. 2.

¹³² Verificar Anexo A.

Quadro 6 - Gêneros textuais produzido pela redação do *Revolución*

Natureza da colaboração	Quantidade
Notícia	93
Reportagem	48
Informativo	37
Transcrição de discurso	9
Editorial (coluna)	8

Fonte: *Revolución*, La Habana, 1959-1961. Elaborado pela autora.

Adiante, a respeito das reportagens, que totalizam 48 publicações, em pelo menos 33 correspondem ao assunto principal, em contrapartida a 15 citações secundárias. As organizações políticas abordadas foram, em ordem cronológica de aparecimento: a UFR, em 4 reportagens; SFM-26/7, em oito; Congresso de Mulheres Cubanas, em duas; e a FMC, em nove. Também foram averiguadas três publicações da atuação governamental de Raquel Perez de Miret; três de Pastorita Núñez e uma de Vilma Espín. Já em relação às atuações individuais, foram destacadas a presença de Simone de Beauvoir (1); Vilma Espín (5); Aleida March (1); Haydée Santamaría (5); Celia Sánchez (3); Célia de la Serna, mãe de Che Guevara (1); Mirta Rodríguez Calderón (1); Teresa Casuso (1); e Raquel Perez de Miret (1).

Sobre os informativos divulgados pelo *Revolución*, cabe destacar que, além do texto emitido, foram editadas informações complementares para a veiculação. Desse modo, dividem-se em 34 como tema principal e três como assunto secundário. Por ordem cronológica,¹³³ sobre a FMC foram publicados 13 informativos; seguido de dois da UFR; um da Asociación Feminina del Partido Médico de la Revolución; três da SFM-26/7; um do Pelotão “Mariana Grajales”; cinco do Congresso de Mulheres Cubanas. Pastorita Núñez e Raquel Perez de Miret dividem as atuações governamentais, sendo seis de Pastorita e duas de Miret. Em relação às presenças individuais destacadas, aparecem: Vilma Espín em quatro informativos; Haydée Santamaría em dois; Aleida March em um. Nessa divisão também foram averiguadas duas campanhas promovidas pela SFM-26/7, com destaque à participação de Mirta Rodríguez Calderón.

Dos discursos transcritos pelo corpo editorial, quatro foram de Fidel Castro: quando homenageou a participação de Celia Sánchez na Revolução,¹³⁴ em outro saudou as mulheres

¹³³ O intuito de manter a ordem cronológica das organizações é facilitar o reconhecimento dos grupos, uma vez que também corresponde à ordem de seus encerramentos.

¹³⁴ El de Columbia golpe ambicioso y traidor. *Revolución*, La Habana, año II, nº 24, 3 de enero de 1959, p. 1 e 4.

que ocuparam a função de soldado,¹³⁵ e dois momentos mencionou a participação de Pastorita Núñez. Também foi adicionado no periódico um discurso de Haydée Santamaría,¹³⁶ um de Violeta Casals; e três de Vilma Espín, como representante da Federação de Mulheres Cubanas, na *Conferencia Latinoamericana para a Soberanía Nacional*¹³⁷ e na colação de grau de camponesas.

Cumpram-se destacar os textos editoriais, que compreendem também colunas publicadas casualmente sem identificação, sendo duas sobre Pastorita Núñez, em “Puntos Cubanos” e “De aquí y de ahí”; duas da FMC em “De aquí y de ahí”. Também foram publicadas uma resposta ao *Diario de la Marina*, sobre o Congresso Latino-Americano de Mulheres; uma resposta às cartas encaminhadas ao periódico com pedidos de ajuda, relacionado ao INAV e à Pastorita Núñez. O último refere-se ao telegrama de Vilma Espín enviado para o Brasil, repercutido pelo *Revolución*.

Cabe considerar que as colaborações de mulheres serão o tema do próximo capítulo, por este motivo, sua análise descritiva não foi realizada até momento. A partir do que foi apresentado, constatou-se a participação modesta das mulheres, uma vez estimada a publicação de mais de 18.420 mil artigos no jornal ao longo do triênio e as colaborações femininas aproximam-se de 291, evidenciando o contraste no volume de produções. O que se averiguou em detalhes, de fato, foram os resultados com maior expressividade da participação das mulheres e suas organizações políticas, muitas dessas criadas após a Revolução e encerradas ainda no primeiro ano, para formar, em 1960, a FMC. Outro aspecto a considerar foi a crescente participação das mulheres na vida política do país, retratada em colunas, tais como “Carrousel de Fêmeidades”, “Metiendo la Cuchara” e “FMC”, além de diversas outras seções e formatos de textos jornalísticos.

Contudo, destaca-se duas questões que ainda serão perscrutadas: a primeira investigará quem foram as mulheres que publicaram no referido período e no suplemento, exceção àquelas cujas assinaturas foram citadas apenas uma vez, por conta da inexpressiva quantidade. Em relação às demais, ou seja, as que figuraram em mais de uma ocorrência, o principal interesse é compreender se eram redatoras, colaboradoras pouco frequentes ou leitoras participativas. Em segundo lugar, deve-se considerar a predominância dos textos assinados por mulheres em que o próprio gênero feminino é a temática.

¹³⁵ Reclamaremos lo robado, ténganlo donde lo tengan. *Revolución*, La Habana, año II, nº 26, 5 de enero de 1959, p. 1 e 4.

¹³⁶ Declaro el 26 de julio el Día de la Rebeldía Nacional. *Revolución*, La Habana, año II, nº 197, 27 de julio de 1959, p. 3.

¹³⁷ Pidió Vilma Espín la unidad popular. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 695, 10 de marzo de 1961, p. 1 e 12.

CAPÍTULO 2

Análise das colaborações assinadas por mulheres

As pesquisas na fonte indicaram a existência de cerca de 443 textos escritos por 78 mulheres. Além disso, os resultados do Gráfico 1 presente no capítulo anterior, indicam que, em média, 12,3% das produções das colaboradoras abordaram questões do próprio gênero enquanto temática principal. O objetivo neste capítulo é investigar especificamente esse conjunto, a fim de averiguar como as mulheres abordaram às questões que lhes diziam respeito, confrontando, em muitos aspectos, as desigualdades sociais vivenciadas.¹³⁸ Respeitando a ordem cronológica, no primeiro momento serão destacadas as matérias e entrevistas em que as colaboradoras refletiram sobre suas atuações no processo revolucionário e, posteriormente, serão investigadas as colunas femininas que abordavam a inserção política das mulheres, como indivíduos ou enquanto organizações políticas.

2.1. *As mulheres e o processo revolucionário*

Após o golpe militar de Batista, em 10 de março de 1952, diversos grupos surgiram com o objetivo de destituir o regime ditatorial estabelecido. Dentre eles, o M-26/7 destacou-se na narrativa oficial como pioneiro na adoção da luta armada como estratégia para a derrubada do governo. A organização dividia-se entre os militantes clandestinos que viviam nas cidade, os *llanos*, e os guerrilheiros, acampados na Sierra Maestra. Os *llanos* desempenhavam tarefas fundamentais, como a arrendação e o envio de recursos financeiros, mantimentos e os suprimentos necessários para os guerrilheiros.

As mulheres realizavam tarefas específicas designadas pelos líderes do movimento, entre as responsabilidades estavam o transporte de armas, tanto na rota internacional de Miami-Havana quanto nas cidades em direção a Sierra Maestra, a arrecadação de alimentos, medicamentos e dinheiro, além de difundir os princípios por meio de atividades de propagandas.¹³⁹ Além disso, na década de cinquenta as mulheres expressavam pouca força nos trabalhos formais e remunerados, segundo dados de Asela de los Santos, elas representavam parcela estimada entre 12% e 13,5% total.¹⁴⁰ Em grande parte, a principal função assumida fora do ambiente doméstico foi a de desempenhar tarefas semelhantes em residências alheias, recebendo salários baixos ou até mesmo sendo remuneradas com

¹³⁸ PERROT, Michelle. *Op. cit.*, 2007.

¹³⁹ SANTOS, Asela de los. *Op. cit.*, 2012, p. 72.

¹⁴⁰ Com estimativas aproximadas, cabe ressaltar outros registros da mesma década, sendo 13,5%, de Waters e 15%, de Bobes. Vf.: WATERS, Mary-Alice. *Op. cit.*, p. 30.; CECILIA BOBES, Velia. Participación vs. identidad: Mujeres en el espacio público cubano. *Perfiles Latinoamericanos*, Ciudad del México, n. 15, p. 99-118, dic. 1999, p. 103.

alimentos, refeições ou alojamento. Essas funções também se repetiram no ambiente revolucionário.

Gradualmente, as mulheres, que antes estavam restritas ao ambiente doméstico, começaram a participar do transporte internacional de armas e adotaram como estratégia esconder sob suas saias armas de diferentes calibres e munições, além de correspondências e mensagens entre os integrantes do movimento.¹⁴¹ Essas tarefas, descrita por Asela de los Santos em seu depoimento, declarando que o realizou em pelo menos nove momentos, as colocavam em risco, uma vez que estavam sujeitas a inspeções nos aeroportos de ambos os países. Pode-se pensar que além de poderem ser reconhecidas devido à frequência das viagens, outro perigo enfrentado por elas era descobertas das armas transportadas. Essas ações clandestinas representavam oportunidades para as mulheres ingressarem na luta política e encontrarem uma possibilidade de libertação.¹⁴² A participação massiva das mulheres resultou, já no primeiro triênio da Revolução, na inserção delas no mercado de trabalho e na conquista de suas reivindicações políticas com a criação da Federação de Mulheres Cubanas.

Outra forma de participação das mulheres no M-26/7 foi quando se uniram à guerrilha. Quando já estavam conhecidas pelos militares de Batista e não podiam mais permanecer nas cidades, devido ao perigo que isso representava, eram enviadas para os acampamentos dos guerrilheiros. Este foi o caso de Vilma Espín, enviada para a Segunda Frente do Exército Rebelde,¹⁴³ que estava sob a liderança de Raul Castro, em 1958. Tempo depois, Asela de los Santos também foi enviada para o mesmo local, conforme relatou:

[...]En el Segundo Frente sentí un gran alivio. No es lo mismo vivir en medio de constante represión, cuando hasta el chirriar de las ruedas de un carro hace temer la llegada de los esbirros de Batista. Se vivía bajo un estado de tensión tremendo en las ciudades.

*Cuando llegué al Segundo Frente, ¡ay, pero qué maravilla! ¡Era territorio libre! No había criminales ni torturadores ni esbirros. Ya no pasaba nada de eso[...]*¹⁴⁴

Asela de los Santos destacou-se na Segunda Frente como pedagoga, profissão que já exercia na cidade. A ela foi designada a responsabilidade de alfabetizar os combatentes e, posteriormente, toda a população rural da região, resultando na inauguração de cerca de 400

¹⁴¹ SANTOS, Asela de los. *Op. cit.*, 2012, p. 72. Cabe ressaltar que Haydée Santamaría também transportou armamentos para a Sierra Maestra, no entanto, sua trajetória será destacada no próximo capítulo. *Vf.*: Relato de Haydée Santamaría. *Revolución*, La Habana, Lunes de Revolución, nº 29, 25 de julio de 1960, p. 9-10.

¹⁴² SANTOS, Asela de los. *Op. cit.*, 2012, p. 74-76.

¹⁴³ As principais divisões do Exército Rebelde na parte Oriental de Cuba durante o processo revolucionário foram: a Primeira Frente estabelecida em dezembro de 1956, liderada por Fidel Castro; a Segunda Frente Oriental Frank País, inaugurada em março de 1958, comandada por Raul Castro; a Terceira Frente, também em março de 1958 e, por fim, a Quarta Frente, criada em outubro de 1958, sob comando de Delio Gómez Ochoa. SANTOS, Asela de los. *Op. cit.*, 2012, p. 86-87.

¹⁴⁴ SANTOS, Asela de los. *Op. cit.*, 2012, p. 84-85.

escolas. Durante a entrevista com Mary-Alice Waters, que lhe perguntou se o quadro de professores era majoritariamente composto por mulheres, Santos afirmou e detalhou que “*Muchas eran de la vecindad y otras venían de Santiago e Guantánamo...*”.¹⁴⁵ A alfabetização nesse período incluiu crianças, jovens e adultos, em pleno campo de guerrilha e, nas escolas, inclusive, eram criadas trincheiras onde se escondiam em caso de ataque dos militares. A Segunda Frente, inaugurada em 11 de março de 1958, sob liderança de Raul Castro e com a participação de mais de 78 homens, foi, no final das contas, uma demonstração da possibilidade de alcançar o ideal revolucionário a partir de uma organização administrada semelhante ao sistema governamental. Segundo as memórias de Asela de los Santos, as primeiras estratégias adotadas pela Frente foram organizar a estrutura militar, seguidas por reunir-se com as lideranças camponesas, angariando não só apoio, mas também incorporando-os à luta.¹⁴⁶

Para isso, foi necessário estruturar a parte administrativa da Frente e, dessa forma, foram desenvolvidos sete departamentos: educação, agricultura, construção e comunicação, finanças, saúde, justiça e propaganda. O departamento de educação, como se sabe, ficou a cargo de Asela de los Santos. O departamento de construção e comunicação realizava reparos em vias de passagens e abria caminhos; já o departamento financeiro arrecadava impostos e pagava os produtos consumidos pelos revolucionários aos camponeses.¹⁴⁷ O departamento de Saúde prestava à população rural os mais básicos atendimentos, sendo, em muitos casos, o primeiro acolhimento médico a que foram submetidos. Já o departamento de justiça responsabilizava-se por oficializar matrimônios e julgar sobre os desentendimentos da população e aspectos da vida legal dos revolucionários, que viviam sob rígidas regras morais. E, por fim, o departamento de propaganda, como o *Revolución* e a *Rádio Rebelde*, tinha uma função política importante, porque além de chegar em outros países, como a Venezuela, era, como vimos no primeiro capítulo, responsável por desmentir informações veiculadas pelos jornais apoiadores da ditadura. Além disso, servia como um meio de comunicação entre os integrantes em diferentes regiões.

Na primeira edição publicada em liberdade do *Revolución*, observamos que os discursos de Fidel Castro desempenharam desde o início de 1959 um papel fundamental na consolidação do governo revolucionário. Eles não apenas comunicavam à população das

¹⁴⁵ SANTOS, Asela de los. *Op. cit.*, 2012, p. 96.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 88-89.

¹⁴⁷ Em fotografias do livro organizado por Mary-Alice Waters, é possível observar a presença de mulheres nesses departamentos. Pastorita Núñez, que posteriormente assumiria o INAV, era uma das responsáveis pelo departamento financeiro, posando na fotografia ao lado de Fidel Castro. SANTOS, Asela de los. *Op. cit.*, p. 90.

realizações do governo, como também tornaram-se decisivos na (re)construção da identidade nacional cubana.¹⁴⁸ É importante destacar que outros líderes políticos da época também recorreram à oratória como meio de comunicação e engajamento. Muitos desses discursos foram transcritos e publicados pelo *Revolución*, possibilitando a observação da participação das mulheres, seja como oradoras nos discursos ou nos temas envolvidos.

Importa ressaltar que, posteriormente, esses discursos foram disseminados como parte integrante da memória da Revolução e, por conseguinte, tornaram-se uma parte oficial da História Cubana. Em 5 de janeiro, na qual o *Revolución* apresentou uma transcrição do discurso de Fidel Castro proferido em Santiago de Cuba, em que reconstruiu a trajetória que levou à tomada do poder de Batista, delineando as diferentes fases do processo revolucionário a partir de 26 de julho de 1956. Durante o discurso, Castro prestou homenagens às mulheres que contribuíram para a vitória insurgente. No que se refere à presença das mulheres, declarou:

Al principio la idea me costó mucho trabajo, porque tenían muchos prejuicios, porque había hombres que decían que como se le iba a dar un rifle a una mujer mientras quedara un hombre. Porque la mujer en nuestro frente es un sector que necesita ser redimido, porque es víctima de la discriminación en el trabajo y en otros aspectos de la vida.

*Y organizamos las unidades de mujeres, que demostraron que las mujeres pueden pelear, y cuando en un pueblo pelean los hombres y pueden pelear las mujeres, estos son pueblos invencibles y la mujer de este pueblo es invencible. Tendremos organizadas las milicias o combatientes femeninos y las mantendremos entrenadas, todas voluntarias, y estas jóvenes que ahí veo con los vestidos negros y rojos del 26 de Julio, yo pido que aprendan también a manejar las armas[...]*¹⁴⁹

O relato evidencia a resistência por parte dos homens em relação à participação das mulheres em áreas específicas de atuação revolucionária, tais como o manejo de armas, a sua integração na guerrilha e a função de soldado. No entanto, como observado, esse pensamento foi desconsiderado por Fidel Castro, que instituiu o Pelotão Mariana Grajales, defendendo a ideia de que as mulheres deveriam desempenhar um papel integral na Revolução, apesar de isolá-las em um pelotão dos demais outros guerrilheiros nas funções de combate.¹⁵⁰ Conforme analisado por Andréa Schactae, além do pelotão, elas se envolveram em atividades que iam desde “enfermeiras, guias de mulas, abastecedoras de alimentos para os combatentes,

¹⁴⁸ *Revolución*, La Habana, año II, nº 23, 2 de enero de 1959, p. 1- 4.

¹⁴⁹ *Ibidem*.

¹⁵⁰ SCHAETAE, Andréa Mazorro. A Revolução Cubana e os espaços ocupados por homens e mulheres. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: MUNDOS DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO: TRANSFORMAÇÕES, CONEXÕES, DESLOCAMENTOS. Florianópolis, 2017. *Anais [...]*, Florianópolis, 2017, p. 8.

transportadoras de munições e armas, professoras e mensageiras”. Frequentemente, assumiam múltiplas responsabilidades.¹⁵¹

No discurso cívico realizado por diversos setores políticos em Havana, que contou com a participação de Ayda Pelayo (1912-1998), presidente da Frente Cívico de Mulheres Martianas (1952-1959)¹⁵² é possível identificar relatos que expressavam as diversas funções exercidas pelas mulheres. O evento ocorreu no dia 6 de janeiro e, um dia depois, a transcrição dos discursos foi publicada no *Revolución*. Durante sua intervenção, Pelayo dedicou seu espaço para saudar o novo governo e ao presidente em exercício, Urrutia. Em relação às mulheres, destacou como heroica as suas participações, pontuando que contribuíram para a vitória em diversas frentes de atividades, sem mencioná-las no confronto direto, mas nos bastidores como costureiras de bandeiras e uniformes da guerrilha, o cuidado dos feridos e a assistência aos familiares de combatentes. Ao detalhar mais, testemunhou a entrega de alimentos, especificando o leite, para os filhos dos combatentes que estavam presos ou a serviço do movimento.¹⁵³

A presença feminina durante o processo revolucionário foi destaque em 1959 no *Revolución* por meio de uma série de entrevistas com as participantes. Em 26 de janeiro, a primeira delas publicada foi conduzida por Thelvia Marín (1922-2016) com a mexicana Gabriela Ortiz, que prestou auxílio aos integrantes do M-26/7 durante o exílio no México.¹⁵⁴ Em 1955, Gabriela era viúva, mãe de três filhos, responsável pelos cuidados de sua ex-sogra e tinha recém-inaugurado sua confeitaria, após anos trabalhando no setor ferroviário.¹⁵⁵ Frequentando a confeitaria de Gabriela Ortiz, Fidel Castro e outros insurgentes construíram uma amizade. Ela ficou conhecida como a “mãe” dos exilados, uma designação posteriormente relatada por Marín, que destacou o seu companheirismo com estrangeiros. Na entrevista foi registrada a recordação de Ortiz do momento em que Fidel Castro teria lhe dito: “*Gabriela, con cuatro personas como usted yo gano la revolución*”. Além disso, outra forma

¹⁵¹ SCHACTAE, Andréa Mazorro. *Op. cit.*, 2017, p. 8.

¹⁵² Também pode ser encontrada como Frente Cívico de Mujeres del Centenario Martiano (FMCM).

¹⁵³ Hará el gobierno justicia serena pero muy enérgica: Habla la doctora Aida Pelayo. *Revolución*, La Habana, año II, nº 28, 7 de enero de 1959, p. 1 e 5.

¹⁵⁴ MARÍN, Thelvia. Con cuatro personas como Ud. Yo gano la revolución. *Revolución*, La Habana, año II, nº 44, 26 de enero de 1959, p. 21.

¹⁵⁵ Cabe ressaltar que o jornal *Diario de Marina* publicou, no dia anterior, uma entrevista com Gabriela Ortiz, concedida a Adela Jaume, na qual verificamos que Ortiz era viúva de um homem conhecido como Figueroa. *Vf.: JAUME, Adela. La “madre de la revolución”, Gabriela Ortiz, en La Habana. Diario de la Marina. La Habana, año CXXVII, nº 21, 25 de enero de 1959, p. 8-d.*

de colaboração com o M-26/7 foi distribuindo panfletos com os discursos de Fidel Castro nas ruas. Após a vitória da Revolução, ele a convidou para visitar Cuba.¹⁵⁶

Marín enfatizou a importância da devoção popular para a consolidação da Revolução, uma ideia refletida na história de Gabriela Ortiz. Assim como os revolucionários, que se sacrificaram para a conquista do poder, esperava-se que a população mantivesse a devoção em nome da nação:

*[...]ella supo ganar con sacrificios, con cariño, con la entrega total de sus recursos y de sus mejores esfuerzos: debemos reconocer el símbolo de la ayuda que los ciudadanos de otros países prestaron a la Revolución, esta revolución que nace como una clarinada de luz para toda la América Latina[...]*¹⁵⁷

Ao finalizar a entrevista, conforme o trecho destacado, Marín exemplificou as ações de Gabriela Ortiz, concluindo que a dedicação prestada à Revolução é essencial para o sucesso e sustento da Revolução. Cabe destacar o ideal de sacrifício em prol da Revolução, tema da instigante tese de Rafael Saddi que possibilitou contribuições significativas para a reflexão sobre a disciplinarização dos corpos dos guerrilheiros, visando preservar seu ideal insurrecional ilibado. O conceito de sacrificar-se pela luta revolucionária foi amplamente discutido ao longo da obra, revelando que, durante o exílio no México dos integrantes do M-26/7, as mulheres que também o integravam foram impedidas de participar do que, no futuro, seria conhecido como a expedição do *Granma*.

A análise sugeriu a participação dessas mulheres, bem como a própria experiência delas na formação da identidade guerrilheira, foi desencorajada pelos líderes rebeldes, notadamente Fidel Castro e Che Guevara, evidenciando uma disparidade com o discurso citado de Fidel Castro.¹⁵⁸ De acordo com Scott, uma das formas de exaltar a masculinidade é, necessariamente, reprimir aspectos femininos, colocando as mulheres em posição secundária, mesmo que suas atividades sejam essenciais para manter o desenvolvimento das demais funções.¹⁵⁹ Podemos analisar essas afirmações a partir das entrevistas realizadas por Lourdes

¹⁵⁶ O jornal *Revolución* publicou, ainda em 1959, entrevistas com mulheres que participaram da luta revolucionária, sendo elas Olga Guevara, integrante do Pelotão “Mariana Grajales”, conduzida por Júlio César Martínez; Mirta Rodríguez Calderón, recentemente retornada do exílio, realizada por Oscar II. Madeu; Maria Trascancos, conduzida por Benjamin de la Vega; e, por fim, uma mulher com particular renome, a tenente Teté Puebla, que coordenou o Pelotão “Mariana Grajales”. Vê: MARTÍNEZ, Júlio César. Niega se fusilar al asesino de su hermano. *Revolución*, La Habana, año II, nº 34, 13 de enero de 1959, p. 2.; MADEU, Oscar II. Necesario depurar la Escuela Normal. *Revolución*, La Habana, año II, nº 43, 24 de enero de 1959, p. 6.; VEGA, Benjamin de la. Joven de 18 años, activa jefa de un grupo insurreccional. *Revolución*, La Habana, año II, nº 68, 23 de Febrero de 1959, p. 9.; VERA, Ernesto. Anécdotas del viaje a la Sierra Maestra. *Revolución*, La Habana, año II, nº 140, 21 de mayo de 1959, p. 8.

¹⁵⁷ MARÍN, Thelvia. Con cuatro personas como Ud. *Op. cit.*, 1959, p. 21.

¹⁵⁸ SADDI, Rafael. *Op. cit.*, 2009.

¹⁵⁹ SCOTT, Joan. *Op. cit.*, p. 63.

Regato Fano em uma série intitulada “*Luchadoras en la clandestinidad*”, cedidas por Liliam Mesa Díaz, conhecida como *La Rubia Peligrosa*, Esperanza Sanjurjo e Inês Goicoechea de la Flor. A primeira entrevista foi publicada em 30 de janeiro, com Liliam, que profissionalmente atuava como inspetora de artes manuais e integrou o M-26/7 em 1956, realizando atividades clandestinas.¹⁶⁰

Díaz, quando passava as férias em Varadero, na casa de sua irmã Nélia, conheceu membros da resistência à ditadura, como Aldo Santamaría e Frank País. Em 1956 começou a colaborar financeiramente com o M-26/7, doando joias e pertences pessoais, considerando que a organização tinha poucos recursos. Além disso, sua casa em Havana era cedida para que ocorressem reuniões frequentadas por membros de alto escalão, como Armando Hart, Haydée Santamaría e até mesmo o diretor do *Revolución*, Carlos Franqui, e servia também como hospedagem de pernoite para os insurgentes. Entre os integrantes do M-26/7, Liliam Díaz era conhecida por pertencer à classe econômica mais elevada, situação essa que possibilitava o financiamento de projetos da organização, como a visita do jornalista estadunidense Herbert L. Mathews a Sierra Maestra, em fevereiro de 1957.

Outra mulher com presença destacada pelo *Revolución* foi Esperanza Sanjurjo, apelidada de *Esperancita* pelos rebeldes, como revelou a entrevista publicada em 2 de fevereiro. A matéria incluiu fotografia tirada por Marino, no momento do diálogo entre Sanjurjo e Fano. Esperanza integrou o grupo de mulheres que participava exclusivamente das atividades clandestinas nas cidades e, assim como Asela de los Santos, desempenhou um papel crucial em missões internacionais, especialmente no transporte de armas na rota de Miami-Havana.¹⁶¹ De acordo com seu depoimento, a inspiração para aderir à luta revolucionária veio após ler “A história me absolverá”, obra escrita por Fidel Castro. Profundamente influenciada por essa leitura e pela situação vivenciada no país, Esperanza Sanjurjo decidiu então colaborar ativamente com o M-26/7. Além das atividades com transporte de armas, destacou sua participação em operações de espionagem.

No mesmo dia, na coluna “Atisbos y Conjecturas”, Thelvia Marín anunciou o recital de poesia de Carmina Benguría, oferecido às Forças Armadas, inspirado em poemas e discursos de José Martí. Para o convite, destacou em um tom poético a luta armada e a ação dos guerrilheiros, bem como suas vestimentas e barbas. Marín, em sua forma de escrita, recorreu ao emocional para mostrar como sente e fazer o leitor sentir a tomada de poder como

¹⁶⁰ REGATO FANO, Lourdes. *Luchadoras en la clandestinidad*. *Revolución*, La Habana, año II, nº 48, 30 de enero de 1959, p. 6.

¹⁶¹ *Idem*. *Luchadoras en la clandestinidad*. *Revolución*, La Habana, año II, nº 50, 2 de febrero de 1959, p. 21.

um ato heroico, estimulando a gratidão exacerbada.¹⁶² Também utilizou o espaço para denunciar os crimes cometidos pela ditadura de Batista e seus militares contra as mulheres e homens que atuaram na clandestinidade, com ênfase nas cidades, conhecidos como *llanos*. Marín ressalta a falta de segurança nos atos,

*Aquí, en la capital, la caravana de los luchadores era patética y desolada por el estado de desvalimiento social en que se encontraban. Cada luchador de la capital sabía que no iba a encontrar el respaldo de su vecino ni la defensa de la comunidad cuando se enfrentaba con los esbirros de la tiranía. También había poesía en la patética soledad de esa lucha de los revolucionarios del día primero hacia atrás... en el silencio de la muerte continúa por torturas: aquí vivía la poesía del heroísmo sin gloria, del gris heroísmo del sacrificio callado[...]*¹⁶³

As entrevistas com Liliam Díaz, Esperanza Sanjurjo e o convite para o recital de poesia realizado por Thelvia Marín destacam a atuação clandestina como ponto em comum. De acordo com Saddi, os rebeldes que viviam nas cidades e concentravam suas atividades nelas tiveram uma vivência dupla, considerada pelos próprios integrantes um nível de engajamento na causa revolucionária menor em relação aos guerrilheiros da Sierra Maestra.¹⁶⁴ No entanto, foi a partir dessa vida dupla que os rebeldes desempenharam um papel crucial no sustento dos homens que estavam na Sierra Maestra. Apesar das variações na situação econômica dos integrantes do M-26/7, as atividades clandestinas permitiram que mantivessem contato com seus familiares, seus empregos e desfrutarem de momentos de lazer, em contraste com aqueles isolados em rígidos treinamentos para a luta armada. Além disso, os revolucionários urbanos também promoviam a resistência cívica, financiavam a luta armada por meio de seus trabalhos, e ocultavam e transportavam armamentos, mantimentos e fardas.¹⁶⁵

Dessa forma, cabe considerar, conforme apontado por Saddi, bem como por Thelvia Marín, Carlos Franqui,¹⁶⁶ Asela de los Santos que testemunharam a perseguição que os revolucionários clandestinos sofriam dos militares da ditadura, uma vez que na cidade eles tornaram-se mais suscetíveis a prisões, torturas e mortes quando capturados. Isso se evidencia na próxima entrevista, publicada em 7 de fevereiro. O *Revolución* divulgou mais um depoimento de uma integrante do M-26/7, relembrando sua atuação durante o processo

¹⁶² MARÍN, Thelvia. El pueblo ama la poesía: recitales a las Fuerzas Rebeldes. *Revolución*, La Habana, año II, nº 50, 2 de febrero de 1959, p. 2.

¹⁶³ *Idem*. El pueblo ama la poesía. *Op cit.*, 1959, p. 2.

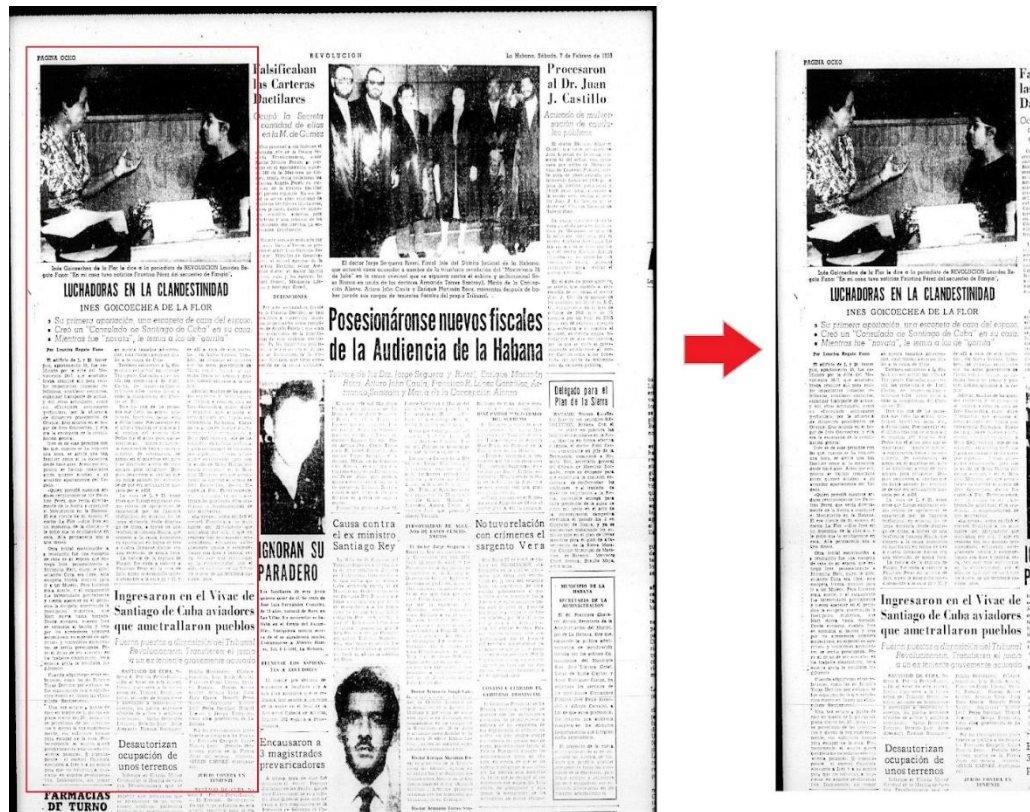
¹⁶⁴ SADDI, Rafael. *Op. cit.*, 2009, p. 104.

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 104-110.

¹⁶⁶ FRANQUI, Carlos. *Op. cit.*, 1981, p. 23-25.

revolucionário, desta vez com Inês Goicoechea de la Flor.¹⁶⁷ É importante mencionar que a leitura se mostrou desafiadora devido à baixa qualidade da cópia disponível. Esse fator resultou em dificuldade significativa para discernir o texto, com trechos apresentando pouca visibilidade, conforme pode ser observado a seguir.

Figura 3 - Entrevista de Lourdes Regato Fano com Inês Goicoechea de la Flor



Fonte: *Revolución*, La Habana, año III, nº 55, 7 de enero de 1960, p. 8.

Apesar das dificuldades de leitura, foi possível identificar no texto alguns aspectos destacados por Fano sobre a atuação de Inês de la Flor, que esteve à frente de uma das coordenações gerais do M-26/7. O apartamento do casal de La Flor ganhou notoriedade entre os rebeldes, sendo conhecido entre eles como o *consulado santiaguero particular*, devido ao local servir como ponto de referência crucial de comunicações telefônicas entre os insurgentes do mais alto escalão, facilitando o estabelecimento de contatos importantes e rápidos. Outra questão apontada pela entrevistadora eram que as chamadas recebidas de Santiago de Cuba, geralmente intermediadas por uma telefonista apelidada de Rosita, ocorriam de três a quatro vezes por dia, com duração aproximada de uma hora cada. Além disso, Lourdes Fano

¹⁶⁷ REGATO FANO, Lourdes. Luchadoras en la clandestinidad. *Revolución*, La Habana, año II, nº 55, 7 de febrero de 1959, p. 8.

ênfaticamente que Inês também contribuiu com a doação de arma de fogo e, juntamente com seu marido, envolveram-se nas ações clandestinas, transportando armas e uniformes.

O primeiro envolvimento de Inês e seu marido, conhecido como La Flor, com o M-26/7, ocorreu através do encontro com Faustino Pérez. Na ocasião, Pérez, sob o pretexto de ser cliente do casal, solicitou que eles escondessem armamentos em seu apartamento. Esse pedido marcou o início de suas atuações clandestinas, integradas na rotina diária do casal. Assim como as outras mulheres anteriormente mencionadas, Inês desempenhou um papel crucial no transporte de armas para o abastecimento tático dos guerrilheiros na Sierra Maestra.

A última entrevista conduzida por Lourdes Regato Fano foi com Blanca Niubó, publicada em 9 de fevereiro. Diferentemente das entrevistas anteriores, o destaque do título é referente ao seu marido, Oscar Lucero, que foi assassinado durante uma atuação clandestina em Havana. Na narrativa de Niubó a ênfase recai sobre as atividades de seu marido, com ela assumindo um papel secundário em relação às ações com o M-26/7. Isso pode ser observado em seu relato, quando relembrou a trajetória do seu marido, *“Primeramente mi esposo perteneció a Acción Libertadora con Justo Carrillo, después a instancias de Frank País y por convicción propia, pasó a ser miembro del 26 de Julio”*,¹⁶⁸ o que evidencia a dedicação de Lucero e o envolvimento direto em diferentes movimentos revolucionários, até finalmente identificar-se com o M-26/7. Apesar de Blanca Niubó não mencionar explicitamente sua participação direta nas ações, fica evidente seu envolvimento quando em sua entrevista recordou episódios específicos, como quando seu marido foi encarregado de organizar o M-26/7 na cidade de Holguín. Esta região era notória pela brutalidade dos militares sob a ditadura de Batista, sendo Fermín Cowley um dos militares mais destacados por seus crimes contra a população. Foi então que, coordenado por Lucero, os integrantes do M-26/7 de Holguín planejaram um atentado contra Cowley, visando, conforme sua perspectiva, trazer justiça à população. Nesse caso em específico, Niubó relata como acompanhou o marido em noites de vigia.

A partir desse momento, tal como nos casos anteriores, o objetivo da entrevista torna-se evidente ao buscar destacar a ideia de sacrifício pela Revolução. Este tema, profundamente internalizado pelos rebeldes, refletia a crença na causa revolucionária, mesmo à custa de suas próprias vidas, uma realidade que Niubó evoca em seu relato:

Recuerdo cuando le pregunté [a Lucero] si después de hecha la justicia a ese criminal [Fermín Cowley], esos jóvenes que trabajaban a nuestro lado morían,

¹⁶⁸ REGATO FANO, Lourdes. Oscar Lucero prefirió sufrir las torturas a delatar el movimiento. *Revolución*, La Habana, año II, nº 56, 9 de febrero de 1959, p. 19.

*ellos que tanto valían, ¿valdría la pena continuar? Mi esposo me contestó: - Aunque muera yo, aunque mueras tú, aunque muera todos esos jóvenes, valdrá la pena, porque sólo Dios sabe cuándo más se salvarán[...]*¹⁶⁹

O plano para sequestrar Cowley não obteve êxito. No entanto, eles não cessaram suas atividades, continuando a receber e organizar os armamentos provenientes de Miami. Nessas operações clandestinas, como apontado por Carlos Franqui,¹⁷⁰ os militantes urbanos que eram descobertos foram brutalmente assassinados, como ocorreu com Lucero. Quatro meses após o assassinato, nasceu a filha do casal, Maricel. Para Blanca, a perda do marido contrastava com a conquista da Revolução. Em sua visão, conforme era o pensamento de seu marido, o sacrifício feito em nome da causa revolucionária conferia significado ao futuro de sua filha, um futuro forjado pelo esforço de seu pai e dos demais revolucionários.

Outra reportagem em destaque foi publicada em 14 de março, que divulgou a atuação de um grupo de propagandistas clandestinos em Havana, assinada por Nancy Delbert. O grupo era composto pelos irmãos Jacobo, Aida e Matilde R. Capablanca, além de Antonio Alfonso Benítez e Miguel Montero. O relato apresentado durante a entrevista destacou a distribuição do material propagandístico contra a ditadura de Batista, que ocorreu em 31 de dezembro de 1958, na véspera da Revolução. Na ocasião, Aida Ros Capablanca e Antonio Benítez distribuíram panfletos pelas ruas da cidade, marcando presença específica na boate noturna Sans Souci.

Conforme investigado por Delbert,¹⁷¹ o grupo em questão funcionava como uma entidade independente de resistência. Embora mantivessem contato constante com os integrantes do M-26/7, não teria evidências de sua vinculação direta ao movimento. Os panfletos eram elaborados, produzidos e distribuídos inteiramente pelo grupo, que também relatava as escassas condições sob as quais essa produção ocorria:

*[...]Matilde reproducía en un mimeógrafo millares de las arengas que escribía Alfonso Benítez; Jacobo, en vela, como una liebre, mantenía siempre en marcha el motor de su auto por sí tenían que huir, Aida, en unión de Alfonso Benítez las distribuía en buzones de diferentes edificios o por correo, o más peligrosamente en las tiendas y cines[...]*¹⁷²

Os envios de panfletos pelo correio, destinados às bases policiais demonstravam o alto risco assumido pelos rebeldes em suas ações. Nesse caso específico, os envolvidos não foram capturados e conseguiram ter suas histórias registradas. No entanto, Delbert destacou

¹⁶⁹ REGATO FANO, Lourdes. *Op. cit.*, 1959, p. 19.

¹⁷⁰ FRANQUI, Carlos. *Op. cit.*, 1981, p. 23.

¹⁷¹ DELBERT, Nancy. Audazmente actuaba el movimiento clandestino en las zonas habaneras. *Revolución*, La Habana, año II, nº 110, 14 de marzo de 1959, p. 3.

¹⁷² DELBERT, Nancy. *Op. cit.*, 1959, p. 3.

que muitos, em circunstâncias semelhantes, permaneceram no anonimato. O aspecto mais relevante para a narrativa da colaboradora parece ser a ênfase na ampla participação popular no processo da conquista do poder. A adesão das pessoas comuns, incorporando em seu cotidiano formas de resistência contra a ditadura de Batista, foi um aspecto valorizado nas publicações até agora.

No ano seguinte, poucos dias após o aniversário de um ano da conquista do poder, em 25 de janeiro de 1960, o suplemento *Lunes de Revolución* publicou um artigo de Rosa Hilda Zell, que assinava a coluna “Metiendo la Cuchara”, sobre a presença feminina no primeiro ano do governo. Já na introdução Zell expressa seu desconforto na temática ao notar que, em sua visão, a mulher não exerce papel diferenciado na política, na cultura ou na sociedade, ao contrário, sugere que a mulher está condicionada, por seu sexo, a uma posição que é determinada de forma individual:

No soy de los que creen en la acción disímil ni en la influencia en la cosa pública – para bien o para mal –, de la mujer; decididamente no creo que la mujer, como tal, marque diferencias políticas, culturales ni sociales. Las mujeres no constituyen clases; la mujer no constituye grupo étnico. Por el contrario, forma parte, individualmente, de las diversas y frecuentemente antagónicas clases sociales, e integra, individualmente, este y el otro grupo étnico, y el de más condicionada, indiscutiblemente, por su sexo; pero no de sentir y de pensar: el lugar que ocupa en la escala étnico u otro, el complejo engranaje, en una palabra, de determinantes económicas, raciales, sociales, culturales – todo eso que conforma la personalidad del hombre, individualmente considerado–, signa, marca y decide la personalidad, como individuo, de la mujer¹⁷³

A contradição é declarada nos parágrafos seguintes, quando Zell explicita seu desconforto, desculpando-se com leitores e, como justificativa para a necessidade de escrever o artigo, apontou para uma tradição jornalística que, ao abordar temas relacionados às mulheres, recorre a uma mulher para escrever, em nome de uma suposta conveniência ou relevância. Outra contradição salientada seria o contraste entre o tema da presença feminina e o contexto social, uma vez que a autora observa uma lacuna considerável em termos de equiparação civil, cultural e social, entre as mulheres e os homens, a não ser “...de cuando en cuando, rescindir en un discreto feminismo”.

Portanto, uma das justificativas que a convenceram a elaborar o texto foi, por exemplo, a reivindicação por salários iguais, que usavam como lema, “*A trabajo igual, salario igual*”. Isso se fez necessário, uma vez que, embora já existissem mulheres ocupando cargos governamentais e políticos relevantes, o preconceito social contra a capacidade de trabalho das mulheres ainda persistia:

¹⁷³ HILDA ZELL, Rosa. Presencia Femenina en el año de la liberación. *Revolución*, La Habana, Lunes de Revolución, año III, nº 376, 25 de enero de 1960, p. 18-19.

*No estemos demasiado seguras de que, en otros planos, esté de más levantar el mismo grito. Donde el salario no ha de medirse en pesos y centavos, sino en amplio reconocimiento del mérito personal, en generoso aplauso a labor rendida, conviene todavía, de cuando en cuando, destacar el mérito personal y la labor de la mujer que supo ganarlo; pagarle, plenamente, por trabajo igual en reconocimiento público. No porque se crea que es por mujer que lo ha hecho, ni porque se la admire doblemente por haberlo hecho a pesar de ser mujer; no porque entretenga prejuicios a quien escribe, ni los imagine en quien lee. No, no es por eso. Pero sí, porque los prejuicios tardan demasiado en acabarse de morir... y el ejemplo de una mujer que rinde plenamente una labor magna, la llave que abre la puerta del servicio útil para otras muchas mujeres. Y la sociedad necesita que esta puerta se les abra.*¹⁷⁴

Para Zell, exemplificar nominalmente as mulheres que ocupavam cargos relevantes poderia impulsionar a criação de oportunidades para outras mulheres, e assim procedeu. Nos primeiros anos do governo revolucionário a população foi incentivada a construir uma nova sociedade, e era de conhecimento do Estado e de seus líderes a desigualdade de gênero entre homens e mulheres. O discurso adotado para equiparar a inserção da mulher no mercado de trabalho formal e remunerado, conforme observamos no artigo de Zell. No entanto, esses novos espaços eram direcionados de acordo com a crença na maior habilidade das mulheres, nesse caso, habilidades consideradas inerentes a seu sexo, voltadas ao cuidado e ao ensino, reforçando aspectos essencialistas atribuídos ao sexo feminino.

As profissões listadas por Zell para as mulheres incluíam a enfermagem, magistério e assistência social, nas quais, em sua percepção, as mulheres se destacariam devido ao seu sexo, em conformidade com os ideais do governo. Isso se daria, supostamente, por um instinto maternal mais acentuado, que as fariam superar os homens em desempenho nessas áreas. Em relação à atuação governamental, foram mencionadas Elena Mederos de González, que ocupou o cargo de ministra de *Recuperación de Bienes Malversados y de Asistencia Social*, e sua sucessora, Raquel Pérez de Miret, no ministério de *Bienestar Social*.¹⁷⁵ Outras mulheres que tiveram atuação em cargos públicos ressaltadas foram María Teresa Freye de Andrade, na direção da Biblioteca Nacional; Vicentina Antuña,¹⁷⁶ responsável pela *Dirección Nacional de Cultura*.

¹⁷⁴ HILDA ZELL, Rosa. Presencia Femenina en el año de la liberación. *Revolución*, La Habana, Lunes de *Revolución*, año III, nº 376, 25 de enero de 1960, p. 18-19. *Destaque nosso*.

¹⁷⁵ A mudança de nomeação ministerial ocorreu em junho de 1959. O *Revolución* fez a cobertura do ato, que também contou a mudança de mais quatro ministros. Vê.: Cinco cambios en el consejo de ministros. *Revolución*, La Habana, año II, nº 159, 12 de junio de 1959, p. 18.

¹⁷⁶ Vicentina Antuña Tabío, nascida em Havana em 22 de janeiro de 1909, foi uma importante intelectual cubana, atuando como professora, pedagoga e filósofa. Além disso desempenhou uma participação política significativa na resistência às ditaduras de Gerardo Machado e Fulgencio Batista, como integrante da *Ala Izquierda* e anos depois do M-26/7. Após a Revolução, foi nomeada a primeira diretora de cultura do Ministério da Educação e posteriormente assumiu a presidência do *Consejo Nacional de Cultura*. Ao longo de sua trajetória também participou da FMC, a cargo de presidente da *Comisión Nacional Cubana* na UNESCO. Seu falecimento

Especificamente no tópico “*Cuba: Llave del Nuevo Mundo*”, Zell ressaltou as funções diplomáticas exercidas por Haydée Santamaría de Hart na *Casa de las Américas*, por Vilma Espín de Castro e Aleida March de Guevara como representantes políticas nos eventos internacionais, que abriam “...*la puerta de la solidaridad continental...*”, com as suas atividades adjetivadas como fatigantes e intermináveis:

Y si en lo que, por razón de su sexo, lleva la mujer ventaja al hombre, que es en la tarea amorosa, y en la labor cuidada donde el detalle es de primordial importancia, y en que la intuición es acierto, y en la faena de gracia y sonrisa, la mujer cubana ha sabido, como tal, dar lo mejor de sí a la obra grande de esta hora, ¿estuvo por eso ausente del esfuerzo viril, en que el sexo marca desventaja para ella? Pregúnteselo a las muchachas del batallón “Mariana Grajales”, a las que manejaron en la guerra el fusil tal como los hombres, y en la paz no lo han dejado caer de sus manos. Y pregúnteselo a esa otra figura eximia de la Revolución: la maestra rebelde.

*¿Nombres? ¡Sobran los nombres! Que, sea cual fuere el que se vea estampado en su carta de servicios, a todas y a cada una les viene mejor el que tomaron como bandera: ¡Mariana Grajales!*¹⁷⁷

Vilma Espín presidia a organização que representou as mulheres no Congresso Feminino Interamericano no Chile em 1959, utilizando o mesmo espaço para discursar a favor da Revolução em Cuba diante da imprensa estrangeira, amplamente repercutida. Para finalizar, contrasta as profissões citadas acima com as tarefas revolucionárias, como de empunhar armas, que, em sua posição, não seriam atribuições das mulheres, mas que, no entanto, a fizeram como uma necessidade secundária e não como uma tarefa primária.

No ano seguinte, em 16 de junho de 1960, Mirta publicou na coluna “Puntadas” o interesse da *Televisión Revolución* em criar um programa dedicado às mulheres. O objetivo era de que o programa “...*sea realmente popular y recoja las verdaderas inquietudes de nuestras mujeres; aquellas que empuñan el fusil para defender a su patria con la misma firmeza con que cosen un vestido o acarician a un bebito*”.¹⁷⁸ A direção do programa foi oferecida a Mirta, que, apesar de não confirmar explicitamente sua aceitação, solicitou às suas leitoras que colaborassem com sugestões de nomes para o programa.¹⁷⁹

Em um outro registro, no mês seguinte, em 25 de julho de 1960, selecionamos um artigo publicado em “Carrousel de Femeidades”, uma coluna especial publicada

foi em 8 de janeiro de 1993. Vf.: <https://cubarte.cult.cu/periodico-cubarte/vicentina-antuna-tabio-mas-alla-de-las-palabras/>. Acesso em: 28 fev. 2024.

¹⁷⁷ HILDA ZELL, Rosa. *Op. cit.*, 1960, p. 19.

¹⁷⁸ Mirta. *Puntadas. Revolución*, La Habana, año III, nº 467, 16 de junio de 1960, p. 13.

¹⁷⁹ Segundo informações de Mirta, a organização feminina *Hermandad de Madres Marta Abreu*, enviou uma carta para a coluna, mencionada em 23 de junho de 1960, cumprimentando pelo espaço conquistado na *Televisión Revolución*. No entanto, a carta não teria chegado em suas mãos e pede, se possível, para ser reenviada.

semanalmente.¹⁸⁰ Nele, Mirta narra a história de Margarita Dominguez Cabrera, uma jovem rebelde que lutou ao seu lado contra a ditadura de Batista e faleceu aos 22 anos, em 26 de julho de 1959, após participar das concentrações populares que celebravam a data significativa. Em sua homenagem, na data próxima a um ano de seu falecimento, foi lembrada como “...aquella, que si los hubiera sido permitido escoger, habríamos puesto mayor interés en impedir que muriera”. A autora refletiu sobre o impacto da revolução na juventude, considerando-os até mesmo maduros diante dos desafios que enfrentavam.¹⁸¹

Por meio do texto de Mirta, foi destacado a participação ativa de Margarita durante o processo revolucionário. O artigo é acompanhado por três fotografias, as quais não possuem créditos autorais, no qual identificou Margarita e pessoas próximas a ela, como María Urquiola, Pastorita Núñez, Celia Fernández de la Hoz e Edilia Morales. Estas imagens foram registradas durante visita feita quando Margarita esteve detida, ali permaneceu encarcerada por cinco meses e, posteriormente, exilou-se para os Estados Unidos. Em cartas enviadas às suas companheiras de luta, compartilhou sua preocupação com María Urquiola, com quem dividiu a cela e naquele momento estavam juntas no exílio. A situação era de que María, além de estar adoecida e hospitalizada, enfrentava a perseguição por parte do governo estadunidense. Mirta também relatou no mesmo artigo a dura realidade de torturas físicas sofridas por Margarita na prisão, incluindo a privação de alimentos para forçá-la a confessar. Além dela, María, já mencionada, Nilda Ravelo e Gypsi Matamoros também foram detidas no mesmo lugar. Um episódio particularmente violento ocorreu durante sua audiência, quando Margarita usava um vestido com um emblema do M-26/7. Ao ser identificado por Julio Laurent, o emblema foi arrancado de seu vestido, rasgando o tecido.¹⁸²

2.2. As temáticas das colunas femininas

2.2.1. “Metiendo La Cuchara” (junho a outubro de 1959)

Em 25 de junho de 1959, foi inaugurada a coluna “Metiendo la Cuchara”, assinada por Rosa Hilda Zell. Desde a primeira edição, como podemos visualizar na Figura 4 abaixo, destacado entre as linhas vermelhas, a colaboradora posicionou-se favorável ao novo governo,

¹⁸⁰ Apesar de o texto não estar referenciado, apenas a coluna *Puntadas*, publicada sempre na mesma página, a partir da investigação realizada, atribuímos a Mirta também como colunista de *Carossuel de Femineidades*.

¹⁸¹ MIRTA, Carossuel de Femineidades: La revolución y una muchacha. *Revolución*, La Habana, año III, nº 478, 25 de julio de 1960, p. 22.

¹⁸² Conforme destacado no artigo, os emblemas eram feitos pelas prisioneiras com palitos de dente e com as letras de sopa.

indicando que, apesar de ser conhecida pelo público por compartilhar suas receitas, nesta nova coluna suas leitoras também encontrariam reflexões sobre a condição da mulher cubana. As receitas eram publicadas à parte, em “Hágalo Así”, assinada pelo seu pseudônimo de A. L., abreviaturas do nome Adriana Loreda, identificada na Figura 4 na cor azul.

Figura 4 – Inauguração da coluna “Metiendo la Cuchara” sob direção de Rosa Hilda Zell

La Habana, jueves, 25 de junio de 1959

ROSÁ HILDA ZELI Metiendo la Cuchara

Templé pensada acortar hoy, a mejor del simple y sencillo, cetera excepto que, verídica reproducción de la sencilla sencillez, quedó dicho de media que se presta a interpretaciones que no sean de mi agrado.

Hay que irse haciendo la idea de que el mundo es un lugar muy extraño, pero que a la vez es un lugar muy bonito. Hay que irse haciendo la idea de que el mundo es un lugar muy extraño, pero que a la vez es un lugar muy bonito. Hay que irse haciendo la idea de que el mundo es un lugar muy extraño, pero que a la vez es un lugar muy bonito.

Hay que irse haciendo la idea de que el mundo es un lugar muy extraño, pero que a la vez es un lugar muy bonito. Hay que irse haciendo la idea de que el mundo es un lugar muy extraño, pero que a la vez es un lugar muy bonito. Hay que irse haciendo la idea de que el mundo es un lugar muy extraño, pero que a la vez es un lugar muy bonito.

Hay que irse haciendo la idea de que el mundo es un lugar muy extraño, pero que a la vez es un lugar muy bonito. Hay que irse haciendo la idea de que el mundo es un lugar muy extraño, pero que a la vez es un lugar muy bonito. Hay que irse haciendo la idea de que el mundo es un lugar muy extraño, pero que a la vez es un lugar muy bonito.

POUNCE MEETS

Suscríbete a REVOLUCION

Telef. 70-5591

ROSÁ HILDA ZELI

Hágalo Así:

Por A.L.

Unos ha comprado un pollo, y quiere prepararlo en la tartera que se le vende en el mercado. Pero otros, para evitar los problemas de la tartera, han comprado un pollo y lo han cocinado en la tartera que se le vende en el mercado.

Unos ha comprado un pollo, y quiere prepararlo en la tartera que se le vende en el mercado. Pero otros, para evitar los problemas de la tartera, han comprado un pollo y lo han cocinado en la tartera que se le vende en el mercado.

MAÑANA PUEDE SER TARDE PARA SALVAR SUS DIENTES... ¡VISITE AL DENTISTA HOY!

Unos ha comprado un pollo, y quiere prepararlo en la tartera que se le vende en el mercado. Pero otros, para evitar los problemas de la tartera, han comprado un pollo y lo han cocinado en la tartera que se le vende en el mercado.

OPERACION RACION

Unos ha comprado un pollo, y quiere prepararlo en la tartera que se le vende en el mercado. Pero otros, para evitar los problemas de la tartera, han comprado un pollo y lo han cocinado en la tartera que se le vende en el mercado.

Unos ha comprado un pollo, y quiere prepararlo en la tartera que se le vende en el mercado. Pero otros, para evitar los problemas de la tartera, han comprado un pollo y lo han cocinado en la tartera que se le vende en el mercado.

Unos ha comprado un pollo, y quiere prepararlo en la tartera que se le vende en el mercado. Pero otros, para evitar los problemas de la tartera, han comprado un pollo y lo han cocinado en la tartera que se le vende en el mercado.

Unos ha comprado un pollo, y quiere prepararlo en la tartera que se le vende en el mercado. Pero otros, para evitar los problemas de la tartera, han comprado un pollo y lo han cocinado en la tartera que se le vende en el mercado.

Investigou-se a possibilidade de o pseudônimo de Adriana Loredó ser atribuído publicamente a Rosa Hilda Zell em jornais e revistas digitalizadas na Biblioteca Digital do Caribe, focando no período anterior a 1959. No entanto, não foram encontradas evidências conclusivas. A reivindicação de autoria foi confirmada na primeira edição de “Metiendo la Cuchara”, na qual a Zell adotou publicamente as assinaturas de Adriana Loredó e A. L., identificando também sua colaboração na *Bohemia*. A coluna em questão refere-se a “Hágalo Así”, título idêntico à coluna da publicada no *Revolución*, que, no entanto, era veiculada na *Bohemia* era publicada desde o ano de 1947.¹⁸³ Outro indício do pseudônimo foi em propagandas publicadas pelo *Hoy*, da Rádio *Cadena Azul* (1939-1954, La Habana) em que anunciava o quadro de Adriana Loredó sobre culinária.¹⁸⁴

Rosa Hilda Zell empreendeu uma extensa trajetória como colunista até o ano de 1959, contribuindo para jornais, revistas e até rádio, com enfoque exclusivo em temas culinários. Após o triunfo da Revolução, continuou a publicar colunas com o pseudônimo de Adriana Loredó no *Revolución*, além de outra coluna de receitas intitulada “La cocina de hoy”, no *Noticias de Hoy*.¹⁸⁵ Nossa hipótese para a continuação da publicação de colunas como Adriana Loredó, refere-se à popularidade de seu pseudônimo, o qual Zell continuou a utilizar tanto no *Revolución* quanto na *Bohemia* e no *Hoy*. Ao abordar uma nova temática, criou o “Metiendo la Cuchara”, que ainda remetia ao seu tema anterior.

Em “Metiendo la Cuchara”, Zell publicou a partir de diversos gêneros textuais, incluindo crônicas, poesias e artigos de opinião. Os assuntos principais da coluna centravam-se na condição social da mulher e questões do cotidiano. Apesar de endossar as ideias do governo, Zell reconhecia a desigualdade vivenciada entre as mulheres e homens na sociedade cubana e, acreditava que essa questão pode ser superada por meio do “*el estudio de sus problemas específicos a la luz de los principios revolucionarios*”.¹⁸⁶ A ideia de que a revolução seria o caminho para superar as desigualdades sociais enfrentadas pelas mulheres foi amplamente difundida naquele período.

¹⁸³ LOREDO, Adriana. El Menu de la Semana. *Bohemia*, La Habana, año 39, nº 9, 2 de marzo de 1947, p. 73.; *Ibid.* El Menu de la Semana. *Bohemia*, La Habana, año 40, nº 20, 16 de mayo de 1948, p. 120.; *Ibid.* Hágalo Así. *Op. cit.*, p. 120.; *Ibid.* El Menu de la Semana. *Bohemia*, La Habana, año 40, nº 27, 4 de julio de 1948, p. 100.; *Ibid.* Hágalo Así. *Op. cit.*, p. 100.

¹⁸⁴ Cadena Azul. *Noticias Hoy*, La Habana, año XVI, nº 61, 13 de marzo de 1953.; Cadena Azul. *Noticias Hoy*, La Habana, año XVI, nº 106, 6 de mayo de 1953.

¹⁸⁵ Alguns exemplares verificados: *Noticias de Hoy*. La Habana, año XXIII, nº 247, 2ª ed., 19 de octubre de 1961.; *Noticias de Hoy*. La Habana, año XXIII, nº 266, 12 de noviembre de 1961.; *Noticias de Hoy*. La Habana, año XXIII, nº 272, 2ª ed., 19 de noviembre de 1961.; *Noticias de Hoy*. La Habana, año XXIV, nº 23, 2ª ed., 28 de enero de 1962.

¹⁸⁶ A colaboradora relata uma primeira edição, no dia anterior, que não foi encontrada.

Ao lado de seus extensos artigos, eram divulgadas propagandas de produtos para o consumo doméstico, vestuário adulto e infantil, conforme observado no exemplo da Figura 4. Outras propagandas encontradas ao longo das edições eram de oportunidades de emprego para mulheres em empresas privadas, como secretárias, além de vendas de passagens aéreas internacionais. Essas propagandas de empresas privadas concentraram-se no primeiro ano do governo revolucionário, corroborando para a afirmação de que, em certa medida, parte do financiamento do jornal tenha sido obtido a partir de publicidades.

Também foi possível identificar, contrariando a afirmação de Franqui, a presença de propagandas governamentais, como a campanha *Operación Nutrición*, da Organización Nacional de Comedores Escolares y Populares, a *Compañía Cubana de Electricidad*, celebrando o Dia do Eletricista, e a divulgação realizada pelo *Instituto Nacional de Ahorros y Viviendas*, sobre os jogos de apostas.¹⁸⁷ Importa destacar a observação de Tania Regina de Luca,

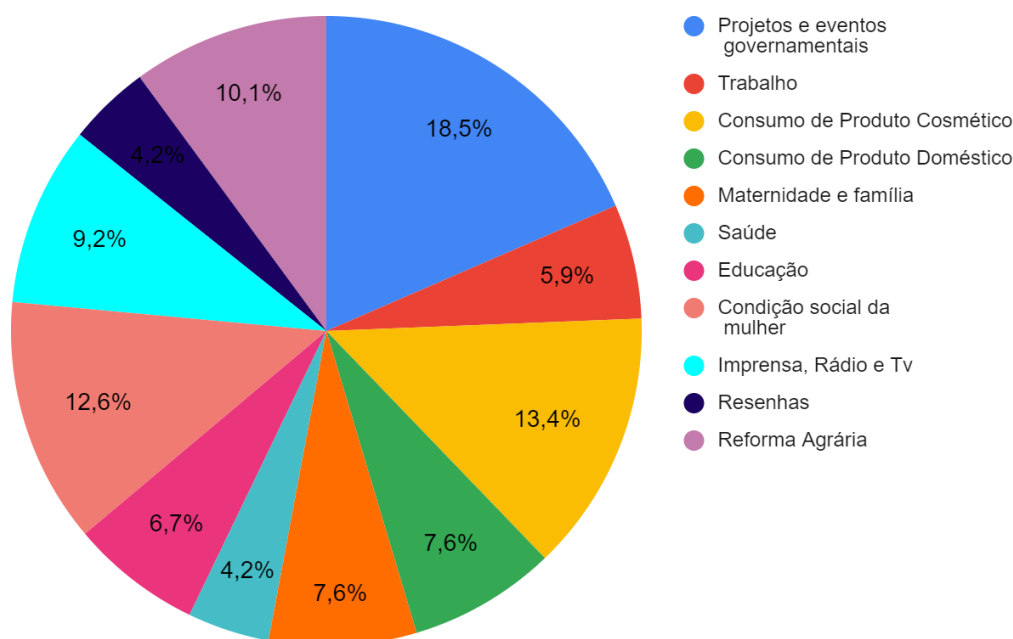
Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitário. Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas desses impressos[...]¹⁸⁸

Desse modo, cabe ressaltar as semelhanças do conteúdo encontrados em algumas edições da coluna com as propagandas veiculadas na mesma edição e página que publicizavam produtos para consumo doméstico, como vestuário familiar, alimentos, produtos de limpeza, remédios e objetos de utensílios. Além deles, também foram encontradas propagandas de cosméticos, incluindo maquiagem, produtos para o cabelo e o corpo. Ao todo, foram identificadas 9 propagandas sobre a primeira temática e 16 sobre a segunda, somando juntas a porcentagem de 21% dos assuntos totais (7,6% de consumo de produto doméstico e 13,4 de produtos cosméticos). Além disso, outro tema abordado por Zell estava relacionado aos projetos governamentais, nos quais se destacaram a divulgação dos primeiros eventos públicos com grande participação popular, como o feriado nacional de 26 de julho, nomeado oficialmente como *Día de la Rebeldía Nacional*, a Primeira Feira do Livro, além de outros menores, destinados a angariar recursos para o M-26/7 e o governo. Essa temática ocupou a porcentagem de 18,5% dos assuntos, como pode ser observado no Gráfico 2, contabilizando 22 edições.

¹⁸⁷ *Revolución*, La Habana, año II, nº 277, 2ª ed., 31 de agosto de 1959, p. 24.

¹⁸⁸ LUCA, Tania Regina de. *Op. cit.*, 2008, p. 140.

Gráfico 2 – Principais temas sobre mulheres na Coluna “Metiendo La Cuchara”



Fonte: *Revolución*, La Habana, 25 de junio a 29 de octubre de 1959. Elaborado pela autora.

A partir de 28 de agosto de 1960, a coluna foi reestruturada e seu nome foi alterado para “Cosas de Mujer”, sob a direção de Adriana Loredo, seu pseudônimo; já “Metiendo La Cuchara” continuou a ser publicado por Rosa Hilda Zell e “Hágalo Así” passou a ser publicado pelas iniciais do pseudônimo, A. L. Na mesma edição foi inserido uma nova subcoluna, “Apesar de todo”, este, no entanto, sem assinatura direta, em que Zell publicava crônicas. Na edição seguinte, uma nova tentativa. Zell publicou a subcoluna “El plato para el domingo”, estampada esporadicamente na sua coluna, em mais 6 ocasiões, quando o *Revolución* lançou uma seção especial da semana.¹⁸⁹ Outras tentativas de subcolunas foram publicadas, como o caso de “A media voz”, em 4 de setembro, sugerindo às leitoras produtos cosméticos, incluindo maquiagem e penteados, desse tema, foram publicadas em outras 7 oportunidades.

Em “Para compartir con su niño”, publicada em 10 de setembro, com as iniciais R. H. Z., Zell iniciou uma série de reflexões sobre a maternidade e a infância, no entanto, só teve 4 edições. Esse tema foi abordado em outros momentos, a preocupação com a educação primária foi debatida pela colaboradora no mês anterior, no dia 12 de agosto. Segundo dados divulgados por ela, 88% dos professores em formação eram mulheres, em uma estimativa nacional, e a capital seria uma das cidades com mais expressividade na participação de

¹⁸⁹ Como característico do jornal *Revolución*, a seção era publicada ocasionalmente, sem uma rígida data de precisão. No entanto, com o mapeamento da coluna de Zell, com “Carousel de Femenidades”, sabemos que foi publicada em 13, 20, 27 de junho, 18 e 25 de julho, 22 de agosto, 12 de setembro de 1960.

homens.¹⁹⁰ A preocupação de Zell era quem seriam as influências masculinas na vida das crianças do sexo masculino, pois em sua opinião as mulheres, apesar de se mostrarem dispostas a ocupar os cargos de magistério, carregavam muita influência feminina.

A presença do masculino era requerida, pois acreditava-se que a função do professor extrapolava o ensino, para Zell, “*¿Es que la mujer, precisamente por serlo, de ninguna manera puede formar en moldes de hombres al niño a quien le enseña gramática y aritmética, y ortografía!*”. A ausência dos homens era sentida de forma angustiante, em outro trecho,

[...]A nuestro juicio – y es el comentario que deseamos hacer sobre los próximos ejercicios de oposición, antes de que los mismos se realicen – tan importantes os más que las materias que figuran en los planes de estudio, es la enseñanza, muchas veces inevitable e inconsciente, de esos imponderables que hacer que un hombre, y una mujer, una mujer[...]¹⁹¹

Mary-Alice Waters também registrou o expressivo número de mulheres que assumiram a função da docência. Em 1961, quando iniciou a Campanha Nacional de Alfabetização, milhares de jovens mulheres assumiram o trabalho voluntário de fazê-lo em todo o país, incluindo nas regiões rurais. Antes da Revolução, 55% das mulheres eram analfabetas, segundo dados de Waters, com maior expressão entre as mulheres que viviam no campo. Em contrapartida, ao se especializarem nos primeiros anos da Revolução, as mulheres atingiram a estimativa de 59% dos alfabetizadores.¹⁹²

O que se destacou da coluna de Rosa Hilda Zell foi a sua insatisfação social. Enquanto jornalista que viveu durante os tempos da ditadura e teve trabalhos censurados, como lembrou em seus artigos, no *Revolución* utilizava o espaço para expressar-se livremente na coluna. Outras temáticas abordadas por ela foram a Reforma Agrária, em 12 edições, além de protestar frequentemente sobre a qualidade dos produtos nacionais, em 16 edições, evidenciando problemas de saúde em 5 edições, como o caso de duas jovens que cometeram suicídio por envenenamento de produtos guardados de modo indevido dentro dos lares.

Também foi possível identificar nos seus artigos respostas às leitoras, evidenciando a repercussão do público. Nesse sentido, vale ressaltar a dificuldade em definir quem eram elas, suas características pessoais ou profissões que ocupavam, o que se sabe é que eram

¹⁹⁰ HILDA ZELL, Rosa. Metiendo la Cuchara. *Revolución*. La Habana, año II, nº 211, 12 de agosto de 1959, p. 7.

¹⁹¹ *Ibidem*.

¹⁹² WATERS, Mary-Alice. Nace la Federación de Mujeres Cubanas. In: WATERS, Mary-Alice. *Las mujeres en Cuba: Haciendo una revolución dentro de la revolución*. Canadá: Pathfinder Press, 2012, p. 198.

alfabetizadas, diferente de quase metade de população do país do período. Além disso, como eram público-alvo de propagandas publicitárias, é possível afirmar que essas mulheres possuíam um certo poder aquisitivo. As correspondentes identificadas foram professoras, intelectuais, artistas e escritoras. As respostas de Zell às leitoras foram mais intensas no período em que se juntou à campanha do jornal para receber os camponeses de diversas regiões do país em Havana por ocasião do grande ato cívico de 26 de julho de 1959, em comemoração da primeira lei de Reforma Agrária,¹⁹³ data que se tornou feriado nacional. Em diversos momentos, a colaboradora abordou o assunto, respondendo dúvidas e refletindo sobre o significado do evento e a necessidade de se garantir, de bom grado, a hospedagem aos viajantes, que deveriam chegar a pelo menos 500 mil. Posteriormente, a SFM-26/7 o assumiu a campanha de organização das hospedagens e foi Mirta Rodríguez Calderón, a presidente provincial de Havana, quem assinava as publicações.

Heloisa Camargo analisou toda a produção da temática agrária do *Revolución* entre 1959 a 1961, identificando a intensa campanha em apoio à lei e à promulgação das leis de Reforma Agrária em Cuba, com 1485 matérias localizadas.¹⁹⁴ Por meio de análise sistemática da fonte, os resultados evidenciaram a participação de diversos setores políticos a favor da medida, como o PSP, também organizações religiosas, incluindo cristãos e espíritas, o apoio de setores trabalhistas, como indústrias, engenheiros e mineiros, e por fim, cabe ressaltar a identificação de organização política de mulheres, neste caso, a *Hermandad de Madres*.¹⁹⁵

Rosa Hilda Zell se destacava como uma excelente escritora, utilizava do humor e ironia como ferramenta de comunicação. Um dos momentos mais notáveis em que Zell evidenciou o uso de sua liberdade opinativa foi quando justificou sua ausência em um evento social.¹⁹⁶ Apesar de publicá-lo, como parte de seu ofício, não o fazia sem crítica. No trecho a seguir, previamente ao dia do evento, explicou o motivo de sua ausência:

Yo no voy a cocteles. ¿Por qué? Pues porque de algún subterfugio se ha de valer una para ser original. Y el mío es éste: no asistir a cocteles, ni a banquetes en homenaje a nadie, ni a mesas redondas, cuadradas y triangulares ni a almuerzos en que entre bocado y bocado se discuten temas de interés más o menos público, ni a acto ninguno en que se mezcle la gastronomía con el civismo, que es, dicho sea, con

¹⁹³ A primeira lei de Reforma Agrária foi assinada pelo Primeiro-Ministro, Fidel Castro, em 17 de maio de 1959. Com a promulgação da lei, foi constituída a criação do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA), sob a direção de Castro e coordenado por Antonio Núñez Jiménez, definindo até no máximo, 402 hectares de terra por propriedades privadas. De acordo com Camargo, em dados apurados, até 1961, 31.812 títulos de propriedades foram distribuídos em toda Cuba, atingindo estimado 85% das terras. CAMARGO, Heloisa. *Op. cit.*, p. 28.

¹⁹⁴ CAMARGOS, Heloisa. *Op. cit.*, p. 36-38.

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 28.

¹⁹⁶ HILDA ZELL, Rosa. Metiendo la Cuchara. *Revolución*, La Habana, año II, nº 231, 4 de septiembre de 1959, p. 5.

*perdón de Cervantes, un género de mezcla de que no se ha de vestir ningún epicúreo entendimiento[...]*¹⁹⁷

O evento mencionado tinha como objetivo angariar fundos para a assistência social, com a “*Campaña del Peso*”, realizada no *Lyceum Lawn Tennis Club*, com a arrecadação de dinheiro por meio da venda de rifa, que premiava em sorteio um carro. Zell, que anunciou a compra de um cupom, não deixou de expressar seu incômodo no formato desse tipo de evento. Apesar disso, os participantes foram convidados a enviar notícias para que publicasse.

2.2.2. “*Puntadas*” (maio de 1960 a abril de 1961)

“*Puntadas*” foi a segunda coluna dedicada ao público feminino, inaugurada em 17 de maio de 1960, ou seja, quase sete meses após o fim da coluna “*Metiendo la Cuchara*”. O título pode ser interpretado como uma sugestão sutil ao público feminino que se relacionava com outra característica marcante da coluna, a cobertura sobre as tendências de moda.¹⁹⁸ Mais compacta comparada ao espaço destinado à coluna anterior, quem assinava a coluna era Mirta, que se identificava como uma colaboradora anônima, interessada em publicar sobre a situação das mulheres cubanas. Outra característica comparativa à coluna anterior, que noticiava sobre temáticas do cotidiano, é que nesta as notícias políticas eram o destaque, especialmente aquelas relacionadas às organizações de mulheres, que estavam em plena efervescência no país e fora dele. A coluna também noticiava as participações das mulheres cubanas em eventos políticos internacionais, como nas reuniões da Federação Democrática Internacional de Mulheres (FDIM),¹⁹⁹ em Copenhague, e no Congresso das Mulheres dos países da América Latina, no Chile.

Em abril de 1960, quando ainda existia o *Congreso de Mujeres Cubanas por la Liberación de Latinoamérica*, organização política de mulheres criada após o evento no Chile, o *Revolución* publicou um artigo de Edith Depestre acerca do encontro internacional de mulheres em Copenhague promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU), que comemorava o seu quinquagésimo aniversário, em que foram enviadas representantes cubanas para o evento. Na ocasião, as temáticas discutidas foram:

¹⁹⁷ *Ibidem*.

¹⁹⁸ Mirta. *Puntadas*. *Revolución*, La Habana, año III, nº 461, 6 de junio de 1960, p. 22.

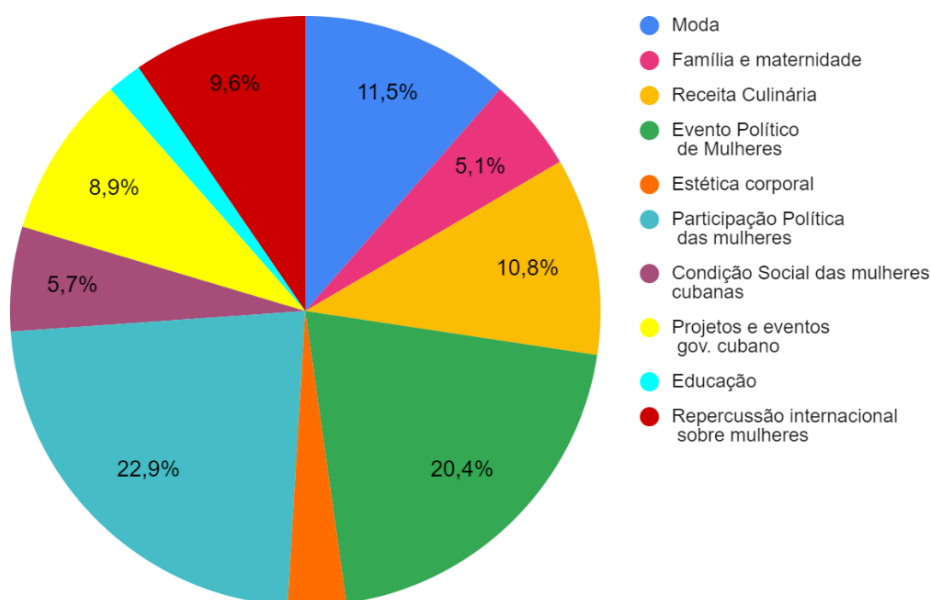
¹⁹⁹ Fundada em 1945, em Paris, a FDIM tinha como objetivo inicial reunir representantes políticas de diversos países para discutir questões de seu tempo, especialmente relacionadas às mulheres. Segundo dados de Fernanda Flôres, a instituição alcançou mais de 81 milhões de filiadas em todo o mundo, incluindo 850 lideranças políticas de 40 países. FLÔRES, Fernanda Lédo. A atuação da Federação Democrática Internacional de Mulheres em Cuba (1960-1980). In: XIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: "História e mídias: narrativas em disputas", 2020, Recife-PE. *Anais* [...]. Recife: 2020, p. 1.

*[...]participación de las mujeres en la vida económica y pública; derechos civiles de la mujer; las realizaciones sociales que permiten a la mujer conciliar sus actividades exteriores y sus responsabilidades familiares; la instrucción y el desarrollo cultural de las mujeres y los esfuerzos que deben desplegar las organizaciones femeninas y todas las mujeres en favor de la distensión internacional del desarme y de la cooperación entre los pueblos[...]*²⁰⁰

Ao contextualizar a história do movimento feminista, especialmente nos períodos de guerra e a relação com o trabalho industrial, Depestre resalta as novas relações sociais das mulheres que conflitavam entre a vida do trabalho e as funções domésticas e familiares. As principais reivindicações das mulheres, apuradas pela autora, foram a luta contra a miséria, a fome, o analfabetismo e as armas atômicas. Também já era notado pela colaboradora, o papel das mulheres nos países em desenvolvimento e colonizados, como no caso das vietnamitas e argelinas, que também foram para a frente de guerra defender a soberania da nação, assim como foi o caso das mulheres que participaram do processo revolucionário cubano, em destaque, as que integraram o pelotão Mariana Grajales. O novo governo reconhecia o feito das mulheres, de acordo com Depestre, e justifica com a ocupação laboral das mulheres em posições estratégicas da administração, nesse caso, entendemos que a pública, referindo-se à estatal, como a presença de Pastorita Núñez, no INAV e de Raquel Perez de Miret, no Ministério de Bem Estar Social.

Ainda sobre a coluna, suas principais temáticas, como veremos a seguir no Gráfico 3, ainda abordavam os temas tradicionalmente femininos, ligados ao consumo, como produtos cosméticos de cabelo, maquiagem e pele, além de sugerir conteúdos de decoração doméstica, em 27 edições, incluindo assuntos de moda, em 18 edições. Além disso, cabe ressaltar que a estética corporal da mulher também era um assunto abordado, mas, neste caso, era relacionado a temáticas de saúde, encontrado em pelo menos 5 edições.

²⁰⁰ DEPESTRE, Edith. El Encuentro de Copenhague. *Revolución*, La Habana, año III, nº 430 28 de abril de 1960, p. 2.

Gráfico 3 – Principais temas sobre mulheres na coluna “Puntadas”

Fonte: *Revolución*, La Habana, 17 de mayo de 1960 a 11 de abril de 1961. Elaborado pela autora.

É importante ressaltar que a influência da FDIM sobre as mulheres cubanas remonta à década de quarenta, quando uma filial da instituição foi inaugurada na ilha, com o nome de Federação Democrática de Mulheres Cubanas. Suas integrantes atuaram em conjunto com outras organizações contra a ditadura de Batista e participaram do M-26/7 e PSP.²⁰¹ A abordagem de Mirta sobre a participação de representantes cubanas em eventos da FDIM, incluindo suas reflexões acerca da condição social da mulher cubana, em 9 edições, aproxima as suas conquistas com as demais que estavam ocorrendo ao redor do mundo. Desse modo, é questionável a narrativa oficial, constituída pelo Estado cubano, sobre as mulheres desse período, que atribuem suas conquistas e direitos exclusivamente à Revolução, deslocando-se dos pensamentos feministas da época.

Mirta, em outro momento, repercutiu notícias sobre a guerra colonialista da França contra a Argélia, apoiando os posicionamentos de Simone de Beauvoir no *Le Monde*, que teria sido veiculado em vários países, sobre a argelina Djamila Boupacha, liderança da resistência que foi presa, torturada e estuprada por franceses. O caso de Djamila foi repercutido por meses na coluna.²⁰² Importa ressaltar que Simone de Beauvoir havia visitado recentemente Cuba, no fim de fevereiro de 1961, acompanhando Jean-Paul Sartre, convidados

²⁰¹ FLÔRES, Fernanda Lédo. *Op. cit.*, p. 4-5.

²⁰² Foi identificada a repercussão do caso na coluna nos dias 10 de junho, 1, 16 e 17 de julho de 1960. Além dela, Edith Depestre também escreveu um artigo sobre o caso e a coluna da FMC em novembro de 1961. *Vf.: DEPESTRE, Edith. En defensa de Djamila Boupacha. Revolución*, La Habana, año III, nº 472, 18 de junio de 1960, p. 2.; FMC. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 896, 3 de noviembre de 1961, p. 2.

por Carlos Franqui, foram hóspedes do governo revolucionário durante um mês, mas até o momento não foram encontrados registros sobre alguma reflexão que tenha feito em relação à condição das mulheres cubanas, além do incentivo à emancipação financeira.²⁰³

Os assuntos voltados ao consumo eram de propaganda cosmética, moda, incluindo tendências internacionais, além de sugestões de saúde e estética, envolvendo assuntos de emagrecimento e exercício físico. Assim como na coluna anterior, o *Revolución* utilizava as colunas das mulheres para propagandear campanhas políticas, como a divulgação da estreia do filme *Hiroshima*, promovido pelo *Congreso de Mujeres por la Liberación de Latinoamérica*, com ingressos ao preço de 25 centavos. Além disso, Mirta incentivava às leitoras ao consumo de produtos nacionais, diferentemente de Zell, da coluna anterior, como por exemplo, na edição de 25 de julho de 1960, às vésperas do feriado nacional de 26 de Julho, a parte dedicada aos cuidados corporais, por exemplo, foi sugerido dicas de cuidados com a pele e beleza para o ato público no outro dia, no evento que ocorreria na Sierra Maestra.

Importa ressaltar que, assim como a coluna anterior, não tinha uma página ou numeração de coluna fixa de publicação, no entanto, conforme verificado, essa é uma característica do jornal como um todo. Apesar disso, “Puntadas” se destacou de “Metiendo la Cuchara” em sua apresentação visual. Em torno do textos foram delineadas bordas, separando-o dos demais, assemelhando com o formato da coluna Federação de Mulheres Cubanas, inaugurada após seis meses de seu fim, em 11 de outubro de 1961.²⁰⁴

2.2.3. “FMC (outubro a dezembro de 1961)”

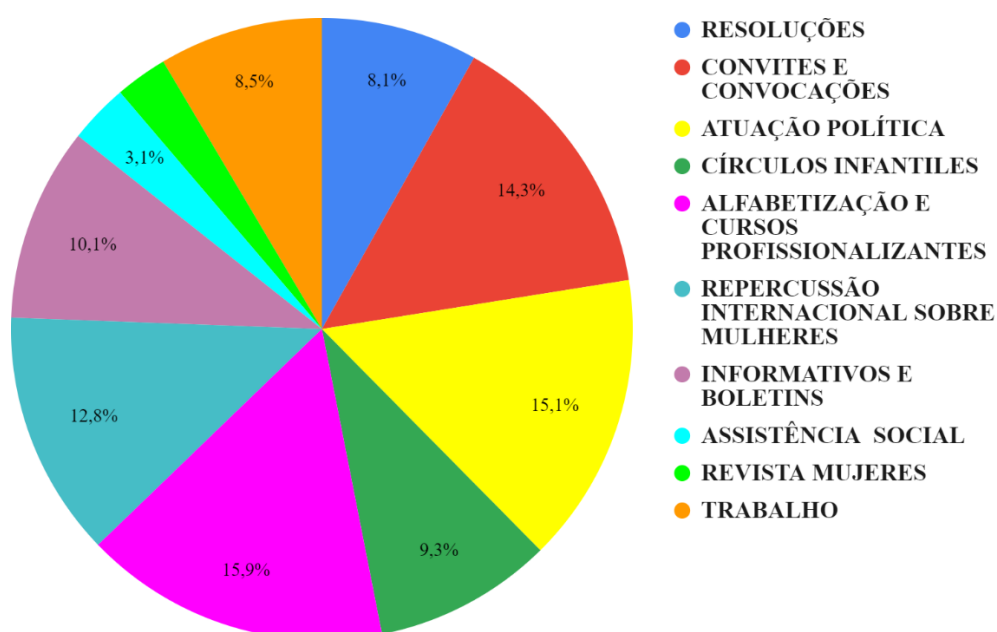
Ao contrário das anteriores, que foram assinadas por colaboradoras, nesta a própria FMC foi encarregada pela publicação da coluna. Cabe mencionar que, nesse contexto, após o segundo semestre de 1961, o *Revolución* já havia passado por mudanças gráficas, alterando o *layout* que, apesar de se manterem em 8 colunas de textos por página, foram visualmente mais bem divididas, com o uso de bordas entre os textos e diferentes tipos de fonte e tamanho nas letras dos títulos e subtítulos. A coluna da FMC era publicada sempre na segunda página do jornal e no mesmo formato. As principais temáticas noticiadas pela coluna da instituição dividiam-se entre: as resoluções das plenárias e reuniões; os convites e convocações para atos e eventos públicos, incluindo atividades voluntárias promovidas pela FMC; a descrição e

²⁰³ MASSAMBONE, Ingrid Thibes. *Op. cit.*, 2018.

²⁰⁴ Cabe ressaltar que não se sabe a data final de publicação, pois supera os limites do acesso à fonte.

agenda das atuações políticas em todo o país; notícias sobre os *Círculos Infantiles*; sobre a reta final da campanha de alfabetização e os cursos de profissionalização para mulheres; os programas de assistência social para mulheres, crianças e famílias; a *Mujeres*;²⁰⁵ e divulgação de empregos ou notícias de mulheres em atuação de trabalhos formais e remunerados.

Gráfico 4 – Principais temas sobre mulheres na coluna Federação de Mulheres Cubanas (FMC)



Fonte: *Revolución*, La Habana, 23 de octubre a 29 de diciembre de 1961. Elaborado pela autora.

Cabe ressaltar que os princípios que regiam a FMC eram herdados da FDIM, que tinha como pauta ideológica a luta antifascista, que apesar de não assumir uma ideologia socialista, aproximava-se ideologicamente dos países comunistas. As principais reivindicações de direito das mulheres pela FDIM incluíam a equidade salarial, a alfabetização das mulheres e a profissionalização.²⁰⁶ Importa ressaltar que, no contexto de Guerra Fria, sendo o mesmo da Revolução Cubana, a FDIM atuava politicamente contra o

²⁰⁵ A revista *Mujeres* foi lançada em 15 de novembro de 1961, pela Federação de Mulheres Cubanas e até hoje é veiculada impressa. Há também uma versão *on-line*, no site da própria revista, <http://www.mujeres.cu/index.php>. No entanto, atualmente encontra-se disponibilizado em <https://mujeresfmc.blogspot.com/>, embora os sites governamentais oficiais estejam desatualizados, as redes sociais da FMC indicam o novo site. V.f.: SILVA, Luis Alberto Fernández. *Mulheres em Mujeres: Um estudo interseccional dos sentidos de gênero produzidos pela revista cubana*. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

²⁰⁶ FLÓRES, Fernanda Lédo. *Op. cit.*, 2020, p. 1.

colonialismo europeu, recebendo financiamento da União Soviética, aproximando-se da mesma situação política de Cuba.²⁰⁷

Em 11 e 27 de novembro de 1961, a coluna publicou “*No más domesticas*”, noticiando a graduação e inscrição de mulheres que trabalhavam como domésticas remuneradas em Escolas Noturnas de Superação e cursos de especialização, para que pudessem desenvolver-se profissionalmente e, ao serem inseridas no trabalho público, alcançassem o mais elevado nível social possível. Esse foi um movimento gradual realizado pela instituição, que ofereceu formação primária e, posteriormente, garantia o acesso ao ensino especializado. No entanto, as possibilidades que essas novas trabalhadoras alcançavam eram estabelecidas previamente pelo governo, sendo em sua maioria, neste período, a formação de trabalho técnico rural, motoristas e professoras.

Além disso, conforme analisado nas últimas edições nas quais tivemos acesso, entre os planejamentos da instituição para o próximo ano, em 1962, havia a criação de lavanderias e restaurantes populares, justificado que, para a independência das mulheres, “*no obstante que nuestra Liberación como mujeres depende en gran medida de nosostras mismas*”, evidenciando o esforço da mulher para alcançar o espaço público, no entanto, essa conquista acumularia com as outras funções caso o Estado não interferisse.²⁰⁸

Ainda sobre a coluna FMC, foi possível identificar que ela foi inaugurada durante um período de menor liberdade criativa do *Revolución*, em meados à instauração de medidas de censura do documentário financiado pelo *Lunes de Revolución*, que resultou no seu fechamento, em 6 de novembro de 1961. Posteriormente, o *Revolución* teve o material para a impressão de páginas reduzido. No entanto, não podemos afirmar que uma medida justifique a outra. O que podemos inferir é que, se entre 1959 e 1960 as colunas destinadas às mulheres eram mais opinativas e expressivas, com o jornal sendo estruturado de modo mais artesanal e aparentando pouca preocupação em manter as páginas e seções fixas. Já no final de 1961, quando a última coluna do período dedicadas as mulheres foram veiculadas, esteticamente o jornal encontrava-se mais agradável, com as páginas e conteúdos organizados, embora o conteúdo apresentado seja mais estatizado.

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 4.

²⁰⁸ FMC. *Revolución*, La Habana, año IV, n° 940, 27 de diciembre de 1961, p. 2-b.

2.3. A unificação das organizações de mulheres em prol da criação da Federação de Mulheres Cubanas

Em relação ao ano de 1959, foram identificadas duas publicações assinadas por colaboradoras mulheres, as quais representavam organizações femininas. A primeira, ainda no mês de janeiro, foi uma nota assinada por Carlota Miró, presidente da UFR, que encaminhou as resoluções da reunião ocorrida em 11 de janeiro. Alguns tópicos foram abordados, sendo o primeiro o pronunciamento em apoio às implementações de leis promovidas para o governo, como a *Ley de Alquileres*, *Ley 11* e a de Reforma Agrária. No mesmo tópico, manifestaram-se positivamente em relação às medidas populares adotadas pelo novo governo para a redução das tarifas telefônicas e elétricas, bem como “*el castigo de los aviadores criminales de guerra*”.²⁰⁹

O segundo assunto abordado foi direcionado a outras organizações políticas, incluindo a *Central de Trabajadores de Cuba* (CTC) e a Federação Estudantil Universitária (FEU), convidando-as a unirem-se com o objetivo de organizar uma comissão de concentração de atuação. Em terceiro lugar, a organização convidou as integrantes da própria organização para uma homenagem aos mortos durante o processo revolucionário, considerados então mártires, que ocorreria no mesmo dia, na parte da tarde, em frente ao Palácio e na porta da Igreja del Angel.

A UFR se posicionava politicamente em relação aos assuntos da ordem do dia, por exemplo, apoiando a justiça revolucionária contra os militares da ditadura, conhecida como *paredón*.²¹⁰ Além disso, estiveram presentes em homenagens póstumas aos mártires da Revolução,²¹¹ em um evento que também contou com a participação da Frente Cívico de Mulheres Marianas, sendo suas presenças mencionadas.²¹² A mobilização dos grupos compostos por mulheres tomou um impulso político significativo neste ano, com suas ações abrangendo uma vasta gama de atividades, algumas das quais receberam cobertura do jornal, embora tenham sido escritas por homens ou instituições.

Conforme revelado pelas análises, em março de 1959, as organizações, especialmente a UFR, já estavam se articulando para a criação de uma organização feminina

²⁰⁹ MIRÓ, Carlota. Brindan apoyo al Gobierno Mujeres Revolucionarias. *Revolución*, La Habana, año II, nº 83, 13 de marzo de 1959, p. 3.

²¹⁰ Piden castigo para criminales de guerra. *Revolución*, La Habana, año II, nº 37, 17 de enero de 1959, p. 2.; Mujeres Revolucionarias piden justicia. *Revolución*, La Habana, año II, nº 39, 20 de enero de 1959, p. 4.; Adhesión al gobierno revolucionario. *Revolución*, La Habana, año II, nº 41, 22 de enero de 1959, p. 14.

²¹¹ Acto em Santiago en memoria de los caídos. *Revolución*, La Habana, año II, nº 43, 24 de enero de 1959, p. 6.

²¹² A UFR foi destaque no *Revolución* em matérias do dia 27 de março, na Seção Econômica; em 15 de abril e 4 de maio em notícias sobre a Reforma Agrária e em 16 de maio quando Vilma Espín assumiu a vice-presidência da organização.

revolucionária, que reuniria todas as mulheres. A primeira matéria em que a UFR menciona a intenção em formar uma organização de mulheres nacional foi publicada em 31 de março, uma discreta nota informativa, divulgando um breve relatório sobre uma conferência que ocorreria ao longo de três dias, nas próximas semanas.²¹³ O objeto da reunião seria a discussão das mulheres no processo revolucionário e o debate das expectativas para a sua contribuição na consolidação do novo governo, delineando, assim, suas reivindicações específicas. A conferência visava debater temas detalhados, incluindo: 1. Reforma Agrária; 2. Industrialização; 3. Educação, sendo a criação de creches e espaços para lactantes; 4. Elevação do nível de vida familiar; 5. Democracia Sindical; e, por fim, 6. Política Exterior.

No entanto, considerando que a organização de mulheres estava filiada ao Partido Socialista Popular (PSP), que disputava espaço político com o M-26/7, é plausível que tenham recebido menos destaque que a SFM-26/7. Entende-se que o *Revolución* teria maior propensão a divulgar sua própria organização, incentivando-a a liderar os movimentos de mulheres. Vale ressaltar, inclusive, que após a Revolução, Vilma Espín, integrante do M-26/7, assumiu a vice-presidência da UFR²¹⁴ e após o ocorrido, as notícias sobre essa organização cessaram, enquanto ocorreu um aumento significativo na cobertura das atividades da Seção Feminina do M-26/7.

A Seção Feminina do M-26/7 foi inaugurada no mês de julho de 1959 e teve sua atuação em várias regiões do país, como Havana, Aguacate, Guantánamo e Matanzas, recebendo ampla cobertura no *Revolución*, que publicava quase diariamente notícias sobre as suas atividades.²¹⁵ A primeira campanha promovida pela organização foi “*Un millón de firmas en apoyo de la Ley de Reforma Agraria*”, que pode ser observada na Figura 4, além de colaborar com outras iniciativas, como a “*Operación Nutrición*”, promovida pela *Organización Nacional de Comedores Escolares*. Ao analisar uma fotografia publicada em 15 de julho, embora a qualidade reduzida, foi possível identificar, com o auxílio da legenda, algumas das integrantes, como Dolores Núñez, Aida Ros, Amelia San Martín, Dolores Ferrer, Zenaida Tacoronte e Esther Ramos.²¹⁶

²¹³ Conferencias sobre la Revolución y la Mujer. *Revolución*. La Habana, año II, nº 98, 31 de marzo de 1959, p. 31.

²¹⁴ Vilma Espín en unidad femenina. *Revolución*, La Habana, año II, nº 137, 16 de mayo de 1959, p. 3.

²¹⁵ Foram encontradas matérias nos dias: 15, 16, 18, 19, 20, 23, 27 de julho; 7, 8, 11, 13, 15, 16, 30, 31 de julho; 1, 4, 5, 7, 13, 17, 18, 21, 22, 24, 25, 27 de agosto; 3, 4, 5, 7, 10, 25, 29 de setembro; 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 16, 27, 31 de outubro; 4, 6, 7, 9, 10, 20, 21, 23, 25, 30 de novembro; 1, 10, 11, 17 de dezembro de 1959.

²¹⁶ Sección Femenina del Movimiento 26-7. *Revolución*, La Habana, año II, nº 136, 15 de junio de 1959, p. 13.

Figura 5 - Campanha “Un millón de firmas en apoyo de la Ley de Reforma Agrária” promovida pela Seção Feminina do Movimento 26 de Julho



Fonte: *Revolución*, La Habana, año II, nº 161, 19 de junio de 1959, p. 20.

Ainda nesse ano, ocorreu o I Congresso de Mulheres da América Latina, realizado no Chile, este evento, de acordo com García, tratava-se de encontro regional promovido pela FDIM e contou com a presença de diversos países, representados por delegações de mulheres.²¹⁷ O *Revolución* reproduzir as notícias recebidas da *Prensa Latina*, especialmente da participação das mulheres cubanas, que tinha como presidente da delegação, Vilma Espín.²¹⁸ Em 7 de setembro, foi publicada uma fotografia que destacava a presença das mulheres que viajaram para o evento, que contava com a participação de 78 mulheres de diversos setores sociais, incluindo políticas, professoras, líderes do governo, donas de casa, trabalhadoras rurais. A comissão integrada por Haydée Santamaría, Asela de los Santos,

²¹⁷ MAREL GARCÍA, Gladys. La mujer y el movimiento femenino cubano (1952-1960). *La Joven Cuba*, 26 de octubre de 2020. Disponível em: <https://jovencuba.com/mujer-movimiento/>. Acesso em: 28 fev. 2024.

²¹⁸ Sin influencia comunista el Congreso Femenino de Chile. *Revolución*, La Habana, año II, nº 283, 4 de noviembre de 1959, p. 3.; Prensa Latina. El congreso de mujeres de Chile: Apoyo a la Revolución cubana y repulsa a las dictaduras. *Revolución*, La Habana, año II, nº 299, 23 de noviembre de 1959, p. 6.; De regreso. *Revolución*, La Habana, año II, nº 301, 25 de noviembre de 1959, p. 1.; Regresan las delegadas al Congreso Femenino Interamericano de Chile. *Revolución*, La Habana, año II, nº 301, 25 de noviembre de 1959, p. 16.; Prensa Latina. Apoyo a la Mujer Cubana: Lo brindan la Unión de Mujeres Chilenas. *Revolución*, La Habana, año III, nº 388, 10 de marzo de 1960, p. 16.

Violeta Casals, Carlota Miró e Aleida March. No entanto, é importante notar que elas não representavam diretamente o M-26/7, e suas contribuições no evento foram destacadas individualmente. Nesse evento, como veremos no capítulo 3, foi o início da atuação pública política de Espín, tanto no cenário nacional quanto internacional, que se destacava como uma excelente oradora. A participação das delegadas cubanas foi tão relevante que ganharam a votação para sediar o próximo evento da organização, que ocorreria no fim de novembro do mesmo ano.

A presença de matérias sobre a SFM-26/7, embora amplamente divulgada no *Revolución*, diminuiu a frequência após o Congresso de Mulheres no Chile, especialmente após Vilma Espín assumir o protagonismo de liderança nos eventos nacionais relacionados ao tema, estavam rumando para a unificação das organizações de mulheres. García, apontou a influência das integrantes do PSP nos eventos da FDM,

[...]Durante el preámbulo del Congreso Latinoamericano de Mujeres se fue delineando la influencia de la organización femenina del PSP, que no se había incorporado a la primera etapa insurreccional de la Revolución, sino a los partidos de la oposición, como señala la historiografía.²¹⁹

Em outro trecho destacou que,

En abril de 1959 la organización femenina del PSP celebró una asamblea nacional e inició un movimiento de masas que le permitió lograr la correlación de fuerzas que conduciría en 1960 a la desaparición de las organizaciones y figuras insurgentes portadoras de las ideas nacionalistas revolucionarias y de la izquierda cubana y latinoamericana. De esta manera, en las relaciones de poder, lograron la representatividad fundamental para la creación y liderazgo de la futura FMC.²²⁰

Em 16 de janeiro, Espín, na posição de presidente da *Delegación Cubana al Congreso Latinoamericano de Mujeres*, convocou uma reunião, na *Casa de las Américas*, para discutir como se constituiria a organização.²²¹ O convite foi feito pelo jornal para alcançar as leitoras, em especial, as mulheres que participaram das atividades do Congresso. Cabe ressaltar que a última notícia sobre a SFM-26/7 no *Revolución* foi mapeada em 18 de março, bem com, ainda nesse período, outros grupos de mulheres ainda foram evidenciados antes da centralização se tornar total,²²² sendo estes a *Brigada Militar Femenina*, em 18 de janeiro; a *Comisión Femenina Bancaria*, em 21 de janeiro e, por fim, a *Asociación Femenina del Partido Médico de la Revolución* entre 4 e 8 de março e 18 de abril de 1960.

²¹⁹ GARCÍA, Gladys Marel. *Op. cit.*, 2020.

²²⁰ *Ibidem*.

²²¹ Fonseca. Congresso. *Revolución*, La Habana, año II, nº 285, 6 de noviembre de 1959, p. 19.; ESPÍN, Vilma. Convocan delegadas al Congreso de Mujeres. *Revolución*, La Habana, año II, nº 343, 16 de enero de 1959, p. 11.

²²² No ano de 1960, foram encontradas matérias sobre a SFM-26/7 em 16 de janeiro; 17 e 18 de março.

Em 25 de fevereiro, o *Revolución* publicou as resoluções da reunião, informando o surgimento do *Congreso de Mujeres Cubanas por la Liberación de Latinoamerica*, que reunia diversas associações de mulheres. De acordo com a matéria, o objetivo de unificar os grupos foi uma resposta ao acordo realizado no congresso do Chile, que sofreu um maremoto. Cabe destacar que algumas mulheres já mencionadas assumiram funções de liderança, sendo a presidente Vilma Espín, na vice-presidência Délia Echevarría e Asela de los Santos, na tesouraria Aleida March e como secretária, Carlota Miró. A coluna “Puntadas”, publicou sobre o *Congreso de Mujeres Cubanas por la Liberación de Latinoamerica* no período de maio até agosto, totalizando 18 publicações,²²³ publicizando as campanhas de arrecadação de fundos para ajuda humanitária, como o caso do Chile, como um evento em 19 de maio, que pretendia ensinar um pequeno curso de auxílio em caso de emergência e guerra.²²⁴

O *Congreso de Mujeres Cubanas por la Liberación de Latinoamerica* continuou a reunir-se com as instituições de mulheres, divulgando em 23 de abril a reunião que ocorreria no próximo dia 25. Em uma dessas reuniões a coluna “Puntadas” divulgou a realização de uma graduação de mulheres que ocorreria no dia 16 de agosto, data essa do congresso para unificação dos movimentos, no entanto precisou ser adiada devido a questões de saúde de Fidel Castro, que iria presidir a reunião.²²⁵ A graduação do curso de primeiros socorros também foi remarcada. Aqui vemos um exemplo da personificação da Revolução na figura de Fidel Castro, que oficializava os eventos, sendo sua ausência, motivo de adiamento, mesmo que, a presença de seu gênero não constitua a organização.

A realização do Congresso de Mulheres foi divulgada no jornal, inclusive ao informar o adiamento do evento para o dia 23, anunciava a união oficial de apenas duas organizações de mulheres: a UFR e o *Congreso de Mujeres Cubanas por la Liberación de Latinoamerica*. Outro exemplo identificando as mesmas informações foi publicado em 20 de agosto.²²⁶

Em 24 de agosto foi então divulgado na primeira página a manchete da cobertura realizada pelo *Revolución* do evento de unificação das organizações e a criação da Federação de Mulheres Cubanas.²²⁷ As atividades promovidas pela instituição eram voltadas para a

²²³ 17, 25, 31 de maio; 1, 4, 8, 9, 11, 13, 14, 17, 18, 24, 25 e 28 de junho; 1, 26 e 20 de julho; 23 e 26 de agosto de 1960.

²²⁴ Outros temas abordados na coluna: apresentação de teatro promovido pela Secretaria de Cultura no CTC; homenagem ao aniversário de José Martí; notícia internacional dos Estados Unidos e Grã-Bretanha; receita culinária; atuação política das mulheres na Inglaterra; creche infantil para crianças em Havana aos domingos, organizado por Asela de los Santos e María Luisa Ríos; Revista *Mujeres del Mundo Entero* da FIMD, que contém uma entrevista realizada com Violeta Casals.

²²⁵ Também foi divulgada entre 1 e 20 de julho. A informação de que foi adiada por motivos de saúde de Fidel Castro encontra-se em: Mirta. Puntadas. *Revolución*, La Habana, año III, nº 496, 16 de julio de 1960, p. 7.

²²⁶ Fúndese UFR y Mujeres Cubanas. *Revolución*, La Habana, año III, nº 525, 20 de agosto de 1960, p. 14.

²²⁷ Fidel ante las mujeres revolucionarias. *Revolución*, La Habana, año III, nº 528, 24 de agosto de 1960, p. 1 e 2.

profissionalização, não apenas visando incluí-las no trabalho formal e remunerado, mas também lhe proporcionando conhecimento técnico. No entanto, como observado na Figura 6 a seguir, que apesar de ser uma reunião que destacava a atuação das mulheres, a presença principal do evento foi Fidel Castro, tendo seu nome destacado no título e na fotografia, sendo a figura central da fotografia, ao lado de Vilma Espín e Lupe, ao fundo, admirando-o.

Figura 6 – Manchete sobre a fundação da Federação de Mulheres Cubanas



Fonte: *Revolución*, La Habana, año III, nº 528, 24 de agosto de 1960, p. 1.

A fotografia destaca a presença de Fidel Castro e Vilma Espín, sendo ele a figura central tanto da fotografia quanto da matéria. A primeira frase, “*Aquí no sólo luchan los hombres; luchan también las mujeres*”, ressaltada no texto evidencia a relevância da liderança masculina para a aprovação da participação das mulheres. O esforço da mulher para a luta revolucionária foi representado secundariamente

em: a sua atuação e o apoio familiar aos homens que atuavam. Também tomaram assentos de relevância, à frente do encontro, Aleida March Guevara, Celia Sánchez e Lupe Véliz de Núñez Jiménez, além das representantes provinciais. O evento contou com a

participação da Banda do Município, que tocou o Hino Nacional e o Hino do Movimento 26 de Julho, evidenciando o caráter cívico do encontro. Cabe destacar o discurso de Vilma Espín, que evidenciava o fim das outras organizações,

*Unidad Femenina Revolucionaria ya no existe, pues ahora junto con otras entidades constituyen una gran organización. Ya no existe el Congreso de Mujeres Cubanas, que fue a Santiago de Chile a partir del Congreso Latinoamericano de Mujeres, donde se tomaron acuerdos importantes, como la defensa de la paz, el mantenimiento de la soberanía de los pueblos, la salvaguarda de la mujer y los niños, la educación, etc. Ya no existe la Columna Agraria, ni los grupos femeninos del 26 de Julio, la Hermandad de Madres Cubanas, ni los sindicatos. Todas se volcaron en una gran organización. Organizaciones mixtas como la de “Con la Cruz y con la Espada”, integrada por militantes católicos revolucionarios frente a católicos contrarrevolucionarios o como el Movimiento de Integración Nacional, También han acordado sus mujeres hacer una organización única femenina.*²²⁸

Ocorreram algumas mudanças na estrutura da Federação em relação ao Congresso de *Mujeres Cubanas por la Liberación de Latinoamerica*. Délia Echevarría se manteve como vice-presidente, mas no lugar de Asela de los Santos assumiu também a vice-presidência Elsa Gutierrez. Aleida March se manteve na tesouraria e Santos foi designada para a Seção de Organização “Clementina Serra”.²²⁹ García, enquanto historiadora, também analisou o evento conforme sua própria experiência:

*Al congreso de agosto de 1960 en que se constituyó la FMC, no fueron invitadas las dirigentes de las organizaciones insurreccionales femeninas mencionadas al inicio de este texto [Frente Cívico de Mujeres Martianas, Mujeres Oposicionistas Unidas, Brigadas Femeninas Revolucionarias del 26 de Julio], que habían participado activamente en la etapa insurreccional. Tampoco las que se organizaron en 1959 como secciones en las Casas del 26 de Julio, ni las Brigadas Femeninas Revolucionarias del 26 de Julio.*²³⁰

Apesar das fontes apontarem a presença de diversas organizações de mulheres e esse fato não ter sido mencionado por ela, o questionamento sobre a centralização de liderança nas integrantes do PSP para a fundação da FMC torna-se evidente. O desafio proposto para as mulheres, na reunião de unificação, foi o de criar uma escola para jovens mulheres camponesas, que foi atendido com a criação da *Escuela de Campesinas Ana Betancourt*, que formou até 1961 a quantia de 12 mil mulheres.²³¹ Também refletiram sobre a educação e

²²⁸ Fidel ante las mujeres revolucionarias. *Op. cit.*, p. 1 e 2.

²²⁹ Clementina Serra Robledo, foi encarregada em organizar e coordenar os círculos infantis. *Vf.: CONTE, Machado. Clementina Serra Robledo: la mujer y la revolución. Teveo*, 1 de noviembre de 2023. Disponível em: <https://teveo.cu/media/m2DzdWWwcpfwg6JD>. Acesso em: 1 abr. 2024.; MAREL GARCÍA, Gladys. La mujer y el movimiento femenino cubano (1952-1960). *La Joven Cuba*, 26 de octubre de 2020. Disponível em: <https://jovencuba.com/mujer-movimiento/>. Acesso em: 28 fev. 2024.

²³⁰ MAREL GARCÍA, Gladys. *Op. cit.*, 2020.

²³¹ Cabe ressaltar que Yolanda Ferrer ao contextualizar a história da Federação, citou a graduação das primeiras alunas da escola Ana Betancourt ocorreu em 1961, informando a diplomação de 12 mil jovens mulheres no dia do evento. Em contrapartida, Mary-Alice Waters, no mesmo livro, ao elencar a Cronologia dos eventos

cuidado das crianças enquanto suas mães estariam fora do ambiente doméstico, e então foi pensado os *Círculos Infantiles*. A ideia era promover a participação plena das mulheres na sociedade, segundo Yolanda Ferrer, o primeiro obstáculo era mudar a mentalidade social a respeito das mulheres e as suas funções, enaltecendo-as.²³²

Interessa ressaltar que a Federação de Mulheres Cubanas foi temática de publicação por colaboradoras em 17 momentos. A coluna “Puntadas” repercutiu a FMC em mais duas publicações, após a sua formação. Ainda no ano de 1960, Sarah Guasch publicou um artigo sobre as campanhas de arrecadação em solidariedade ao Chile,²³³ Luísa Mariana Arteaga noticiou sobre a participação das integrantes da FMC para a campanha de alfabetização, na seção da região de Camaguay.²³⁴ A criação da FMC foi motivo de debates na sociedade cubana, como relembrou Asela de los Santos, uma das idealizadoras da instituição. De um lado, os homens queriam que as mulheres voltassem ao ambiente doméstico, suas principais críticas eram, com a inserção da mulher nos espaços públicos, perguntas como “*Y entonces, ¿quién cocina?*”, “*¿Quién limpia?*” ou “*¿Quién lava la ropa y atende a los hijos?*”.²³⁵ A resposta, segundo Santos, era afirmar o direito da mulher ao trabalho formal.

Ao abordar o desenvolvimento dos *Círculos Infantiles*, Marín explicou que serviam como creches para crianças enquanto suas mães estavam se graduando ou trabalhando.²³⁶ Esses espaços foram inspirados em políticas soviéticas, com o objetivo de diminuir a carga de trabalho doméstico para as mulheres. Além deles, conforme analisado por Santos, foram criadas casas geriátricas, restaurantes coletivos e lavanderias públicas, que transferiram para o Estado as funções tradicionalmente desempenhadas por mulheres.²³⁷ Essas medidas, apesar de terem o intuito de diminuir a sobrecarga das mulheres, que agora ocupavam trabalhos formais, resultaram na criação do Código de Família em 1975.²³⁸ No entanto, as novas políticas

revolucionários, ressaltou que em 31 de julho 1961 apenas 800 jovens vindas de regiões rurais foram graduadas e até dezembro do mesmo ano, foram-se 12 mil mulheres. Vf.: WATERS, Mary-Alice. *Cronología*. Op. cit., p. 312-313.; FERRER, Yolanda. El concepto de lo femenino comenzó a cambiar. In: WATERS, Mary-Alice. *Las mujeres en Cuba: Haciendo una revolución dentro de la revolución*. Canadá: Pathfinder Press, 2012, p. 218.

²³² FERRER, Yolanda. Op. cit., 2012, p. 206-207.

²³³ GUASCH, Sarah. La soridarietà. *Revolución*. La Habana, año III, nº 545, 13 de setiembre de 1960, p. 2.

²³⁴ ARTEAGA MARÍN, Luisa Mariana. Actúa la Federación de Mujeres Cubanas. *Revolución*. La Habana, año III, nº 5882 de noviembre de 1960, p. 12.

²³⁵ SANTOS, Asela de los. Op. cit., p. 113.

²³⁶ ARTEAGA MARÍN, Luisa Mariana. Mujeres Cubanas organizar los Círculos Infantiles. *Revolución*. La Habana, año IV, nº 642, 6 de enero de 1961, p. 15.; ARTEAGA MARÍN, Luisa Mariana. *Revolución*. La Habana, año IV, nº 829, 6 de setiembre de 1961, p. 5.

²³⁷ SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos; LINA, Maria Brandão de Aras. Op. cit., p. 3.

²³⁸ De acordo com Santos e Lina, “O Código de Família buscou fortalecer a instituição familiar de formato nuclear, heterossexual e monogâmica, assim como estabeleceu a igualdade de direitos absolutos entre mulheres e homens. A criação do Código de Família explicita que as ações do Estado socialista não se resumiram ao campo da vida material e objetiva. Os novos valores não eram sistemas de valores isolados da vida cotidiana, eles eram

adotadas pelo governo revolucionário não incluíram o homem na responsabilidade do ambiente doméstico.

No primeiro aniversário da instituição, foi Calderón que fez uma reportagem homenageando-a, além de divulgar a profissionalização técnica para mulheres, em escola para domésticas e agrícola, e por fim, as campanhas de alfabetização promovidas pelas suas integrantes. Esses primeiros cursos técnicos, como Corte e Costura, culinários destinados à venda dos produtos para aumentar a renda, de primeiros socorros, para alfabetização, foram as primeiras medidas tomadas pela FMC para elevar a condição da mulher. Para Ferrer, foi a partir deles que “...*Se fueron ganando el respeto de la sociedade, demostrando de cuánto eran capaces. Empezaban a perder terreno los prejuicios...*”.²³⁹

Ainda que a quantidade de matérias sobre a participação política das mulheres no governo revolucionário seja menor do que a proporção de suas atuações, o que foi noticiado evidenciou o empenho delas pela emancipação. A Revolução foi um caminho para obtê-la. Cabe ressaltar que, nesse período, a fundação da FMC pretendia elevar a qualidade de vida social, preocupação do governo revolucionário para toda a população.

Além disso, o primeiro triênio do novo governo representou um momento de disputadas representações política. Entre as organizações políticas de mulheres, diversas lideranças se destacavam. Como vimos, Carlota Miró era presidente da UFR até então, enquanto o M-26/7 lançou uma seção de mulheres, sendo uma das lideranças Mirta Rodríguez Calderón. Mas foi Vilma Espín, que anteriormente integrava o M-26/7, a encarregada de liderar a Federação de Mulheres Cubanas, devido às suas atuações de lideranças em outras organizações políticas femininas que se constituíram no país, inclusive como vice-presidente da UFR, além de ocupar o alto escalão do governo, como cunhada do Primeiro Ministro, Fidel Castro e esposa de Raul Castro, ministro das Forças Armadas.

Outra questão fundamental que merece ser destacada foram as representações políticas das mulheres cubanas em eventos internacionais, cuja temática propunha reflexões sobre os direitos da mulher e das crianças, bem como promover sua emancipação, através do acesso à educação e ao trabalho remunerado. Todas essas reivindicações foram incorporadas às propostas de atividades promovidas pela FMC. No entanto, sobre a sua criação e ação, a história oficial da Revolução defende que tenha sido apenas de uma demanda social, sem

reafirmados nos espaços de trabalho, educação, na imprensa, produção cultural, nas organizações de massa, que possuíam base em todos os bairros e na nova legislação, ou seja, na vida pública e privada”. *Ibidem*, p. 4.

²³⁹ No entanto, no ano de 1961, foram ampliados os cursos para mulheres e os *Círculos Infantiles*, incluindo a criação de escolas noturnas para domésticas, que se especializaram em automobilismo, taquigrafia, mecanografia e cursos de oficina. FERRER, Yolanda. *Op. cit.*, 2012, p. 208, 218.

nenhuma influência teórica feminista que a definisse, esse tema será tratado no próximo capítulo, ao abordar mais especificamente a trajetória de Vilma Espín.

Por fim, a última questão a ser ressaltada é que Cuba era uma sociedade patriarcal nas décadas de cinquenta e sessenta, e até mesmo a passagem de Simone de Beauvoir pela ilha foi esvaziada de repercussões que questionassem a condição da mulher, apesar de seu apoio ao governo revolucionário. Em contrapartida, diferentemente das colunas femininas, as leitoras e colaboradoras do *Revolución* se desprendiam de temáticas que as limitavam ao ambiente doméstico, a medida do possível. Estavam interessadas na nova etapa que a Revolução promovia.

Capítulo 3

O envolvimento político das integrantes do M-26/7 no governo revolucionário (1959-1961)

Neste capítulo, serão analisadas as matérias que destacaram a presença de quatro mulheres que participaram do M-26/7 durante o processo insurrecional: Violeta Casals, Haydée Santamaría, Celia Sánchez e Vilma Espín que, posteriormente a Revolução, assumiram cargos políticos no governo entre 1959 e 1961. A seleção das fontes abrange as publicações de todos os colaboradores, sejam mulheres, homens, a redação ou instituições. Assim como todos os gêneros jornalísticos foram incluídos, fossem reportagens, notícias e entrevistas, totalizando 162 textos. O objetivo é analisar as adjetivações utilizadas para referenciar as mulheres, os comportamentos sociais e políticos que lhes eram atribuídos, bem como as características físicas e emocionais ressaltadas. Também será investigada as presenças/ausências em eventos de grande destaque reportados no jornal *Revolución*, em contraste com outras fontes secundárias (jornais *Hoy* e *Diário de la Marina*, revista *Bohemia*) e bibliografias.

3.1. Violeta Casals

As quatro mulheres são consideradas heroínas, sendo Santamaría, Espín e Sánchez os principais nomes femininos da Revolução Cubana até os dias atuais. Santamaría foi pioneira, atuou no planejamento e execução do assalto aos quartéis Moncada e Céspedes, em 1953. Espín, que participava de organizações de resistência contra a ditadura de Batista em sua cidade, Santiago de Cuba, junto a Frank País, integrou o M-26/7 desde a sua formação, em 1954. Já Sánchez juntou-se ao M-26/7 em 1956 e, quando da formação da *Primer Frente Oriental José Martí*, na Sierra Maestra, tornou-se a primeira mulher a integrar a guerrilha.

Entretanto, durante a análise do jornal, identificou-se como personalidade proeminente que cumpre destacar, Violeta Casals, atriz que abandonou a carreira e aderiu a guerrilha. Por discordar das medidas do governo ditatorial, viu-se compelida a unir-se ao M-26/7, na *Primer Frente*, em fevereiro de 1958, assumindo então a função de locutora da *Rádio Rebelde*. As informações sobre a vida pessoal de Casals são escassas. Entre reportagens e convites de seus espetáculos foi possível verificar que ela era atriz, tanto no teatro quanto na televisão.²⁴⁰ Nascida em Matanzas, em 26 de março de 1916, formou-se em Filosofia, Letras e Pedagogia pela Universidad de La Habana, além de estudar na Academia de Arte Dramática

²⁴⁰ Noticias y Comentarios. *Noticias de Hoy*. La Habana, año IV, nº 224, 18 de septiembre de 1941, p. 8.; La “ADAD” sigue su escala de triunfos. *Ibid.*, año IV, nº 266, 6 de noviembre de 1941, p. 8.; La “ADAD” sigue su escala de triunfos. *Ibid.*, año IV, nº 267, 7 de noviembre de 1941, p. 8.; Los amantes del buen teatro se abonan a la “A.D.A.”. *Ibid.*, año IV, nº 270, 11 de noviembre de 1941, p. 8.

(A.D.A.)²⁴¹ para graduar-se como atriz. As peças teatrais em que atuou pela A.D.A. foram divulgadas no *Hoy* pelo menos desde o ano de 1941.

Casals participou de novelas na TV e de programas de rádio. Não por acaso, foi a segunda mulher homenageada no *Revolución*, sendo a primeira Celia Sánchez, em discurso de Fidel Castro. A homenagem em questão foi publicada em 6 de janeiro de 1959, de autoria desconhecida, na qual se destacava sua atuação na *Rádio Rebelde* durante o processo revolucionário, anunciando sua desistência das atividades artísticas para se dedicar exclusivamente aos projetos do governo revolucionário, visando a sua consolidação, pois ainda se temia um ataque estrangeiro.²⁴²

O título “*Actriz e heroína*” é o primeiro indício que nos permite diferenciá-la das outras revolucionárias, pois Violeta Casals, por si só, sem qualquer influência de personagens masculinos, é o destaque da notícia, contrariamente à Vilma Espín e Haydée Santamaría, apresentadas a partir de seus matrimônios. Além disso, cumpre ressaltar como o(a) entrevistador(a) não apenas analisou suas respostas, mas também detalhou características físicas observados durante o registro do depoimento. Intrigado(a) pelo aspecto de seus cabelos, enquanto respondia sobre sua participação na *Rádio Rebelde*, o(a) entrevistador(a) anotou que Casals “...se revuelve constantemente la cabellera rubia que cae desordenadamente sobre sus hombros...”, incluindo anotações sobre suas pausas para fumar cigarros, acompanhadas de gestos nervosos e cansados, longe de sutilezas. Esses comportamentos contrapõem com as expectativas de modéstia, gentileza e docilidade, tradicionalmente esperadas de uma mulher que, pelas características apresentadas, eram esperados gestos modestos, gentis e de docilidade.²⁴³

Apesar disso, a atuação de Casals na *Rádio Rebelde* foi amplamente celebrada. Sendo a única mulher do grupo, ela estava entre os principais locutores, composto por Guillermo Pérez, Jorge Enrique, Orestes Valera e Ricardo Martínez.²⁴⁴ No trecho a seguir, percebe-se a admiração pelo fato dela ter se dedicado à causa revolucionária,

Nunca la clase artística pensó que de sus filas saldría una actriz que lograría llevar a toda la Isla el espíritu y el ideario de la revolución. De notable valor dramático,

²⁴¹ Não foram encontradas informações sobre sua vida pessoal, incluindo informações sobre estado civil ou se teve filhos. Vf.: https://www.ecured.cu/Violeta_Casal; EN FOTOS: Día del Comunicador (cuba.cu). Acesso em 4 de março de 2024.

²⁴² Actriz y heroína. *Revolución*, La Habana, año II, nº 27, 6 de enero de 1959, p. 2.

²⁴³ Características essas usadas para descrever Celia Sánchez, como pode ser observado na página introdução, quando Maria Lígia Prado detalhou o que era esperado das mulheres independentistas.

²⁴⁴ PASQUALINO, Beatriz Buschel. *A Rádio Rebelde como arma de guerrilha na Revolução Cubana*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016, p. 112.

*pasó a convertirse en la voz más oída, En el medio de enlace entre los cubanos y el Movimiento 26 de Julio.*²⁴⁵

Sua voz, já bem conhecida, contribuiu significativamente para consolidar a presença da emissora no imaginário cubano, segundo Beatriz Pasqualino, reforçando assim a identidade da *Rádio Rebelde*.²⁴⁶ Casals revelou que foi à Sierra Maestra para se proteger da censura promovida pelo regime ditatorial de Batista, pois estava sendo vítima de perseguição, devido a sua atuação política como integrante do PSP, ao qual filiou-se antes mesmo de 1952.²⁴⁷ Juntar-se aos guerrilheiros foi a saída mais segura para ela, assim como Vilma Espín e, posteriormente, Asela de los Santos o fizeram.²⁴⁸ O *Hoy* também reconheceu a atuação de Casals, com elogios semelhantes ao do *Revolución*,

*Primera actriz, conocida por todos en Cuba y en el extranjero. Mimada por directores de teatro, Violeta abandonó las comodidades de la Capital, su ambiente y posición, para ir hasta el firme de la Maestra y poner su capacidad y prestigio al servicio de Radio Rebelde.*²⁴⁹

No entanto, a justificativa centrou-se em suas aspirações revolucionárias, que a levaram a abandonar as comodidades de que desfrutava. A sua principal contribuição foi como locutora da *Rádio Rebelde*, criada por Che Guevara no início de 1958 e pertencente à *Primer Frente Oriental*, sob comando de Fidel Castro. O seu programa iniciava com a seguinte frase, “*Aquí, Radio Rebelde, transmitiendo desde el territorio libre de la Sierra Maestra*”, frequentemente rememorada nos registros sobre a rádio em diversos veículos de imprensa que investigamos, como a revista *Bohemia*, os jornais *Hoy*, *Juventud Rebelde*,²⁵⁰ *Diario de la Marina* e até mesmo o *Revolución*, evidenciando a repercussão do programa na memória dos ouvintes. Entre eles, os próprios integrantes do M-26/7, a população rural e urbana e os soldados do exército de Batista.

Casals pedia para que os soldados deixassem o posto em favor da causa revolucionária e, de acordo com a entrevista, esses frequentes pedidos tiveram resultados positivos, causando incomodo no governo. Além disso, outras principais funções

²⁴⁵ Actriz y heroína. *Op. cit.*, 1959, p. 2.

²⁴⁶ PASQUALINO, Beatriz Buschel. *Op. cit.*, p. 112.

²⁴⁷ *Ibidem*.

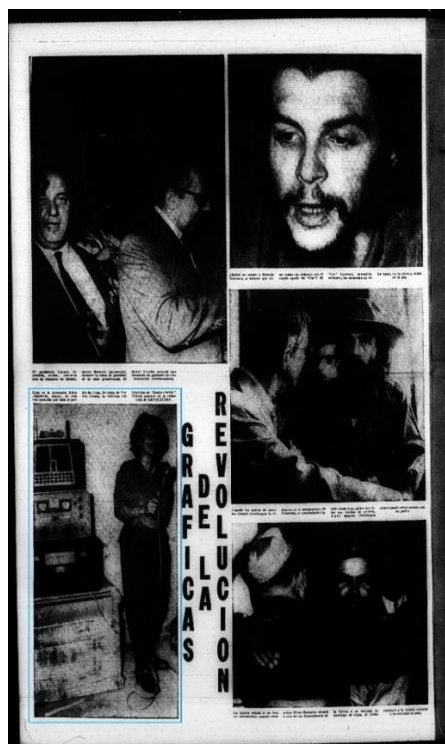
²⁴⁸ Em um trecho da matéria publicada por Hugo García no jornal eletrônico *Juventud Rebelde*, verificou-se que sua integração ao M-26/7 foi por intermédio de seu irmão, Manolo, que angariava medicamentos e armas, “[...] *Luego de ser detenida, los sicarios del régimen batistiano se encargaron de perseguirla constantemente y de amenazarla. Su casa era sometida de manera sistemática a registros. Todo ello provocó su partida hacia el oriente del país para unirse al Ejército Rebelde*”.; GARCÍA, Hugo. El día que Violeta Casal lloró. *JuventudRebelde*, 25 de marzo de 2021. Disponível em: <https://www.juventudrebelde.cu/cultura/2021-03-25/el-dia-que-violeta-casal-lloro>. Acesso em: 3 abr. 2024.

²⁴⁹ MÁS MARTÍN, Luis. Hechos e impresiones de la Sierra Maestra: Violeta Casals. *Noticias de Hoy*, La Habana, año XXI, nº 36, 15 de febrero de 1959, p. 2.

²⁵⁰ *Vf.*: GARCÍA, Hugo. *Op. cit.*

desempenhadas por ela foram de decifrar códigos secretos e organizar o trabalho educacional da *Frente*, tarefa designada por Celia Sánchez. Cabe ressaltar que, no mesmo dia da entrevista, 6 de janeiro, foi publicada uma fotografia de Violeta Casals durante a realização de um de seus programas na Sierra Maestra. A legenda anunciava as novas propostas recebidas para que ela voltasse às atividades artísticas que, entretanto, foram recusadas.²⁵¹

Figura 7 - Fotografias de Violeta Casals



Fonte: *Revolución*, La Habana, año II, nº 34, 13 de enero de 1959, p. 11

²⁵¹ Legenda da fotografia: “Violeta Casals, locutora heroína de Radio Rebelde, ha recibido buenas ofertas para reintegrarse como actriz a la televisión y el radio. Pero las ha rechazado todas. Piensa seguir trabajando para el Movimiento 26 de Julio. Detalle que pocos conocen es que Escuela de Televisión le continuó pagando su sueldo mientras estuvo en la Sierra Maestra. De esto se enteró Violeta cuando regresó a La Habana”. Vf.: Graficas de la Revolucion. *Revolución*, La Habana, año II, nº 27, 6 de enero de 1959, p. 4.

Figura 8 - Propaganda com a fotografia de Violeta Casals



Fonte: *Revolución*. La Habana, año II, nº 44, 26 de enero de 1959, p. 5.

A mesma fotografia foi veiculada entre os meses de janeiro e fevereiro de 1959, aproximadamente 20 vezes, como propaganda da *Rádio Rebelde* e da *Radio Emisora CMZ*, pertencente ao Ministério da Educação. Embora nosso objetivo não seja analisar a fotografia, cumpre destacar a relevância de seu uso pelo *Revolución* e pela Revolução como forma de comunicação das lideranças políticas com a população. Grethel Otero indicou que o uso da fotografia a partir de 1959,

*alcanzó el valor comunicacional masivo y empático, a niveles extraartísticos, supra sociales, y fuera de todo localismo. El triunfo del Ejército Rebelde, con Fidel Castro al frente y otros comandantes de clara simpatía popular, tuvo en el ejercicio fotográfico documental uno de sus más fieles aliados. Espontáneos y naturales aliados.*²⁵²

Nossa hipótese é que a imagem de Casals foi escolhida porque era previamente conhecida em nível nacional, contrastando com as novas lideranças políticas que ainda estavam constituindo uma imagem pública e, portanto, sua presença nesse primeiros meses foi decisiva para angariar recursos e conferir credibilidade ao movimento.

²⁵² MORELL OTERO, Grethel. Absolut Revolution: Revisitando la imagen cubana de los años 60 (1959-1969). *Discursos Fotográficos*, Londrina, v. 5, n. 7, p. 57-76, jul./dez. 2009, p. 61.

O fato é que o *Juventud Rebelde* e o *Radio Cubana*, ao retomarem sua trajetória, apresentaram Casals como diretora da *Rádio Rebelde*, no entanto,²⁵³ o jornal *Revolución*, em 1959, também atribuiu o cargo a Vilma Espín.²⁵⁴ Não foi possível confirmar qual a informação está correta. O que se verificou foi que em 1959 o *Hoy* referiu-se a Casals como uma das pessoas de confiança de Fidel Castro desde a Sierra Maestra,²⁵⁵ relação evidenciada quando a atriz participou da primeira comitiva de Castro enquanto primeiro-ministro, que se dirigiu à Venezuela, em 23 de janeiro de 1959, que também contou com a presença de Celia Sánchez, chamada de “*Operación Verdad*”. Nessa mesma viagem, visitaram vários países da América Latina, como a Colômbia, Panamá, México e o Chile.

Na Colômbia, Casals entrevistou Glória Gaytán, filha Jorge Gaytán, líder político de esquerda assassinado 1948, reportagem publicada no *Revolución* em 24 de abril de 1959.²⁵⁶ A função de repórter no *Revolución* foi apenas uma das várias atividades desempenhas por ela, pois também assumiu funções diplomáticas, quando integrou a UFR e participou de eventos realizados pela FDIM, oportunidade em que liderou a comissão de propaganda.²⁵⁷ Já em 26 de julho de 1959, ela presidiu a delegação feminina cubana que visitou a República Popular da China. Apesar da importância da viagem e das dimensões da delegação (15 mulheres), o *Revolución* não tratou do tema, somente o *Hoy* referiu-se à recepção que tiveram, servidas com festejos e homenagens. Casals publicou texto no *Diario Popular*, intitulado “*La mujer en la Revolución Cubana*”.²⁵⁸ O artigo foi descrito no *Hoy* como uma narrativa da trajetória das mulheres, evidenciando o valor e abnegação das que morreram durante o processo de conquista do poder, vítimas do imperialismo norteamericano.

Ainda no ano de 1959, em 23 de novembro, Violeta Casals discursou em evento público na cidade de Santiago de Cuba, no *Salón de la Ciudad del Ayuntamiento*, enquanto a delegação de mulheres cubanas participava do *Congreso de Mujeres Latino Americanas*, no Chile. O seu discurso pretendia explicar a participação das mulheres no evento, oportunidade

²⁵³ GARCÍA, Hugo. *Op. cit.*; RODRÍGUEZ, Avelino Víctor Couceiro. Violeta Casal: La voz femenina de «¡Aquí, Radio Rebelde ...!». *Radio Cubana*, 13 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.radiocubana.cu/historia-de-la-radio-cubana/100-anos-de-radio-en-cuba/violeta-casal-la-voz-femenina-de-aqui-radio-rebelde/>. Acesso em: 3 abr. 2024.

²⁵⁴ Conferencia de la Dra. Vilma Espín de Castro. *Revolución*, La Habana, año II, nº 129, 7 de mayo de 1959, p. 3.

²⁵⁵ MARTIN, Luis Más. *Op. cit.*, 1959, p. 2.

²⁵⁶ CASALS, Violeta. Habla para “*Revolución*” la hija de Jorge E. Gaytán. *Revolución*, La Habana, año II, nº 119, 24 de abril de 1959, p. 1 e 8.

²⁵⁷ Congreso Latino Americano de Mujeres. *Revolución*, La Habana, año II, nº 239, 14 de setiembre de 1959, p. 19.; Vilma. *Revolución*, La Habana, año II, nº 245, 21 de setiembre, p. 18.

²⁵⁸ Una delegación femenina cubana visita la República Popular China. *Noticias de Hoy*, La Habana, año XXI, nº 172, 29 de julio de 1959, p. 1 e 6.; *Noticias de Hoy*, La Habana, año XXI, nº 302, 29 de diciembre de 1959, p. 1 e 4.

em que insistiu que a Revolução Cubana pretendia servir de exemplo para os demais países da América Latina, instituindo novo paradigma na política. Com os projetos em curso e ainda buscando auxílio estrangeiro, o novo governo representava outra possibilidade para os países que também sofreram com a colonização e, depois, com ditaduras. A seguir trecho do discurso de Casals:

*[...]Este ejemplo fan a seguirlo muchos pueblos que agonizan en la mayor miseria, sometidos a la condición de simples proveedores de materias primas en suelos de incalculables riquezas. Pero no estaremos solos esta vez. No pasará ahora como en el hermano país de Guatemala. Estarán con nosotros todos los países que ven en Cuba, su esperanza y su enseñanza. Por primera vez nos estrenamos en el verdadero uso de nuestra soberanía, y hemos demostrado cómo un país pequeño y explotado logró su libertad y no vendió su dignidad.*²⁵⁹

Apesar das particularidades de cada país, as semelhanças entre muitas nações da América Latina faziam de Cuba uma esperança para o continente. Violeta Casals voltou a atuar nos palcos em 1962, conforme noticiado no *Hoy*, em peça estrelada por Miriam Acevedo, *La Madre*, dedicada à FMC, em homenagem ao 8 de março, Dia Internacional da Mulher e com a participação do Conjunto Dramático Nacional.²⁶⁰ Em paralelo, continuou com suas tarefas revolucionárias, a liderança no sindicato de artistas e na *Oficina de Asuntos Históricos del Consejo de Estado*.²⁶¹

3.2. Haydée Santamaría

Haydée Santamaría Cuadrado, filha dos imigrantes espanhóis Joaquina Cuadrado Alonso e Benigno Santamaría Fernández, cresceu em uma família de cinco filhos, Aida, Aldo, Abel e Ada. Seu pai trabalhava como capataz, o que garantia à família uma situação financeira estável. No entanto, Santamaría não prosseguiu os estudos além do ensino primário.²⁶² Sua adesão à causa rebelde foi frequentemente associada ao irmão, Abel, com ambos participando da *Juventud del Partido del Pueblo Cubano*.

Apesar disso, conforme a análise realizada por Muller, os irmãos Santamaría atuaram em conjunto e residiram no mesmo apartamento em Havana, a partir do ano de 1952, onde se

²⁵⁹ CASALS, Violeta. Cuba siente ahora un renacer. *Revolución*, La Habana, año II, nº 299, 23 de noviembre de 1959, p. 17.

²⁶⁰ *Noticias de Hoy*. La Habana, año XXIV, nº 57, 2ª ed., 9 de marzo de 1962, p. 8.

²⁶¹ GARCÍA, Hugo. *Op. cit.*

²⁶² Segundo Caroline Muller, houve uma imprecisão quanto à data de nascimento de Haydée Santamaría, com três datas diferentes encontradas: 30 de dezembro de 1922 e 21 de janeiro das 1923, identificadas nas fontes analisadas, além do dia 31 de dezembro, quando ela celebrava o aniversário. A explicação para isso seria a visita da avó paterna no dia seguinte ao nascimento, resultando na adoção do dia simbólico pela família. Embora o dia 30 seja mais amplamente aceito pela historiografia, Santamaría continuou a comemorar conforme a tradição estabelecida pela família. MULLER, Carolina de Azevedo. *Op. cit.*, 2018, p. 18-19.

reuniam com diversas pessoas, entre elas, Fidel Castro, com o objetivo de organizar um grupo de resistência contra a ditadura. Nessas reuniões, a responsabilidade de Santamaría era “cozinhar para os rebeldes que participavam das reuniões do futuro M-26 e limpar o apartamento”, evidenciando como os trabalhos domésticos estavam associados à figura feminina.²⁶³

A prática dos trabalhos domésticos realizado apenas por mulheres se repetia quando Santamaría, Melba Hernández e sua mãe, Elena Rodríguez del Rey, entre outras, encarregaram-se dos preparativos necessários para o grupo que assaltaria os quartéis Moncada e Céspedes. No dia anterior, elas foram incumbidas de costurar os uniformes dos homens, outra atividades atribuída a mulher, pois a execução exigia planejamento da peça, a marcação no tecido e o seu corte, seguido da costura, o que demandava horas de trabalho. Além disso, é importante destacar que Carlos Franqui, ao descrever os serviços realizado por elas, que também incluía o preparo da comida e limpeza do local, ressaltou que executaram com felicidade, obviamente segundo a percepção masculina.²⁶⁴

Outra função realizada por Santamaría incluiu o auxílio médico durante o assalto ao Quartel Moncada e que, pelos registros, resultou em trágica quantidade de mortos e feridos, incluindo o aprisionamento dos envolvidos. Seu depoimento foi publicado pelo suplemento *Lunes de Revolución*, em 25 de julho de 1960, na edição especial em homenagem ao evento, ocorrido há sete anos.²⁶⁵ No depoimento, Haydée Santamaría introduziu o assunto lamentando não se lembrar com precisão do dia do assalto, atribuindo essa memória mais vívida à Melba Hernández,

*A esa hora no se me hubiera ocurrido pensar en la muerte, pero había dos cosas que me punzaban con dolor. Si todo se acaba, que quedé Fidel, por él se hará la Revolución y nuestras vidas y nuestros hechos tendrán una significación; la otra se me reveló mucho después, con una terrible angustia, cuando nuestros muertos quedaron entre la sangre y la tierra y ya supimos que no los volveríamos a ver, temí que me separaran de Melba.*²⁶⁶

Em outro momento, Santamaría destacou a adrenalina no momento da tentativa do assalto, assim como as motivações que os impeliam a agir. A narrativa exemplifica como a causa revolucionária era levada até as últimas consequências, mesmo que isso implicasse sacrifícios físicos,

²⁶³ MULLER, Carolina de Azevedo. *Op. cit.*, 2018, p. 21-22.

²⁶⁴ *Ibidem*, p. 27.

²⁶⁵ SANTAMARÍA, Haydée. Relato de Haydée Santamaría. *Revolución*, La Habana, *Lunes de Revolución*, nº 29, 25 de julio de 1960, p. 9-10.

²⁶⁶ SANTAMARÍA, Haydée. *Op. cit.*, 1960, p. 9-10.

Y una siente cómo las manos se agarran a un cuerpo herido que no es el cuerpo que amamos, que puede ser el cuerpo de uno de los que venían a combatir, pero es un cuerpo que se desangra, y una lo levanta y, lo arrastra entre las balas y entre los gritos y entre el humo y la sangre. Y en ese momento una puede arriesgarlo todo por conservar lo que de verdad importa, que es la pasión que nos trajo al Moncada, y que tiene sus nombres, que tiene su mirada, que tiene sus manos acogedoras y fuertes, que tiene su verdad en las palabras y que puede llamarse Abel, Renato, Boris, Mario o tener cualquier otro nombre, pero siempre en ese momento y en los que van a seguir puede llamarse Cuba.²⁶⁷

Além disso, é importante ressaltar o momento em que relatou o ferimento de seu irmão, Abel, atingido durante o assalto e erroneamente dado como morto. A partir de então, Santamaría concentrou suas esperanças em alcançar o poder na preservação da vida de Fidel Castro:

Vi al hombre que se me acercaba y oí una voz que decía “han matado a tu hermano”. Sentí las manos de Melba. Sentí de nuevo el ruido del plomo acribillando mi memoria. Sentí que decía sin reconocer mi propia voz: “Ha sido Abel?” Miré al hombre que bajó los ojos. “Es Abel?” El hombre no respondió. Melba se me acercó. ¿Toda Melba eran aquellas manos que me acompañaban “Que hora es?” Melba respondió. “Son las nueve”. Estés son los hechos que están fijos en mi memoria. No recuerdo ninguna otra cosa con exactitud, pero desde aquel momento ya ni pensé en nadie más, entonces pensaba en Fidel. Pensábamos en Fidel. En Fidel que no podía morir. En Fidel que tenía que estar vivo para hacer la Revolución En la vida de Fidel que era la vida de todos nosotros. Si Fidel estaba vivo, Abel y Boris y Renato y los demás no había muerto, estarían vivos en Fidel que iba a hacer la Revolución cubana y que iba a devolverle al pueblo de Cuba su destino. Lo demás era una nebulosa de sangre y humo, lo demás estaba ganado por la muerte. Fidel ganaría la última batalla, ganaría la Revolución”.²⁶⁸

No mesmo dia, os soldados de Batista capturaram dezenas de assaltantes, incluindo os irmãos Santamaría, Boris Santa Coloma, os irmãos Castro e Melba Hernández. Enquanto Haydée Santamaría, Hernández, os Castros foram presos, Abel Santamaría e Boris Santa Coloma, noivo de Haydée, foram brutalmente torturados e assassinados. As torturas realizadas foram uma forma de persuasão para que ela entregasse os demais companheiros. Diante da negativa, os militares mostraram parte do corpo que mutilaram de Abel.

Fidel Castro expôs o fato em sua defesa “A História me absolverá”, reverenciando a atitude corajosa de Santamaría e Hernández, que não delataram o grupo. Após deixarem a prisão, ambas foram responsáveis por reunificar o grupo, angariar fundos e propagandear os textos de Fidel Castro à população, incluindo as obras “A História me absolverá” e o manifesto, *Mensaje al pueblo cubano que sufre*.²⁶⁹

²⁶⁷ SANTAMARÍA, Haydée. *Op. cit.*, 1960, p. 9-10.

²⁶⁸ *Ibidem*.

²⁶⁹ “[Os soldados de Batista] ensaiaram outros meios: como não puderam abalar o valor dos homens, tentaram experimentar a firmeza das mulheres. Com um olho humano ensanguentado nas mãos apresentaram-se, um sargento e vários homens, no calabouço em que se achavam as companheiras Melba Hernández e Haydée Santamaría. Dirigindo-se a esta [Haydée], mostrando um olho, disseram-lhe: “Este é de teu irmão. Se não

A atuação de Haydée Santamaría ocorreu principalmente nas cidades. Asela de los Santos relembrou que ela se movia por Santiago de Cuba sem restrições, apesar de ser procurada pelas autoridades policiais, tinha a habilidade de “*transformarse según las circunstancias*”.²⁷⁰ Muller ressaltou seu desempenho enquanto articuladora política, seja entre o M-26/7 e os outros movimentos, incluindo sua habilidade em estabelecer contatos diplomáticos, inclusive mantendo-se exilada durante um período em atividades revolucionárias nos Estados Unidos, no ano de 1958.²⁷¹ Outra questão interessante sobre sua atuação é que Santamaría era responsável por recrutar novos integrantes, além de angariar recursos e armamentos durante o exílio, uma vez que o acesso a armas e munições era restrito; portanto, a prioridade era adquiri-los.

Após a Revolução, segundo relato de Franqui, Celia Sánchez e Haydée Santamaría recusaram o convite para assumirem o Ministério da Educação, oferecido por Fidel Castro, que ficou a cargo de Armando Hart, marido de Santamaría, que teria sido indicado por ela. Entretanto, de acordo com Muller, ela trabalhou no ministério junto a Hart até a criação da *Casa de las Américas*, instituição cultural na qual atuou como presidente. O projeto tinha como objetivo estreitar relações entre os artistas e intelectuais de países da América Latina.²⁷² O casamento com Armando Hart e a presidência da *Casa de las Américas* são questões centrais para compreender a presença de Haydée Santamaría no jornal *Revolución*.²⁷³ A atuação política individual de Santamaría foi pouco explorada no jornal, comparecendo ao lado dos demais rebeldes em notícias sobre eventos governamentais. Um exemplo é o texto de Eduardo Hernández, conhecido como “Guayo”, do *Noti Cuba*, sobre os guerrilheiros ainda no início do governo, no qual se reproduz fotografia de Santamaría, Fidel Castro e Celia Sánchez.²⁷⁴

disseres o que ele não quis dizer, lhe arrancaremos o outro”. Ela, que queria a seu valente irmão acima de todas as coisas, contestou-lhe cheia de dignidade: “Se vocês lhe arrancaram um olho e ele não falou, muito menos falarei eu”. Voltaram mais tarde e a queimaram nos braços com pontas de cigarros acesos, até que por fim, cheios de despeito, disseram novamente à jovem Haydée Santamaría: “Já não tens mais noivo porque o matamos também”. E ela novamente contestou-lhe imperturbável: “Ele não morreu, porque morrer pela pátria é viver”. O nome da mulher cubana jamais foi colocado numa altura tão elevada de heroísmo e dignidade”. CASTRO, Fidel. *A História me Absolverá*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

²⁷⁰ SANTOS, Asela de los. *Op. cit.*, p. 70.

²⁷¹ MULLER, Carolina de Azevedo. *Op. cit.*, 2018, p. 44.

²⁷² *Ibidem*, p. 48.

²⁷³ Entre esse contexto de liderança política, o casal teve dois filhos, o primeiro, Abel Enríque Hart Santamaría, nasceu em 1960, fato esse não noticiado no jornal *Revolución*, e a segunda filha, Celia María Hart Santamaría, nasceu em 1963. Muller também destacou o interessante relato da sobrinha do casal, Norma Ruiz Santamaría, sobre o acolhimento que faziam de crianças de outros países filhos de pais que estavam lutando em outras regiões, algo que não foi mencionado em nenhum outro lugar que tivemos acesso. *Vf.: Ibidem*, p. 51.

²⁷⁴ De la tiranía a la libertad. *Revolución*, La Habana, año II, nº 35, 14 de enero de 1959, p. 9.

Apesar de ser casada com Armando Hart desde 1956, interessa ressaltar que Santamaría era citada pelo seu nome de solteira na maioria das matérias, com exceção das vezes em que comparecia como acompanhante do marido. As formas de citação nominal de Santamaría variaram segundo as circunstâncias: Haydée Santamaría (somente); señora Haydée Santamaría Cuadrado, seu nome de batismo, ainda que o pronome de tratamento evidenciasse seu estado civil; señora Santamaría; señora Haydée Santamaría e, por fim, Haydée Santamaría de Hart, quase nunca utilizado. Nos casos em que era referida como acompanhante de seu marido Hart, sua trajetória política era relegada a um segundo plano. Exemplo evidente de fevereiro de 1959, por ocasião da Primeira Convenção Nacional de Estudantes, Santamaría é mencionada apenas como esposa do ministro da educação.²⁷⁵

Cumprir destacar a instigante manchete do *Revolución* publicada no dia 28 de fevereiro de 1959, sobre a cobertura do desfile cívico em homenagem ao nascimento de José Martí, organizada pelo Ministério da Educação, em Santiago de Cuba, que contou com a participação de 20 mil alunos, segundo registros do jornal, além de autoridades civis, diplomáticas e membros do Exército Rebelde.²⁷⁶ Novamente, a fotografia da manchete, como veremos nas figuras 9 e 10, evidencia Haydée Santamaría no evento e, principalmente, em posição privilegiada, junto de seu marido, o primeiro-ministro e o presidente, Manuel Urrutia. Sem os uniformes verde-oliva de combate, Santamaría desfila, bem-vestida, com óculos de sol, luvas, vestido e caprichado penteado, bem como seu marido, de terno, representando, uma nova imagem.

²⁷⁵ No ano de 1959, Haydée Santamaría é citada em mais dois momentos junto a Hart: como acompanhante de Hart em uma viagem ao Chile, em agosto, em uma visita a uma escola rural em Cuba, em outubro. Já em 1960, no Congresso Nacional de Estudantes, em junho de 1960, Santamaría é mencionada na chegada do evento, junto a Hart. *Vf.: Vamos a luchar por los Derechos Humanos: Parte la delegación. Revolución*, La Habana, año II, nº 209, 10 de agosto de 1959, p. 1 e 6.; Programa. *Revolución*, La Habana, año II, nº 257, 5 de octubre de 1959, p. 7.; Más de 10 mil estudiantes asistieron a la Convención. *Revolución*, La Habana, año III, nº 475, 22 de junio de 1960, p. 2.

²⁷⁶ E com a ausência de Fidel Castro. *Vf.: Cabeza del desfile ante Martí. Revolución*, La Habana, año II, nº 47, 28 de febrero de 1959, p. 1 e 15.

Figuras 9 e 10 – Haydée Santamaría fotografada em desfile em homenagem ao nascimento de José Martí



Fonte: *Revolución*, La Habana, año II, nº 47, 28 de febrero de 1959, p. 1 e 15.

Grethel Otero, ao investigar as relações da fotografia com os grandes eventos cívicos, questionou a busca dos fotógrafos em capturar os retratos das lideranças políticas, de forma a revelar “la admiración y el respeto por las personalidades”.²⁷⁷ Apesar de não estarem vestidos conforme revolucionários, a ausência de Fidel Castro os tornou os principais representantes do M-26/7, ao lado de Urrutia, que assumiu o poder em função de acordo entre os movimentos revolucionários. Na legenda, não há menção ao estado civil de Santamaría, mas o seu nome era suficiente para que o público a reconhecesse. Além disso, cumpre ressaltar a contradição notada entre a sua presença na fotografia e a ausência do seu nome no corpo do texto, prática frequente especialmente com Santamaría e Celia Sánchez.

Santamaría foi personagem principal na revista *Coronet*, no artigo “The Woman Behind Fidel Castros” que tratou da sua participação durante o processo revolucionário, identificando-a como única participante do assalto ao Quartel Moncada. Em declaração ao *Revolución*, em 18 de março de 1959, ela questionou a imprecisão da informação da revista,

²⁷⁷ MORELL OTERO, Grethel. *Op. cit.*, p. 64.

que lhe atribuiu indevido protagonismo na luta insurrecional, pois se afirmou que ela teria sido a única mulher na linha de frente, assinalando a presença de Melba Hernández na linha de frente, e, ainda, as mulheres que prestaram auxílio de diversas formas, como ajudantes hospitalares, nos preparativos da ação.²⁷⁸ Outras informações errôneas diziam respeito à sua condenação, de sete meses e não sete anos, que cumpriu integralmente no *Reclusorio de Mujeres de Guanajay*, não tendo sido indultada, como se afirmara. O desconforto de Santamaría em centralizar em si a representatividade das mulheres na luta revolucionária é reforçado ao longo de toda resposta, sua intenção é mencionar a participação das demais companheiras. Além disso, citou o artigo publicado por Marta Rojas na revista *Bohemia*, no qual se detalhou o assalto ao Quartel Moncada, com fotografias e relatos dos participantes.²⁷⁹

Santamaría foi uma das primeiras mulheres a ocupar cargo político, presidindo a fundação da *Casa de las Américas*. A fundação da instituição foi noticiada pelo jornal *Revolución* em 30 de maio de 1959, mais de um mês após a Ley 299 que a criou, em 28 de abril.²⁸⁰ No título “*Impulsarán un plan intensivo cultural*”, Haydée Santamaría não foi mencionada, mas figura no subtítulo, “... *una de las más recias luchadoras contra la dictadura y esposa del Ministro de Educación, doctor Armando Hart*”.²⁸¹ Além de ser apresentada como esposa, cumpre destacar que o conteúdo informou detalhes sobre a composição da nova instituição, que visava promover intercâmbio cultural, com destaque para a atuação do Ministro Hart.

Dentre as atividades desenvolvidas na *Casa de las Américas*, destacaram-se o concurso literário²⁸² e a revista, que levou o nome da instituição. No *Revolución*, encontram-se ofícios remetidos Haydée Santamaría dando conta de várias atividades realizadas na instituição, a exemplo de reuniões de organizações de mulheres, oferta de cursos de línguas estrangeiras e instrumentos musicais,²⁸³ vários deles realizados no espaço da biblioteca. Assim, na condição de presidente da instituição, Santamaría figurou com mais frequência no *Revolución* durante o ano de 1959.

²⁷⁸ SANTAMARÍA, Haydée. Refuta a 'Coronet' Haydée Santamaría. *Revolución*, La Habana, año II, nº 87, 18 de marzo de 1959, p. 1 e 2.

²⁷⁹ ROJAS, Marta. Nacimiento y Evolución Heroica de un Movimiento. *Bohemia*. La Habana, año 51, nº 5, 1 de febrero de 1959.

²⁸⁰ Impulsarán un plan intensivo cultural. *Revolución*, La Habana, año II, nº 148, 30 de mayo de 1959, p. 3.

²⁸¹ *Ibidem*.

²⁸² De acordo com Muller, inicialmente era nomeado Concurso Literario Hispanoamericano e, depois, passou a ser Prêmio Literário Casa de las Américas. Vê: MULLER, Carolina de Azevedo. *Op. cit.*, 2018, p. 49.; De aquí y de ahí. *Revolución*, La Habana, año II, nº 262, 10 de octubre de 1959, p. 5.; De aquí y de ahí. *Revolución*, La Habana, año II, nº 268, 17 de octubre de 1959, p. 7.

²⁸³ SANTAMARÍA, Haydée. Casa de las Américas. *Revolución*, La Habana, año II, nº 295 e 297; 18 e 20 de noviembre de 1959, p. 6; 3.; año III, nº 334, 6 de enero de 1960, p. 11; nº 258, 3 de febrero, de 1960, p. 5.

Em 26 de julho, por exemplo, em edição especial sobre o assalto ao Quartel Moncada e o início do Movimento 26 de Julho, Celia Sánchez, Haydée Santamaría e Vilma Espín são categorizadas como as principais mulheres da Revolução.²⁸⁴ Melba Hernández, apesar de não ser citada, teve sua fotografia publicada junto a Haydée Santamaría, registro do momento em que foram presas, a mesma fotografia publicada pela revista *Bohemia*, em fevereiro, para narrar o evento.²⁸⁵

Ainda na mesma edição, informava-se que o 26 de julho tornou-se feriado nacional e, ao longo das páginas, é possível verificar a atuação dos integrantes do M-26/7 no decorrer de todo o processo revolucionário, enumerando suas principais ações até a conquista do poder.²⁸⁶ A presença das mulheres, no entanto, foi limitada ao tópico já citado, sendo as suas ações generalizadas sem identificação, como o trecho a seguir,

3 — Años de 1954, 1955 y 1956. Comienza a nuclearse alrededor de Fidel Castro y los sobrevivientes del asalto al cuartel «Moncada» un poderoso movimiento revolucionario que insiste en el derrocamiento del régimen por las armas. Se lleva a cabo una campaña para recabar fondos económicos. Después de 16 meses de prisión, Fidel viaja por México y los Estados Unidos. En este último país organiza clubs patrióticos y mítines como el del Teatro Flagler de Miami. En México se abre un campamento, se compran armamentos y se entrena una tropa de unos cien hombres para la guerra necesaria. Los traidores no escasean y todo el esfuerzo está varias veces a punto de fracasar. Fidel es encarcelado después de que se intenta asesinarle varias veces. Puesto en libertad, se apresta el «Granma» para desembarcar en Cuba.²⁸⁷

As arrecadações de fundos, os contatos para a reestruturação do grupo, o transporte de armas, todas atividades envolvendo diretamente as mulheres tiveram, além de seus nomes, foram ocultados. Cumpre ressaltar que o pequeno tópico sobre a presença das mulheres, no fim do texto, foi veiculado abaixo do título “*Algunos dirigentes civiles del 26 de Julio (muertos)*”, em que foram apresentados dois recortes de fotografias, uma de Celia Sánchez, na Sierra Maestra, e outra de Vilma Espín, em período não identificado.²⁸⁸

Além das diversas viagens com Armando Hart, mencione-se o encontro entre Haydée Santamaría e Simone de Beauvoir em fevereiro de 1960. A partir da conversa é possível observar indícios dos valores mencionados ainda da época independentista, que

²⁸⁴ Cumpre destacar também o artigo de Anita Arroyo publicado no *Diario de la Marina*, sobre a presidência de Haydée Santamaría na Casa de las Américas. Vê: ARROYO, Anita. La mujer cubana en la revolución: Haydée Santamaría, directora de la Casa de las Américas. *Diario de la Marina*, La Habana, año CXXVIII, nº 243, 15 de octubre de 1959, p. 29.

²⁸⁵ Principales acciones del Movimiento 26 de Julio. *Revolución*, La Habana, año II, nº 196, 26 de julio de 1959, p. 1, 2 e 7.

²⁸⁶ Declaro el 26 de julio el Día de la Rebeldía Nacional. *Op. cit.*, 1959, p. 3.; Principales acciones del Movimiento 26 de Julio. *Op. cit.*, 1959, p. 1, 2 e 7.

²⁸⁷ Principales acciones del Movimiento 26 de Julio. *Op. cit.*, p. 2.

²⁸⁸ *Ibidem*, p. 7.

explicaram o contexto de assimetria dos comportamentos de homens e mulheres pelos(as) revolucionários(as). Simone de Beauvoir, na época, completava 11 anos de lançamento do livro *O Segundo Sexo*. A sua identificação enquanto feminista deu-se a partir dos anos setenta, mas nesse período já estava posta a necessidade da independência econômica da mulher.²⁸⁹

Beauvoir e Jean-Paul Sartre indagaram Haydée Santamaría acerca da ausência de representatividade feminina na liderança pós-revolucionária. A primeira pergunta de Beauvoir foi: “*si el hecho de que Celia Sánchez y Vilma Espín y Haydée Santamaría no hayan aceptado responsabilidad de envergadura implica subordinación de la mujer*”. Em resposta, Haydée Santamaría explicou que “*no se sentían capacitadas y que continúan en la tarea revolucionaria que siguen a través de los compañeros*”.²⁹⁰ No *Revolución*, o jornalista que reproduziu o diálogo, Lisandro Otero, destacou a réplica de Beauvoir, dizendo-lhe se: “*cuando las mujeres que participaron en la lucha se retiran en la paz, su abstención provoca la de otras mujeres*”. Não foi registrada nenhuma resposta. Em seguida, Jean-Paul Sartre perguntou sobre a educação cívica da mulher cubana e, nas palavras de Santamaría, segundo Otero, esperava-se que tal formação “*las prepare para asimilar los ideales superiores de la patria, para ser buenas madres, buenas esposas, que sean una conciencia vigilante en lo político*”.²⁹¹

Apesar disso, Haydée Santamaría não se limitou ao ambiente doméstico no período pós-revolucionário. Aos poucos, sua inserção nas organizações femininas e participação da fundação da Federação de Mulheres Cubanas evidenciaram seu apreço à emancipação da mulher. Podemos encontrar indícios para essa afirmação no início do ano seguinte, em março de 1961, ao acompanhar o marido em missão cultural nos países da União Soviética por 45 dias. Ao regressar a Cuba, Santamaría concedeu entrevista no Ministério da Educação em que respondeu diversas questões dos trabalhadores sobre temáticas relativas à experiência da viagem.²⁹²

A entrevista foi publicada no *Revolución* em 27 de maio de 1961. Diversos temas foram abordados, conforme indicado pelo(a) colaborador(a) que escreveu a matéria, incluindo “*problemas políticos, religiosos, educativos, sociales, de trabajo y familiares*”, os quais Haydée Santamaría observou nos países soviéticos e na China. É importante destacar os temas

²⁸⁹ MASSAMBONE, Ingrid. *Op. cit.*

²⁹⁰ OTERO, Lisandro. Sartre y Beauvoir por la Provincia de oriente, *Revolución*, La Habana, año III, nº 2, p. 378.; 27 de febrero de 1960, p. 1, 2 e 18.

²⁹¹ OTERO, Lisandro. *Op. cit.*, p. 2.

²⁹² Fidel Castro, el mejor ministro de Educación. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 699, 15 de marzo de 1961, p. 3.; Veneración en los pueblos socialistas por la familia. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 760, 27 de mayo de 1961, p. 6.

sobre família e direito das mulheres, sobre os quais Santamaría respondeu ter percebido a atribuição de de importância entre crianças e idosos, demonstrando um respeito da sociedade socialista pelas pessoas mais vulneráveis.

As mulheres também foram descritas como portadoras de liberdade, porém, Santamaría advertiu que a experiência da liberdade soviética era positiva, porque ocorria em um país de valores morais elevados, diferentemente dos Estados Unidos, que, na sua opinião, ocorria o oposto, o país onde a liberdade “... *es mala porque es un país de alto índice de delincuencia y de vicios*”. Segundo Santamaría, a porcentagem educacional das mulheres no ensino era de 50% na União Soviética, assim como no trabalho (apesar de não especificar, entende-se como trabalho formal e remunerado), devido à ascensão das mulheres em cargos de liderança, como na diretoria de indústria, na produção ou em cargos públicos. O trecho mais significativo para análise das questões de gênero refere-se ao planejamento familiar, quando ela ressalta que a mulher pode cuidar dos filhos durante o horário de trabalho, graças às instituições responsáveis por educá-los e alimentá-los. Dessa forma, caberia ao Estado dividir a tarefa doméstica e familiar com a mãe, como se observa a no excerto abaixo:

*Cuando la mujer va a ser madre tiene todo tipo de facilidades. Algunas, por prescripción facultativa, comienzan a recibir los beneficios del Estado cobrando sus sueldos sin trabajar hasta desde los dos meses de embarazo. Los niños enfermos son atendidos por médicos del Estado y con ellos permanecen sus mamás hasta que recobran la salud. En fin, la madre tiene para sus hijos las mayores facilidades y atenciones.*²⁹³

A garantia de direitos básicos para as mulheres, como a licença maternidade e acompanhar os filhos doentes ao atendimento médico sem que fosse descontado o dia de trabalho, era para Santamaría facilidades garantidas pelo Estado. Essas declarações elucidam o quão longe as mulheres cubanas estavam de garantir sua plena inclusão no mercado de trabalho, de forma que sua emancipação financeira não fosse percebida como um risco para as relações familiares.

Um outro tema que cumpre ressaltar foram os trechos selecionados das autobiografias do diretor do *Revolución*, Carlos Franqui, e do *Lunes de Revolución*, Guillermo Cabrera Infante, no qual mencionaram a atuação de Haydée Santamaría no triênio pesquisado. Infante publicou o livro *Mea Cuba* em 1991, 13 anos após o suicídio de Haydée Santamaría. Outros marcos históricos também são significativos, como a entrada na década de noventa, foi o Período Especial, decretado após a queda do muro de Berlim em 1989, que anunciava o fim da União Soviética em 1993. Já em exílio há mais de duas décadas, Infante se mostrava um

²⁹³ Veneración en los pueblos socialistas por la familia. *Op. cit.*, 1961, p. 6.

crítico ao governo cubano, que encontrou na figura de Fidel Castro a personificação da Revolução.

O suicídio de Haydée Santamaría, narrado por ele no trecho “*se levantó la tapa de los escasos sesos hace poco*”, ocorreu no em 26 de julho de 1980. O governo cubano continua a alterar esses dados em suas publicações oficiais,²⁹⁴ insistindo na data de 28, medida adotada para evitar associação direta ao feriado, que também marca o dia do assalto ao Quartel Moncada.²⁹⁵ Além disso, Infante contrastou a morte de Santamaría com a de Celia Sánchez, ocorrida em janeiro do mesmo ano, devido a um câncer de pulmão. Enquanto Sánchez recebeu honrarias do governo cubano e foi enterrada no *Panteón de las Fuerzas Armadas Revolucionarias*, tal tratamento não foi oferecido a Haydée Santamaría, que teve “*...en su lugar, un velorio privado en una funeraria de segunda mano en La Habana*”.²⁹⁶

Além delas, Infante utilizou outros exemplos de suicídio e exílio para explorar o descontentamento com os rumos tomados pelo governo cubano, quando em 1993, quando o livro foi lançado, estava em construção a memória dos heróis nacionais pelo governo socialista. O contexto que antecedeu o suicídio de Santamaría foi, de acordo com Muller, marcado por questões políticas que podem ter contribuído ao acontecimento: em janeiro, a morte de Celia Sánchez, que tinha estabelecido ao longo desses anos uma relação de amizade com Santamaría, o Êxodo de Mariel,²⁹⁷ as sequelas de um acidente automobilístico e o divórcio com Armando Hart.²⁹⁸

Cumprе ressaltar que Haydée Santamaría foi a única revolucionária, entre as analisadas no capítulo, a publicar no *Lunes de Revolución*. Nas edições comemorativas de aniversário, em que se divulgou a opinião de participantes políticos e intelectuais sobre o suplemento, “*¿Por qué me gusta y no me gusta Lunes?*”, ela respondeu, em 28 de março de 1960:

No era tan sólo un periódico lo que necesitaba la Revolución, sino algo más; necesitaba un medio de transmitir las ideas y de facilitar que, intelectuales con el pensamiento de nuestra generación, pudieran hacer llegar al pueblo sus inquietudes y sus pensamientos. El esfuerzo de “LUNES DE REVOLUCION”, con lo que significa para nuestro Gobierno Revolucionario, fue la respuesta a esa necesidad.

²⁹⁴ Como, por exemplo, o site *Ecured*, que funciona como um dicionário *on-line* sobre Cuba. Vf.: https://www.ecured.cu/Hayd%C3%A9e_Santamar%C3%ADa. Acesso em: 10 mar. 2024.

²⁹⁵ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Op. cit.*, p. 258-259.

²⁹⁶ Vilma Espín, Celia Sánchez e Violeta Casals foram enterradas no *Panteón de las Fuerzas Armadas Revolucionarias*, monumento funerário localizado no cemitério em Havana, reservado para enterrar os(as) heróis(ínas) e mártires de Cuba.

²⁹⁷ Foi uma emigração em massa realizada pelos cubanos que partiram do Porto de Mariel no ano de 1980 rumo à Flórida, totalizando aproximadamente a embarcação de 125 mil pessoas, entre os meses de abril e agosto. GOTT, Richard. *Op. cit.*, p. 404.

²⁹⁸ MULLER, Carolina de Azevedo. *Op. cit.*, 2018, p. 58-60.

*Durante un año la ha satisfecho, y seguirá satisfaciéndola cada día mejor en el futuro. Con “LUNES DE REVOLUCION” la nueva generación intelectual tiene un excelente medio expresivo, un instrumento con el que decir y comunicar lo que siente: y lo que siente, con noble sinceridad, ¡es el drama de la Patria y la esperanza, ya en gran parte convertida en realidad, de una revolución de humildes por los humildes y para los humildes. Las ideas, las manifestaciones expresivas de toda índole que en cada “LUNES DE REVOLUCION” van apareciendo, son ya patrimonio del pueblo de Cuba, como son motivo suficiente para que se sientan orgullosos los que tuvieron la feliz iniciativa y los que han hecho con su trabajo el noble empeño.*²⁹⁹

Além de se mostrar favorável à publicação do *Lunes de Revolución*, Santamaría também foi a única das mulheres a integrar o núcleo principal do M-26/7 que se posicionou contra as medidas de censura ao documentário *P.M.*, além de Carlos Franqui. Na autobiografia de Franqui são detalhadas as várias conversas realizadas na Biblioteca Nacional “José Martí” com Santamaría, lembrada por ele como uma das três pessoas que o apoiaram. No duro pronunciamento, ela teria se mostrado “indignada com o ataque de [Alfredo] Guevara” ao acusar o jornal *Revolución* e o suplemento *Lunes de Revolución* de dividir internamente a Revolução e promover ideologias que não fossem soviéticas.³⁰⁰

Franqui parecia ter apreço por Haydée Santamaría, conforme sugeriu Muller, a sua posição na *Casa de las Américas* permitiu que acolhesse alguns profissionais homossexuais que trabalharam no *Lunes de Revolución*, como Antón Arrufat, Calvert Casey e Pablo Armando Fernández, após o seu fechamento, em 1961. Além disso, ela também teria se posicionado contra a perseguição aos artistas homossexuais e às Unidad Militar de Ayuda a la Producción (UMAP). Por outro lado, Muller contrapõe a memória de Infante ao relembrar que mesmo tendo-os realocado, Antón Arrufat e Calvert Casey foram demitidos da *Casa de las Américas*, conforme afirmado pelo ex-diretor do suplemento; o primeiro, por divulgar um poema considerado contrarrevolucionário, o segundo, por ter confidencializado sua sexualidade e a existência das UMAP’s para o escritor mexicano Emanuel Carballo.³⁰¹

Por fim, cumpre recapitular que, diferentemente das demais revolucionárias analisadas, Santamaría foi a única a não concluir o ensino básico e, portanto, teve sua indicação ao cargo de presidência a *Casa de las Américas* contestada por Infante. Ainda que tivesse toda uma trajetória na luta insurrecional, teria sido, nas palavras de Infante, “como ella

²⁹⁹ SANTAMARÍA, Haydée. ¿Por qué me gusta y no me gusta Lunes?. *Revolución*. La Habana, Lunes de Revolución, año III, nº 50, 28 de marzo de 1960, p. 2 e 3. (Grifo nosso).

³⁰⁰ Segundo Franqui, as palavras de Alfredo Guevara foram “Eu acuso o *Lunes* e o *Revolución* de tentarem dividir internamente a revolução; de serem inimigos da União Soviética; de revisionismo; de semearem confusão ideológica; de introduzirem ideias polonesas e iugoslavas; de elogiarem filmes tchecos e poloneses; de serem porta-vozes do existencialismo, da literatura americana, da decadência burguesa, do elitismo; de se recusarem a ver os efeitos da revolução; de não elogiarem as forças armadas”. V.f.: FRANQUI, Carlos. *Op. cit.*, 1981, p. 133-135.

³⁰¹ MULLER, Carolina de Azevedo. *Op. cit.*, 2018, p. 84.

*misma explicaba, tenía «debilidad por la cultura». Aunque admitía que no era más que una campesina ignorante. La segunda afirmación, ser ignorante, era cierta pero no la primera»*³⁰² e embora não tenha dito essas exatas palavras, acreditava que Santamaría não estaria à altura do cargo que ocupava, uma vez que assim com ele, teriam outros diversos intelectuais que poderiam ter liderado o projeto com mais conhecimento técnico. Apesar disso, Santamaría era pessoa de confiança para Fidel Castro, motivo esse apontado por Muller como razão de sua indicação à presidência.³⁰³

3.3. Celia Sánchez

Celia Esther de los Desamparados Sánchez Manduley, nasceu na região oriental de Cuba, na cidade de Media Luna, em 9 de maio de 1920, era filha de Manuel Sánchez Silveira e de Acacia Manduley Alsina. Sua mãe faleceu ainda durante sua infância, e seu pai, que exerceu as profissões de médico e arqueólogo, era filiado ao Partido del Pueblo Cubano, o Partido Ortodoxo e seus ideais com base nos ensinamentos de José Martí foram passados para sua filha, influenciando-a a atuar na causa revolucionária após o golpe de Batista em 10 de março de 1952.³⁰⁴

Aos 36 anos, Sánchez decidiu integrar o Movimento 26 de Julho, entre as funções exercidas durante a fase inicial do grupo, dedicava-se a propagandear cópias do “A História me absolverá”, assim como os demais rebeldes. Posteriormente, em 1956, tornou-se a primeira mulher a participar da guerrilha na Sierra Maestra. Assim como Santamaría, sua trajetória é narrada a partir da inspiração na luta de um homem, neste caso, seu pai foi quem lhe proporcionou um conhecimento geográfico e cultural da Sierra Maestra, adquirido em viagens na infância.³⁰⁵

Na guerrilha atuou como enfermeira, mensageira e, em algumas ocasiões participou diretamente em batalhas armadas contra o exército de Batista,³⁰⁶ sendo, portanto, considerada

³⁰² CABRERA INFANTE, Guillermo. *Op. cit.*, p. 75-76.

³⁰³ Em outro trecho, ao Haydée Santamaría relata a Infante sobre sua visita à União Soviética, a falta de conhecimento sobre o assunto foi utilizada como forma de adjetivá-la pejorativamente, “*La ministra Furtseva me explicó, de mujer a mujer (o mejor, de compañera a compañera) lo que sucedió con los escritores y artistas que murieron en la época de Stalin. No los mataron, no, porque fueran poetas herméticos, novelistas burgueses y pintores abstractos. No, en realidad, los fusilaron porque eran espías nazis, y no artistas. ¿Qué te parece? ¡Todos agentes de Hitler! No hubo más remedio que exterminarlos. ¿Comprendes?» Sí que comprendía. ¡Ah, qué revolucionaria inocente y peligrosa que era!*” *Vf.*: CABRERA INFANTE, Guillermo. *Op. cit.*, p. 75-76.

³⁰⁴ *Vf.*: MILLIÁN, Bertha Mojena. Nuestra Celia, la de todos los días. *Cuba Debate*, 11 de enero de 2024. Acesso em: 2 mar. 2024, <http://www.cubadebate.cu/opinion/2014/01/11/nuestra-celia-la-de-todos-los-dias/>.

³⁰⁵ Asociación de Antiguos Alumnos del Seminario Martiano. Celia Sánchez Silveira. *Revolución*, La Habana, año II, nº 36, 16 de enero de 1959, p. 2.

³⁰⁶ Asociación de Antiguos Alumnos del Seminario Martiano. *Op. cit.*, 1959, p. 2.

a primeira mulher a empunhar armas na guerrilha.³⁰⁷ Asela de los Santos apontou Sánchez como uma das principais dirigentes do M-26/7 em Manzanillo, região onde se estabeleceu uma rede de abastecimento para os guerrilheiros.³⁰⁸ Entretanto, sua função mais lembrada foi auxiliar constantemente Fidel Castro, desde a Sierra Maestra até a sua nomeação ao cargo oficial de primeiro-ministro, após a Revolução, quando foi nomeada sua secretária oficial.³⁰⁹ Em uma das poucas menções de Richard Gott a Celia Sánchez foi relacionar a sua longa amizade com Fidel Castro, que possuíam uma estreita relação desde a guerrilha. A sua morte, em 1980, teria sido um marco significativo ele, “*El año 1980 no fue fácil para el gobierno cubano ni para Castro en particular. Celia Sánchez, su mejor amiga, secretaria, ayudante y vital consejera política desde los tiempos del Moncada*”.³¹⁰

Ainda que os registros sobre a formação acadêmica de Celia Sánchez sejam escassos, no artigo publicado pelo *Revolución* da *Asociación de Antiguos Alumnos del Seminario Martiano*, em janeiro de 1959,³¹¹ e informações verificadas no *Ecured*³¹² nos apontam indícios de que Sánchez teve uma boa formação escolar na infância, em escolas privadas, que ensinavam linguagem e aritmética, assim como também teve a oportunidade de fazer aulas de piano, o que evidencia um privilégio se comparado aos acesso das outras meninas de sua idade, que também iam para a escola, mas eram confinadas em suas vocações de afazeres domésticos, costura e bordado, conforme analisado por Gladys Mariel García ao historicizar a trajetória da revolucionária Margot Machado (1909-2015).³¹³

Em um artigo publicado por *Cuba Debate*, de Armando Hart, em 2023, a relevância de Celia Sánchez é mencionada, “*Desde los meses anteriores al desembarco del Granma, no existió un episodio de la lucha revolucionaria dirigida por Fidel en el que Celia no haya*

³⁰⁷ Vf.: ESCALONA RODRÍGUEZ, Norberto. *Bohemia*, 11 de enero de 2023. Acesso em 31 de março de 2024, <https://bohemia.cu/celia-autentica-flor-guerrillera/>.

³⁰⁸ SANTOS, Asela de los. *Op. cit.*, p. 83.

³⁰⁹ Cumpre ressaltar que embora Celia Sánchez e Fidel nunca tenham assumido nenhum relacionamento amoroso, a biógrafa de Castro, Claudia Furiati, atribuiu um possível envolvimento entre eles. Em trechos da obra de Furiati, ela descreveu o momento em que se conheceram em uma reunião revolucionária “Um pormenor especial da reunião foi o amor à primeira vista entre Fidel Castro e Celia, que se tornaria, a partir daí, seu indelével braço direito”; em outro trecho, sobre a atuação de Sánchez na guerrilha, a descreveu enquanto “confidente, secretária, mulher e sombra protetora [de Fidel Castro], além de mãe de que todos careciam”. Vf.: FURIATI, Claudia. *Fidel Castro: uma biografia consentida*. Revan: Rio de Janeiro, 2001, p. 437, 491.

³¹⁰ GOTT, Richard. *Op. cit.*, p. 405.

³¹¹ Asociación de Antiguos Alumnos del Seminario Martiano. *Op. cit.*, 1959, p. 2.

³¹² Vf.: https://www.ecured.cu/Celia_S%C3%A1nchez. Acesso em: 11 mar. 2024.

³¹³ MAREL GARCÍA, Gladys. Cuba, siglo XX. Historia de vida y familia: Género y Generación. *Revista Brasileira do Caribe*, Goiânia, v. VIII, n. 16, 2008, p. 377-395.

estado en la primerísima línea de combate”.³¹⁴ Apesar disso, no *Revolución* a atuação de Sánchez era ofuscada pelo protagonismo de Fidel Castro.

Celia Sánchez também usava outros nomes para esconder-se durante a clandestinidade, incluindo Aly, Carmen, Liliana, Caridad e Norma. Um fato interessante destacado por Bertha Moneja Millián foi o apelido atribuído de “tia”, devido a sua sensibilidade no trato com as pessoas, no entanto, também pode ser devido a sua idade, uma vez que, diferente de Vilma Espín e Asela de los Santos, que tinham por volta de 30 anos quando a revolução triunfou, Sánchez estava com 39 anos. Interessa ressaltar que no *Revolución* foram encontrados quatro tipos de registros de citação: sendo o primeiro, seu nome usual, Celia Sánchez; doctora Celia Sánchez, señorita Celia Sánchez e somente Celia.

Outro líder político que reconheceu a atuação foi Phocion Glemaud, presidente do Comitê Revolucionário do Partido União Nacional Progressista do Haiti, em 5 de janeiro no *Revolución*, que ao cumprimentar os revolucionários pelo novo governo destacou a participação das mulheres cubanas, comparando a importância de suas representações com a de Maria Juana, participante da independência do Haiti. Essa narrativa reafirmava a posição social secundarizada das mulheres em relação a dos homens, como pode ser observado no trecho, “...ha probado que la mujer es el complemento verdadero del hombre”.³¹⁵

No mesmo mês, a *Asociación de Antiguos Alumnos del Seminario Martiano* também enviou suas saudações a Sánchez, publicada no dia 16, em que é possível analisar diversos adjetivos que reafirmavam funções esperadas que as mulheres desempenhassem.³¹⁶ Assim como o reconhecimento do novo governo feito por Glemaud, neste, os valores atribuídos à atuação de Celia Sánchez remetem às mulheres que lutaram na independência da América Latina. Em primeiro lugar, cabe ressaltar o contraste entre a sua feminilidade “...una mujercita de aspecto sencillo, y fina como un cristal, cuya voz hemos oído como un susurro en oración” e a sua luta,

Fidel Castro encontró la Sierra Maestra preparada de antemano para la gran jornada libertadora, con hombres organizados que esperaban la consigna de «Libertad o Muertes, con bohíos habilitados como cuarteles, con comida conservada, oculta en distintos lugares estratégicos, con planos descriptivos de los caminos conocidos solamente por los montañeses, con relaciones de todas las cuevas y albergues naturales, y toda esa obra gigante y secreta la había realizado solamente una mujer de aspecto sencillo y frágil como un cristal: CELIA SANCHEZ SILVEIRA.

³¹⁴ Vê: HART, Armando. Celia Sánchez Manduley, la más autóctona flor de la Revolución. *Cuba Debate*, 5 de septiembre de 2023. Disponível em: <http://www.cubadebate.cu/opinion/2023/05/09/celia-sanchez-manduley-la-mas-autoctona-flor-de-larevolucion/>. Acesso em: 3 abr. 2024.

³¹⁵ GLEMAUD, Phocion. Adhesión del pueblo haitiano a nuestra Revolución. *Op. cit.*, 1959, p. 2.

³¹⁶ Verificar: Anexo B.

Esta mujer cubana, se sabía la «SIERRA MAESTRA» de memoria; sus años primeros los pasó junto a la gran cordillera de lomas, sus primeros juegos fueron junto al «Pico Real del Turquinos»; sabía el lenguaje de los mestizos de indios y españoles, de sus tradiciones y supersticiones y junto al guajiro cafetalero oyó las quejas de los «aguateros» y de los «aparceros».

Las injusticias humanas las conocía de labios de un cacique rebelde de aquella comarca olvidada, de Crescencio Pérez,³¹⁷ que tan importante fue para la estancia de Fidel Castro en la región oriental de la Sierra.

Conocía Celia cómo obtener agua del Bejuco o del espinoso Curujey, cómo espantar a la venenosa mosca «Macaguerras», que donde pica forma un tumor difícil de curar. Aprendió a buscar caminos siguiendo los rastros de los puercos jíbaros y alimentarse de los frutos silvestres; a curar heridas con el palo de camaguas y las hojas de ciertos árboles.³¹⁸

O trecho evidencia a experiência de Celia Sánchez com conhecimentos específicos da natureza, que foram essenciais para que os guerrilheiros permanecessem na Sierra Maestra, demonstrando, assim, a necessidade de sua permanência no local, que era vetado até então para as mulheres. Conforme analisado por Schactae, Celia Sánchez, após se tornar heroína e alcançar cargos políticos, manteve sua vida privada em particular, enquanto se dedicava constantemente à esfera pública, tanto ao governo quanto ao povo, construindo também uma imagem de figura maternal, embora nunca tenha sido mãe efetivamente.³¹⁹ O *Revolución* manteve suas publicações a respeito de Sánchez apenas sobre sua vida política, bem, quando a *Asociación de Antiguos Alumnos del Seminario Martiano*, a caracterizou como “*madre virgen*” reforçando o estigma social do auxílio incondicional oferecido pela mulher, tanto a Fidel Castro quanto a Revolução.

Quando o *Revolución* cobriu a viagem da comitiva de Fidel Castro para a Venezuela, em janeiro de 1959, apesar do texto não mencioná-la, foi possível verificar em uma fotografia de Rómulo Betancourt sua presença, apesar da baixa resolução da imagem, com a seguinte legenda “*A medianoche, en casa del Presidente electo de Venezuela, Rómulo Betancourt, conversan con él sobre los problemas latinoamericanos Fidel Castro y Celia Sánchez*”, expondo seu papel político junto a Castro, apesar de não ser destacado, o que nos instiga a inferir a hipótese de que o próprio *Revolución* contrastava as assimetrias de gênero, porque sua presença não era registrada em texto, aparecendo apenas de relance nas fotografias.³²⁰

³¹⁷ Crescencio Pérez Montano (1895-1958), foi integrante do M-26/7 e comandante do Exército Rebelde. Sua maior contribuição foi liderar um dos grupos organizados por Celia Sánchez na província do oriente para auxiliar o desembarque do grupo do *Granma*. Após o grupo reagrupar-se, Pérez participou da guerrilha e dos ataques sob comando de Juan Almeida. Morreu em 15 de outubro de 1986. Para mais informações, ver: https://www.ecured.cu/Crescencio_P%C3%A9rez.

³¹⁸ Asociación de Antiguos Alumnos del Seminario Martiano. *Op. cit.*, 1959, p. 2.

³¹⁹ SCHACTAE, Andréa Mazurok. *Op. cit.*, 2017, p. 9.

³²⁰ CÉSAR MARTÍNEZ, Julio. En Cuba hubo una revolución más profunda, audaz y solida que la nuestra. *Revolución*, La Habana, año II, nº 46, 28 de enero de 1959, p. 4.

Além desse episódio, outros semelhantes repercutiram viagens de Fidel Castro, como os exemplos de setembro de 1959, quando visitaram a província do oriente, em que Celia Sánchez o acompanhou. Em fevereiro de 1960, também foi possível verificar a presença de Sánchez junto a Castro durante o passeio que fizeram com Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre, no entanto, foi apenas citada no texto, sem contribuição alguma para o conteúdo.³²¹

Cumprir destacar que apesar de Sánchez ser mencionada enquanto representante feminina do M-26/7, sua participação nas organizações de mulheres foi indireta. Foram poucos os registros em que Sánchez participou dos eventos da FMC, diferentemente de Vilma Espín, Haydée Santamaría e Aleida March. Além disso, foram poucos os eventos públicos em que o *Revolución* documentou a interação de Sánchez com as companheiras do M-26/7.

Também tiveram outros dois exemplos de eventos cívicos para detalhar como sua atuação era descrita pelo *Revolución*. No dia 5 de novembro de 1959, por exemplo, durante uma manifestação popular contra Rafael Trujillo, o presidente da República Dominicana, que acolheu Batista após sua fuga, teria veiculado falsas informações sobre o paradeiro de Camilo Cienfuegos³²² e em resposta ao Ministério de la Fuerzas Armadas (FAR), sob ordem do governo revolucionário, organizou um grande protesto popular. Foram fotografados Celia Sánchez, Haydée Santamaría e Armando Hart.³²³

O segundo evento, conforme pode ser observado abaixo, nas figuras 11 e 12, apresentam a cobertura fotográfica em que Haydée Santamaría e Celia Sánchez foram fotografadas no palanque político em que se comemorava o primeiro aniversário da Revolução.³²⁴

³²¹ Um outro exemplo simbólico entre a presença fotográfica e ausência textual foi a formação Brigadas Universitárias no mês de dezembro, sendo Fidel Castro, Celia Sánchez e Juan Almeida os guias das ações. Vê: Fidel Castro durante su recorrido por Oriente acompañado de Celia Sánchez y Oficiales del Ejército Rebelde. *Revolución*, La Habana, año II, nº 236, 10 de septiembre de 1959, p. 1.; FUENTES, José Lorenzo. *Revolución*, La Habana, año II, nº 247, 23 de septiembre, p. 20.; Construye para el pueblo la Armería. *Revolución*, La Habana, año II, nº 248, 24 de septiembre, p. 5.

³²² Camilo Cienfuegos Gorriarán foi um dos guerrilheiros mais populares durante o processo revolucionário e o primeiro ano do governo. Nas palavras de Franqui, ele era “a sensação de Havana. Era o mais bonito e o mais cubano de todos os barbudos, o herói juvenil”. Nascido em 6 de fevereiro de 1932, participou da viagem expedicionária do *Granma*, sobreviveu ao desembarque e se tornou um dos principais comandantes da guerrilha. Após a Revolução assumiu a função de *Jefe del Estado Mayor del Ejército Rebelde*. Cumprir mencionar, no entanto, que semanas após aprender Huber Matos, acusado de traição revolucionária, o avião em que decolou em 28 de outubro de 1959 sumiu misteriosamente e seus vestígios nunca foram encontrados. O desaparecimento de Cienfuegos foi amplamente repercutido no *Revolución*, além de gerar comoção popular com manifestações em massa e em 12 de novembro as buscas por pistas foram encerradas. Para mais informações, ver: https://www.ecured.cu/Camilo_Cienfuegos; FRANQUI, Carlos. *Op. cit.*, p. 68.

³²³ Llanos; Arístides; Tirso; Ernesto; Raul Corrales. El miserable infundio de ayer. *Revolución*, La Habana, año II, nº 284, 5 de noviembre de 1959, p. 20.

³²⁴ Sonrisas y gestos en la tribuna. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 640, 3 de enero de 1961, p. 14.

Figuras 11 e 12 – Fotografia com as presenças de Celia Sánchez e Haydée Santamaría



Fonte: *Revolución*, La Habana, año IV, nº 640, 3 de enero de 1961, p. 14.

Celia Sánchez, entre as quatro revolucionárias nesse capítulo, é a que teve menos destaque entre as matérias do *Revolución*. Desse modo, é necessário investigar o posicionamento dos diretores do *Revolución* e do *Lunes de Revolución*, sendo Carlos Franqui e Guillermo Infante, respectivamente, embora expressos posteriormente em suas autobiografias, quando se encontravam já exilados de Cuba. Infante, por exemplo, em *Mea Cuba*, adjetiva pejorativamente Sánchez como “*factótum femenino de Castro*”, despersonalizando sua liderança e trajetória política.³²⁵

Bem como as matérias, a ideia de Infante sobre Sánchez a secundariza, para ele, apesar de estar ao lado de Castro, o primeiro ministro, ela não tomava decisões, apenas a executava. Essa opinião também pode ser observada na autobiografia de Franqui ao mencionar Celia Sánchez, colocada apenas como auxiliar de Castro na sua vida pessoal: “Ele [Fidel Castro] era famoso por nunca pagar suas contas, mas Celia Sánchez pagou todas elas com dinheiros dos impostos que o exército rebelde havia coletado no final da guerra”.³²⁶ Em

³²⁵ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Op. cit.*, p. 258.

³²⁶ FRANQUI, Carlos. *Op. cit.*, 1981, p. 38.

outra passagem, ao descrever o comportamento dos guerrilheiros, caracterizou Celia como uma fidelista ferrenha, além de ser uma mulher misteriosa, estando com Castro onde quer que ele estivesse.³²⁷ Ao retratá-la como misteriosa, Franqui expôs sua desconfiança sobre a intencionalidade de Sánchez, devido a suas desavenças com Fidel Castro. Ao questionar a centralização de Castro no poder, após meses de governo e não terem mais contato, Franqui sentiu-se desprezado pelos outros integrantes do M-26/7, e alegou que mesmo após diversas tentativas de ligar para o primeiro-ministro, Celia Sánchez não o atendeu.³²⁸

A relação entre Franqui e Castro se manteve ambígua, quando decidiu renunciar como primeiro-ministro, ainda em 1959, foi ao diretor do jornal *Revolución* que decidiu contar em primeira-mão, para que fosse noticiada a manchete no dia seguinte. Segundo Franqui, Celia quem o chamou junto a equipe editorial, para que fossem até Fidel Castro. Conforme a ordem dos acontecimentos, era desconhecido por Che Guevara e Camilo Cienfuegos a renúncia de Fidel, somente seu irmão, Raul Castro, e provavelmente Vilma Espín sabiam que iria fazê-la. A ideia de Fidel Castro era promover a destituição de Manuel Urrutia da presidência, a qual obteve êxito posteriormente, em 16 de julho de 1959, substituído um dia após pelo sucessor Osvaldo Dorticós Torrado (1919-1983), que permanecendo até 3 de dezembro de 1976. No entanto, voltando ao dia da notícia, Camilo Cienfuegos entrou em discussão com Franqui, por não o ter avisado, chegando até mesmo a xingá-lo. Celia apareceu de novo, rapidamente, no relato de Franqui, sendo a confirmação da conversa que teve com Fidel Castro. Desse modo, apesar de misteriosa, como colocou anteriormente, sua posição política a legitimava, sendo a sua palavra relevante em momentos conflituosos como esse.

Por razões desconhecidas, Celia foi substituída da função de secretária do primeiro-ministro após o ataque sofrido pelos cubanos na Praia de Girón, em 1961, realizada por exilados cubanos financiados pelos Estados Unidos, que saíram derrotados da tentativa de invasão.³²⁹ Como resultado, conforme narrado por Carlos Franqui, intensificou-se a perseguição interna do governo com os opositores, fossem eles guerrilheiros clandestinos,

³²⁷ *Ibidem*, p. 40.

³²⁸ *Ibidem*, p. 45.

³²⁹ Em 15 de abril Cuba foi bombardeada, os aeroportos de Havana e Santiago foram os alvos e a maior parte da força aérea foi destruída, bem como a morte dos civis que estavam no local. No funeral, Fidel Castro anunciou o caráter socialista da Revolução. Dois dias depois, 17 de abril de 1961 um grupo contrarrevolucionário de exilados fortemente armado e treinado pela CIA (EUA), tentou invadir Cuba durante a madrugada, na região de Matanzas, em Ciénaga de Zapata. A mobilização cubana centrou-se em três frentes: a popular, o Exército Rebelde e milícias, que responderam rapidamente ao ataque e foram para o local. Ao todo, as batalhas duraram cerca de 60 horas, até o dia 19 de abril, resultando em dezenas de mortos, entre civis e combatentes. GOTT, Richard. *Op. cit.*, p. 292, 296-297.

estudantes, sindicalistas, camponeses, enfim, mesmo aqueles que participaram da Revolução e discordaram do rumo político, não foram poupados.³³⁰ Cabe destacar que, ao desvincular-se de Castro, Celia também desapareceu das páginas do *Revolución*.

Por fim, a última matéria veiculada de Sánchez foi em 23 de dezembro de 1961, quando o *Revolución* cobriu o desfile cívico que contou com a participação estimada de 700 mil pessoas, segundo seus próprios registros. Ela foi fotografada junto ao pai de Camilo Cienfuegos e o Ministro de Obras Públicas, Capitão Osmany Cienfuegos, em meio à multidão, e a imagem não será exibida pela baixa qualidade. Diferente das matérias anteriores, nesta, Celia não se encontra em uma posição privilegiada, no palanque junto ao alto escalão do governo, mas apesar disso, ainda permanecia fiel a Revolução. Cabe ressaltar que Celia retomou sua função de secretária de Fidel Castro, apesar de não sabermos precisamente quando se deu esse fato, pelos registros de Carlos Franqui, ocorreu em 1962.³³¹

3.4. Vilma Espín

Vilma Lucila Espín Guillois nasceu em Santiago de Cuba, em 7 de abril de 1930, filha do casal José Espín y Margarita Guillois, pais de mais cinco filho(a)s: Liliana, Nilsa, Iván, Sonia y José Alejandro. Sua mãe, Margarida, era dona de casa, enquanto seu pai, José Espín, atuava nas funções de contador e ajudante executivo da empresa de rum Bacardí.³³² O trabalho de seu pai assegurou à família um *status* econômico de classe alta, o que permitia que os filhos tivessem acesso à formação educacional de qualidade. Aos 18 anos, Espín iniciou a graduação em engenharia química na Universidad de Oriente, em Santiago de Cuba,³³³ uma instituição que, naquela época, contava com poucas alunas. Após o golpe de Batista, em 1952, Espín integrou os movimentos da região, como o Movimiento Nacional Revolucionario (MNR),³³⁴ que tinha como liderança principal Rafael García Barcena, professor universitário, que também atuava a partir da luta insurrecional. Posteriormente, ela também integrou a

³³⁰ FRANQUI, Carlos. *Op. cit.*, p. 130.

³³¹ *Ibidem*, p. 173.

³³² Não foi possível identificar o posicionamento de seus pais a respeito da sua atuação na Revolução, apesar disso, sabemos que Vilma e sua irmã, Nilsa Espín, foram revolucionárias ativas em Santiago de Cuba e utilizavam a casa da família como um centro da luta clandestina. WATERS, Mary-Alice. Vilma Espín Guillois. *Op. cit.*, p. 11-12.

³³³ A universidade tinha sido inaugurada há pouco mais de um ano, e Espín, junto ao grupo estudantil e do corpo docente, reivindicou a oficialização da universidade e pleiteava que o governo sediado na capital Havana financiasse seu desenvolvimento. *Vf.*: WATERS, Mary-Alice. *Op. cit.*, p. 11.

³³⁴ Sob comando de Barcena, o MNR também planejou assaltar uma base militar em Havana, na Páscoa de 1953, mesmo ano da tentativa do assalto ao Moncada, que não teve êxito. Entre seus integrantes estavam Faustino Pérez, Enrique Oltuski e Armando Hart, que posteriormente, junto a Vilma Espín, integrariam o M-26/7. GOTT, Richard, *Op. cit.*, p. 237, 238.

Acción Revolucionaria Oriental, a cargo de Frank País e Pepito Tey (1932-1956) até, de fato, participar do M-26/7.

Sua história com os futuros membros do M-26/7 começou em 26 de julho de 1953, lembrado pela geração revolucionária como o ano do centenário de nascimento de José Martí.³³⁵ Naquela madrugada, Espín foi acordada ao som de tiros vindos da direção do Quartel Moncada que, como se sabe, foram capturados, alguns teriam sido torturados e depois assassinados. Como Espín residia a poucas quadras do Quartel Moncada, ela, Asela de los Santos e outras mulheres, que não foram nominalmente citadas, decidiram ir até o local. Posteriormente, com a anistia de 1956, formou-se o *Movimiento Revolucionario 26 de Julio*, que Espín integrou desde a fundação.³³⁶

Entre 1955 e 1956, Vilma Espín cursou pós-graduação no Instituto Tecnológico de Massachusetts, nos Estados Unidos.³³⁷ Durante seu regresso a Cuba, fez uma parada no México para encontrar Fidel Castro, que estava exilado com os demais companheiros para formar a guerrilha e retornar à ilha no final de 1956. Após seu retorno, Espín atuou no M-26/7, transportando armamentos, angariando recursos, cedendo sua casa na cidade de Santiago de Cuba para tarefas clandestinas e, ao lado de Frank País, realizava missões para receber os homens que vinham do México. Quando Frank País foi assassinado, em julho de 1957, Espín foi incumbida de assumir sua posição na coordenação provincial do oriente do M-26/7.³³⁸

Em 1958, quando a polícia de Batista começou a persegui-la, o M-26/7 a transferiu para a *Segundo Frente Oriental Frank País*, onde, assim como as demais mulheres que foram para a guerrilha, se responsabilizou pela formação educacional.³³⁹ Asela de los Santos destacou em entrevista para Mary-Alice Waters sua admiração pela atuação de Espín,

Vilma, sin embargo, por sus características de líder, por sus valores personales, por su capacidad, su inteligencia, fue asumiendo cada vez más responsabilidades. Frank confiaba mucho en su capacidad y sentido de la responsabilidad. Ella se

³³⁵ SANTOS, Asela de los. *Op. cit.*, p. 57.

³³⁶ Segundo o relato de Santos, a população local, aflita com a situação, mas sem poder interferir, ouvia os fuzilamentos no Quartel Moncada. Quando visitaram o Quartel para verificar o que ocorria, viram os corpos dos rebeldes ao redor do pátio, que tinham sido assassinados, em posições que simulavam o que teria ocorrido durante a tentativa do assalto. WATERS, Mary-Alice. *Op. cit.*, p. 12.; SANTOS, Asela de los. *Op. cit.*, p. 57.

³³⁷ Enrique Milanés León, em seu artigo no *Cuba Periodistas*, informou que a ideia de fazer uma pós-graduação fora do país foi do pai de Vilma Espín, como uma forma de mantê-la longe dos eventos políticos que estava ocorrendo, especialmente após a tentativa de assalto ao Moncada, do qual suspeitou que ela tivesse alguma ligação. *Vf.: MILÁNES LÉON, Enrique. Vilma Espín: óleo de mujer con pátria. Cuba Periodistas*, 7 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.cubaperiodistas.cu/2023/04/vilma-espin-oleo-de-mujer-con-patria/>. Acesso em: 14 mar. 2024.

³³⁸ WATERS, Mary-Alice. *Op. cit.*, p. 12.

³³⁹ WATERS, Mary-Alice. *Op. cit.*, p. 12-13.

dedicó por entero a la lucha insurreccional. No pasó a la clandestinidad de inmediato.

*Vilma modestamente decía que ella era la chofer de Frank País. En realidad, sí conducía el carro, que era de ella, pero algunas veces lo acompañaba, porque era a manera de protegerlo. Pero lo hacía todo porque participaba en reuniones de coordinación, y así fue asumiendo más y más responsabilidades de gran alcance”.*³⁴⁰

A entrevista foi cedida em 2008, ou seja, quatro décadas em relação aos eventos. Na sua perspectiva, que deve ser relativizada em função da distância temporal, ela relatou a construção da liderança de Vilma Espín, atribuindo sua atuação ao fato de chegar à presidência da FMC, negando a existência da Seção Feminina do M-26/7 para que a sua narrativa fizesse sentido.³⁴¹ Cumpre notar que, no mesmo livro, uma das entrevistas de Vilma Espín foi realizada por Mirta Rodríguez Calderón, em 1985, jornalista que durante 1959 foi uma das lideranças da Seção Feminina do M-26/7.³⁴²

As mulheres, a partir de suas organizações políticas, teriam reivindicado a liderança de Espín para a criação da Federação de Mulheres Cubanas. Uma das justificativas, de acordo com Santos, era o fato de ela ser engenheira e, com o seu conhecimento, poderia elaborar planos industriais para o país. As mulheres que participaram do processo revolucionário não queriam mais ser relegadas ao trabalho doméstico e sujeitadas à discriminação; assim, teriam enxergado em Espín a liderança necessária que promoveria sua integração social e a abertura ao mercado de trabalho formal e remunerado.³⁴³

No entanto, para além das funções restritas às organizações femininas, cumpre ressaltar outras características da personalidade de Espín, descrita por Santos como uma pessoa “...*muy directa y franca, sencilla, refinada, no artificialmente sino naturalmente fina*”, considerando-a uma líder em potencial.³⁴⁴ Sua condição econômica lhe proporcionava acesso a privilégios, como um carro (e podê-lo dirigir), graduação em curso renomado e pós-graduação internacional, além de fluência em inglês, o que a levou a atuar ocasionalmente como tradutora em reuniões do M-26/7 ao lado dos irmãos Castros e, posteriormente, a assumir cargos de liderança no processo revolucionário.³⁴⁵

³⁴⁰ SANTOS, Asela de los. *Op. cit.*, p.68.

³⁴¹ *Ibidem*, p. 109.

³⁴² Segundo a nota publicada no livro, a entrevista foi realizada em agosto de 1985, intitulada *La mujer en Cuba*, publicada pela editora Política, nos anos 1990, em Havana. *Vf.*: WATERS, Mary-Alice. *Introducción. Op. cit.*, p. 28-29.

³⁴³ *Ibidem*, p. 110.

³⁴⁴ *Ibidem*.

³⁴⁵ Na fotografia publicada no livro de Mary-Alice Waters, Vilma Espín traduz uma negociação entre Fidel Castro, Raul Castro e funcionários do Consulado dos Estados Unidos, em julho de 1958, que tentavam resgatar cidadãos estadunidenses e canadenses capturados pela *Segundo Frente*. A fotografia foi cedida pela *Oficina de asuntos históricos del Consejo de Estado. Vf.*: ESPÍN, Vilma. *Op. cit.*, 182.

A fama de chofer de Frank País, por exemplo, lhe permitiu que entrasse em contato com os principais dirigentes do M-26/7 durante as reuniões, como quando Espín mencionou a passagem de Armando Hart e Haydée Santamaría em novembro de 1956, figuras muito populares, com quem realizava diversos encontros com outros militantes. Além disso, ela não apenas dirigia para Frank País, mas também atuava como sua segurança e o acompanhava nas reuniões, o que a tornou sua sucessora após a sua morte.³⁴⁶

Outra característica atribuída a Vilma Espín, que cumpre destacar pelo excesso de referências, é a sua beleza física. Asela de los Santos, durante a entrevista, ao elencar suas qualidades, descreveu-a como “*muy bonita*”.³⁴⁷ Em artigos e biografias posteriores, como de León, detalhou-a como “*Era una mujer hermosa y elegante, que sabía idiomas y normas de protocolo, ¡pero nada de frágil!*”.³⁴⁸ Cabrera Infante, diretor do suplemento *Lunes de Revolución*, ao mencionar a aparência física de Espín, o fez para descredibilizá-la:

*Pero se hizo célebre no bien triunfó la Revolución, como la apoteosis de la rebelde al casarse con Raul Castro, en un golpe de propaganda y adelanto revolucionario: el progreso de la burguesía renuente. Su fotografía de bella cubana con una gardenia al pelo negro se publicó en la portada de Life y recorrió el mundo como la imagen de la belleza guerrillera en su boda con un novio de verde-olivo, boina y extraña trenza. Pero Vilma era una advenediza que por pura casualidad había servido de mensajera entre Frank País en Santiago y Raul Castro en su montaña, correos que para una linda muchacha rica de buen nombre conocido de todos era un paseo a la sombra.*³⁴⁹

Infante referiu-se à beleza de Espín de modo pejorativo, bem como seu casamento com Raul Castro, acusando-a de um golpe de propaganda revolucionária. Também é notável como desqualificou a atuação de Espín durante o processo revolucionário, reduzindo-a como uma mensageira de Frank País, revelando seus pensamentos patriarcais em relação à mulher, assim como fizera com Santamaría e Sánchez.³⁵⁰ Tanto Infante quanto Franqui nutriam antipatia por Raul Castro. Na fila de sucessão ao poder, ele seria o substituto de Fidel Castro, pois era o segundo comandante do M-26/7, apesar de não possuir a mesma popularidade do irmão. Pelo contrário, algumas obras historiográficas apontam indícios de que Raul Castro, junto a Che Guevara, foram os executores mais assíduos dos assassinatos do *paredón*. Após

³⁴⁶ ESPÍN, Vilma. *Op. cit.*, p. 142.

³⁴⁷ SANTOS, Asela de los. *Op. cit.*, p. 110.

³⁴⁸ MILÁNES LÉON, Enrique. *Op. cit.*

³⁴⁹ CABRERA INFANTE, Guillermo. *Op. cit.*, p. 161.

³⁵⁰ Cumpre destacar que o historiador Richard Gott também caracterizou a beleza de Espín ao mencionar o casamento com Raul Castro, “*En enero de 1959 Raul se casó con Vilma Espín, una mujer atractiva y de talento que había sido una de las dirigentes del movimiento revolucionario en Santiago*”. GOTT, Richard. *Op. cit.*, p. 250-253.

Fidel assumir como primeiro-ministro, com sua influência, nomeou o irmão como ministro da Defesa, sendo o responsável pela criação do Exército Rebelde.

Carlos Franqui, no entanto, ao contrário de Infante, inverteu a lógica e atribuiu o casamento de Vilma Espín com Raul Castro como uma possibilidade de ele melhorar sua popularidade,

[...]ele não era nem um herói nem era popular. Ele era importante porque controlava o Exército [Rebelde] e a província do Oriente. Então casou-se com Vilma Espín, símbolo do grupo de Santiago e notória antifidelista. Este foi o jeito que Raul encontrou de granjear a simpatia e o apoio de Santiago.³⁵¹

Franqui é o único a mencioná-la enquanto antifidelista, no entanto, considerando sua influência ameaçadora devido sua aproximação com a ideologia comunista.³⁵² Apesar disso, é importante considerar que as opiniões de Franqui sobre a atuação das mulheres revolucionárias foram mais positivas que as de Infante, por exemplo, em um outro trecho discriminatório comparou as irmãs Espín, Vilma e Nilsa, apontando que a segunda, embora considerasse-a mais atuante nas atividades revolucionárias, em sua opinião, não era tão atrativa fisicamente quanto a outra. Portanto, ele acreditava que Nilsa não teria alcançado a popularidade de Vilma Espín, nem contraído matrimônio com um líder político e, sendo assim, teria permanecido anônima.

Mesmo que os relatos sejam posteriores, é interessante retornarmos ao jornal *Revolución* quando noticiou, na primeira página, o casamento de Raul Castro e Vilma Espín, em 26 de janeiro de 1959,³⁵³ sem, no entanto, haver enviado representante do jornal no evento. Ao comparar, por exemplo, com a revista *Bohemia*, que também cobriu o matrimônio e o publicou na edição de 1 de fevereiro de 1959,³⁵⁴ ao contrário do jornal *Revolución*, uma equipe foi enviada a Santiago de Cuba.. Sobre esse assunto, podemos considerar duas hipóteses: a primeira seria uma preferência da revista *Bohemia* em publicar sobre o casamento, que se tratava de um dos principais dirigentes políticos, em contraste do jornal *Revolución*; a segunda é que o casal de noivos teria maior proximidade com os editores da revista *Bohemia* e, portanto, deu prioridade a eles, apesar do jornal *Revolución*, o meio de

³⁵¹ FRANQUI, Carlos. *Op. cit.*, p. 40.

³⁵² O trecho a seguir, Infante comentou sobre Nilsa Espín: “Nilsa, más modesta, menos fotogénica, incapaz de colgarse una flor al pelo. Cuando triunfó la Revolución, Nilsa también se casó, pero escogió como compañero eterno a un oscuro rebelde sin nombre. Nada de comandantes o líderes carismáticos o jefes de la Revolución para ella. Su nombre nunca salió en ningún periódico, nacional o internacional, mucho menos apareció su fotografía en ninguna parte de Life, ni siquiera en Life en español. Ella y él trabajaban intensa, pero anónimamente donde los destinaba la dirigencia”. V.f.: CABRERA INFANTE, Guillermo. *Op. cit.*, p. 161.

³⁵³ GOTT, Richard. *Op. cit.*, p. 252.

³⁵⁴ CUETO, Mario G. del. Boda Rebelde: Vilma e Raul. *Bohemia*, La Habana, año 51, nº 5, 1 de febrero de 1959, p. 98-101, 106.

comunicação do M-26/7, pertencer ao grupo revolucionário do qual o casal fazia parte. Considerando a segunda alternativa, é notável as tensões existentes que ganhariam forças ao longo do triênio.

O matrimônio logo no início do governo revolucionário garantiu a Espín, já da elite burguesa, não apenas mais um sobrenome qualquer, mas o sobrenome Castro, o que lhe garantia citações constantes: “*la compañera Vilma Espín*”, o uso de *compañera* foi utilizado no sentido de esposa de Raul Castro e também vínculo durante a luta revolucionária; “*la doctora Vilma Espín de Castro*”; “*la doctora Espín*”; “*Vilma Espín*”; “*la señora Vilma Espín*”; “*la señora Vilma Espín de Castro*”; “*Ing. Vilma Espín de Castro*”; “*nuestra compañera Vilma Espín*”; “*Débora*”, o seu pseudônimo; e “*Vilma*”. Nesse sentido, cumpre destacar que suas relações de parentesco também eram utilizadas para apresentá-la nas matérias, por exemplo, “*hija del industrial de Santiago de Cuba José Espín*”;³⁵⁵ “*Raul Castro y su prometida Vilma Espín Guillois*”;³⁵⁶ “*La valiente esposa del Ministro de las Fuerzas Armadas*”;³⁵⁷ “*esposa del comandante Raul Castro*”;³⁵⁸ “*cuñada del jefe de la revolución cubana*”;³⁵⁹ “*esposa del Ministro de las Fuerzas Armadas Cubanas*”.³⁶⁰

Em contrapartida, Vilma Espín ultrapassou os papéis tradicionalmente atribuídos ao gênero feminino, desempenhando a atividade diplomática em eventos internacionais, atuação que merece destaque. A partir de maio de 1959, sua presença individualizada começou a ser noticiada com maior frequência. A primeira matéria tratou de um convite publicado no *Revolución* feito pela *Sociedad Cultural Nuestro Tiempo* para uma conferência sobre Reforma Agrária ministrada por Espín. De acordo com texto, a escolha por ela se deu pela sua posição enquanto presidente da *Rádio Rebelde*, meio de comunicação da M-26/7 e sua formação enquanto engenheira química.³⁶¹

No mesmo mês, em 16 de maio de 1959, Abelardo Garcia-Berry publicou matéria no jornal *Revolución* sobre a visita de Espín à UFR, na qual destacou que ela ocupava o cargo de

³⁵⁵ *Revolución*, La Habana, año II, nº 45, 27 de enero de 1959, p. 1.

³⁵⁶ *Ibidem*.

³⁵⁷ ARIAS, Santiago Cardosa. Noviembre de 1956. *Revolución*, La Habana, año II, nº 305, 30 de noviembre de 1959, p. 1 e 9.

³⁵⁸ Matéria sobre o nascimento de Debora Castro, filha de Vilma Espín e Raul Castro. *Vf.*: Debora Castro y Espín. *Revolución*, La Habana, año III, nº 371, 18 de febrero de 1960, p. 12.

³⁵⁹ Prensa Latina. Cuba es como una pantalla que refleja al Continente. *Revolución*, La Habana, año II, nº 298, 21 de noviembre de 1959, p. 10.

³⁶⁰ Regresan las delegadas al Congreso Femenino Interamericano de Chile. *Revolución*, La Habana, año II, nº 301, 25 de noviembre de 1959, p. 16.; Comité Nacional Pro Ayuda a Chile. Trabaja en favor de Chile el Congreso de Mujeres Cubanas. *Revolución*, La Habana, año III, nº 457, 1 de junio de 1960, p. 1 e 2.

³⁶¹ Conferencia de la Dra. Vilma Espín de Castro. *Revolución*, La Habana, año II, nº 129, 7 de mayo de 1959, p. 3.

vice-presidente da organização.³⁶² É importante ressaltar que, nesse período, o M-26/7 também contava com uma Seção Feminina, ainda que não tenham sido localizados artigos em que Espín tenha sido mencionada em suas atividades ou reuniões. O encontro com a UFR evidencia os primeiros passos rumo à unificação das organizações de mulheres, que não foi pacífico.

Conforme relatado por Santos, ocorria troca de acusações entre os grupos de mulheres, como os exemplos citados, apontando “*esta es comunista*” ou “*aquella es burguesa*”, apesar disso, é notório a presença de Espín enquanto liderança do movimento de mulheres, pois no *Revolución* sua imagem é desvinculada do M-26/7. Santos remete à liderança independente de Espín, sem qualquer envolvimento partidário ou com organização revolucionária no período pós-revolução, mesmo que ela fosse vice-presidente da UFR, vinculado ao PSP.³⁶³

Desde o primeiro grupo formalmente estabelecido, o comitê fundado para participar do *Congreso de Mujeres Cubanas por la Liberación de América Latina*, verificou-se a ausência de representantes do M-26/7, sendo este formado majoritariamente por integrantes da UFR e de movimentos religiosos, como o *Con la Cruz e con la Patria*, integrando católicas, representadas por Lula Horstman.³⁶⁴ Em 7 de setembro de 1959 o *Revolución* publicou um artigo anunciando a viagem da comissão cubana a Santiago do Chile e a fundação do *Comité de Auspicio del Congreso de Mujeres Latinoamericanas*, instituído por Vilma Espín, Haydée Santamaría, Clementina Serra, Célia de la Serna de Guevara, entre outras mulheres.³⁶⁵

O objetivo era levar ao Chile o maior número de mulheres que representassem os mais diversos setores sociais de Cuba, e para isso era necessário preparar as mulheres não só para o evento, mas também para que tivessem consciência sobre a condição das mulheres dos países latino-americanos, dessa forma, o próprio comitê iniciou o processo de organização de bases, fossem em povoados, cidades ou áreas rurais.³⁶⁶

No decorrer das notícias da delegação que se formava, a *Casa de las Américas*, sob liderança de Haydée Santamaría, se tornou um espaço de reunião, onde a delegação organizava o financiamento de recursos para a viagem, por exemplo, uma exposição de Arte Popular, no Capitólio Nacional, além de rifas. Na reunião realizada em 14 de setembro, na

³⁶² Vilma Espín en unidad femenina. *Revolución*, La Habana, año II, nº 137, 16 de mayo de 1959, p. 3.

³⁶³ SANTOS, Asela de los. *Op. cit.*, p. 112.

³⁶⁴ *Ibidem*, p. 112.

³⁶⁵ Sección Femenina del Movimiento 26 de Julio. Congreso de Mujeres Latino Americanas. *Revolución*, La Habana, año II, nº 233, 7 de septiembre de 1959, p. 30.

³⁶⁶ FERRER, Yolanda. *Op. cit.*, p. 203.

Casa de las Américas, Vilma Espín discursou explicando que o surgimento do *Congreso de Mujeres Cubanas por la Liberación de América Latina* partiu de um interesse dos países latino-americanos, como Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, com o objetivo de “estrechar las relaciones entre las mujeres de todo el Continente”.³⁶⁷

A primeira reunião já teria ocorrido no Uruguai, em 1958, que não contou com a participação de representantes cubanas devido aos acontecimentos políticos, entretanto, segundo as justificativas de Vilma Espín, após a vitória revolucionária, foi enviado um convite a Cuba para que participassem do próximo evento, que seria realizado entre os dias 19 e 22 de novembro de 1959. O objetivo do governo era enviar uma delegação cubana representando todos os setores possíveis: trabalhadoras, donas de casa, mães, camponesas, estudantes etc.³⁶⁸

O subdiretor do *Revolución*, Euclides Vásquez Candela, recebeu as delegadas do Comitê em 12 de setembro de 1959 para ajudá-las a divulgar sua participação no *Congreso de Mujeres Latinoamericanas* e promover um evento que realizariam no Teatro Blanquita, que contaria com a apresentação da bailarina Alicia Alonso, e o dinheiro arrecadado seria usado para financiar a viagem.³⁶⁹ Foi possível identificar, em fotografia, a presença de pelo menos cinco mulheres que visitaram a redação, no entanto, apenas Vilma Espín e Aleida March foram citadas, as demais não tiveram seus nomes identificados, nem mesmo na legenda fotográfica, registrada por Tirso.

No início de novembro, o comitê realizou eventos na cidade de Santiago de Cuba, os quais foram noticiados no *Revolución* pelo correspondente César Marín. Em 4 de novembro, Vilma Espín discursou sobre os preparativos finais para a viagem e informou que a delegação conseguiu reunir quarenta e cinco mulheres que viajariam representando Cuba no Chile.³⁷⁰ Além disso, a presidente do comitê certificou-se em desmentir as acusações de que o *Congreso de Mujeres Latinoamericanas* teria influências comunistas, justificando que eram sempre as mesmas táticas usadas pelos contrarrevolucionários para atacar o governo.

³⁶⁷ Congreso Latino Americano de Mujeres. *Revolución*, La Habana, año II, nº 239, 14 de septiembre de 1959, p. 19.

³⁶⁸ O comitê executivo foi formado por: “presidenta: Maria de la Caridad Molina de Dórticos (primeira dama), segunda vice-presidenta: Asela de los Santos; secretaria general: ing. Vilma Espín de Castro; secretaria de propaganda: Haydée Santamaría; secretaria de finanzas: Dra. Aleida March de Guevara; secretaria de relaciones exteriores, Dra. Ester Noriega e Dra. Carlota Miró... La comisión de Propaganda fue integrada por Delia Echavarría, Violeta Casal.”. *Ibidem*.

³⁶⁹ Cumpre destacar que essa matéria informa a participação de Celia Sánchez, diferentemente das anteriores. Función pro-congreso de Mujeres. *Revolución*, La Habana, año II, nº 247, 23 de septiembre, p. 17.

³⁷⁰ MARÍN, Cesar. Congreso: Vilma Espín la misma vieja historia. *Revolución*, La Habana, año II, nº 283, 4 de noviembre de 1959, p. 2.; Congreso. *Revolución*, año II, nº 285, La Habana, 6 de noviembre de 1959, p. 19.

A participação das mulheres no evento internacional teve significado importante para as cubanas. Às vésperas da viagem, em 17 de novembro de 1959, o *Revolución* publicou matéria sobre um ato organizado por setores femininos, os quais não foram identificados, realizado no restaurante Bodeguita del Medio³⁷¹ para celebrar a viagem que ocorreria nos próximos dias,³⁷² entre as principais homenageadas estavam Vilma Espín, Lía de la Torriente,³⁷³ Carlota Miró, Marina Ascuy (1908-1960),³⁷⁴ Lourdes Regato. Outro indício do entusiasmo das mulheres pelo congresso foi a matéria do *Hoy*, em 19 de novembro, que informou a presença de oitenta e uma mulheres que embarcaram para o Chile, somando quase o dobro da delegação anunciada no início do mês.³⁷⁵

A cobertura do *Congreso de Mujeres Latinoamericanas* pelo *Revolución* foi realizada com base nas correspondências do *Prensa Latina*. Vilma Espín, no cargo de presidente da delegação, foi encarregada de proferir os discursos e, devido à gestação, realizou-os sentada para garantir seu conforto, ao contrário das demais palestrantes, como observado pelo(a) jornalista. O encontro, que contava com a presença de mais de 500 delegadas de diversos países da América Latina, ouviu o discurso de Espín intulado “*Por la salvaguardia de las generaciones presentes y futuras, la soberanía, el progreso y la cultura de los pueblos*”, e ao final solicitou um minuto de silêncio em homenagem a Camilo Cienfuegos, que estava desaparecido há mais de um mês. Esse momento foi detalhado como de grande comoção entre a delegação cubana, com lágrimas e abraços entre elas.³⁷⁶

Espín foi ovacionada algumas vezes durante o discurso e o trecho “*Cuba es como una pantalla donde se refleja el panorama completo del continente*” ecoou nos dias posteriores, marcando-a não só como uma representatividade das mulheres, mas também uma

³⁷¹ Restaurante tradicional, inaugurado em 1942, considerado um dos lugares turísticos de Havana, localizado em frente a Plaza de la Catedral.

³⁷² Homenaje. *Revolución*, La Habana, año II, nº 294, 17 de noviembre de 1959, p. 6.

³⁷³ Não encontramos informações sobre Lía de la Torriente.

³⁷⁴ Marina Ascuy Lemus foi uma professora que participou do M-26/7 durante a etapa insurrecional, realizando atividades clandestinas, como o transporte de armas e entregas de propagandas da organização. Após a Revolução, participou da Unidad Femenina Revolucionaria e da organização da FMC, participando da delegação cubana na viagem ao Chile. Sua vida foi interrompida por um acidente automobilístico em 23 de agosto de 1960, a caminho de sua cidade, para criar uma delegação em Pinar del Rio. Para mais informações, ver: https://www.ecured.cu/Marina_Azcuy.

³⁷⁵ Em contrapartida, o jornal *Revolución* anuncia a presença de 76 delegadas cubanas. ALVAREZ, Justina. Ochenta y una mujeres cubanas representarán a Cuba en el primer Congreso Latino Americano de la Mujer que se celebra en la República de Chile. *Noticias de Hoy*, La Habana, Para La Mujer, año XXI, nº 169, 19 de noviembre de 1959, p. 1 e 4.; Regresan las delegadas al Congreso Femenino Interamericano de Chile. *Revolución*, La Habana, año II, nº 301, 25 de noviembre de 1959, p. 16.

³⁷⁶ *Prensa Latina*. Cuba es como una pantalla que refleja al Continente. *Revolución*, La Habana, año II, nº 298, 21 de noviembre de 1959, p. 10.; Ibid. El congreso de mujeres de Chile: Apoyo a la Revolución cubana y repulsa a las dictaduras. *Revolución*, La Habana, año II, nº 299, 23 de noviembre de 1959, p. 6.; De regreso. *Revolución*, La Habana, año II, nº 301, 25 de noviembre de 1959, p. 1.

referência diplomática do governo cubano.³⁷⁷ A participação da delegação cubana foi simbólica para o evento, sendo o país escolhido para sediar o encontro no ano seguinte, em 1960, conforme noticiado pelo *Revolución*, durante o regresso das representantes em 25 de novembro.³⁷⁸

O retorno para Cuba rendeu a Espín protagonismo político próprio, distante da condição de esposa e cunhada dos mandatários da ilha, conquistado por meio de sua luta no processo revolucionário. Em 30 de novembro de 1959, Santiago Cardoso Arias publicou um artigo no jornal *Revolución* sobre a recepção organizada para receber os exilados a bordo do *Granma*, na qual estava Vilma Espín estava ativamente envolvida na linha de frente armada. Ela concedeu uma entrevista sobre o ocorrido, que no dia publicado marcava três anos da ação.³⁷⁹ Os principais participantes da ação incluíam, além dela, Frank País, Celia Sánchez, Armando Hart, Haydée Santamaría, Agustín País, Cause, Enzo Infante e outros membros do M-26/7. A recepção, como é de conhecimento, não transcorreu conforme o esperado, devido ao atraso dos guerrilheiros que enfrentaram imprevistos marítimos pelo excesso de passageiros a bordo. Além disso, ocorreram conflitos com a polícia do governo de Batista na região de Santiago de Cuba, resultando na morte de insurgentes importantes, como de Pepito Tey.

Após o regresso da delegação, iniciou-se o processo de unificação das organizações femininas.³⁸⁰ As próximas matérias encontradas sobre a presença de Espín abordaram a repercussão do *Congreso de Mujeres Latinoamericanas*. Em 16 de dezembro de 1959, Espín foi convidada para participar do programa de televisão “*Telemundo Pregunta*”, do Canal 2, para explicar ao público sobre as resoluções da visita ao Chile. Estariam juntas a ela Esterlina Milanés(1904-2001),³⁸¹ Elena Gil (1906-1985)³⁸² e Lia de la Torriente, para auxiliá-la nesse momento, cumpre ressaltar, que ela já estava na fase final da gestação.³⁸³

Apesar do acesso restrito apenas à repercussão do *Revolución*, publicada no dia seguinte, em que foram elencadas as principais temáticas abordadas pelas representantes da delegação, é importante evidenciar que incluíam a simpatia dos outros países presentes no

³⁷⁷ *Ibidem*.

³⁷⁸ Regresan las delegadas al Congreso Femenino Interamericano de Chile. *Op. cit.*, 1959, p. 16.

³⁷⁹ CARDOSA ARIAS, Santiago. Noviembre de 1956. *Revolución*, La Habana, año II, nº 305, 30 de noviembre de 1959, p. 1 e 9.

³⁸⁰ FERRER, Yolanda. *Op. cit.*, p. 205.

³⁸¹ A trajetória de Esterlina Milanés Dantún foi narrada na biografia escrita por Eugenia Meyer. *Vf.: MEYER, Eugenia. Op. cit.*, p. 47-210.

³⁸² *Ibidem*.

³⁸³ Vilma Espín en Telemundo. *Revolución*, La Habana, año II, nº 318, 16 de diciembre de 1959, p. 1 e 19.; Congreso: Vilma Espín. *Revolución*, La Habana, año II, nº 319, 17 de diciembre de 1959, p. 1 e 16.

Congreso de Mujeres Latinoamericanas em relação a Cuba, que foi considerado um modelo para eles. Isso se deve ao fato de enfrentarem problemas semelhantes, como as intervenções econômicas e políticas estadunidenses e, portanto, necessitavam de soluções revolucionárias, como a Reforma Agrária, que estava sendo implementada em Cuba.³⁸⁴

Em contrapartida, nota-se que não houve interesse, seja por parte do jornal ou do programa, em questioná-las sobre o que aprenderam com a luta das outras mulheres no evento. A preocupação era propagandear positivamente a Revolução para os estrangeiros e para a população, sendo omitidas as reivindicações elencadas enquanto grupo de mulheres e como planejavam conquistar seus direitos. Yolanda Ferrer, no entanto, evidencia que as mulheres trouxeram questões e tarefas da conferência, sendo uma das principais reivindicações a luta pelo direito da participação econômica, política, cultural e social no país, planos urgentes que esbarravam nos padrões culturais que restringiam as mulheres ao lar e as subordinavam a figuras masculinas. A criação da FMC promoveria para as mulheres a sua elevação nesses âmbitos existenciais.³⁸⁵

Em 18 de novembro, no dia seguinte à participação no programa de TV, o Sindicato Provincial de Trabalhadores da Indústria Textil de Havana homenageou Vilma Espín e Aleida March pelas participações no *Congreso de Mujeres Latinoamericanas*. A matéria do *Revolución* evidencia a centralidade que as duas tiveram naquele momento, não mencionando a participação das demais delegadas.³⁸⁶ A partir dessa matéria, verificou-se o protagonismo em torno da figura de Vilma Espín, mesmo que houvesse outras mulheres relevantes, como Aleida March, Haydée Santamaría, Carlota Miró, entre outras, que a acompanhavam cotidianamente e tiveram suas presenças omitidas em muitas ocasiões. Em janeiro de 1960, iniciaram as preparações para a realização do *Congreso de Mujeres Latinoamericanas* em Cuba. A *Casa de las Américas* cedeu o espaço novamente para que ocorressem as reuniões, como foi verificado nas convocatórias publicadas no *Revolución*, assinadas por Vilma Espín.³⁸⁷ No dia 25 de janeiro, vale relembrar, Rosa Hilda Zell publicou, no *Lunes de Revolución*, a respeito da presença das mulheres no primeiro ano de governo, em que destaca a participação de Vilma Espín, Haydée Santamaría e Aleida March, mencionando

³⁸⁴ Congreso: *Op. cit.*, 1959, p. 1 e 16.

³⁸⁵ FERRER, Yolanda. *Op. cit.*, p. 205.

³⁸⁶ Homenaje a Vilma Espín y Aleida March. *Revolución*, La Habana, año II, nº 320, 18 de diciembre de 1959, p. 3.

³⁸⁷ ESPÍN, Vilma. Convocan delegadas al Congreso de Mujeres. *Revolución*, La Habana, año III, nº 343, 16 de enero de 1960, p. 11.

suas participações no *Congreso de Mujeres Latinoamericanas*, e que prestaram serviços diplomáticos ao país.³⁸⁸

Em 18 de fevereiro nasceu a filha de Vilma Espín com Raul Castro, que ganhou o nome de Debora, em homenagem ao pseudônimo utilizado pela mãe durante o processo revolucionário. O *Revolución* publicou uma fotografia de Espín junto a sua mãe e a bebê.³⁸⁹ Cumpre ressaltar que Espín continuou com seus compromissos para a formação da organização de mulheres cubanas, no mesmo mês, no dia 25, o *Revolución* noticiou a realização de um evento, o Congresso de Mulheres Cubanas, presidido por Vilma Espín. Esse foi o primeiro nome da organização que culminaria na Federação de Mulheres Cubanas em poucos meses.

A partir de então, uma nova organização foi gestada, o Congresso de Mulheres Cubanas, presidida novamente por Vilma Espín, que realizava diversas atividades de solidariedade, como o auxílio humanitário ao Chile, que passou por desastre climático.³⁹⁰ Em relação ao contexto nacional, foi possível verificar publicações institucionais do Congresso de Mulheres Cubanas em apoio aos eventos nacionais, como o *I Congreso de Juventudes Latino Americanas*, sediado em Cuba, em julho de 1960,³⁹¹ além da participação de Espín em discursos cívicos.³⁹² Também foi possível verificar uma convocatória de Espín em nome da organização quando ocorreu a explosão da embarcação *La Coubre*,³⁹³ em 4 de março de 1960. Influenciada pela ideia de um ataque internacional, Espín emitiu um comunicado publicado

³⁸⁸ HILDA ZELL, Rosa. *Op. cit.*, 1960, p. 18 e 19.

³⁸⁹ Debora Castro y Espín. *Op. cit.*, 1960, p. 12.

³⁹⁰ Comité Nacional Pro Ayuda a Chile. Comité Nacional Pro Ayuda a Chile. Trabaja en favor de Chile el Congreso de Mujeres Cubanas. *Revolución*, La Habana, año III, nº 457, 1 de junio de 1960, p. 1 e 2.; Podrá temblar la tierra en Cuba, pero no los hombres. *Revolución*, La Habana, año III, nº 464, 9 de junio de 1960, p. 1 e 16.; Vilma Espín en Televisión Revolución. *Revolución*, La Habana, año III, nº 467, 13 de junio de 1960, p. 1.

³⁹¹ Respaldar evento juvenil el Congreso de Mujeres. *Revolución*, La Habana, año III, nº 483, 1 de julio de 1960, p. 14.

³⁹² Cumpre destacar o trecho em que citam Vilma Espín “*Las mujeres ocupamos nuestro puesto en esta pelea - dijo Vilma Espín - es la pelea de nuestra patria; de una patria que siembra escuelas, de una patria que crea cooperativas para el bienestar de la familia campesina, una pelea, en fin, por la dignidad ciudadana. Era la eterna presencia de la mujer cubana manifestándose en nuestros momentos de pruebas*”. *Vf.*: Na Nación. *Revolución*, La Habana, año III, nº 533, 29 de agosto de 1960, p. 16.; Gran entusiasmo popular por el acto de la Plaza Cívica. *Revolución*, La Habana, año III, nº 535, 1 de septiembre de 1960, p. 1.; La clase obrera a su lugar, y su lugar es la vanguardia. *Revolución*, La Habana, año III, nº 535, 1 de septiembre de 1960, p. 14.; CARDOSA ARIAS, Santiago. Fidel: así lo vio y lo oyo el pueblo. *Revolución*, La Habana, año III, nº 557, p. 9.

³⁹³ O *La Coubre* era um cargueiro francês que estava trazendo armamentos para Cuba, comprados da Bélgica. A embarcação atracou no porto de Havana em 4 de março em 1960 e durante o descarregamento ocorreram duas explosões, resultando em aproximadamente cem vítimas fatais e duzentos feridos. O governo cubano atribuiu o ocorrido a um ataque terrorista estadunidense. O incidente causou uma grande comoção popular e no dia 14 de março o governo realizou um grande evento cívico, em que discursou Fidel Castro. Estiveram presentes o casal de visitantes franceses, os filósofos Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Além disso, é importante destacar que foi durante a cobertura desse evento que Alberto Korda fotografou Che Guevara, registrando a imagem que futuramente foi nomeada “Guerrilheiro Heroico”, símbolo da Revolução Cubana. *Vf.*: FRANQUI, Carlos. *Op. cit.*, p. 81.; BEAUVOIR, Simone de. Sob o signo da história. São Paulo: Difusão Editora do Livro, 1965. v. II. p. 218.; GOTT, Richard. *Op. cit.*, p. 281.

no *Revolución* no dia 5 de março de 1960, convocando as mulheres para o grande ato em homenagem às vítimas:

*La mano criminal que ayer logró cegar la existencia de decenas de trabajadores honestos y de valerosos soldados de la Revolución, no pudo sin embargo lembrar del pánico ni del desconcierto en el corazón de los cubanos. Ante estas víctimas inocentes al Igual que ante nuestros campos de caña quemados, los cubanos estrechamos filas decididos más que nunca a defender nuestra tierra amada hoy más sagrada aún al acoger en sus entrañas a los nuevos mártires. El Congreso de Mujeres Cubanas por la Liberación de Latinoamérica inclina sus banderas ante los hermanos caídos, llama ardientemente a todas las mujeres a concurrir hoy a las doce del día a la C. T. O. Revolucionaria a fin de unirnos a la importante manifestación de duelo que acompañará los cadáveres de las víctimas hasta el Cementerio de Colón.*³⁹⁴

A explosão do *La Coubre* foi repercutida durante semanas no *Revolución*. Até os dias atuais não se tem um consenso sobre a causalidade, seja acidente ou ataque.³⁹⁵ A Federação de Mulheres Cubanas foi oficialmente fundada em 23 de agosto de 1960. O *Congreso de Mujeres Latinoamericanas*, que seria realizado em Cuba nesse mesmo ano, não ocorreu por motivos desconhecidos. Apesar disso, em novembro, foi realizado o *Congreso de la Federación Democrática Internacional de Mujeres*, o encontro internacional, que também englobava o encontro dos países da América Latina, em Varsóvia, no qual uma pequena delegação, presidida por Vilma Espín, foi enviada para representar o país, incluindo Haydée Santamaría, Lupe Véliz de Núñez Jiménez, Irina Trapote e Elena Gil.

A despedida das delegadas e do comissário José Llanusa no aeroporto com suas famílias e amigos foi manchete no *Revolución* e noticiada no *Hoy*. Entre eles estavam personalidade importantes, como o próprio diretor do *Revolución*, Carlos Franqui, Celia Sánchez, o embaixador da Tchecoslováquia, Vladimir Pavlicek, o ministro da economia, Regino Boti, além dos respectivos maridos das delegadas, Raul Castro, Armando Hart e o presidente do INRA, capitão Antonio Núñez Jiménez.³⁹⁶

Cumprir fazer duas observações sobre essa viagem. A primeira em relação à quantidade de mulheres que participaram da delegação, que, em comparação com o evento do ano anterior, mais regionalizado, teve uma redução de pelo menos 76 participantes. Uma segunda questão diz respeito à representatividade da delegação, que se concentrou nas

³⁹⁴ ESPÍN, Vilma. Congreso de Mujeres Cubanas por la liberación de Latino América. *Revolución*, La Habana, año III, nº 384, 5 de marzo de 1960, p. 10.; Citan a Mujeres en Guanabacoa. *Revolución*, La Habana, año III, nº 470, 16 de junio de 1960, p. 13.

³⁹⁵ O governo cubano e os sites jornalísticos como *Cuba Periodista*, *Cuba Encuentro*, *Juventud Rebelde*, *Portal Cuba*, *Granma* e *Cuba Debate* ainda sustentam a ideia de que se tratou de ataque terrorista estadunidense.

³⁹⁶ Misión femenina de Cuba a un congreso. *Revolución*, La Habana, año III, nº 609, 26 de noviembre de 1960, p. 1 e 8.; Salieron hacia Praga el comisionado Llanusa y una delegación femenina. *Noticias de Hoy*, La Habana, año XXII, nº 276, 26 de noviembre de 1960, p. 3.

mulheres que ocupavam cargos políticos e governamentais, excluindo aquelas que anteriormente representavam os diversos setores do país, como professoras, donas de casa, camponesas, operárias, entre outras.

Espín participou do *Consejo do Congreso Internacional de Mujeres de la Federación Democrática*, em Varsóvia, no dia 13 de dezembro de 1960, e o *Prensa Latina*, de Moscou, foi o correspondente do *Hoy*, que publicou a matéria no dia seguinte, na coluna “Para la Mujer y para todos”, de Justina Alvarez. Segundo a matéria, Espín discursou agradecendo a solidariedade que Cuba estava recebendo dos demais países e declarou o apoio à proposta soviética que promovia o desarmamento dos países.³⁹⁷

O retorno para Cuba ocorreu em 18 de dezembro, sendo novamente noticiado pelo *Hoy*, que acompanhou Raul Castro para recepcioná-la. Espín, em entrevista, demonstrou sentir-se satisfeita com os resultados do Congresso, Cuba teria recebido muitas honrarias e estaria no mesmo patamar de países como o Congo e a Argélia. Também foi destacado que o mundo inteiro admirava a luta das cubanas e, portanto, deveriam continuar ativas na construção política.³⁹⁸ O *Revolución*, por sua vez, não publicou a respeito da viagem de Espín.

No início de 1961, mais precisamente em fevereiro, foram inaugurados os *Círculos Infantiles*, os quais Espín esteve presente.³⁹⁹ O novo projeto da Federação de Mulheres Cubanas, iniciado em Havana, pretendia construir centros escolares para crianças, para que suas mães pudessem trabalhar, o projeto, conforme indícios historiográficos, partiu de influências soviéticas. Na manchete do dia 6 de fevereiro, o *Revolución* publicou uma fotografia de Espín com sua filha Debora no colo com a legenda:⁴⁰⁰

*Con alegría y ternura maternal, la señora Vilma Espín, presidenta de la Federación de Mujeres Cubanas, sostiene en sus brazos a la preciosa criatura que simboliza a todas la que, desde ayer, tienen a su disposición los Círculos Infantil creados por lo Gobierno Revolucionario.*⁴⁰¹

A baixa qualidade da fotografia foi o motivo da omissão na dissertação, no entanto, a partir da legenda, é possível verificar o uso da maternidade de Espín para propagandear o novo projeto, que posteriormente simbolizou a imagem da instituição.⁴⁰² O último evento do

³⁹⁷ ALVAREZ, Justina. Ovacionada Vilma Espín em Moscou. *Noticias de Hoy*, La Habana, Para la Mujer...y para todos, año XXII, nº 290, 14 de diciembre de 1960, p. 6.

³⁹⁸ ALVAREZ, Justina. Regreso Vilma Espín. *Noticias de Hoy*, La Habana, Para la Mujer, año XXII, nº 299, 18 de diciembre de 1960, p. 8.

³⁹⁹ Capacitación a asistentes de círculos infantiles. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 666, 3 de febrero de 1961, p. 8.

⁴⁰⁰ Inaugura el Municipio de La Habana Círculos Infantiles. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 668, 6 de febrero de 1961, p. 1, 2, 6 e 7.

⁴⁰¹ Inaugura el Municipio de La Habana Círculos Infantiles. *Op. cit.*, p. 1.

⁴⁰² *Vf.*: SCHATAE, Andrea Mazurok. *Op. cit.*, 2012, p. 6.

triênio em que Vilma Espín foi encarregada de representar Cuba no estrangeiro, integrando uma comissão que participaria da *Conferencia Latino Americana por la Soberania Nacional, la Emancipación, Económica y la Paz*, ocorreu no México, nos dias 5 a 8 de março. A partida dos representantes foi noticiada no dia 4 de março de 1961, com uma frase da presidente da FMC justificando a participação de Cuba no evento: “*La Conferencia de México es de suma importancia por el hecho de que se tratarán los problemas fundamentales que afectan a la América Latina*”.⁴⁰³

Na segunda plenária do evento, no dia 6 de março, Vilma Espín discursou representando Cuba para mais de 1.300 delegados de diferentes países. Em contraste com os congressos anteriores, neste, Lisandro Otero, jornalista que acompanhava Fidel Castro, foi o responsável pela reportagem, do mesmo modo, quem realizou as fotografias foi O. Salas, que cumpre destacar, devido a grande quantidade de fotografias sem identificação publicada no *Revolución*.⁴⁰⁴ O discurso ultrapassava o tema da mulher. No trecho “*No exportamos revoluciones, pero tampoco podemos impedir que el ejemplo de la Revolución Cubana rebase nuestra frontera*”,⁴⁰⁵ Espín detalhou todo o contexto nacional desde o período colonial para defender o governo cubano. Em mais um excerto, também se ressaltou a participação popular para a conquista do poder,

*La Revolución es el impulso indetenible de todo un pueblo por ser dueño absoluto de su destino, sin sujeción a ninguna clase de coloniales, por rescatar su tierra y su dignidad, su derecho al pan y la cultura, a explotar para sí sus propias riquezas y a vivir en paz y amistad con todos los pueblos del mundo.*⁴⁰⁶

Entre as frases, Otero ressaltou que Espín fazia pausas, pois era ovacionada pelo público. Outro ponto abordado no discurso foi as relações diplomáticas com os Estados Unidos, que estavam deterioradas devido aos bloqueios econômicos, e que, em contrapartida, o governo cubano aproximava-se dos países da União Soviética e semicoloniais, destacando também o México, que sediava o evento, e o Canadá.

⁴⁰³ Embarco la delegacion cubana: Comisión a México. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 690, 4 de marzo de 1961, p. 6.

⁴⁰⁴ OTERO, Lisandro. Cuba ha demostrado que el imperialismo es vulnerable: Por la Paz. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 692, 7 de marzo de 1961, p. 1 e 6.; SALAS, O. Conferencia Latinoamericana por la soberanía y la paz. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 694, 9 de marzo de 1961, p. 13.; Pidió Vilma Espín la unidad popular. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 695, 10 de marzo de 1961, p. 1 e 2.; SALAS, O. Vilma Espín en la conferencia de México. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 696, 11 de marzo de 1961, p. 8.; Denuncia al imperialismo yanqui la conferencia latinoamericana. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 697, 13 de marzo de 1961, p. 4.; Prensa Latina. Cura Imperialista ataca a L. Cárdenas y Vilma Espín. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 701, 17 de marzo de 1961, p. 8.

⁴⁰⁵ Pidió Vilma Espín la unidad popular. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 695, 10 de marzo de 1961, p. 1 e 2.

⁴⁰⁶ *Ibidem*.

Figura 13 – General Lázaro Cárdenas e Vilma Espín na *Conferencia Latino Americana por la Soberanía Nacional, la Emancipación, Económica y la Paz* (1961)



Fonte: SALAS, O. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 692, 7 de marzo de 1961, p. 6.

Conforme analisado por Grethel Otero, a cobertura fotográfica em eventos internacionais foi uma estratégia utilizada para propagandear o governo, “*fue asertiva la conformación de un cuerpo gráfico impreso que respondiera desde la estética y el sentido a los fines representacionales del estrenado gobierno*”.⁴⁰⁷ A Conferência foi amplamente divulgada pelo jornal *Revolución*, priorizando, além da delegação cubana, o discurso do ex-presidente mexicano, General Lázaro Cárdenas, que recentemente visitara a ilha. O encerramento foi realizado na Arena México e contou com a presença de aproximadamente dez mil pessoas, dado que, segundo Otero, foi omitido da imprensa mexicana. Após a leitura do documento final, publicado no dia 9 de março no jornal *Revolución*, Cárdenas reiterou a necessidade de os países latino-americanos serem livres e soberanos. Espín foi recebida na tribuna, diante do público, com grande saudação.

Cumpram-se destacar a relação diplomática entre as revoluções mexicana (1910-1917) e cubana realizada por Espín, que afirmou que a segunda estava “*llevando a un clímax lo que la Revolución mexicana había comenzado*”,⁴⁰⁸ além disso, idealizou que a Revolução Cubana transcenderia as suas fronteiras e estimularia os demais países latino-americanos a lutarem contra os seus opressores. Para isso, era necessária uma transformação radical da estrutura

⁴⁰⁷ MORELL OTERO, Grethel. *Op. cit.*, p. 65.

⁴⁰⁸ Pidió Vilma Espín la unidad popular. *Op. cit.*, 1961, p. 1 e 2.

econômica dessas nações, que apesar de possuir muitas riquezas, ficavam sob domínio da exploração estrangeira. Posteriormente, Espín retomou os projetos na Federação de Mulheres Cubanas, presidindo diversas assembleias e conferências da instituição.

Nosso objetivo nesse capítulo, contudo, foi explorar as funções desempenhadas por essas lideranças políticas que ainda são pouca referenciadas especificamente no primeiro triênio do governo revolucionário. A lacuna entre a participação na revolução e o processo de retomada política das mulheres nos cargos governamentais é evidente na historiografia. Por tanto, nosso esforço foi verificar como gradualmente o processo foi se desenvolvendo, seja analisando a omissão midiática ou a assimetria de gênero que as impediam de conquistar o equilíbrio na ocupação do poder. O capítulo relevou que, especialmente na diplomacia, as mulheres desempenharam função política importante para o governo, que necessitava do apoio estrangeiro para se manter no poder, diante de eminentes ameaças. Ainda assim, cabe destacar que as representantes femininas eram esposas de políticos, exceção feita a Violeta Casals.

Considerações Finais

A análise sistemática da fonte demandou um longo período da pesquisa. Embora existam tecnologias que facilitem o mapeamento de jornais digitalizados, como o *Optical Character Recognition* (OCR) para a busca por palavras-chaves em bancos de dados, essa alternativa foi descartada como critério principal desde o início da dissertação. A decisão é justificada pelo emprego da ferramenta exigir um conhecimento prévio sobre o sujeito investigado, que, no caso em questão, envolveria a busca nominal das colaboradoras do jornal, no entanto, por tratar-se de pesquisa inédita, estes nomes eram desconhecidos a princípio. Portanto, foi através da leitura página por página que mapeamos a assinatura de, pelo menos, 78 mulheres no período de 1959 e 1961, sem descartar a possibilidade de que o número seja ainda maior.

Entre os objetivos propostos e alcançados, a contextualização da trajetória do *Revolución* e do *Lunes de Revolución* resultou na apresentação do levantamento dos valores dos exemplares unitários e da quantidade de páginas utilizada em cada edição, que teve como critério a seleção de um exemplar de cada mês no período dos três anos estudados. Os valores foram comparados com os de dois outros jornais que circulavam na época, o *Diario de la Marina* e o *Hoy*, com o objetivo de compreender a acessibilidade do jornal. Além disso, cumpre ressaltar o mapeamento das produções de homens e instituições (*Prensa Latina*, SFM-26/7, FMC, *Radio Emisora CMZ*, entre outros) sobre mulheres e suas organizações políticas, bem como os gêneros textuais jornalísticos dessas colaborações, aspectos que podem ser investigados em pesquisas futuras.

Ainda que a Revolução não tenha eliminado as desigualdades de gênero, foi a partir dela que as mulheres começaram a superar posições tradicionais como o sexo frágil, confinadas ao lar e sem direito à remuneração, assumindo um novo papel social como cidadãs, trabalhadoras profissionalizadas e organizadas politicamente.⁴⁰⁹ Esse processo de transição pode ser observado nas colunas femininas como “Metiendo la Cuchara”, “Puntadas” e “FMC”. Embora essas colunas se concentrassem em preservar os papéis de gênero tradicionalmente impostos para as mulheres enquanto mães e esposas, anunciando promoções de consumo de moda, produtos de beleza e itens domésticos, também noticiavam conteúdos políticos e sociais, que refletiam o desejo de suas leitoras pela emancipação política e financeira.

O principal objetivo, também o mais complexo, foi analisar a presença das principais revolucionárias destacadas pela historiografia no jornal, sendo elas Celia Sánchez, Vilma Espín

⁴⁰⁹ CECILIA BOBES, Velia. *Op. cit.*, p. 102-103.

e Haydée Santamaría. A hipótese apresentada é que houve desinteresse em noticiar suas participações políticas pelo jornal, confirmada pela análise de fonte. Como primeira justificativa, os relatos dos diretores Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante sobre essas mulheres revelaram visões pejorativas, pois ambos, para argumentar seus descontentamentos com o rumo da Revolução, descredibilizaram a trajetória delas. Em segundo, cumpre ressaltar que das três mais destacadas guerrilheiras, foram encontrados somente 132 textos ao longo do triênio. Durante esse período, o *Revolución* editou 943 números, com média 20 textos por edição, somando aproximadamente mais de 18.860 textos, portanto, a porcentagem da presença de Sánchez,⁴¹⁰ que só foi representada em imagens e não colaborou no jornal, Santamaría,⁴¹¹ Casals⁴¹² e Espín⁴¹³ não representam nem 0,86% no jornal.⁴¹⁴

Outro dado que corrobora a hipótese é que, embora o grande número de identificadas, a quantidade de publicações é escassa, somando aproximadamente 446 textos. Mesmo considerando também a coluna da FMC, que, apesar de institucional, possivelmente foi produzida por mulheres, totalizando 82 textos, a quantidade total dessas colaborações é estimada em 528 textos. Se compararmos esses resultados com a média de publicações de artigos por exemplar, de 18.860 em três anos, o resultado representa apenas 2,8% do total.⁴¹⁵

Cumpre questionar também a relação estabelecida pelas quatro revolucionárias com o M-26/7 após a Revolução, marcada pela preservação da memória insurrecional e pelo abandono para assumir cargos políticos. Haydée Santamaría, em menos de três meses assumiu a *Casa de las Américas* e foi cofundadora da Federação de Mulheres Cubanas. Vilma Espín, rapidamente tornou-se vice-presidente da Unidad Femenina Revolucionaria, organização ligada ao PSP, embora o *Revolución* a indicasse como presidente da *Rádio Rebelde*, veículo de comunicação do M-26/7. De Celia Sánchez também não foram encontrados registros em reuniões da organização, sendo sua presença atrelada exclusivamente a Fidel Castro. Violeta Casals, atriz que atuava como locutora da *Rádio Rebelde*, também foi indicada como presidente do veículo.

Carlos Franqui, diretor do *Revolución*, revelou em sua autobiografia pistas sobre a continuidade do M-26/7 após a Revolução:

O movimento 26 de Julho, com o qual 90% do povo se identificava, havia desaparecido. Eu era um dos seis ou sete membros nominais do comitê da executiva

⁴¹⁰ 1959: 15; 1960: 4; 1961: 2 = 21.

⁴¹¹ 1959: 20; 1960: 10; 1961: 4 = 34.

⁴¹² 1959: 27; 1960: 2; 1961: 1 = 30.

⁴¹³ 1959: 25; 1960: 26; 1961: 26 = 77.

⁴¹⁴ O cálculo realizado: $(132 / 18.860) * 100 \approx 0,859\%$.

⁴¹⁵ O cálculo realizado: $(528 / 18.860) * 100 \approx 2,789\%$.

do 26 de Julho – nomeado pelo próprio Fidel – e nem mesmo eu sabia por que ele havia deixado de existir.⁴¹⁶

Esse período, marcado pela ruptura do sistema capitalista na ilha, precedeu a nova etapa de consolidação do estado socialista, que durou até 1970, momento em que as políticas culturais foram endurecidas, ocasionando o encerramento do *Revolución* e do *Hoy* em 1965, para fundir-se e criar o jornal *Granma*, veículo oficial do Comitê Central do Partido Comunista Cubano. No entanto, cumpre ressaltar que o *Revolución* não foi o único jornal afetado pelas novas políticas e a fundação do PCC foi resultado de um processo de fusões entre os principais movimentos revolucionários: M-26/7, DR e o PSP. A primeira tentativa ocorreu em 1961, quando criaram as Organizações Revolucionárias Integradas (ORI), que foi encerrada em 1962. No mesmo ano as mesmas organizações se reuniram e criam o Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba (PURSC), que em 1965 se torna o Partido Comunista de Cuba.

Após a Revolução, as principais lideranças do M-26/7, grupo que esteve à frente do processo insurrecional, se dispersaram. Embora seja desafiador definir precisamente a atuação do movimento nesse primeiro triênio, nossa contribuição foi compreender a atuação política das mulheres que o compuseram nesse período. Destacam-se, especialmente, as atividades diplomáticas assumidas por Espín, Santamaría e Casals em eventos internacionais e na organização nacional das mulheres, temática pouco explorada pela historiografia. Por fim, vale ressaltar que o jornal foi fundado e dirigido por homens, em uma sociedade patriarcal que tinha como principal temática a política, liderada também por eles. Embora as mulheres tenham sido pouco destacadas no jornal, estiveram presente na produção do *Revolución*, seja como colaboradoras ou temática das notícias.

⁴¹⁶ FRANQUI, Carlos. *Op. cit.*, p. 46.

REFERÊNCIAS

Revolución. La Habana, año II-IV, nº 23 a 520, 1959-1961.

Actriz y heroína. *Revolución*, La Habana, año II, nº 27, 6 de enero de 1959, p. 2.

Acto em Santiago en memoria de los caídos. *Revolución*, La Habana, año II, nº 43, 24 de enero de 1959, p. 6.

Adhesión al gobierno revolucionario. *Revolución*, La Habana, año II, nº 41, 22 de enero de 1959, p. 14.

ALVAREZ, Justina. Ochenta y una mujeres cubanas representarán a Cuba en el primer Congreso Latino Americano de la Mujer que se celebra en la República de Chile. *Noticias de Hoy*, La Habana, Para La Mujer, año XXI, nº 169, 19 de noviembre de 1959, p. 1 e 4.

ALVAREZ, Justina. Ovacionada Vilma Espín em Moscú. *Noticias de Hoy*, La Habana, Para la Mujer...y para todos, año XXII, nº 290, 14 de diciembre de 1960, p. 6.

ALVAREZ, Justina. Regreso Vilma Espín. *Noticias de Hoy*, La Habana, Para la Mujer, año XXII, nº 299, 18 de diciembre de 1960, p. 8.

ARROYO, Anita. La mujer cubana em la revolución: Haydée Santamaría, directora de la Casa de las Américas. *Diario de la Marina*, La Habana, año CXXVIII, nº 243, 15 de octubre de 1959, p. 29.

ARTEAGA MARÍN, Luisa Mariana. Actúa la Federación de Mujeres Cubanas. *Revolución*. La Habana, año III, nº 5882 de noviembre de 1960, p. 12.

ARTEAGA MARÍN, Luisa Mariana. Mujeres Cubanas organizan los Círculos Infantiles. *Revolución*. La Habana, año IV, nº 642, 6 de enero de 1961, p. 15.

Asociación de Antiguos Alumnos del Seminario Martiano. Celia Sánchez Silveira. *Revolución*, La Habana, año II, nº 36, 16 de enero de 1959, p. 2.

BEAUVOIR, Simone de. Fidel Castro. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 395, 18 de marzo de 1961, p. 17-18.

Cabeza del desfile ante Martí. *Revolución*, La Habana, año II, nº 47, 28 de febrero de 1959, p. 1 e 15.

CARDOSA ARIAS, Santiago. Noviembre de 1956. *Revolución*, La Habana, año II, nº 305, 30 de noviembre de 1959, p. 1 e 9.

CARDOSA ARIAS, Santiago. Fidel: así lo vio y lo oyó el pueblo. *Revolución*, La Habana, año III, nº 557, p. 9.

CASALS, Violeta. Habla para "Revolución" la hija de Jorge E. Gaytán. *Revolución*, La Habana, año II, nº 119, 24 de abril de 1959, p. 1 e 8.

CASALS, Violeta. Cuba siente ahora un renacer. *Revolución*, La Habana, año II, nº 299, 23 de noviembre de 1959, p. 17.

Capacitación a asistentes de círculos infantiles. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 666, 3 de febrero de 1961, p. 8.

CÉSAR MARTÍNEZ, Julio. En Cuba hubo una revolución más profunda, audaz y solida que la nuestra. *Revolución*, La Habana, año II, nº 46, 28 de enero de 1959, p. 4.

CHIÓ, Evangelina. Llegan hasta las sierras las brigadas universitarias. *Revolución*, La Habana, año III, nº 335, p. 14.

Cinco cambios en el consejo de ministros. *Revolución*, La Habana, año II, nº 159, 12 de junio de 1959, p. 18.

Citan a Mujeres en Guanabacoa. *Revolución*, La Habana, año III, nº 470, 16 de junio de 1960, p. 13.

Comité Nacional Pro Ayuda a Chile. Trabaja en favor de Chile el Congreso de Mujeres Cubanas. *Revolución*, La Habana, año III, nº 457, 1 de junio de 1960, p. 1 e 2.

Conferencia de la Dra. Vilma Espín de Castro. *Revolución*, La Habana, año II, nº 129, 7 de mayo de 1959, p. 3.

Conferencias sobre la Revolución y la Mujer. *Revolución*. La Habana, año II, nº 98, 31 de marzo de 1959, p. 31.

Congreso. *Revolución*, año II, nº 285, La Habana, 6 de noviembre de 1959, p. 19.

Congreso: Vilma Espín. *Revolución*, La Habana, año II, nº 319, 17 de diciembre de 1959, p. 1 e 16.

Congreso Latino Americano de Mujeres. *Revolución*, La Habana, año II, nº 239, 14 de setiembre de 1959, p. 19.

Congreso Latino Americano de Mujeres. *Revolución*, La Habana, año II, nº 239, 14 de septiembre de 1959, p. 19.

Construye para el pueblo la Armería. *Revolución*, La Habana, año II, nº 248, 24 de septiembre, p. 5.

Convirtieron los patios de los cuárteles en cementerios. *Revolución*, La Habana, año II, nº 39, 20 de enero de 1959, p. 1 e 4.

CORRALES, Raul; NOVAL, Liborio. Brigadas universitarias en la Sierra. *Revolución*, La Habana, año III, nº 335, 7 de janeiro de 1960, p. 16.

Cruzando el Río. *Revolución*, La Habana, año II, nº 311, 7 de diciembre de 1959, p. 1.

CUETO, Mario G. del. Boda Rebelde: Vilma e Raul. *Bohemia*, La Habana, año 51, nº 5, 1 de febrero de 1959, p. 98-101;106.

De regreso. *Revolución*, La Habana, año II, nº 301, 25 de noviembre de 1959, p. 1.

De aquí y de ahí. *Revolución*, La Habana, año II, nº 262, 10 de octubre de 1959, p. 5.

De aquí y de ahí. *Revolución*, La Habana, año II, nº 268, 17 de octubre de 1959, p. 7.

Debora Castro y Espín. *Revolución*, La Habana, año III, nº 371, 18 de febrero de 1960, p. 12.

DEPESTRE, Edith. *Simone de Beauvoir, un testigo de nuestro tiempo*. *Revolución*, La Habana, 2ª ed., año III, nº 377, 26 de febrero de 1960, p. 2.

DEPESTRE, Edith. 13 preguntas a Simone de Beauvoir. *Revolución*, La Habana, año III, nº 398, 21 de marzo de 1960, p. 34-35.

DEPESTRE, Edith. El Encuentro de Copenhague. *Revolución*, La Habana, año III, nº 430 28 de abril de 1960, p. 2.

DEPESTRE, Edith. En defesa de Djamila Boupacha. *Revolución*, La Habana, año III, nº 472, 18 de junio de 1960.

Declaro el 26 de julio el Dia de la Rebeldía Nacional. *Revolución*, La Habana, año II, nº 197, 27 de julio de 1959, p. 3.

De la tiranía a la libertad. *Revolución*, La Habana, año II, nº 35, 14 de enero de 1959, p. 9.

DELBERT, Nancy. Audazmente actuaba el movimiento clandestino en las zonas habaneras. *Revolución*, La Habana, año II, nº 110, 14 de marzo de 1959, p. 3.

Denuncia al imperialismo yanqui la conferencia latinoamericana. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 697, 13 de marzo de 1961, p. 4.

Diario de la Marina. La Habana, año CXXVI, nº 1, 1 de enero de 1959, p. 1.

Diario de la Marina. La Habana, año CXXIX, nº 1, 2 de enero de 1960, p.1.

Diario de la Marina. Miami Beach (no exilio), año CXXIX, nº 1, 7 de enero de 1961, p.1.

El de Columbia golpe ambicioso y traidor. *Revolución*, La Habana, año II, nº 24, 3 de enero de 1959, p. 1 e 4.

Embarco la delegación cubana: Comisión a México. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 690, 4 de marzo de 1961, p. 6.

ESPÍN, Vilma. Convocan delegadas al Congreso de Mujeres. *Revolución*, La Habana, año III, nº 343, 16 de enero de 1960, p. 11.

ESPÍN, Vilma. Congreso de Mujeres Cubanas por la liberación de Latino América. *Revolución*, La Habana, año III, nº 384, 5 de marzo de 1960, p. 10.

Fidel ante las mujeres revolucionarias. *Revolución*, La Habana, año III, nº 528, 24 de agosto de 1960, p. 1 e 2.

Fidel Castro, el mejor ministro de Educación. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 699, 15 de marzo de 1961, p. 3.

Fidel Castro durante su recorrido por Oriente acompañado de Celia Sánchez y Oficiales del Ejército Rebelde. *Revolución*, La Habana, año II, nº 236, 10 de septiembre de 1959, p. 1.

FMC. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 896, 3 de noviembre de 1961, p. 2.

FMC. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 940, 27 de diciembre de 1961, p. 2-b.

Fonseca. Congreso. *Revolución*, La Habana, año II, nº 285, 6 de noviembre de 1959, p. 19.

FRENTE Obrero Nacional Unido (FONU). HUELGA GENERAL. *Revolución*, La Habana, año II, nº 23, 2 de enero de 1959, p. 1-4.

Fúndese UFR y Mujeres Cubanas. *Revolución*, La Habana, año III, nº 525, 20 de agosto de 1960, p. 14.

Función pro-congreso de Mujeres. *Revolución*, La Habana, año II, nº 247, 23 de septiembre de 1959, p. 17.

FUENTES, José Lorenzo. *Revolución*, La Habana, año II, nº 247, 23 de septiembre, p. 20.

GARCIA BERRY, Abelardo. Vale la pena morir por pueblos como el nuestro. *Revolución*, La Habana, año II, nº 146, 28 de mayo de 1959, p. 1.

Graficas de la Revolución. *Revolución*, La Habana, año II, nº 27, 6 de enero de 1959, p. 4.

Gran entusiasmo popular por el acto de la Plaza Cívica. *Revolución*, La Habana, año III, nº 535, 1 de septiembre de 1960, p. 1.

GUASCH, Sarah. La solidaridad. *Revolución*. La Habana, año III, nº 545, 13 de setiembre de 1960, p. 2.

GLEMAUD, Phoncion. Adhesión del pueblo haitiano a nuestra Revolución. *Revolución*, La Habana, año II, nº 26, 5 de enero de 1959, p. 2.

Hará el gobierno justicia serena pero muy enérgica: Habla la doctora Aida Pelayo. *Revolución*, La Habana, año II, nº 28, 7 de enero de 1959, p. 1 e 5.

HILDA ZELL, Rosa. Metiendo la Cuchara. *Revolución*. La Habana, año II, nº 211, 12 de agosto de 1959, p. 7.

HILDA ZELL, Rosa. Metiendo la Cuchara. *Revolución*, La Habana, año II, nº 231, 4 de septiembre de 1959, p. 5.

HILDA ZELL, Rosa. Presencia Femenina en el año de la liberación. *Revolución*, La Habana, Lunes de *Revolución*, año III, nº 376, 25 de enero de 1960, p. 18-19.

Homenaje. *Revolución*, La Habana, año II, nº 294, 17 de noviembre de 1959, p. 6.

Homenaje a Vilma Espín y Aleida March. *Revolución*, La Habana, año II, nº 320, 18 de diciembre de 1959, p. 3.

Impulsarán un plan intensivo cultural. *Revolución*, La Habana, año II, nº 148, 30 de mayo de 1959, p. 3.

Inaugura el Municipio de La Habana Círculos Infantiles. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 668, 6 de febrero de 1961, p. 1-2, 6-7.

Instituto Nacional de Reforma Agraria (INRA). Mujeres matanceras ayudan a construir 117 casas de campo. *Revolución*, La Habana, año II, nº 263, 10 de octubre de 1959, p. 4.

JACOBINO. Al Pan, Pan, Al Vino, Vino. *Revolución*, La Habana, año II, nº 240, 15 de septiembre de 1959, p. 3.

JAUME, Adela. La “madre de la revolución”, Gabriela Ortiz, en La Habana. *Diario de la Marina*. La Habana, año CXXVII, nº 21, 25 de enero de 1959, p. 8-d.

JULIEN, Claude. La Revolución Cubana vista por la Simone de Beauvoir. *Revolución*, La Habana, año III, nº 419, 2ª ed., 15 de abril de 1960, p. 2 e 16.

La “ADAD” sigue su escala de triunfos. *Noticias de Hoy*. La Habana, año IV, nº 266, 6 de noviembre de 1941, p. 8.

La “ADAD” sigue su escala de triunfos. *Noticias de Hoy*. La Habana, año IV, nº 267, 7 de noviembre de 1941, p. 8.

La clase obrera a su lugar, y su lugar es la vanguardia. *Revolución*, La Habana, año III, nº 535, 1 de septiembre de 1960, p. 14.

La Nación. *Revolución*, La Habana, año III, nº 533, 29 de agosto de 1960, p. 16.

LLANOS; Arístides; TIRSO; CORRALES ERNESTO, Raul. El miserable infundio de ayer. *Revolución*, La Habana, año II, nº 284, 5 de noviembre de 1959, p. 20.

LOREDO, Adriana. El Menú de la Semana. *Bohemia*, La Habana, año 39, nº 9, 2 de marzo de 1947, p. 73.

LOREDO, Adriana. El Menú de la Semana. *Bohemia*, La Habana, año 40, nº 20, 16 de mayo de 1948, p. 120.

LOREDO, Adriana. Hágalo Así. *Bohemia*, La Habana, año 40, nº 20, 16 de mayo de 1948, p. 120.

LOREDO, Adriana. El Menú de la Semana. *Bohemia*, La Habana, año 40, nº 27, 4 de julio de 1948, p.100.

LOREDO, Adriana. Hágalo Así. *Bohemia*, La Habana, año 40, nº 27, 4 de julio de 1948, p. 100.

Los amantes del buen teatro se abonan a la “A.D.A.”. *Noticias de Hoy*. La Habana, año IV, nº 270, 11 de noviembre de 1941, p. 8.

Más de 10 mil estudiantes asistieron a la Convención. *Revolución*, La Habana, año III, nº 475, 22 de junio de 1960, p. 2.

MADEU II, Oscar. Necesario depurar la Escuela Normal. *Revolución*, La Habana, año II, nº 43, 24 de enero de 1959, p. 6.

MARIN, Thelvia. Con cuatro personas como Ud. Yo gano la revolución. *Revolución*, La Habana, año II, nº 44, 26 de enero de 1959, p. 21.

MARIN, Thelvia. El pueblo ama la poesía: recitales a las Fuerzas Rebeldes. *Revolución*, La Habana, año II, nº 50, 2 de febrero de 1959, p. 2.

MARIN, Thelvia. En Cuba hubo una revolución más profunda, audaz y solida que la nuestra. *Revolución*, La Habana, año II, nº 46, 28 de enero de 1959, p. 4.

MARÍN, Cesar. Congreso: Vilma Espín la misma vieja historia. *Revolución*, La Habana, año II, nº 283, 4 de noviembre de 1959, p. 2.

MÁS MARTIN, Luis. Hechos e impresiones de la Sierra Maestra: Violeta Casals. *Noticias de Hoy*, La Habana, año XXI, nº 36, 15 de febrero de 1959, p. 2.

MELUZÁ, Pedro. Radio Tv. *Revolución*, La Habana, año II, nº 34, 13 de enero de 1959, p. 11.

MILÁNES LÉON, Enrique. Vilma Espín: óleo de mujer con patria. *Cuba Periodistas*, 7 de abril de 2023. Acceso em 14 de março de 2024. Disponível em: <https://www.cubaperiodistas.cu/2023/04/vilma-espino-oleo-de-mujer-con-patria/>.

MIRÓ, Carlota. Brindan apoyo al Gobierno Mujeres Revolucionarias. *Revolución*, La Habana, año II, nº 83, 13 de marzo de 1959, p. 3.

Mirta. Puntadas. *Revolución*, La Habana, año III, nº 467, 16 de junio de 1960, p. 13.

Mirta. Carossuel de Femineidades: La revolución y una muchacha. *Revolución*, La Habana, año III, nº 478, 25 de julio de 1960, p. 22.

Mirta. Puntadas. *Revolución*, La Habana, año III, nº 461, 6 de junio de 1960, p. 22.

Mirta. Puntadas. *Revolución*, La Habana, año III, nº 496, 16 de julio de 1960, p. 7.

Misión femenina de Cuba a un congreso. *Revolución*, La Habana, año III, nº 609, 26 de noviembre de 1960, p. 1 e 8.

Mujeres Revolucionarias piden justicia. *Revolución*, La Habana, año II, nº 39, 20 de enero de 1959, p. 4.

Nacional Pro Ayuda a Chile. Trabaja en favor de Chile el Congreso de Mujeres Cubanas. *Revolución*, La Habana, año III, nº 457, 1 de junio de 1960, p. 1 e 2.

Noticias de Hoy. La Habana, año XXI, época 3ª, nº 305, 1 de enero de 1960, p.1.

Noticias de Hoy. La Habana, año XXI, época 3ª, nº 1, 6 de enero de 1959, p. 1.

Noticias de Hoy. La Habana, año XXIII, nº 247, 2ª ed., 19 de octubre de 1961.

Noticias de Hoy. La Habana, año XXIII, nº 266, 12 de noviembre de 1961.

Noticias de Hoy. La Habana, año XXIII, nº 272, 2ª ed., 19 de noviembre de 1961.

Noticias de Hoy. La Habana, año XXI, nº 302, 29 de diciembre de 1959, p. 1 e 4.

Noticias de Hoy. La Habana, año XXIV, nº 23, 2ª ed., 28 de enero de 1962.

Noticias de Hoy. La Habana, año XXIV, nº 57, 2ª ed., 9 de marzo de 1962, p. 8.

Ni una niña sin muñeca en la navidad. *Revolución*, La Habana, año II, nº 255, 2 de octubre de 1959, p. 18.

Ni una niña sin muñeca en la navidad de la libertad. *Revolución*, La Habana, año II, nº 258, 6 de octubre de 1959, p. 3.

Noticias y Comentarios. *Noticias de Hoy*. La Habana, año IV, nº 224, 18 de septiembre de 1941, p. 8.

OCUPACIÓN DE ALERTA. *Revolución*, La Habana, año II, nº 23, 2 jan. 1959, p. 1 e 4.

OTERO, Lisandro. Sartre y Beauvoir por la Provincia de oriente, *Revolución*, La Habana, año III, n° 378, 27 de febrero de 1960, p. 1, 2 e 18.

OTERO, Lisandro. Cuba ha demostrado que el imperialismo es vulnerable: Por la Paz. *Revolución*, La Habana, año IV, n° 692, 7 de marzo de 1961, p. 1 e 6.

Piden castigo para criminales de guerra. *Revolución*, La Habana, año II, n° 37, 17 de enero de 1959, p. 2.

Pidió Vilma Espín la unidad popular. *Revolución*, La Habana, año IV, n° 695, 10 de marzo de 1961, p. 1 e 2.

Prensa Latina. Cuba es como una pantalla que refleja al Continente. *Revolución*, La Habana, año II, n° 298, 21 de noviembre de 1959, p. 10.

Prensa Latina. El congreso de mujeres de Chile: Apoyo a la Revolución cubana y repulsa a las dictaduras. *Revolución*, La Habana, año II, n° 299, 23 de noviembre de 1959, p. 6.

Prensa Latina. Apoyo a la Mujer Cubana: Lo brindan la Unión de Mujeres Chilenas. *Revolución*, La Habana, año III, n° 388, 10 de marzo de 1960, p. 16.

Prensa Latina. Cura Imperialista ataca a L. Cárdenas y Vilma Espín. *Revolución*, La Habana, año IV, n° 701, 17 de marzo de 1961, p. 8.

Pidió Vilma Espín la unidad popular. *Revolución*, La Habana, año IV, n° 695, 10 de marzo de 1961, p. 1 e 2.

Principales acciones del Movimiento 26 de Julio. *Revolución*, La Habana, año II, n° 196, 26 de julio de 1959, p. 1, 2 e 7.

Programa. *Revolución*, La Habana, año II, n° 257, 5 de octubre de 1959, p. 7.

Podrá temblar la tierra en Cuba, pero no los hombres. *Revolución*, La Habana, año III, n° 464, 9 de junio de 1960, p. 1 e 16.

Regresan las delegadas al Congreso Femenino Interamericano de Chile. *Revolución*, La Habana, año II, n° 301, 25 de noviembre de 1959, p. 16.

Respalda evento juvenil el Congreso de Mujeres. *Revolución*, La Habana, año III, n° 483, 1 de julio de 1960, p. 14.

Revolución. La Habana, año II, n° 23, 2 jan. 1959, p. 1.

Revolución. La Habana, año II, n° 34, 13 de enero de 1959, p. 11.

Revolución. La Habana, año II, n° 45, 27 de enero de 1959, p. 1.

Revolución. La Habana, año II, n° 44, 26 de enero de 1959, p. 5.

Revolución. La Habana, año II, nº 45, 27 de enero de 1959, p. 1.

Revolución. La Habana, año II, nº 45, 27 de enero de 1959, p. 1.

Revolución. La Habana, año II, nº 47, 28 de febrero de 1959, p. 1 e 15.

Revolución. La Habana, año II, nº 161, 19 de junio de 1959, p. 20.

Revolución. La Habana, año II, nº 170, 25 de junio de 1959.

Revolución. La Habana, año III, nº 149, 1 de julio de 1959, p. 15.

Revolución. La Habana, año II, nº 277, 2ª ed., 31 de agosto de 1959, p. 24.

Revolución. La Habana, año III, nº 55, 7 de enero de 1960, p. 8.

Revolución. La Habana, año IV, nº 640, 3 de enero de 1961, p. 14.

Reclamaremos lo robado, ténganlo donde lo tengan. *Revolución*, La Habana, año II, nº 26, 5 de enero de 1959, p. 1 e 4.

REGATO FANO, Lourdes. Luchadoras en la clandestinidad. *Revolución*, La Habana, año II, nº 48, 30 de enero de 1959, p. 6.

REGATO FANO, Lourdes. Luchadoras en la clandestinidad. *Revolución*, La Habana, año II, nº 50, 2 de febrero de 1959, p. 21.

REGATO FANO, Lourdes. Luchadoras en la clandestinidad. *Revolución*, La Habana, año II, nº 55, 7 de febrero de 1959, p. 8.

REGATO FANO, Lourdes. Oscar Lucero prefirió sufrir las torturas a delatar el movimiento. *Revolución*, La Habana, año II, nº 56, 9 de febrero de 1959, p. 19.

ROJAS, Marta. Nacimiento y Evolución Heroica de un Movimiento. *Bohemia*. La Habana, año 51, nº 5, 1 de febrero de 1959.

SANTAMARÍA, Haydée. Refuta a 'Coronet' Haydée Santamaría. *Revolución*, La Habana, año II, nº 87, 18 de marzo de 1959, p. 1 e 2.

SANTAMARÍA, Haydée. Casa de las Américas. *Revolución*, La Habana, año II, nº 295, 18 de noviembre de 1959, p. 6.

SANTAMARÍA, Haydée. Casa de las Américas. *Revolución*, La Habana, año III, nº 258, 3 de febrero, de 1960, p. 5.

SANTAMARÍA, Haydée. Relato de Haydée Santamaría. *Revolución*, La Habana, Lunes de Revolución, año III nº 29, 25 de julio de 1960, p. 9-10.

SALAS, O. Conferencia Latinoamericana por la soberanía y la paz. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 694, 9 de marzo de 1961, p. 13.

SALAS, O. Vilma Espín en la conferencia de México. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 696, 11 de marzo de 1961, p. 8.

Salieron hacia Praga el comisionado Llanusa y una delegación femenina. *Noticias de Hoy*, La Habana, año XXII, nº 276, 26 de noviembre de 1960, p. 3.

Sección Femenina del Movimiento 26-7. *Revolución*, La Habana, año II, nº 136, 15 de junio de 1959, p. 13.

Sección Femenina del Movimiento 26-7. Congreso de Mujeres Latino Americanas. *Revolución*, La Habana, año II, nº 233, 7 de septiembre de 1959, p. 30.

Sección Femenina del Movimiento 26-7. Ni una niña sin juguetes. *Revolución*, La Habana, año II, nº 254, 1 de octubre de 1959, p. 3.

Sin influencia comunista el Congreso Femenino de Chile. *Revolución*, La Habana, año II, nº 283, 4 de noviembre de 1959, p. 3.

Sonrisas y gestos en la tribuna. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 640, 3 de enero de 1961, p. 14.

Una delegación femenina cubana visita la República Popular China. *Noticias de Hoy*, La Habana, año XXI, nº 172, 29 de julio de 1959, p. 1 e 6.

Vamos a luchar por los Derechos Humanos. *Revolución*, La Habana, año II, nº 209, 10 de agosto de 1959, p. 1 e 6.

Veneración en los pueblos socialistas por la familia. *Revolución*, La Habana, año IV, nº 760, 27 de mayo de 1961, p. 6.

VEGA, Benjamin de la. Joven de 18 años, activa jefa de un grupo insurreccional. *Revolución*, La Habana, año II, nº 68, 23 de febrero de 1959, p. 9.

VERA, Ernesto. Anécdotas del viaje a la Sierra Maestra. *Revolución*, La Habana, año II, nº 140, 21 de mayo de 1959, p. 8.

Vilma. *Revolución*, La Habana, año II, nº 245, 21 de setiembre de 1959, p. 18.

Vilma Espín en unidad femenina. *Revolución*, La Habana, año II, nº 137, 16 de mayo de 1959, p. 3.

Vilma Espín en Telemundo. *Revolución*, La Habana, año II, nº 318, 16 de diciembre de 1959, p. 1 e 19.

Vilma Espín en Televisión Revolución. *Revolución*, La Habana, año III, nº 467, 13 de junio de 1960, p. 1.

WEIL, Simone. La condición obrera. *Revolución*, La Habana, Lunes de Revolución, año II, nº 125, 31 de abril de 1959, p. 11 e 12.

ALVES, Hélio Augusto de Souza. *Entre a insurreição e o poder: a construção da imagem pública de Fidel Castro Ruz (1952-1959)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2021.

AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BASSANEZI, Carla B. *Virando as páginas, Revendo as mulheres: Revista femininas e relações homem-mulher (1945-1964)*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1996.

BEAULIEU, Sarah. *Política Cultural y Periodismo en Cuba: Trayectorias Cruzadas de la Prensa Oficial y de los Medios Independientes (1956-2013)*. Tesis (Doctorado en Literatura Española) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Granada, Granada, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. *Sob o signo da história*. São Paulo: Difusão Editora do Livro, 1965. v. II.

CABRERA INFANTE, Guillermo. *Mea Cuba*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CASTRO, Fidel. *A História me Absolverá*. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

CAMARGOS, Heloisa Pereira. *Reforma agrária e Imprensa: a questão agrária cubana no jornal Revolución (1959-1961)*. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte e objeto para o estudo do historiador. In: VILLAÇA, Mariana M.; PRADO, Maria Lígia. (org.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas/CAPES, 2015, p. 114-136.

CALVO GONZÁLEZ, Patricia. Visiones desde dentro. La insurrección cubana a través del Diario de la Marina y Bohemia (1956-1958). *História*, Franca, v. 33, n. 2, p. 346-379, jul./dez. 2014.

CALVO GONZÁLEZ, Patrícia. *La Sierra Maestra en las rotativas: El papel de la dimensión pública en la etapa insurreccional cubana (1953-1958)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela 2014.

CECILIA BOBES, Velia. Participación vs. identidad: Mujeres en el espacio público cubano. *Perfiles Latinoamericanos*, Ciudad del México, n. 15, p. 99-118, dic. 1999.

CONTE, Machado. Clementina Serra Robledo: la mujer y la revolución. *Teveo*, 1 de noviembre de 2023. Disponível em: <https://teveo.cu/media/m2DzdWWwcpfwg6JD>. Acesso em: 1 abr. 2024.

ECURED. Enciclopédia Cubana. Disponível em: https://www.ecured.cu/EcuRed:Enciclopedia_cubana. Acesso em: 3 abr. 2024.

ESCALONA RODRÍGUEZ, Norberto. Celia, auténtica flor guerrillera. *Bohemia*, 11 de enero de 2023. Disponível em: <https://bohemia.cu/celia-autentica-flor-guerrillera/>. Acesso em: 3 abr. 2024.

FAVATTO JÚNIOR, Barthón. *Entre o doce e o amargo: cultura e revolução em Cuba nas memórias literárias de dois intelectuais exilados*, Carlos Franqui e Guillermo Cabrera Infante (1951-1968). Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis-SP, 2012.

FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FLÔRES, Fernanda Lédo. A atuação da Federação Democrática Internacional de Mulheres em Cuba (1960-1980). In: XIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: "História e mídias: narrativas em disputas", 2020, Recife-PE. *Anais [...]* Recife: 2020.

FURIATI, Claudia. *Fidel Castro: uma biografia consentida*. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

FRANQUI, Carlos. *Cuba, la Revolución: ¿Mito o Realidad? Memorias de un fantasma socialista*. Barcelona: Península, 2006.

FRANQUI, Carlos. *Retrato de familia con Fidel: Fidel Castro visto por un ex-íntimo*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

FRANQUI, Carlos. Santiago en revolución: Muerte de Frank País. *Diario de la Revolución*. Barcelona: Ediciones R. Torres, 1976.

FRANQUI, Carlos. *Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro*. Barcelona: Planeta, 1988.

GARCÍA, Hugo. El día que Violeta Casal lloró. *Juventud Rebelde*, 25 de marzo de 2021. Disponível em: <https://www.juventudrebelde.cu/cultura/2021-03-25/el-dia-que-violeta-casal-lloro>. Acesso em: 3 abr. 2024.

GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

HART, Armando. Celia Sánchez Manduley, la más autóctona flor de la Revolución. *Cuba Debate*, 9 de mayo de 2023. Disponível em:

<http://www.cubadebate.cu/opinion/2023/05/09/celia-sanchez-manduley-la-mas-autoctona-flor-de-larevolucion/>. Acesso em: 3 abr. 2024.

LIMA, Edinaldo Aparecido Santos de. *PREPARAR, APONTAR, FOTO!* A construção da imagem fotográfica dos camponeses cubanos nos periódicos *Revolución* e *Campo de Revolución* (1959-1961). 2018. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2018.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (org.). *Fontes históricas*. 2a. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MAREL GARCÍA, Gladys. Cuba, siglo XX. Historia de vida y familia: Género y Generación. *Revista Brasileira do Caribe*, Goiânia-GO, v. VIII, n. 16, p. 377-395, 2008.

MAREL GARCÍA, Gladys. La mujer y el movimiento femenino cubano (1952-1960). *La Joven Cuba*, 26 de octubre de 2020. Disponível em: <https://jovencuba.com/mujer-movimiento/>. Acesso em: 28 fev. 2024.

MASSAMBONE, Ingrid Thibes. *Simone de Beauvoir visita Cuba*: análise da abordagem adotada pelo jornal *Revolución* sobre a presença e elocuições da filósofa em suas páginas (1960). Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

MEYER, Eugenia. *El futuro era nuestro*: Ocho cubanas narran sus historias de vida. Ciudad de México: Fondo de cultura economía, Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

MILÁNES LÉON, Enrique. Vilma Espín: óleo de mujer con patria. *Cuba Periodistas*, 7 de abril de 2023. Acesso em 14 de março de 2024. Disponível em: <https://www.cubaperiodistas.cu/2023/04/vilma-espin-oleo-de-mujer-con-patria/>. Acesso em: 3 abr. 2024.

MISKULIN, Sílvia C. *Cultura ilhada*: imprensa e Revolução Cubana (1959- 1961). São Paulo: Xamã, 2003.

MISKULIN, Sílvia C. *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução*. São Paulo: Alameda/ Fapesp, 2009.

MISKULIN, Sílvia C. Cultura e política na Revolução Cubana: a importância de Lunes de Revolución. In: *Anais III Encontro da ANPHLAC*, São Paulo, 1998, p. 1-10.

MORELL OTERO, Grethel. Absolut Revolution: Revisitando la imagen cubana de los años 60 (1959-1969). *Discursos Fotográficos*, Londrina, v. 5, n. 7, p. 57-76, jul./dez. 2009.

MÜLLER, Carolina de Azevedo. *Haydée Santamaría e a mitificação de uma “Heroína da Revolução Cubana”*. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018.

MÜLLER, Carolina de Azevedo. *Desconstruindo o documentário Nuestra Haydée (Esther Barroso, 2015): a representação da atuação política de uma “heroína da Revolução Cubana”*. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos-SP, 2022.

PASQUALINO, Beatriz Buschel. *A Rádio Rebelde como arma de guerrilha na Revolução Cubana*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

PEDRO, Joana Maria. *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. *Revolução, minha irmã? As mulheres ou silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005, p. 315-316.

PRADO, Maria Lígia Coelho. Em busca da participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 12, n. 23-24, p. 77-90, set. 1991/ ago. 1992.

RODRÍGUEZ, Laritza Perez. Ana Betancourt: a história de uma cubana irreverente. *Capire*, 24 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://capiremov.org/experiencias/ana-betancourt-a-historia-de-uma-cubana-irreverente/>. Acesso em: 28 fev. 2024.

SADER, Emir. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Moderna, 1985.

SADDI, Rafael; MELO, Érica Isabel. Gênero e Revolução Cubana: reflexões sobre as relações de gênero no Exército Rebelde. *Diálogos*, Maringá, v. 16, n. 3, p. 1267-1287, set./dez. 2012.

SADDI, Rafael. *O ascetismo revolucionário do Movimento 26 de Julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana (1952-1958)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos; LINA, Maria Brandão de Aras. Gênero e Revolução: o novo homem e a nova mulher na Revolução Cubana. In: III SEMINÁRIO NACIONAL: GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAS: OLHARES DIVERSOS SOBRE A DIFERENÇA, João Pessoa- PB, 2011. *Anais [...]*, João Pessoa-PB, 2011.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. Mulher e Revolução em Cuba. In: IV SIMPÓSIO LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA: IMPERIALISMO, NACIONALISMO E MILITARISMO NO SÉCULO XXI, Londrina, 2010. *Anais [...]*, Londrina, 2010, p. 114-124.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos. A revolução cubana e as representações de gênero. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 14, p. 265-286, jan./jun. 2013.

SCHACTAE, Andréa Mazurok. A Revolução Cubana e os espaços ocupados por homens e mulheres. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: MUNDOS DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO: TRANSFORMAÇÕES, CONEXÕES, DESLOCAMENTOS*. Florianópolis, 2017. *Anais [...]*, Florianópolis, 2017, p. 1-12.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 50-83.

SILVA, Luis Alberto Fernández. *Mulheres em Mujeres: Um estudo interseccional dos sentidos de gênero produzidos pela revista cubana*. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Programa de Pós-graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

VÁZQUEZ, A. et. al. *Apuntes de la prensa clandestina y guerrillera, 1952-1958*. La Habana: UPEC, 1970.

VILLAÇA, Mariana Martins. *Cinema Cubano: Revolução e Política Cultural*. São Paulo: Alameda, 2010.

WATERS, Mary-Alice. *Las mujeres en Cuba: Haciendo una revolución dentro de la revolución*. Canadá: Pathfinder Press, 2012.

ANEXOS

Anexo A - Poema de Pablo Neruda, “Mujeres” em homenagem ao Congresso de Mulheres Latino-americanas, publicado na seção “Punta de Mira”, do *Lunes de Revolución*.

*Antes del hombre, la mujer, la madre,
durante el hombre, la mujer, la esposa,
después del hombre, la mujer, la sombra.
Sombra del hombre, claridad del hombre,
trabajadora dura en tus trabajos,
amorosa, estrellada como el cielo
en el ciclo tenaz de la ternura,
mujer valiente de las profesiones,
obrero de las fábricas crueles,
doctora luminosa junto a un niño,
lavandera de las ropas ajenas,
escritora que ciñes
una pequeña pluma como espada,
mujer del muerto que cayó en la mina
sepultado por el carbón sangriento,
solitaria mujer del navegante,
compañera del preso y del soldado,
mujer dulce que riega sus rosales,
mujer sagrada que de la miseria
multiplica su pan con llanto y lucha,
mujer,
título de oro y nombre de la tierra,
flor palpitante de la primavera
y levadura santa de la vida,
ha llegado la hora de la aurora,
la hora de los pétalos del pan,
la hora de la luz organizada,
la hora de todas las mujeres juntas
defendiendo la paz, la tierra, el hijo.
Amor, dolor y lucha se congregan
en vuestros reunidos corazones
y mi palabra es ésta:
la tierra es grande y sufre:
está dando a luz el futuro:
ayudemos al nacimiento
de la igualdad y la alegría.*

Anexo B – “Celia Sánchez Silveira”, da *Asociación de Antiguos Alumnos del Seminario Martiano*, publicado em 16 de janeiro de 1959.

Cuando se escriba la historia de esta última etapa republicana, en que todo un pueblo se juntó para la reivindicación de sus tradiciones libertarias, la mujer cubana volverá a ocupar las páginas más brillantes de esa historia.

De las universidades, de los institutos, de las instituciones fraternales y cívicas, hasta las amas de casa se volcaron a cientos los corazones y brazos de la mujer, que esta vez como en aquella ocasión del 68 y del 95, se prestaron al estímulo ideológico de sus esposos, padres e hijos.

Hubo más: vendían bonos, rifaban sus prendas, recogían ropas, medicinas y ocultaban armas y hombres, y como si toda esta labor pareciera un poco débil, se echaron el fusil al hombro y subieron a las lomas inhóspitas, donde sufrieron privaciones y miserias con una conducta que arrancaba valor y coraje al pecho de los hombres combatientes.

De todas estas heroínas, merece un primer plano para presentarlo como ejemplo digno, una mujercita de aspecto sencillo, y fina como un cristal, cuya voz hemos oído como un susurro en oración. Celia Sánchez Silveira, fue a la Sierra Maestra y clavó la bandera de la Libertad, junto al busto de José Martí, cuando la dictadura se burlaba de las quejas y de los ayeres de toda Cuba.

Allí juró como otra vez lo hiciera el Apóstol en el «Hanábana», lavar con su sangre el crimen de un pueblo esclavo. Y su juramento fue cumplido, aunque no con su sangre, ya que la suerte la llevó a cientos de encuentros con la muerte, frente a frente con los tanques, los aviones y las tropas mercenarias, junto al compañero del Moncada, el amigo juramentado en 26 de Julio de 1957.

Fidel Castro encontró la Sierra Maestra preparada de antemano para la gran jornada libertadora, con hombres organizados que esperaban la consigna de «Libertad o Muerte», con bohíos habilitados como cuarteles, con comida conservada, oculta en distintos lugares estratégicos, con planos descriptivos de los caminos conocidos solamente por los montañeses, con relaciones de todas las cuevas y albergues naturales, y toda esa obra gigante y secreta la había realizado solamente una mujer de aspecto sencillo y frágil como un cristal: CELIA SANCHEZ SILVEIRA.

Esta mujer cubana, se sabía la «SIERRA MAESTRA» de memoria; sus años primeros los pasó junto a la gran cordillera de lomas, sus primeros juegos fueron junto al «Pico Real del Turquinos»; sabía el lenguaje de los mestizos de indios y españoles, de sus

tradiciones y supersticiones y junto al guajiro cafetalero oyó las quejas de los «aguateros» y de los «aparceros».

Las injusticias humanas las conocía de labios de un cacique rebelde de aquella comarca olvidada, de Crescencio Pérez, que tan importante fue para la estancia de Fidel Castro en la región oriental de la Sierra.

Conocía Celia cómo obtener agua del Bejuco o del espinoso Curujey, cómo espantar a la venenosa mosca «Macaguera», que donde pica forma un tumor difícil de curar. Aprendió a buscar caminos siguiendo los rastros de los puercos jíbaros y alimentarse de los frutos silvestres; a curar heridas con el palo de camaguas y las hojas de ciertos árboles.

Y todos estos conocimientos fueron los que salvaron la Revolución de Fidel Castro, ya que, sin Celia Sánchez, la primera mujer insurrecta de la Sierra Maestra, la permanencia de los hombres del «Granma», en aquellos parajes hubiera sido imposible.

De esta abnegada mujer, que hoy en medio de los aplausos y de los victoriosos combatientes, insiste en permanecer anónima, debemos contar ciertas anécdotas sentimentales.

Su padre fue el inspirador de sus ideales. Médico y dentista en el Central «Pilón» tenía en ella, al perder a su esposa, una hija y una compañera ideal. Con ella pascó los mares que circundan las estribaciones de la Maestra, visito los lugares donde se escribieron las páginas de la epopeya del 1868 y 1895; con ella fue a la cima del Turquino y puso, allí frente al sol, la cabeza de bronce de Martí.

Con ella le vimos leer los pensamientos del Apóstol, escrito en los monolitos que conducen al sepulcro martiano. Recuerdo que, cogidos del brazo, padre e hija, iban analizando cada palabra, haciendo comentarios tal vez para a gran jornada que meses después ella iba a protagonizar.

Allí, junto al cementerio de «Santa Ifigenia», un 19 de mayo, los vi abrazados, prometerse a la Revolución del «26 de Julio». Un año después, él enfermó gravemente en Pílon, los masones y amigos le enviaron a la Habana, ingresando en la Sala Borges del Calixto García, donde falleció susurrando una bendición para la hija que no podía estar junto a él, pero que cumplía lo pactado junto a la tumba de José Martí.

Fidel Castro, depositó en Celia Sánchez toda su confianza. Ella fue la madre virgen de todos los nuevos mambises, la adoración fue contagiosa y no hubo hombre o mujer que subiera a la Sierra Maestra, que no quisiera apretar la mano fina de Celia Sánchez.

Hubo algo más.

Los jefes de operaciones militares sabían que Celia Sánchez llevaba consigo el dinero de la Revolución; que era ella quien pagaba los víveres y los gastos que ocasionaban los rebeldes, y por estos motivos la suponían con una cantidad superior, al millón de pesos en efectivo.

Ellos se disputaban la oportunidad de cogería presa porque era más importante para sus fines lucrativos, que hasta el propio Fidel Castro.

Celia Sánchez está en la Habana, junto al compañero que logró la Liberación cubana. Cientos de fotografías presentan al héroe del Moncada, a los compañeros del Escambray y de la Sierra Maestra. Ella como una mariposa que se sintiera herida, busca el alejamiento de toda posible vida.

Modesta hasta la complejidad, no habla de sus hazañas, de su estoicismo, de su ayuda al líder rebelde; sólo piensa en su Manzanillo querido, en Pilón, en la tumba callada del doctor Sánchez Silveira, en la gran cantidad de muertos a quien ella trató de curar; en las promesas que hiciera de crear escuelas y mejorar las condiciones de vida a los campesinos de la Sierra Maestra.

Por todo esto que merece una biografía que sirva de ejemplo a las mujeres venideras, la Asociación de Antiguos Alumnos del Seminario Martiano, sus compañeros expedicionarios martianos y todas las manzanillas le envían a través de estas letras humildes, un fuerte abrazo martiano a CELIA SANCHEZ SILVEIRA, mujer combatiente de la SIERRA MAESTRA.